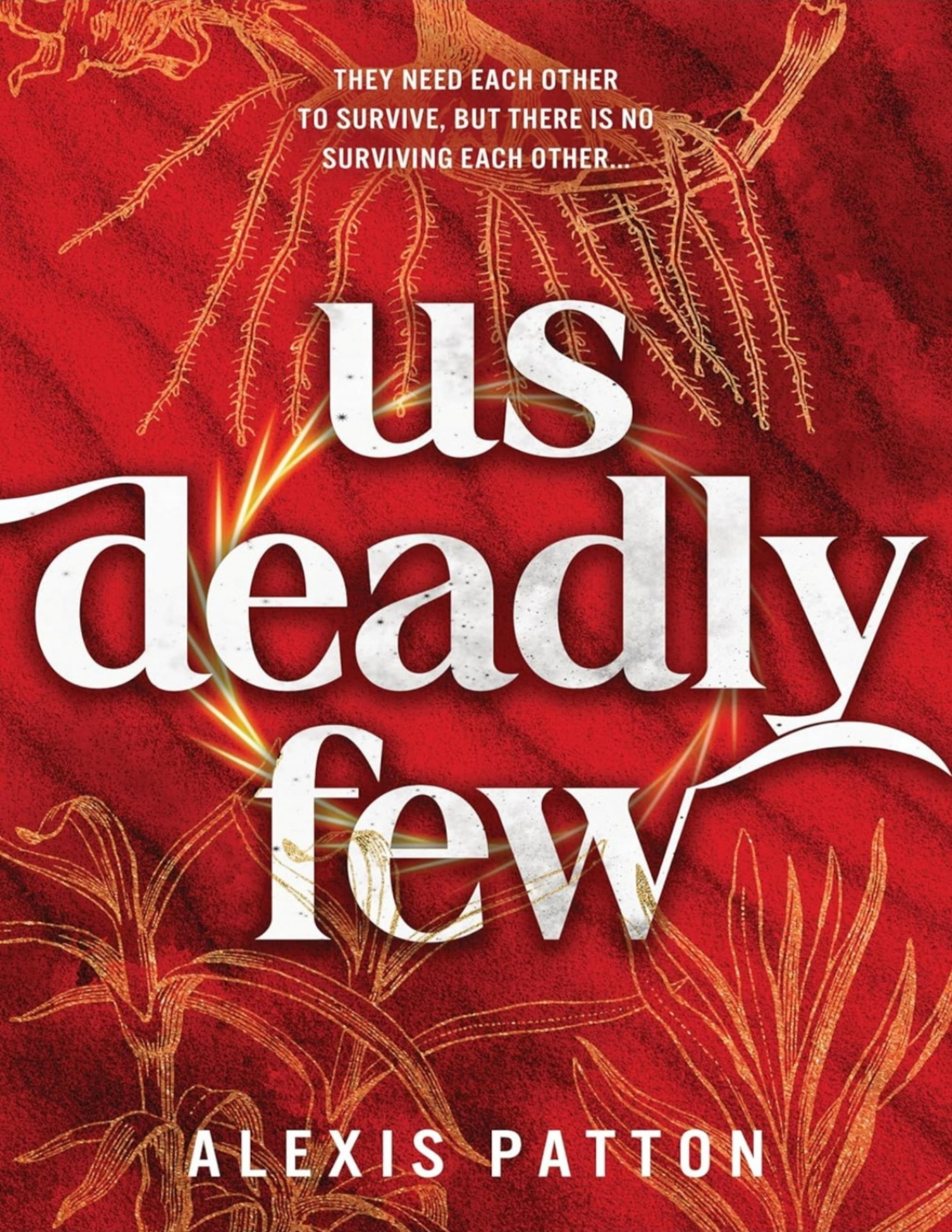

THEY NEED EACH OTHER
TO SURVIVE, BUT THERE IS NO
SURVIVING EACH OTHER...
us
deadly
few
ALEXIS PATTON

POUCOS MORTAIS DOS EUA

ALEXIS PATTON

Direitos autorais © 2024 Alexis Patton
Todos os direitos reservados.
Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não intencional do autor.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do editor.
ISBN: 979-8-9881178-3-4
Design da capa por: Kristofer Mehaffey
Editado por: Read Head Editing

NOTA DO AUTOR

Estou muito animada para que você mergulhe na segunda parte da incrível jornada de Khalani na superfície da Terra. Antes de descobrir o que acontece a seguir, aqui vai um rápido lembrete:

Se você não leu *Us Dark Few* … PARE.

Feche o livro. Desligue o Kindle.

Para entender completamente esta história, os personagens e ter a melhor experiência, ler *Us Dark Few* é crucial.

…

…

Todos atualizados?

…

…

Perfeito.

Sem mais delongas, apresento com orgulho *Us Deadly Few* .

DEDICAÇÃO

Para todos aqueles que estão tomados pela ansiedade.
Que você sonhe sob o luar.
E encontre consolo sob as estrelas.

Us Deadly Few se passa em um mundo pós-apocalíptico e se passa em um deserto perigoso. Elementos que podem ser sensíveis para os leitores são representações de violência, assassinato, linguagem gráfica, tortura, tentativa de agressão sexual e atividades sexuais. Por favor, proteja sua saúde mental e, se estiver pronto, prepare-se para entrar no mundo emocionante de Us Deadly Few.

1

Fale-me sobre a vida,
pois eu já sei sobre a morte.

A destruição tem uma beleza mortal.

A maioria das pessoas ignora, notando apenas as linhas ásperas, os aromas amargos e as bordas deformadas. Os danos persistentes despertam um instinto inato de seguir em frente.

Seus olhos se fixam no chão. Seu passo acelera.

Se você parar, a devastação resultante poderá arruinar você também.

Mas se você parar um momento e olhar mais de perto os destroços, imagens do que costumava ser surgem. Algo belo, mas intencionalmente ignorado pela maioria.

Porque a apreciação raramente chega até que aquilo que você achou que nunca iria embora se vá para sempre.

Khalani Kanes respirava a destruição e todas as suas possibilidades. Ela se estendia à sua frente, além do que os olhos podiam ver.

Na primeira hora após escapar de Apollo, ela descartou seu macacão cinza da prisão pela janela quebrada de um...

Carro?

Sim. Foi assim que Winnie o chamou.

Centenas e centenas de veículos corroídos estavam espalhados pela estrada como um labirinto intrincado.

O calor sufocante do deserto refletia na blusa fina e bege e nas calças largas que esvoaçavam em volta de suas pernas. o vento forte.

Khalani ficou grata pelas roupas extras e *limpas* guardadas em suas mochilas.

O suor grudava em suas costas, e uma parte dela queria tirar a roupa para se refrescar. Mas Brock a avisou que as mangas compridas protegiam sua pele pálida dos raios poderosos do sol.

Para uma garota que cresceu na escuridão, Khalani nunca acreditou que olharia para o sol, muito menos caminharia na superfície sob seu poder bruto.

A areia batia em sua bochecha enquanto ela caminhava pesadamente, segurando firmemente as alças de sua mochila preta em volta dos ombros.

Não havia vegetação visível na estrada deserta. Nenhuma vegetação ou sinal de vida. Tudo estava estranhamente silencioso nos restos esquecidos da civilização.

Os olhos de Khalani se voltaram para uma placa enferrujada, preta e branca, pendurada em um poste de metal que se projetava do chão.

Arizona, Rota 66.

Ela não tinha ideia do que aquelas palavras significavam.

Tantas coisas na superfície a confundiam. Como as vigas altas na areia com grossos fios metálicos pendurados. As placas desbotadas com números e letras grudadas na traseira dos veículos. A longa estrada no meio de um deserto sem fim.

O mais estranho era que quase todos os carros decrépitos pelos quais passavam estavam com as portas escancaradas, como se tivessem sido abandonados às pressas pelos donos.

Khalani frequentemente se perguntava como teria sido aquele dia fatídico. Testemunhava bombas de fogo cruzando o céu, completamente impotente para impedir a destruição iminente.

Se você tivesse conseguido sobreviver às explosões nucleares iniciais que devastaram a superfície — especialmente os antigos Estados Unidos —, provavelmente teria morrido de envenenamento das águas subterrâneas ou de fome devido à acumulação em massa de alimentos. Mas quando a energia nuclear Os reatores também foram destruídos e os colapsos explosivos desencadearam estragos radioativos em todo o mundo.

Quando as pessoas perceberam que a superfície era inabitável, as poucas cidades subterrâneas já haviam atingido sua capacidade máxima e fechado suas portas. Ela estremeceu ao pensar em aguardar pacientemente a própria morte enquanto sua família e entes queridos se desintegravam diante dos seus olhos.

Até alguns dias atrás, Khalani acreditava que a superfície permanecia inabitável. Ela e todos os outros cidadãos da Apollo foram informados de que os altos níveis de precipitação radioativa prometiam apenas um fim fatal para qualquer um que ousasse se aventurar na superfície.

Mas eles já haviam caminhado pela Zona da Morte por alguns dias, e Khalani não se sentia diferente.

Talvez fosse um truque. Em poucas horas, ela poderia muito bem se transformar numa pilha de gosma radioativa e derreter no concreto.

O visual era divertido, no mínimo.

Tudo o que Khalani sabia era que havia 400 quilômetros entre eles e a cidade subterrânea mais próxima, Hermes.

"Falta muito? Meus pés estão me matando", bufou Serene, a ladra expressiva que morava na cela ao lado de Khalani. Seu cabelo azul vibrante estava emaranhado e coberto de areia, e a cicatriz pálida em seu rosto brilhava ainda mais à luz do sol. Na verdade, só realçava sua beleza única.

Serene era mais do que uma amiga. Ela era o riso que você tentava conter e a voz interior de confiança quando você vacilava.

Ela era a coisa mais próxima de uma irmã que Khalani tinha.

Na frente, Brock olhou por cima do ombro. "É a décima vez que você pergunta hoje."

"E daí? É tão verdade agora quanto era da primeira vez que perguntei."

"Continuaremos caminhando até o sol se pôr", reiterou Brock. "Não vamos parar só porque você está cansado e lento."

“Sabe”, Serene começou, “eu gostava muito mais de você quando você não falava.”

“Eu *nunca* gostei de você, ponto final.”

Serene amaldiçoou Brock baixinho enquanto ele se virava decisivamente e continuava andando.

A Zona da Morte parecia mais à vontade em meio à destruição. Tendo viajado pela superfície antes, Brock era o único guia, e ela rezava para que ele conseguisse liderar a equipe de vigilantes até Hermes.

Khalani nunca acreditou que algum deles realmente merecesse ser preso em Braderhelm. Mas se não eram criminosos antes, certamente eram agora.

Fugir da prisão era uma coisa.

Assassinato era diferente.

Mas seria realmente assassinato se a pessoa que mataram não fosse humana?

Ela se aproximou de Serene, tentando clarear aquela linha de pensamento antes que ela fosse enterrada em um vazio infinito de perguntas sem resposta.

“Se você quiser, posso ajudar a carregar sua mochila por um tempo”, ofereceu Khalani.

"De jeito nenhum." Serene acenou com desdém. "Na verdade, é isso que os *homens desta estrada deveriam estar oferecendo* ."

O olhar de Serene se voltou para Derek, cuja pele rica e escura brilhava de suor. Derek era mais reservado que os outros, um cientista talentoso da Apollo e o primeiro amigo que Khalani fez em Braderhelm.

“Minhas mãos já estão ocupadas”, respondeu Derek, apertando o braço em volta da cintura de Winnie.

Winnie era a Guardiã das Ordenanças em Braderhelm, uma ávida amante da história e praticamente sua segunda mãe.

Durante a fuga da prisão, Winnie levou um tiro no ombro — uma visão horrível que ela jamais esqueceria. Trocaram o curativo sempre que possível, mas o sangue escorria teimosamente.

Khalani se recusou a acreditar que Winnie ficaria menos do que bem. Mas não conseguiu se livrar da sensação estranha quando a palidez nas bochechas de Winnie não desapareceu, mesmo sob o sol escaldante. Tentou oferecer-lhe mais água, mas Winnie a afastou gentilmente.

"Não se preocupe, querida Khalani", insistiu Winnie na noite anterior. "Seria preciso muito mais do que uma bala perdida para derrubar a velha Winnie."

Winnie era teimosa demais para o seu próprio bem, mas Khalani reconheceu bem essa característica.

Somente os teimosos e mortais sobreviviam na superfície áspera.

"E você, docinho?" Serene virou a cabeça para o irmão mais velho. "Qual é a sua desculpa?"

Adan, um dos principais engenheiros da Apollo, deu um sorriso tímido ao se virar, com os cabelos cor de bronze caindo sobre a testa. "Ah, mana. Eu jamais presumiria fazer uma tarefa que uma mulher não consegue realizar sozinha."

“Sua mãe não te criou para ser um cavalheiro?”

“Essas ainda existem?”

"E eu aqui pensando que os porcos eram os extintos", resmungou Serene.

Uma tosse baixa soou atrás deles. Viraram-se em uníssono e depararam-se com o rosto marcante de Takeshi Steele se transformando numa máscara rígida.

Os olhos dela percorreram o queixo forte dele, os olhos sem fundo e o cabelo macio de ônix que estava despenteado de uma forma que parecia intencional.

Takeshi não precisava se esforçar para ser atraente. Ele simplesmente *era* ... O tipo de naturalidade que um artista anseia por capturar em uma pintura. Não bonita, gentil ou contida, mas severa e afiada. Como o fio fino de uma espada que reflete a luz.

E quando ele se voltasse em sua direção, você testemunharia o fascínio da vida e a ferocidade da morte antes do fim.

"Você tem algo a dizer?" Serene olhou feio para ele.

Takeshi olhou preguiçosamente para Serene, erguendo uma sobrancelha grossa.

O silêncio se estendeu sobre as areias em ruínas.

Takeshi sempre fora um homem de poucas palavras, preferindo as sombras escuras às pessoas. Mas nas poucas vezes em que falava, todos paravam e prestavam atenção, respeitando-o a contragosto, mesmo que o temessem.

Serene rapidamente percebeu que esperar por uma resposta dele era como esperar ossos se decomporem.

"É isso aí", ela bufou, virando-se. "Não há esperança para os homens."

Takeshi não se incomodou e desviou o olhar para Khalani.

Ela respirou fundo, os olhos negros como breu queimando através de sua pele, como se cada vulnerabilidade dentro de sua mente fragmentada tivesse sido exposta para ele.

Se ela perdesse uma hora de sono. Se ela ainda andasse de forma estranha devido a uma lesão no joelho sofrida nove anos antes. Se ela nutria um leve fascínio pela morte... ele sabia.

O manto negro de Takeshi ondulava atrás dele enquanto ele a avaliava abertamente por breves segundos que pareciam durar uma vida inteira.

Seu coração traidor galopava dentro do peito, esperando por *algo* .

Mas Takeshi interrompeu o olhar intenso e focou na paisagem destruída além dela, ignorando-a mais uma vez.

Ela franziu os lábios, sentindo o abismo entre eles aumentando a cada dia que passava.

Desde que Takeshi matou o Governador, ele a tratou como uma pária.

Fisicamente distante e emocionalmente indisponível eram eufemismos grosseiros.

Sempre que ela tentava puxar assunto, ele respondia com monossílabos ou a ignorava descaradamente. Quando ela se ofereceu para ficar com ele na vigília noturna, ele simplesmente... recusou. E todas as noites, enquanto as nuvens escuras se dissipavam sobre suas cabeças, Takeshi dormia o mais longe possível de Khalani.

A mudança repentina a deixou confusa.

Enquanto todos dormiam, ela revivia o fantasma dos toques suaves dele na prisão. A noite suave em seu quarto permanecia implacavelmente, e as verdades que ele revelava jamais desapareciam.

Mas havia mais uma coisa que a atormentava. Os rostos assombrosos dos prisioneiros de Braderhelm que haviam sido assassinados enquanto Takeshi assistia impassivelmente.

Depois daquele dia fatídico, Khalani pensou que a melhor atitude seria enterrar seus sentimentos no abismo mais profundo de seu coração e manter

distância de Takeshi Steele.

Mas era como se ele ouvisse os pensamentos dela e dissesse: "Ah, você quer espaço? Prepare-se para se sentir como uma doença infecciosa."

Às vezes, Khalani se perguntava se havia imaginado o beijo proibido deles em Braderhelm. Talvez tivesse inventado as mãos fortes de Takeshi agarrando sua nuca e seus lábios percorrendo sua pele como uma marca. Ou a maneira como seus olhos de obsidiana se fixaram em seu rosto atordoado depois de salvá-la do ataque do Guarda Barron.

Embora Takeshi se recusasse a falar, Khalani frequentemente o encontrava observando-a à noite.

Sua expressão fria não revelava nada de seus pensamentos. Mas sempre que Brock os instruía a serem mais vigilantes, ela notava Takeshi se aproximando dela, seu olhar ameaçador examinando o horizonte em busca de ameaças.

E se o irritado Capitão só quisesse reconhecer sua existência quando o perigo estivesse presente, ela lhe daria o mesmo desrespeito.

Khalani continuou marchando sob o calor do sol, com os pensamentos confusos, mas sentiu o olhar de Takeshi percorrer sua nuca, como uma adaga se arrastando pela carne.

Justo quando a mochila pesada cravando em sua espinha se tornou insuportável, Brock levantou a voz: “Descansaremos aqui esta noite.”

Eles ficaram no meio da rodovia, com o sol baixo no céu, cercados por carros enferrujados.

Uma pausa de uma fração de segundo, então uma mochila volumosa caiu ao lado dela.

"Graças a Deus", Serene deu um suspiro pesado. "Meus saltos parecem que vão cair."

"Você sabe que temos mais dez dias de caminhada, certo? Isto é, se você não nos atrasar ainda mais", disse Brock lentamente enquanto afrouxava as correias em volta do dorso do camelo.

"Já posso esfaqueá-lo?" Serene se virou para ela.

— Não. Ele parece o tipo de pessoa que gosta desse tipo de coisa — respondeu Khalani, largando a mochila ao lado de um veículo verde maior e enferrujado.

"Ela tem razão. Mas não se preocupe, você é inocente demais para o meu tipo de preliminares."

"Cale a boca antes que eu deixe ela te esfaquear", interrompeu Adan, esticando os braços atrás das costas. "Quem vai ficar de guarda hoje à noite?"

Sem surpresa, Takeshi avançou rapidamente, empunhando a arma. "Eu entendi."

O timbre grave da voz dele lhe causou arrepios enquanto ele passava por ela, posicionando-se contra um grande veículo preto alguns carros adiante na estrada. Ele cruzou os braços, recostando-se no metal, olhando para o horizonte.

"Aquele ali se chama caminhão", disse Winnie, abaixando-se lentamente no concreto ao lado dela com a ajuda de Derek.

"O quê?" Khalani desviou o olhar de Takeshi.

Winnie deu uma risadinha. "O carro em que ele está encostado. Chama-se caminhonete. Imaginei que a Winnie te avisaria, já que você está tão

interessado." Ela lançou um olhar cúmplice para Khalani.

O sangue inundou suas bochechas. Khalani ajoelhou-se apressadamente, esticando as pernas, tentando se livrar dos pensamentos indesejados que continuavam a invadi-la.

"Ele realmente deveria estar fazendo outro turno da noite?" Derek olhou cautelosamente para Takeshi.

"Seja à vontade para perguntar. Da última vez que ofereci, ele só me encarou." Adan deu de ombros, dando uma pequena mordida em uma barra de proteína.

Apesar de terem levado bastante comida, Brock insistiu que eles racionassem seus suprimentos, especialmente água, já que havia apenas um punhado de poços que os habitantes da Zona da Morte usavam na estrada para Hermes.

"Acha que ele se cansa?", ponderou Serene.

"Que pergunta idiota. Todo mundo se cansa", zombou Brock, lançando a faca no ar e segurando-a pelo cabo. Seu outro braço estava preso em uma tipoia improvisada, resultado de um ferimento causado pelo Governador.

“Humanos, sim.”

Um silêncio desconfortável tomou conta do grupo.

O rosto perfeito do Governador, Alexander Huxley, surgiu em sua mente. Seu sorriso tímido de repente se transformou em um grito silencioso e escancarado, enquanto sua cabeça lentamente se afastava do tronco.

Fios rompidos saíam de seu pescoço enquanto seu corpo se contorcia assustadoramente no chão. E era Takeshi quem estava sobre ele, com uma vingança fria enterrada sob seus olhos.

Khalani tremeu apesar do calor, notando expressões tensas e semelhantes nos rostos de todos. Raramente falavam de Alexander Huxley, como se nenhum deles tivesse aceitado completamente a verdade impossível.

O Governador nunca existiu. Ele era uma *máquina* que governava todos os aspectos da vida deles.

Na quietude da noite, ela sonhou com seus olhos azuis sem alma. Aquelas esferas ocas que guardavam um estranho distanciamento.

Os olhos de Takeshi eram o oposto.

O olhar dele era avassalador. Às vezes, quando ela olhava para o rosto dele, parecia que o mundo inteiro a encarava de volta, como se as profundezas de sua alma ardente não pudessem ser contidas em um único recipiente.

“Takeshi não é como o Governador”, afirmou Khalani.

"Como você pode ter tanta certeza?" Serene inclinou a cabeça.

"Vou encontrar algumas flores para você."

As palavras sussurradas dele na prisão a atingiram. Algo em seu coração sombrio o reconheceu. Quando ele falava da mãe falecida, a dor em seus olhos refletia a dela. Aquilo não era algo que pudesse ser fingido.

Se havia uma certeza que Khalani ainda tinha, era essa.

"Tenho certeza." A firmeza e a confiança em seu tom de voz aliviaram um pouco a tensão. Os lábios de Serene estavam franzidos, mas ela assentiu, sua confiança em Khalani ofuscando suas dúvidas.

À medida que a escuridão avançava, Khalani olhou para o céu noturno, uma visão hipnotizante que ela nunca imaginou que testemunharia. Se ela olhasse

com atenção suficiente, talvez a vastidão respondesse às perguntas que pulsavam em seu coração.

Que outras mentiras Apolo lhes contou?

Por que o Governador os manteve longe da superfície por tanto tempo?

Ele era a única máquina…

Enquanto roncos suaves começavam a ecoar ao seu redor, ela se desvencilhou delicadamente dos braços de Winnie. Agachando-se, pegou sua bolsa e cuidadosamente se afastou dos outros na ponta dos pés, tentando não acordar ninguém ou chamar a atenção de Takeshi.

Ela se escondeu atrás de um pequeno veículo quebrado e enfiou a mão na bolsa para retirar uma lâmina afiada. O fio duro refletiu em seus olhos verdes. Sem pensar duas vezes, ela lentamente puxou a lâmina para baixo da palma da mão.

Sangue escorria de sua pele como lágrimas.

Khalani esperou.

E esperou.

Ela levou a mão ensanguentada ao rosto e olhou mais de perto para ver se havia algum fio escondido ali.

Mas tudo o que restou foi pele ferida e sangue.

Respirando fundo, ela desabou, ignorando o desconforto enquanto ela encostava a cabeça na porta do carro.

Atraída pela dor, ela olhou para a palma da mão novamente, esperando que algo terrível acontecesse.

Mas nada aconteceu, assim como na noite anterior.

E se Khalani podia sangrar, isso significava que ela também era real.

Certo?

2

Tente consertar tudo e você só vai acabar se quebrando.

“Hum…Humfrie…”

"Pico Humphreys", corrigiu Brock, de pé sobre a placa amarela desgastada na beira da estrada. "Acho que é aquela coisa ali." Ele gesticulou em direção ao horizonte distante, onde um monte imponente se erguia orgulhosamente acima das rochas arenosas e do terreno acidentado.

"Por que é tão grande?" Adan ficou boquiaberto.

"É uma... montanha. Sim, é exatamente o que os antigos estudiosos do Grande Colapso descreveram", disse Winnie, arregalando os olhos. "Ela leu sobre algumas na superfície que têm o dobro do tamanho disto."

O grupo murmurou, incrédulo. Khalani deu um passo à frente, com o coração acelerado diante da imensidão da terra elevada. Se não tivesse visto com os próprios olhos, não teria acreditado que algo tão imenso e inspirador pudesse existir na superfície.

"O que é essa coisa branca em cima?", perguntou Serene, apontando para o pico.

"Não sei."

"Ah, a Winnie acha que sabe!" Winnie estalou os dedos. "Ela se lembra de ter lido sobre isso num livro. Começa com s... talvez?" Winnie massageou a têmpora, murmurando palavras aleatórias baixinho.

"Vamos continuar." Brock revirou os olhos, marchando à frente. Khalani tomou outro gole d'água do cantil enquanto eles, a contragosto, mantinham o ritmo constante.

Restavam apenas pequenos vestígios de uma outrora grandiosa civilização. Placas apontando para cidades misteriosas. Veículos abandonados que eles manobravam cuidadosamente. Ela respirou aliviada quando nenhum dos carros parecia abrigar cadáveres. Só de pensar nisso, seu estômago se revirou.

“Que tal jogarmos um jogo para passar o tempo?”, sugeriu Serene.

“Não”, resmungou Brock.

“Ainda bem que eu não estava falando com você.”

“Winnie adora jogos”, exclamou Winnie, seu sorriso rivalizando com o sol escaldante.

"Perfeito!" Serene bateu palmas. "Vamos jogar o jogo das cores."

Derek soltou uma risada curta, mas um único olhar fulminante de Serene o fez pigarrear rapidamente. "Então, uh, como funciona o jogo?"

"Simples." Ela sorriu. "Eu digo a cor de um objeto, e você adivinha qual é. Fácil, né?"

“Parece chato”, interrompeu Adan.

Serene chutou uma pedrinha nele. "Se é tão chato, então você deveria resolver fácil. A primeira cor é amarelo."

"Aquele carro." Adan apontou para a interminável extensão da rodovia esburacada, para um pequeno carro amarelo desbotado com todas as portas arrancadas.

"Não."

"Diga o nome de algo amarelo? Os dentes do Derek."

"Obrigado, idiota."

"Não." Serene juntou as mãos atrás das costas.

Adan gemeu e gesticulou para cima. "Então tem que ser o sol."

"Talvez se você for cego. O sol está definitivamente laranja", Brock interrompeu lá da frente.

"Achei que você não queria brincar, lembra?" Serene olhou feio para as costas dele.

"Se você vai jogar um jogo idiota, pelo menos faça bem." Brock tirou uma partícula de poeira do ombro como se não estivesse vagando por um deserto perigoso.

"Você é tão idiota—"

"Branca", interrompeu Winnie. "A luz que vem do sol é branca. Não laranja nem amarela."

“Isso não faz nenhum se—”

Estrondo.

A cabeça de Khalani se levantou ao som de um tiro.

Ela correu até a bolsa onde guardava a arma. Olhou para trás, prestes a gritar para os outros se abaixarem, mas eles continuaram marchando como se não ouvissem o clamor estrondoso.

Ela congelou, o suor escorrendo entre suas sobrancelhas sob o sol escaldante enquanto ela examinava o horizonte em busca da origem da explosão.

"Como pode ser branco? Uma bola de fogo não é branca", continuou Adan, argumentando.

Uma figura borrada surgiu diante dela, oscilando até se solidificar. A imagem fez o coração de Khalani bater como um gongo.

Era o Governador, Alexander Huxley, olhando diretamente para ela. Seu rosto impecável e cabelos dourados eram inconfundíveis.

Seu peito subia e descia rapidamente, e ela parou de se mover, com os pés fincados na areia cintilante. As vozes dos outros se transformaram em um zumbido baixo e monótono.

Os lábios do Governador se curvaram em um sorriso sinistro, e ela recuou ao ver o sangue vermelho escorrendo entre os dentes dele.

“Kanes.”

Um buraco surgiu no peito da Governadora, bem onde ela o atirara, expandindo-se e transbordando de sangue. Alexander Huxley olhou para baixo, encarando-a diretamente, lambendo as manchas vermelhas nos dentes sem pressa.

Khalani não conseguia engolir. Não conseguia respirar. Como se uma corda estivesse se apertando gradualmente em seu pescoço.

“Isso não foi muito legal”, sussurrou o Governador.

Os membros dela tremiam enquanto o pescoço dele se contorcia, e a pele se desprendeu como fita adesiva. Fios elétricos se desfiaram sob a pele dele.

Tentando alcançá-la.

“Kanes!” Alguém agarrou o ombro de Khalani e a girou.

Ela gritou, erguendo os punhos instintivamente, mas era o corpo grande de Takeshi que a dominava. Sua carranca se aprofundou diante dos olhos arregalados demais.

"O que aconteceu?"

"Takeshi... eu... ele..." Khalani se virou, mas o corpo decrépito do Governador não estava mais visível. Seus membros tremiam e ela passou as mãos pelos cabelos, sentindo que estava perdendo o juízo.

Khalani mal notou os arranhões profundos que ela deixou no couro cabeludo.

"Diga-me o que está errado." Takeshi se aproximou, examinando o horizonte em busca de ameaças.

"O Governador", ela murmurou. "Eu o vi."

Takeshi se sobressaltou, voltando a atenção para ela. "Isso é impossível, Kanes."

"Mas eu vi! Ele estava lá. Talvez ele não esteja morto. Ele ainda pode estar atrás da gente. Eu não... eu não", sua voz tremeu enquanto ela lutava para encontrar as palavras certas.

O olhar inquisitivo de Takeshi se estreitou. Como se ela fosse louca.

Seria tudo apenas fruto da sua imaginação?

Khalani estava finalmente perdendo a cabeça?

O vazio a cercava, gritando e rindo. Sua pele parecia tensa demais. Como se ela estivesse usando uma fantasia de si mesma.

O calor escaldante do deserto queimava, e o silêncio ensurdecedor arrancava os últimos resquícios de sanidade de sua mente como espaguete. Ela se agachou e apertou a testa.

"Ela está bem?" A voz preocupada de Serene ecoou de algum lugar atrás dela.

Uma mão forte envolveu sua nuca.

"Cabeça entre as pernas", insistiu a voz grave de Takeshi. "É isso aí. Respire por mim."

Khalani tentou levantar a cabeça, mas ele a manteve firme no lugar. Quando sentiu os dedos dele cutucando os nós e massageando levemente seu pescoço, ela desistiu da luta e deixou a cabeça descansar entre os joelhos.

Khalani olhou fixamente para as partículas de areia, quase babando enquanto Takeshi massageava metodicamente seus músculos.

Quem imaginaria que as mãos da morte poderiam trazer tanta paz?

"O que há de errado com ela?", perguntou Brock, com a voz carregada de irritação.

"Vá em frente. Estaremos atrás de você", ordenou Takeshi, concentrando-se apenas em Khalani, seus dedos mantendo uma pressão prazerosa em sua nuca.

"Precisamos continuar andando, Steele. Se você não puder ajudá-la, eu mesma a carrego."

"Afaste-se", rosnou Takeshi. "Você não vai fazer nada com um braço machucado. Se ela precisar ser carregada, eu carrego."

"Acho que estou me sentindo melhor", ela sussurrou, mas seu olhar não deixou a rocha deformada na areia.

Há quanto tempo a rocha solitária estava ali? Teria sido ela a primeira a notá-la? A lhe dar cem por cento de atenção?

Talvez isso fosse tudo o que alguém sempre quis: ser realmente visto e não apenas um objeto que desaparece no fundo.

"Vamos nos encontrar. Vão", ordenou Takeshi, sem dar margem para discussão em seu tom. Ela ouviu os outros resmungarem, mas acabou indo embora, deixando ela e Takeshi sozinhos.

E ela percebeu que essa era a primeira vez que eles chegavam tão perto um do outro em dias.

“Você está prendendo a respiração”, ele observou.

“Não é tão fácil respirar enquanto você faz isso.”

Ela estremeceu quando os dedos dele se cravaram mais fundo em sua pele, desfazendo um grande nó por carregar a mochila pesada por quilômetros.

“Você pode ficar com isso”, afirmou Takeshi.

Khalani engoliu em seco, suas palavras e dedos firmes provocando efeitos estranhos em seu pulso irregular. "Estou bem agora."

"Tem certeza que?"

Não.

Respirar fundo era árduo, e suas têmporas doíam como se alguém estivesse enfiando os dedos em seu cérebro. Mas se ela continuasse sentada ali como mingau nas mãos de Takeshi, talvez não conseguisse se levantar.

"Sim."

Takeshi soltou-a e deu um passo para trás. Ela se levantou, inalando profundamente enquanto uma gota de suor escorria da ponta do nariz para o chão. Khalani se virou brevemente para o local onde o Governador estivera.

O puro nada zombava dela. Quilômetros de areia e montanhas distantes eram tudo o que a encarava.

Talvez o sol escaldante estivesse pregando peças cruéis em sua mente.

Ontem, Khalani apontou para uma poça d'água brilhando no concreto. Ela lambeu os lábios secos e marchou apressadamente para a frente, mas Brock a puxou bruscamente pelo ombro.

"Não. É uma miragem", disse ele. "Não é real."

Não é real.

Não é real.

Mas o sorriso cheio de sangue do Governador era claro e vívido, como se ele estivesse parado bem na frente dela.

Não é real , ela repetia sem parar. Se ela repetisse as palavras o suficiente, sua loucura certamente desapareceria.

Tinha que ser assim.

Deliberadamente, ela encarou a estrada e ergueu a mochila mais alto nos ombros. Khalani se forçou a se mover, determinada a fugir das sombras do seu passado.

Takeshi acompanhou-a. Embora mantivesse o olhar fixo à frente, sentia o peso da energia letal dele, uma carga estática que fazia os pelos dos seus braços se arrepiarem.

“Você não precisa mentir, sabia?” Sua voz profunda quebrou o silêncio

Ela virou a cabeça, surpresa por ele estar falando com ela. A essa altura, ele já deveria ter voltado a ignorá-la alegremente.

"Sobre o quê?"

“Sobre estar bem.”

"Primeiro, eu não estava mentindo. Segundo, você pode parar de fingir que se importa."

Ele ficou em silêncio por um instante, o maxilar se contraindo enquanto processava as palavras dela. "Vou deixar isso passar porque você está cansada. Acreditar que eu não me importo seria ilógico, mesmo para você."

Os pés dela pararam. Ele realmente...

“Você está brincando, certo?”

Takeshi também parou, as linhas acentuadas do seu rosto amplificadas pela destruição ao redor. Ele lançou um olhar irritado para ela. "Desde quando eu brinco?"

"Você deve estar! Ou isso, ou entramos em uma realidade alternativa onde verdades e mentiras são a mesma coisa."

“Parece o mundo real para mim.”

Khalani cerrou os dentes. "Ah, me desculpe. No seu mundo, importar-se significa ignorância completa e fingir que sou invisível?"

“Você é teimoso demais para ser invisível, Kanes.”

"Uau. Estou *mais do que lisonjeado* . Por favor, me diga como você realmente se sente, Takeshi."

"Acho que não deveria. Você tem o hábito de dar socos desajeitados quando fica bravo."

Seu olhar se endureceu. Ela queria arrancar o rosto esculpido dele. Não. Ela queria arrasar as cordas vocais e protestar aos céus por ter que viajar com o homem mais irritante e complicado que existe.

"Sabe de uma coisa?", ela se levantou na frente dele, "nem importa. É claro que não devemos conversar porque sempre acaba em briga. Então, isso", Khalani gesticulou entre eles, "seja lá o que tínhamos antes... acabou."

Um músculo em seu pescoço pulsava e seu pomo-de-adão balançava. A tempestade em seus olhos era virulenta, como se todas as emoções despertas estivessem se esvaindo.

Ela hesitou, querendo apagar o último minuto e recomeçar, mas uma máscara de indiferença repentinamente se instalou em seu rosto.

"Eu já sabia disso. Fiquei surpreso que você tenha demorado tanto."

Ela ficou de boca aberta.

Por um momento, tudo parou.

Como se a Terra tivesse parado de girar para testemunhar sua queda.

Sua declaração veio com muito espaço. Muito peso.

Muita certeza.

Apesar da declaração, uma pequena parte de Khalani esperava que ele dissesse não e lutasse por ela. Que mostrasse *algo* em que valesse a pena acreditar.

Ela costumava acreditar que um dia, em algum lugar distante no futuro, eles se olhariam e se aproximariam um pouco mais. Para uma vida onde os

problemas do mundo não os assombrassem constantemente e pudessem encontrar um lugar para se recostar no asfalto. Pensando apenas na próxima inspiração.

Khalani imaginou perseguir esse sonho para sempre, com seus passos gravando histórias na areia.

Porque ela prefere ser louca junto do que ser sensata sozinha.

Mas Takeshi não retirou suas palavras desastrosas.

Os punhos dele se fecharam diante da visível dor dela, tão forte que ela ficou surpresa que a pele não se rompesse.

Seu coração desleal bateu forte em resposta, e Khalani desejou poder arrancar o órgão do seu peito.

Se você odiava alguém, isso significava que você se importava.

Ela não queria mais se importar.

Ela queria ser como aquela pedra solitária na estrada.

Resistente. Firme. Capaz.

Não sentindo nada.

Então, ela deixou tudo acontecer do único jeito que sabia…

Khalani cerrou o punho e deu um soco direto no rosto dele.

A cabeça de Takeshi tombou para o lado. Ele respirou fundo, as narinas dilatadas. Endireitou-se e encarou-a, sem piscar e resoluto, como se tivesse deixado que ela o atingisse quando poderia facilmente ter bloqueado.

E isso também não agradou a ela.

Ela cerrou o punho, pronta para dar outro tiro.

"Eu deixei você entrar." A voz grave de Takeshi baixou. "Você não vai ter um segundo."

Pena que ela não se importava mais com o que ele queria.

Ela puxou a mão para trás, pronta para atacar.

Num segundo ela estava parada ali, e no seguinte, Khalani estava deitada de costas. Quando ela tentou se levantar e socá-lo novamente, ele agarrou seus pulsos e empurrou seus braços para baixo, um de cada lado da cabeça. Takeshi montou em suas pernas, imobilizando-a completamente com seu peso.

"Sai de cima de mim", ela cuspiu.

“Isso é para o seu próprio bem, Kanes.”

Ela o encarou, com os olhos arregalados. "Você não pode mais me chamar assim. Agora me solta." Ela empurrou as pernas, mas Takeshi se inclinou para a frente.

"Pare de se debater, ou você vai se machucar. Aí serei obrigado a amarrar seus pulsos e arrastá-lo atrás de mim."

"Você não ousaria."

Seus olhos negros se moveram como os de um predador. "Pensei em um milhão de maneiras de te amarrar desde o dia em que nos conhecemos. Ainda quer fazer aquele desafio?"

Os músculos dela se contraíram, a pressão do corpo dele contra o dela apenas amplificava a volatilidade ao redor deles. Ela ansiava por enfiar uma faca na garganta dele e silenciá-lo, apagando qualquer peso que suas palavras tivessem.

Takeshi deve ter percebido a direção dos pensamentos dela, porque ele apenas apertou ainda mais os pulsos dela.

Ela pigarreou enquanto se preparava para gritar ou cuspir na cara dele por pura maldade. Mas, conhecendo-o, Takeshi só cumpriria a ameaça e a amordaçaria por diversão.

O bastardo sádico.

Ela parou de se mover e fechou os olhos.

Inalar.

Expire.

Inalar.

Expire.

Seu maxilar ainda estava cerrado enquanto ela tentava se concentrar na respiração. Mas qualquer resquício de paciência estava por um fio.

"Se eu pedir com jeitinho, você se levanta?" ela fervia.

"Talvez."

“ *Por favor,* saia de cima de mim... ou vou atirar em você enquanto dorme”, acrescentou Khalani, só para garantir.

O olhar de Takeshi a perfurou quando ela abriu os olhos. Ele inclinou a cabeça como se estivesse procurando por algo. resposta oculta nas profundezas do seu ressentimento. Mas ele já havia dizimado qualquer boa vontade entre eles.

Ela o trataria da mesma forma que uma barata rastejando pela estrada.

Com total desdém.

Sem dizer mais nada, Takeshi se levantou dela.

Khalani se levantou imediatamente, limpando agressivamente a areia das roupas. Talvez isso apagasse os vestígios da garota fraca e ingênua que ela costumava ser.

Ela olhou para frente e percebeu que os outros ainda estavam visíveis na estrada, mas para alcançá-los, ela precisava caminhar rapidamente como se houvesse uma cama macia esperando por ela no fim do horizonte.

Khalani resmungou baixinho e começou a longa e temida marcha à frente. Infelizmente, Takeshi a seguiu, recusando-se a se transformar em uma pedra que pudesse chutar no cascalho.

O silêncio que se seguiu foi tão desconfortável quanto unhas raspando no concreto.

Para se distrair, Khalani concentrou sua mente em outra missão. Uma que Winnie acreditava ser ainda mais importante do que alcançar Hermes.

Projeto Hélice.

Ela ouviu a frase pela primeira vez no diário de Timothy Talbot, que Winnie, uma descendente direta de Timothy, mostrara a Khalani em segredo. Dizia-se que Timothy fora um cientista brilhante durante o Grande Colapso, e seu diário falava de um projeto oculto — um que poderia conter a chave para salvar a todos.

Nem Khalani nem Winnie sabiam o que significava o Projeto Helix, mas Winnie estava convencida de que era a chave para proteger o futuro da humanidade.

Mas enquanto Khalani olhava para os montes de ruínas ao seu redor, ficou claro que o Projeto Helix — o que quer que fosse — nunca funcionou.

Ela cruzou os braços, com a cabeça doendo, enquanto o sol se punha,

desviando dos carros espalhados e das peças de metal quebradas como se fosse uma pista de obstáculos.

"Seu plano é atirar em mim mesmo quando o sol se pôr?" A voz de Takeshi rompeu a rigidez fria, surpreendendo-a. Ela não percebera que ele a acompanhava a poucos metros de distância. Seus cabelos negros esvoaçavam sobre o rosto, cílios grossos emoldurando seus olhos penetrantes.

Ela o encarou. "Estou pensando se deixar você apodrecer de ansiedade será pior."

"Ou uma parte de você sabe que não seria capaz de puxar o gatilho." Takeshi inclinou a cabeça, com o rosto estoico.

"Você seria tolo se pensasse assim." Ela ergueu o queixo, deixando-o ver a loucura em seus olhos. "Se eu fosse você, dormiria muito, muito levemente."

"Tudo bem." Ele deu de ombros, como se estivessem falando sobre o tempo e não sobre um assassinato iminente. "Eu já estou de olho em você enquanto dorme."

"Parece pouco saudável", ela respondeu, sem expressão.

"Provavelmente."

“E psicótico.”

“Pare com os elogios.”

Khalani zombou e acelerou abruptamente o passo, tentando se distanciar da presença insuportável dele. Uma tentativa frustrada, já que as pernas enormes dele acompanhavam o passo dela.

Quando alcançaram os outros, o sol já estava baixo no céu, e suas panturrilhas e coxas gritavam por alívio.

"Você está bem?", perguntou Serene quando Khalani e Takeshi finalmente chegaram ao seu local de descanso sob uma ponte meio destruída.

"Estou melhor", respondeu ela, lutando para recuperar o fôlego enquanto largava a mochila sem cerimônia no chão. "Só me senti um pouco tonta lá atrás."

Khalani não queria assustar os outros com sua visão sinistra do Governador. A última coisa que ela precisava era que alguém questionasse sua sanidade. Takeshi já fazia um trabalho incrível nisso.

"Venha, sente-se." Derek deu um tapinha no chão vazio ao lado dele. "Podemos dividir uma barra de proteína."

O canto da boca dela se curvou para cima, e Khalani gemeu enquanto se sentava no chão duro. Todo o treinamento com Takeshi em Braderhelm não a teria preparado para os quilômetros de caminhada diários sob o sol escaldante.

Como os humanos conseguiram sobreviver antes do Grande Colapso era um grande mistério para ela.

A temperatura continuou caindo, e Khalani abraçou os joelhos mais perto do peito enquanto comia.

"Cuidado com as porções", alertou Brock. "Ainda temos mais uma semana antes de chegarmos a Hermes, e isso se não encontrarmos nenhuma tempestade."

"De que tipo de tempestades estamos falando?" Adan olhou para cima enquanto remexia em sua mochila.

"Tempestades de areia. Umas criaturas nojentas que podem te enterrar vivo." A voz de Brock ficou mais grave enquanto ele olhava para além da ponte. "Conseguiremos avistar a maioria à distância, mas elas se movem rápido por

aqui. Se eu disser para correr para o abrigo mais próximo, você não pergunta por quê."

"E eu aqui pensando que a superfície seria divertida. A próxima coisa que você vai me dizer é que tem plantas aqui que podem nos comer", resmungou Serene, sentando-se ao lado dela, bufando.

Derek levantou um dedo. "Na verdade, costumava haver uma espécie de planta carnívora chamada Vênus fl—"

"Por mais *fascinante* que seja esta conversa", interrompeu Brock, "precisamos descobrir quem vai ficar de guarda esta noite. Steele, você não vai fazer isso pela quarta noite consecutiva."

“Eu consigo”, afirmou Serene.

"Não", Brock respondeu bruscamente. "Você nem sabe usar uma arma."

"Claro que sim. Eu só miro a ponta em você e atiro."

Brock olhou para o céu, como se estivesse questionando o que havia feito de errado em uma vida passada.

"Entendi." Khalani se levantou. Ela precisava de uma distração.

"De jeito nenhum. Você não quase desmaiou hoje?" Brock franziu a testa.

"Concordo. Deveria ser outra pessoa", Takeshi falou pela primeira vez.

Khalani lançou-lhe um olhar rápido. Ele encostou o ombro esquerdo no pilar que sustentava a ponte. Sua postura era calma demais para o fervor perverso em sua expressão.

Provavelmente ninguém mais notou.

"Estou *bem* . E além disso", ela empunhou a arma, "não tenho problema em atirar em qualquer psicopata que apareça na nossa direção. Certo, Takeshi?"

“Sim, tenho certeza de que um olhar para você com uma arma assustará qualquer um imediatamente.”

Se houvesse um prêmio para irritar alguém, Takeshi ganharia o primeiro lugar com certeza. Ele era pior que um inseto. Pior que a bactéria que vive em um inseto. E ela não queria nada mais do que marchar até ele e dar uma joelhada entre as pernas para impedir a procriação.

Seu último presente para a humanidade.

"Você tem toda a razão." Ela forçou um sorriso falso. "Graças a Deus eu acredito em atirar primeiro e perguntar depois."

O canto do lábio dele mal se levantou.

"Ok, mas se eu tiver que fazer xixi no meio da noite, não vou levar um tiro, certo?" Adan olhou para eles.

Khalani revirou os olhos e pegou sua bolsa. "Vou ficar de guarda ali." Ela apontou para um grande veículo marrom que talvez tivesse sido branco no passado, mas estava coberto de ferrugem. "Vocês deveriam dormir um pouco."

Ela passou direto por Takeshi, ignorando-o completamente, e jogou a bolsa no capô do carro. Levantando os braços atrás das costas, de volta, ela soltou um gemido enquanto os estalos e estalos de seus músculos rígidos ecoavam no silêncio rígido.

Depois de um momento, Khalani se levantou sobre o capô e se recostou no para-brisa. Uma das mãos repousava sobre a arma em seu colo e a outra, curvada atrás da cabeça.

Logo depois, o som suave de roncos se infiltrou no espaço. Para se manter

ocupada, Khalani imaginou cores pintando o teto de concreto. Ela tentou conjurar uma miríade de verdes, vermelhos e roxos, reminiscentes da aurora boreal que Winnie lhe mostrara na prisão.

Mas não importava o quanto ela tentasse, nenhuma imagem surgia.

Como se uma parede grossa tivesse coberto permanentemente sua mente.

Tudo o que ela conseguia ver eram os penetrantes olhos azuis do Governador a encarando. E ele não parava de sorrir.

Como se ele soubesse de algo que ela não sabia.

3

O valor de uma mulher não está na sua beleza.
Está na sua resiliência.

O calor do sol escaldante era implacável.

Hora após hora, o suor escorria pela lateral do seu pescoço, escorrendo pelas panturrilhas doloridas. Ela olhou para Winnie, com o coração apertado de preocupação.

A pele pálida de Winnie havia adquirido um tom esverdeado, e seu andar havia se tornado cada vez mais lento. Derek trocou o curativo do ferimento mais uma vez, e eles se revezaram para apoiá-la.

"O que é isso?" Serene apontou para um prédio cinza à frente, na beira da estrada.

Uma placa alta ficava no alto da estrutura abandonada, exibindo números brancos que diziam: **US$ 30,99** por galão.

Seus olhos se voltaram para os paletes de madeira que cobriam as janelas, pichados com as palavras: ESTAMOS SEM GASOLINA. As letras maiúsculas vermelhas eram quase ilegíveis, como se o autor tivesse rabiscado a mensagem às pressas, bêbado.

Estranhos pilares negros jaziam desmoronados do lado de fora do prédio. Ainda mais bizarro era o pequeno carro dobrado sobre si mesmo como origami, com um dos pilares perfurando o para-brisa dianteiro.

Uma placa vermelha opaca estava pendurada torta na frente do prédio: ESTAÇÃO AS.

"Estação de burros?" Adan falou lentamente.

"Posto de gasolina." Brock avançou, chutando os destroços soltos para longe. "Já descansei aqui em incursões anteriores pela Zona da Morte. A infraestrutura é sólida o suficiente. Podemos descansar aqui por dez minutos, e apenas dez minutos." Ele lançou um olhar irritado para Serene.

"É, é." Serene dispensou-o com um gesto e entrou pela porta aberta, com cacos de vidro estalando sob suas botas. Khalani engoliu em seco e a seguiu para dentro.

O interior era uma zona de guerra.

Prateleiras estavam tombadas. Vidros quebrados por toda parte. Partículas de poeira eram visíveis à luz do sol que entrava por um buraco gigantesco no teto.

Uma parte dela nem queria saber como isso aconteceu.

"Não sobrou nada mesmo", disse Derek, com a voz misturando admiração e consternação ao entrar no espaço sujo.

Khalani estremeceu quando uma barata solitária rastejou pela parede do

fundo e desapareceu sob uma caixa de papelão vazia.

"São todos assim", disse Brock em voz baixa. "Quase todas as lojas da rua foram completamente saqueadas. Mas algumas coisas foram esquecidas." O canto da boca dele se curvou, o mais relaxado que ela já o vira, enquanto ele se dirigia direto para a esquina dos fundos.

Ela franziu as sobrancelhas quando Brock empurrou algumas prateleiras empoeiradas no chão, revelando uma pilha de papéis com imagens coloridas pintadas no topo.

"O que é isso?"

Uma expressão depravada se manifestou no rosto de Brock enquanto ele virava as páginas.

Uma loira linda e peituda estampava a capa, usando apenas botas marrons, um chapéu de aba estranha e calcinha branca. Seus seios e mamilos estavam totalmente expostos enquanto ela os encarava com um sorriso sedutor.

As bochechas de Khalani ficaram vermelhas, sua boca formando um O. Brock continuou folheando as imagens obscenas, cada uma mais obscena que a anterior.

Adan rapidamente contornou-a, com os olhos brilhando.

“É isso que eu penso que é?”

Brock sorriu. "Pelo que eu sei, eles costumavam vender isso em todas as lojas do Grande Colapso." Quando ele mudou para uma imagem de duas mulheres em trajes bizarros jogando lama uma na outra, a expressão de Adan se transformou em puro espanto.

"Não entendo qual é o problema", Serene avançou, arrancando a revista das mãos de Brock. "Esses peitos nem são de verdade. Parecem balões de plástico."

"Com ciúmes?" Os olhos de Brock brilharam.

“Por que eu teria ciúmes de velhas vadias?”

"Seja legal, Serene", Winnie repreendeu enquanto Derek a ajudava a se sentar no chão de ladrilhos. "Mulheres apoiam, não envergonham."

" *Por favor,* não me olhe assim, Winnie", suspirou Serene. "Eles nem estão vivos!"

“E ainda devemos celebrá-los.”

“Concordo plenamente”, Adan sorriu.

Serene fez uma careta e enfiou a revista no peito de Brock com uma mão enquanto batia na nuca do irmão com a outra.

Khalani se viu ainda olhando para as fotos.

Ela normalmente não pensava no próprio corpo. Nunca tivera motivo para isso. Em Apolo, status dependia de riqueza, e ela estava na base da hierarquia. Mas, ao olhar para as mulheres, não pôde deixar de se comparar.

Khalani tinha um bumbum firme e seu corpo estava tonificado pela falta de calorias e pelos treinos extenuantes com Takeshi em Braderhelm. Mas seu peitoral não se comparava a isso e, a julgar pelas risadas e provocações nas expressões das mulheres, sua energia atraía as pessoas como o sol.

Khalani era sombria e deprimente. Como uma nuvem de chuva.

Ela nunca tinha visto uma nuvem de chuva, mas pelo que leu na biblioteca de Winnie, elas não traziam alegria. Traziam o frio, eram sombrias, choravam suas emoções e explodiam raios de raiva.

Essa descrição deveria ter o rosto dela grampeado ao lado.

"Quer dar uma olhada mais de perto?" Brock inclinou a cabeça com um olhar cúmplice, estendendo a revista para ela.

Isso tirou Khalani do seu estupor, e ela balançou a cabeça com fervor.

Ele riu baixinho, puxando os lençóis. "A julgar pelo rubor nas suas bochechas, acho que sim. Não precisa ter vergonha se isso te excita."

"Se o que a excita?"

O sangue desapareceu completamente do seu rosto, e ela fechou os olhos, esperando... *rezando* para que o tom grave fosse fruto da sua imaginação e que o homem a quem pertencia não estivesse parado logo atrás dela.

"Nada. Só uma leitura leve", Brock deu um sorriso irônico. Para seu desânimo, ele jogou a revista bem atrás dela.

Ela ousou olhar por cima do ombro e seu coração disparou quando viu Takeshi folheando o livro.

Sua expressão era impassível enquanto folheava as páginas finas. Alguns segundos se passaram enquanto ela esperava que ele tivesse uma reação semelhante à de Adan, mas Takeshi parecia *entediado* , como se estivesse folheando um artigo de pesquisa banal detalhando a composição química do calcário.

"Você tem um favorito, Kanes?" O olhar de Takeshi se voltou para ela.

"Um favorito o quê?"

"Foto."

Alguém a mate.

"Ou posição. Tem uns bons aqui", Brock interrompeu com um sorriso irônico. Takeshi voltou a atenção para ele.

A brutalidade inerente em seu olhar faria até o homem mais forte se encolher, mas Takeshi permaneceu em silêncio, claramente querendo ouvir a resposta dela mais do que arrancar a pele de Brock.

Ela olhou para o buraco no teto, calculando o quão rápido ela desapareceria por ele.

"E então?", Brock cutucou.

“Não tenho nenhum favorito”, ela disse rapidamente.

"Tem certeza? Tem uma interessante aqui na página sessenta e nove que tenho certeza que você—"

"Diga mais uma palavra, Brock, e eu atiro entre suas pernas", ela interrompeu com um olhar severo, totalmente preparada para pegar sua arma e prosseguir.

Brock riu baixinho, mas Takeshi voltou a atenção para ele. "Pergunte de novo, Death-Zoner. Estou ansioso pela próxima parte."

A escuridão tangível em sua voz era perturbadora. Brock ficou em silêncio por um momento, e todos ficaram tensos, preparando-se para uma briga...

Mas Brock apenas riu.

"Achei que *você*, mais do que ninguém, estaria morrendo por essa resposta, Steele. Mas acho que seria mais divertido ver você se afundar e se queimar. E não posso deixar que ela me prive do meu maior bem."

“Altamente duvidoso”, respondeu Serene.

Brock deu um sorriso irônico e recuou, caminhando casualmente para outro canto da loja como se não estivesse a um passo de ter sua língua arrancada.

Os músculos de Khalani relaxaram um pouco, mas a tensão persistia com Takeshi a poucos centímetros de distância. O calor que emanava dele era como estar ao lado de uma fogueira cuidadosamente controlada — uma que te atraía antes de te queimar até virar cinzas.

“Você tem um favorito?” Adan perguntou a Takeshi.

Khalani olhou para cima, um pouco ansiosa demais para ouvir a resposta.

Para fins acadêmicos.

Takeshi zombou, devolvendo a revista a Adan. “Eles estão “Não é meu tipo”, disse ele no tom mais indiferente conhecido pelo homem.

"Sério?", Adan ficou boquiaberto. "Você é gay ou algo assim?"

Khalani engasgou ao respirar novamente, batendo desajeitadamente no peito.

"Não que nos importemos." Adan rapidamente levantou as mãos diante do silêncio pesado. "Seja lá qual for a batida que você está tocando, não é, Derek?"

"Por favor, pare de falar", Derek disse do canto.

Ela não ousou olhar para ele. Khalani temeu que a resposta estivesse estampada em seu rosto.

"Não, não estou", Takeshi respondeu secamente. "Tem alguma outra pergunta trivial ou podemos ir embora?"

"N-não. Quer dizer, sim. Podemos ir embora." As bochechas de Adan coraram.

Takeshi imediatamente avançou, cobrindo a distância até a saída em apenas alguns passos longos, deixando o resto para trás.

“Muito bem, Adan”, murmurou Serene.

Adan deu uma gargalhada. "O quê? Eu só estava tentando puxar assunto. Não esperava que ele parecesse querer me esfaquear."

"Não acho que você seja o alvo que ele está tentando atingir." Brock surgiu do outro lado da esquina, ajustando as alças da mochila. Khalani soltou um suspiro áspero, sentindo que o comentário malicioso era direcionado diretamente a ela.

O que eles não sabiam era que a única coisa que Takeshi gostava de irritar era seu nervosismo.

Enquanto os outros se apressavam para juntar suas coisas, Adan discretamente colocou a revista em sua mochila.

“Tem certeza de que isso é essencial?” Khalani ergueu uma sobrancelha.

Adan deu um sorriso irônico e se inclinou. "A menos que você planeje tirar a roupa no caminho para que eu não tenha que ficar olhando para a bunda do Brock em busca de inspiração, com certeza é."

"E a minha bunda?", Brock retrucou, olhando feio para eles.

“Nada”, responderam eles ao mesmo tempo.

4

Dúvidas significam descrença em si mesmo.

Khalani lambeu os lábios rachados e queimados de sol. Ela havia bebido o resto da água morna horas antes, e seu cantil estava tão vazio quanto o deserto por onde caminhavam.

Miragens de água corrente se espalhavam pelo concreto, torturando a mente de Khalani enquanto seus pés se arrastavam sem pensar, cada passo mais relutante que o anterior.

O ritmo constante de Brock acelerou, insistindo que um poço de água da Zona da Morte estava próximo e pedindo a todos que se movessem mais rápido.

Ela tentou o seu melhor para acompanhar, mas talvez não fosse tão ruim se ela simplesmente se deitasse na estrada...

"Vamos, Khalani", Derek insistiu, pressionando a mão nas costas dela, mantendo-a ereta. "Estamos quase lá."

Ela piscou várias vezes, tentando clarear sua visão embaçada.

Ninguém falou. A energia lúdica havia desaparecido.

Tudo o que restou foi a respiração ofegante e o som de botas pesadas batendo no chão.

Ela olhou para a direita. Takeshi segurava a cintura de Winnie com seu braço forte, suportando a maior parte do seu peso. Enquanto caminhavam, o rosto de Winnie estava anormalmente pálido, e seus pés se arrastavam como se uma bola pesada estivesse presa aos seus tornozelos.

Quando Khalani percebeu que não estava mais suando, mesmo com o sol brilhando em sua nuca, uma apreensão terrível a invadiu.

"Ali", disse Brock, interrompendo o silêncio tenso. Os joelhos dela quase cederam quando ele apontou para a frente. Ela examinou o horizonte em busca do belo poço — a única esperança de sobrevivência na Zona da Morte.

Mas não havia nada além da estrada árida, penhascos marrons e irregulares e extensões infinitas de areia.

"Brock, onde fica o poço?" Khalani resmungou, com a voz rouca.

Brock ignorou a pergunta e disparou em direção a um fino galho verde que se projetava da areia. Ajoelhou-se, examinando o chão atentamente enquanto murmurava baixinho.

"Se o seu plano é que a gente coma areia agora, eu definitivamente vou te matar", Serene bufou com as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego.

"Cale a boca", Brock rosnou, cavando freneticamente na areia.

Khalani cambaleou, suas pálpebras começaram a fechar quando Brock gritou de repente: "Eu encontrei!"

Ele descobriu uma escotilha bege enterrada sob a areia. Um conjunto de números estava discretamente gravado na superfície e, sem hesitar, Brock digitou um código de dez dígitos.

Com um estalo satisfatório, a tampa se abriu, revelando um buraco escuro no chão e uma longa corda levando até suas profundezas negras.

Ela cambaleou cautelosamente para a frente enquanto Brock começava a puxar a corda, rangendo os dentes enquanto seus antebraços se flexionavam. Os membros de Khalani tremeram, prontos para ceder, mas assim que Brock tirou um grande balde cheio de água do buraco, todos se lançaram para a frente, a sede terrível os arranhando como feras vorazes.

"Bebam devagar", instruiu Brock enquanto enchia cada um dos cantis. Ele abaixou o balde de volta para o buraco e o encheu continuamente.

A água estava morna, mas ela não se importou.

A água poderia estar cheia de areia grossa e cheia de insetos, e Khalani a teria engolido sem hesitar.

Era a melhor coisa que ela já tinha provado e, enquanto olhava para o buraco fundo entre os goles, sentiu uma perigosa tentação de mergulhar e lavar seus problemas com ele.

"Quem construiu isso? De onde vem a água?", perguntou Adan, espirrando um líquido precioso no rosto.

"Quando Apollo e Hermes foram construídos, eles construíram esses poços na Zona da Morte para o comércio de suprimentos. São cerca de sete no total. Essas bombas vão fundo no subsolo, conectadas a um grande rio perto de Hermes. Colod ou Colorda... não me lembro do nome." Brock deu de ombros, tomando um gole enorme de seu cantil.

"Eles não estavam preocupados com a contaminação da água?" Derek franziu a testa, olhando para sua xícara com cautela.

"Claro." Brock limpou os lábios. "Mas os trajes de radiação da Zona da Morte foram projetados com filtros especiais para purificar a água."

Ela sentiu uma mudança no ar.

Nenhum deles usava trajes de proteção contra radiação.

Se a água estivesse realmente contaminada, todos eles teriam acabado de beber sua sentença de morte.

Mas os lábios de Brock se estreitaram e, desafiadoramente, ele tomou outro gole. "Já que ainda estamos todos vivos, sem sinais de doença causada pela radiação, vou me arriscar na água."

Ninguém discutiu isso.

Somente quando a náusea lhe queimava a garganta por beber rápido demais, Khalani pousou o cantil e deitou-se na areia. Seu coração desacelerou, seus músculos relaxaram e a energia gradualmente retornou aos seus membros.

Ela levou o braço ao rosto, cobrindo os olhos. Depois de um instante, Khalani moveu o antebraço, ousando espiar o sol... apenas para ficar cega.

A dor não a impediu de tentar novamente e novamente.

Passar a vida inteira sem ver o sol, só para vê-lo flutuando bem acima dela e *ainda assim* não conseguir olhar diretamente para ele, era irritante.

Somente quando sua visão ficou cheia de pontos brancos e ela temeu ficar cega, Khalani finalmente desistiu.

"Tudo bem", disse Brock meia hora depois. "Temos bastante água, e vocês todos tiveram a chance de descansar. Vamos."

***

O braço suado de Khalani tremia enquanto ela segurava as costas frágeis de Winnie. Quilômetro após quilômetro, eles caminharam, cercados por vestígios de carros quebrados, prédios em ruínas e placas arrancadas.

Ela imaginou como a estrada apocalíptica deveria ter sido antes do Grande Colapso.

Winnie contou suas histórias de prédios de metal que se estendiam até as nuvens. Pessoas se movendo sem parar na esperança de não ficarem para trás, porque mudanças aconteciam todos os dias, e se você parasse por um momento para respirar, o mundo passaria voando.

Em um momento, uma vida promissora pode estar em suas mãos e, no momento seguinte, tudo pode murchar, como areia esquecida escorrendo por entre seus dedos.

E se a jornada deles terminasse da mesma maneira perigosa que a de seus ancestrais?

"Você está bem, querida?", perguntou Winnie, seu olhar caloroso deslizando para Khalani.

"Sim", ela respondeu distraidamente, olhando para as pegadas que Brock deixou na areia.

"Tem certeza?"

"Estou bem."

Winnie inclinou a cabeça, franzindo a testa diante do tom brusco de Khalani. "Você sabe que pode contar a verdade para a Winnie, certo?"

Khalani respirou fundo, a culpa a dominando por ter gritado com a pessoa que mais amava. "Desculpe, Winnie. Só estou preocupada. E se chegarmos a Hermes e o homem do walkie-talkie não nos encontrar? Ou se ficarmos presos na superfície? E se ter ido embora tenha sido um erro?" As palavras saíram precipitadas, seu coração acelerando a cada possibilidade terrível que lhe assaltava a mente.

O sucesso nunca foi garantido. Na verdade, a derrota parecia cada vez mais provável. Mas, desta vez, não era apenas a sua vida que estava em jogo. Khalani conseguiu convencer seis pessoas a escapar de Apollo com ela.

Se algo desse errado, a morte deles cairia aos pés dela.

"Não foi um erro. Graças a você, descobrimos a verdade sobre a superfície. Não é linda?" Winnie olhou ao redor, com os olhos arregalados, como se um caleidoscópio de cores brilhantes e efervescentes riscasse o deserto arenoso.

Khalani ergueu o olhar. Poeira flutuava no ar e, ao longe, vários prédios estavam desabados no chão, completamente abandonados no deserto.

"Essa não é a palavra que eu usaria", ela respondeu.

“Você não consegue ouvir a grama?”

“Que grama, Winnie?”

Winnie levantou o dedo trêmula e apontou para a frente. "Bem ali, Khalani.

Você não ouve a grama macia assobiando ao vento? Não vê os carvalhos e as árvores perenes ao nosso redor?"

Khalani franziu a testa, examinando as pilhas de ruínas ao redor. "Não vejo nada, Winnie."

" *Tente* , Khalani. Visualize com os olhos da sua mente, como você costumava dizer à Winnie em Braderhelm. Lembra? Imagine só."

Sua boca se abriu. Na prisão, ela olhava para o teto de sua cela à noite, absorvendo histórias da superfície do antigo Winnie. livros. Ela imaginou plantas se estendendo sobre a pedra, o sol e a lua aparecendo por cima das rachaduras, as ondas do mar quebrando contra as rochas.

Ela nunca havia testemunhado atos tão inspiradores antes. Mas sua mente se expandiu e manifestou as imagens, como se as memórias daqueles que a antecederam residissem em seu sangue.

Mas desde que ela descobriu que o Governador não passava de uma máquina, essas imagens desapareceram.

Como se a *verdade* tivesse obliterado tudo em sua mente e não restasse nada além de ódio mortal. Fervilhava sob sua pele, forçando perguntas perigosas a consumi-la.

O Governador falava com ela com tanta frequência em Apolo porque encontrava um reflexo de si mesmo?

Ela era tão parecida assim?

Isso… desumano?

"Não consigo mais ver nada, Winnie. Tentei todas as noites, mas só vejo preto." Seu queixo tremia. "E se houver algo errado comigo?"

“Não há *nada* de errado com você.”

Ela balançou a cabeça, com a garganta apertada. "Em Apolo, o Governador queria ficar perto de mim. Ele me olhou como se reconhecesse algo parecido." Khalani fez uma pausa, e os pensamentos que ela tentava afastar vieram à tona com força total. "E se eu for igual a ele?"

Winnie parou bruscamente, e Khalani correu para falar enquanto ainda tinha coragem. "Corto minha mão todas as noites. Ela sangra — do mesmo vermelho que a de todo mundo. Mas não *sinto* nada. Nenhuma dor. Apenas um estranho distanciamento. Como se eu estivesse aqui fisicamente, mas não realmente *aqui* ", enfatizou ela, com os olhos começando a lacrimejar.

"Pare. Olhe para Winnie." Winnie a encarou, e Khalani nadou no marrom quente da terra. "Você não é seus medos. Entendeu?"

Uma lágrima solitária escorreu pela sua bochecha.

"Khalani." Winnie levou a mão fria ao rosto. "Mesmo aqueles que sentem mais podem se sentir vazios. Quer saber o que significa estar vivo? Não é perfeição. Não é estar bem o tempo todo. É ter medos. Sentir que não é bom o suficiente. Tentar ser melhor todos os dias. Suas lágrimas refletem o quão lindamente imperfeita você é. O que poderia ser mais humano do que isso?"

Suas lágrimas deslizaram pelos dedos de Winnie. Como gotas de esperança em um deserto vazio.

“Por favor, nunca me deixe”, ela sussurrou.

“Winnie está aqui”, Winnie tocou o centro do peito, “para o resto da existência”.

Khalani a abraçou com mais força, e ela imaginou que estavam de volta à biblioteca de Braderhelm, cercadas por histórias que faziam seu coração saltar do peito. As preocupações em sua mente diminuíram e seus pensamentos se aquietaram pela primeira vez em semanas.

De repente, braços finos os envolveram como um canhão, e a voz abafada de Serene soou. "Eu quero participar dessa poça de sentimentos."

Khalani conteve uma risada quando Derek entrou na briga e os abraçou, apertando-os com mais força. "Não faço ideia do que está acontecendo. Só estou aqui para dar apoio emocional."

"O que vocês estão fazendo?" Adan parou, olhando para todos como se finalmente tivessem perdido o juízo.

"Não faça perguntas", brincou Serene. "Só venha aqui."

Khalani não queria pensar em como eles pareciam, abraçados como ursos no meio daquela estrada apocalíptica.

Ela não se importou.

Ela costumava pensar que amigos eram pessoas com quem você se sentia confortável.

Mas ela acreditava que os amigos eram aqueles que silenciavam suas dúvidas.

"O que está acontecendo? Por que diabos vocês estão todos se abraçando como um bando de bichinhos de pelúcia?", gritou Brock.

“Falou como alguém que nunca teve um brinquedo”, retrucou Serene.

"Este não é o momento nem o lugar. Parem de se *tocar* e comecem a andar."

"Vamos dar uma pequena pausa", disse Winnie, com uma firmeza na voz que nunca ouvira antes, enquanto se soltavam. Ela deu um tapinha na bochecha de Khalani e sorriu, deixando-a saber que tudo ficaria bem. Melhor do que bem.

"De jeito nenhum", rosnou Brock. "Continuamos andando."

“ *Não* . Estamos fazendo uma pausa.” Winnie ousou desafiá-lo.

Brock abriu a boca para argumentar, mas uma voz mais forte ecoou pelo deserto.

"Você ouviu, Death-Zoner. Eles precisam de um descanso", ordenou Takeshi.

Brock olhou feio para o firme Capitão, um músculo se contraindo sob seu olho, mas ele finalmente levantou as mãos e foi embora, resmungando baixinho sobre mulheres teimosas.

Khalani soltou um suspiro profundo, ainda fungando, enquanto colocava sua mochila pesada no chão arenoso ao lado das outras. Esticando os braços para trás, ela ergueu a cabeça em direção ao sol.

Ela fechou os olhos, aproveitando a brisa que passava por ela, algo que ela nunca havia realmente experimentado no subsolo.

Khalani encontrou afinidade com o vento. Ela também queria estar em todos os lugares.

Invisível. Significativo.

Um olhar pesado percorreu sua pele e arrepios percorreram seus braços. Ela não precisou olhar para adivinhar quem estava estudando a rachaduras em sua armadura cuidadosamente cultivada. Ela prontamente enxugou o nariz, tentando esconder a evidência das lágrimas.

“Você deveria sentar se não estiver se sentindo bem.”

Ela se assustou e percebeu que Takeshi estava bem ao seu lado. Seu corpo

grande bloqueava o sol da tarde, lançando uma sombra escura sobre ela.

Ela deu um passo para trás, mantendo a maior distância possível. "Estou bem."

“Por que você está chorando, então?”

“Tem areia no meu olho.”

“Ainda adora mentir, né?”

Ela bufou, lançando-lhe um olhar cruel.

As palavras cortantes de Takeshi do outro dia voltaram para assombrá-la e envergonhá-la, acendendo uma chama em seu humor já volátil.

“Você não tem coisas melhores para fazer do que me perseguir?”

Ele olhou para a estrada deserta. "Na verdade, não."

"Está vendo aquela colina ali? Provavelmente não é vista com tanta atenção há algum tempo."

"Você ainda está bravo", ele apontou, inclinando a cabeça.

“Uau. Ótima capacidade de observação.”

“Se você se recusa a descansar, por que não faz algo sobre sua raiva então?”

"Se for algo que faça você desaparecer, estou toda ouvidos." Ela endireitou o corpo para encará-lo, cruzando os braços e imitando sua postura.

"Lute comigo, e não falarei com você pelo resto do caminho até Hermes." Sua voz profunda foi levada pelo vento, causando arrepios na espinha dela.

Ela engoliu em seco, sentindo como se estivesse caindo em uma armadilha cuidadosamente preparada.

"Por quê? Na nossa última conversa, você concordou que tudo entre nós estava acabado."

“Isso foi antes de você me dar um soco.”

“Você mereceu!”

"E sua mira era péssima", acrescentou Takeshi, ignorando o comentário. "A força estava lá, mas sua técnica era, na melhor das hipóteses, medíocre. Você já se esqueceu de tudo o que eu te ensinei."

Ela rangeu os dentes. "Eu sei o que você está fazendo."

"Você?" Ele inclinou a cabeça.

"Você está me incitando a lutar porque, por algum motivo doentio, gosta de me ver sofrer. Notícia de última hora. Não vai funcionar desta vez." Ela se endireitou, erguendo o queixo para que seus rostos ficassem a poucos centímetros de distância.

O olhar dele desceu, estudando cada mudança sutil na expressão dela.

E *a decepção* brilhou em seus olhos.

"Interessante. Nunca pensei que você fosse o único a recuar diante de um desafio."

Ele se virou abruptamente, deixando-a para trás como uma reflexão tardia e insignificante. Um fogo começou nos dedos dos pés dela, subindo até os tornozelos, passando pelas pernas, aquecendo sua barriga e injetando direto em seu coração.

"Já que você mencionou." Ela caminhou em sua direção, e Takeshi parou, olhando por cima do ombro. "Te dar outro soco parece uma ideia *fantástica* ."

O lábio superior de Takeshi se contraiu, uma emoção indecifrável percorreu seus olhos antes que sua expressão endurecesse rapidamente, e ele continuou

marchando para longe. Sem dizer uma palavra, ela o seguiu.

Ela franziu as sobrancelhas quando ele parou a poucos metros dos outros.

Winnie, Serene, Derek e Adan estavam sentados em um pedaço de areia fofa ao lado da rodovia deserta. Brock estava empoleirado no capô de um carro preto próximo, com um pé dobrado e plantado ao lado do corpo, o outro estendido para a frente enquanto verificava a munição da pistola.

"Está pronto, Kanes?", perguntou Takeshi. "Você parece distraído."

"Estamos fazendo isso aqui? Na frente de todo mundo?" O pulso de Khalani acelerou ao sentir todos os olhares se concentrando neles.

“Se você não consegue praticar com uma plateia, não conseguirá lutar na vida real.”

Khalani queria gritar ao encará-lo de frente, mas talvez isso fosse bom. Ela tinha um barril de energia reprimida e, francamente, não existia saco de pancadas melhor.

"Vocês vão fazer sexo com raiva ou algo assim?", perguntou Serene com a voz entediada.

"NÃO!", exclamou ela, um pouco forte demais. "Eu preferiria me empalar em um pedaço de pau com espinhos.

Uma gargalhada soou à sua esquerda. "Parece que você está perdendo a luta, Capitão. É melhor tomar cuidado antes que alguém passe correndo por você", interrompeu Brock.

Khalani olhou feio para ele. Brock não gostava dela. Ele só gostava de incitar Takeshi. Como se quisesse ver quanto tempo levaria para uma bomba-relógio explodir.

A risada de Takeshi em resposta foi carregada de depravação. "Se você está tão confiante, Death-Zoner, pode lutar comigo. Mas não espere compaixão quando eu te deixar com menos membros."

Seus olhos se arregalaram quando Brock saltou do carro imediatamente, empunhando a arma. Takeshi se endireitou e calmamente tirou uma lâmina do bolso.

"Uau, uau." Khalani se colocou entre eles, estendendo as palmas das mãos. "Ninguém vai perder nenhum membro sob minha supervisão."

"Relaxa, Khalani." Brock sorriu. "Deixarei você ter a sua vez depois. Além disso, não vou matá-lo. Só um pouco de exercício saudável, certo?"

“Seu braço ainda não está machucado?” ela perguntou incrédula.

"Já lidei com coisas piores." Brock tirou a tipoia, jogando-a no chão. "Ele poderia usar a vantagem de qualquer maneira."

O corpo de Takeshi estava tenso como a corda de um arco, como se ele estivesse esperando pacientemente por este momento. Quando ele lambeu os lábios, o rosto dela empalideceu, genuinamente preocupada com a sobrevivência de seu único guia na superfície.

O medo dela só aumentou quando Brock anunciou: "Nada de armas", estendendo a pistola em sua direção.

"Para guardar." Ele piscou.

Uma fração de segundo depois, a lâmina afiada de Takeshi passou um centímetro além da orelha de Brock, cravando-se em um pneu de carro furado atrás deles.

“Acho que é uma ótima ideia.”

Takeshi jogou sua jaqueta preta na areia e arregaçou as mangas, revelando as veias salientes em seus antebraços.

Nossa!

Serene puxou o cotovelo de Khalani, fazendo-a recuar alguns metros. "Sente-se. Não vamos perder isso."

"Quem você pegou?" Derek perguntou.

“Estou pensando em Brock”, respondeu Adan ansiosamente.

"Não sei, cara. Ele é grande, mas o Steele tem aquele instinto matador."

Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas.

“Nomeie os limites.” Takeshi olhou para baixo, avaliando seu oponente.

Brock girou o pescoço. "Vamos até um de nós desistir. Acho que nem preciso dizer que não tenho permissão para te matar, por mais que eu gostasse de fazer isso."

"É uma pena", sussurrou Takeshi como um pesadelo ambulante. "Eu esperava que pudéssemos jogar com mais garra."

Brock sorriu, recuou alguns passos e ergueu os punhos na frente do rosto. "Pronto?"

Takeshi assentiu, mantendo seu corpo incrivelmente imóvel.

A constituição baixa e robusta de Brock contrastava com a estrutura alta e atlética de Takeshi, aprimorada por anos de treinamento rigoroso.

Todos congelaram, esperando o primeiro movimento.

Brock disparou para frente, mais rápido que uma bala, desferindo um golpe com o punho direito.

Takeshi se inclinou para trás, mas Brock fintou e desferiu um soco direto em suas costelas. Takeshi deu um tapa no braço e acertou Brock no queixo.

O impacto fez todo mundo estremecer.

Brock se recuperou e chutou o joelho de Takeshi. Takeshi cambaleou, mas acertou o queixo de Brock com o cotovelo. Brock jogou a cabeça para trás, e Takeshi o seguiu com um golpe poderoso no peito.

Khalani percebeu o quanto ele havia se contido nas brigas. Comparado a isso, Takeshi a tratava como se ela fosse feita de vidro.

Brock recuperou o equilíbrio e agarrou o cotovelo de Takeshi, jogando-o por cima do ombro. No mesmo instante, Takeshi agarrou seu pescoço, levando Brock ao chão junto com ele.

Eles lutaram ferozmente até que Brock ganhou a vantagem e acertou um soco certeiro na bochecha. O corpo dela ficou tenso, mas Takeshi *sorriu* e acertou Brock na garganta. Brock se lançou para cima, e foi então que Takeshi se ergueu e desferiu outro soco.

Mas Brock de alguma forma conseguiu bloqueá-lo e bateu sua testa contra a de Takeshi.

Takeshi rangeu os dentes e se colocou sob Brock, prendendo-o em um mata-leão.

“Pare!” Derek gritou de repente.

Sem hesitar, Takeshi soltou Brock, e todos se viraram para Derek, confusos.

"Que diabos é isso?" Derek apontou para a direita.

Eles se viraram em uníssono.

Ao longe, uma enorme muralha de areia avançava em sua direção. Não tinha fim à vista e se estendia até o céu.

Todos prenderam a respiração quando um vento mais forte jogou areia nas bochechas de Khalani.

A tempestade se aproximava, avançando em direção a eles com uma velocidade que ela não imaginava ser possível.

Brock se levantou e, pela primeira vez, o medo verdadeiro refletiu em seus olhos.

"Correr!"

5

Eles viveram juntos e morreram da mesma maneira.

Os pés de Khalani cravavam-se no chão com toda a sua força enquanto seus tênis pretos gastos levantavam areia atrás dela.

Eles correram pelo deserto como se a própria morte estivesse em seus calcanhares.

A tempestade de areia continuou, aproximando-se cada vez mais.

Ao lado dela, Winnie bufava de dor. Seus lábios se contorciam enquanto seu ombro ferido era empurrado repetidamente, mas eles não podiam se dar ao luxo de parar.

Qualquer pausa significava morte.

Khalani olhou de relance para trás, e a tempestade que se aproximava pareceu engolir toda a paisagem, cobrindo quilômetros em segundos.

"Rápido!", gritou a voz estrondosa de Brock. "Para dentro daquele prédio!", apontou para uma estrutura de alguns andares, a pelo menos 800 metros de distância.

"Vamos, Winnie", Khalani a incentivou, puxando-a com mais força enquanto o vento soprava em suas roupas, ardendo em seus olhos, atingindo-os como uma barragem.

"Não posso, Khalani", gemeu Winnie, com os passos vacilantes.

"Sim, você pode." Os antebraços de Khalani queimavam enquanto ela envolvia Winnie com um braço, esforçando-se para suportar seu peso.

De repente, Winnie gritou e caiu na areia, seu A boca se abriu enquanto ela agarrava o tornozelo. Khalani deslizou freneticamente os braços sob as axilas de Winnie, usando toda a sua força para levantá-la.

“Levante-se, Winnie!”

Uma névoa sombria caiu sobre eles enquanto a areia que subia bloqueava o sol. Ela ousou olhar para trás e seu coração parou. A tempestade colossal se aproximava a cada segundo.

Os braços de Khalani tremiam enquanto ela lutava para levantar Winnie, mas suas próprias pernas cederam.

"Saia, Khalani", implorou Winnie enquanto eles ficavam cada vez mais para trás do grupo. "Winnie não consegue mais correr."

"Nem pensar que vou te deixar", sussurrou ela com ferocidade no ouvido de Winnie. Ela a arrastaria pelo deserto inteiro se fosse preciso.

Seu peito arfava e Khalani gritou, usando toda a sua força para apoiar Winnie contra seu corpo.

A areia rodopiava ao redor deles, ganhando força. Ela estremeceu quando as

partículas ásperas arranharam seu rosto, mas continuou a empurrar o corpo de Winnie pela areia, centímetro por centímetro, agonizando.

“Khalani!” A voz de Serene atravessou os ventos uivantes.

Ela virou a cabeça, boquiaberta, enquanto os outros abandonavam a corrida em direção ao abrigo e corriam de volta para eles.

Takeshi foi o mais rápido.

Ele correu pela areia como se tivesse nascido correndo pelas dunas, alcançando-as em menos de um minuto. Sem dizer uma palavra, ergueu Winnie sem esforço nos braços antes de lançar seu olhar mortal para ela.

"Eu a peguei, Kanes. Vai!"

Uma determinação violenta surgiu nas profundezas negras de seus olhos, e Khalani hesitou apenas por um breve momento antes de concordar.

Não importava a amargura que os separava, Takeshi era o mais forte ali. A única chance de sobrevivência de Winnie estava com ele.

“Vamos, Khalani!” Serene dançava sobre os calcanhares, esperando por ela.

"Anda logo, duende!", a voz de Brock trovejou enquanto ele avançava em direção a Serene, com a expressão contorcida de raiva.

Ignorando Brock, Serene estendeu a mão. As coxas de Khalani queimavam e uma cãibra aguda perfurou seu flanco, mas ela empurrou as pernas, esforçando-se para alcançá-las. Quando finalmente as alcançou, Brock praticamente arrastou Serene para frente.

Derek e Adan correram vários metros à frente, mas ela rapidamente os perdia de vista enquanto um redemoinho de areia os envolvia. Ela espiou por cima do ombro esquerdo, e a tempestade monumental estava quase sobre eles.

“Não olhe.” Takeshi apareceu à sua direita.

Mesmo com todo o peso de Winnie em seus braços, ele manteve o ritmo ao lado dela.

Tudo doía.

A mochila pesada batendo contra suas costas. Suas panturrilhas gritando por alívio enquanto ela caminhava pela areia espessa que parecia lama.

Mas através da névoa empoeirada, um edifício cinza e desgastado surgiu mais perto.

Serene hesitou, mas Brock manteve a mão firme em sua mochila, empurrando-a implacavelmente para a frente. Adan e Derek foram os primeiros a chegar ao prédio. Eles seguraram a porta aberta, acenando freneticamente.

"Depressa!" Ela pensou ter ouvido Derek gritar.

O peito de Khalani latejava enquanto ela tentava correr mais rápido, mas o vento forte fustigava seu corpo frágil e areia a atingia de todas as direções.

Por toda a pele dela.

O cabelo dela.

Seus olhos ardendo.

Sua visão era um mar de nada, mal conseguindo distinguir as próprias mãos à sua frente. Khalani abriu a boca para gritar, mas areia seca escorreu para o fundo da garganta e ela engasgou.

Seu corpo inteiro ficou dormente, e ela se esforçou para conseguir um pingo de oxigênio. Ela acenou com a mão na frente do corpo, movendo-se cegamente em direção ao prédio.

Ou foi o contrário?

As partículas pesadas a atingiram como vidro quebrado, e ela caiu de joelhos, perdendo todo o senso de direção.

Não. Não. Não.

Não era assim que ela deveria morrer.

Lutar. Ela precisava continuar lutando.

Khalani cerrou os dentes e rastejou para frente, como uma barata se recusando a morrer.

Mas a tempestade violenta a pressionava, como se a própria Terra estivesse rejeitando sua presença.

Grãos de areia ardiam em sua pele e enchiam sua garganta. O vento uivante gritava em seus ouvidos como um protesto ensurdecedor por tudo o que haviam tirado.

Talvez o Governador estivesse certo.

Talvez eles nunca tivessem pretendido retornar à superfície.

Khalani fechou os olhos enquanto a Terra a envolvia, sufocando-a em seu abraço final.

De repente, uma mão forte agarrou seu braço, puxando-a para se levantar e puxando-a na direção oposta. Ela cambaleou, sem saber de quem era o aperto firme que a prendia na correnteza.

Cada passo era cheio de agonia, mas sempre que ela diminuía o ritmo, a mão firme a puxava para mais perto com força.

As pernas de Khalani estavam à beira do colapso antes que ela fosse repentinamente puxada por uma porta aberta.

A porta bateu atrás dela, e ela caiu de quatro no chão de ladrilhos brancos. Ofegante, vomitou no chão, expelindo areia, comida e água. Baba. escorreu pelos cantos de sua boca, lágrimas embaçando sua visão, enquanto uma mão menor começou a esfregar suas costas com tapinhas reconfortantes.

"Certifique-se de que ela diga tudo", ordenou Takeshi de longe.

"Eu a peguei", respondeu Derek, afastando os cabelos castanhos e emaranhados do rosto. "Continue. Estou aqui."

Ela choramingava incoerentemente, incapaz de falar. Quando finalmente conseguiu respirar fundo, Khalani teve certeza de que havia expelido todo o conteúdo do estômago.

Ela olhou para a bagunça no chão, tentando controlar a respiração ofegante. Um farfalhar chamou sua atenção, e ela levantou a cabeça.

Brock tirou um bastão solar da mochila, lançando um brilho suave e amarelo ao redor deles. A sala em que estavam tinha pequenas carteiras de madeira empilhadas contra a parede oposta. Uma camada de poeira pairava sobre o espaço vazio.

Ela estremeceu quando uma forte rajada de vento atingiu o prédio, e as mesas bege chocalharam como uma sinfonia ecoante.

Serene tossiu pesadamente e se curvou com as mãos nos joelhos enquanto Adan a examinava em busca de ferimentos. Brock ficou parado no canto, lançando olhares furtivos para eles.

Takeshi ajoelhou-se ao lado de Winnie, que estava encostada em um pilar, amarrando um pedaço de pano em volta do tornozelo machucado. Sua testa

franziu quando Winnie sibilou de dor, mas uma firme determinação se instalou em seu maxilar enquanto ele apertava o nó.

Khalani lambeu os lábios secos, a dor áspera em sua garganta gritando para ela, e Derek empurrou uma cantil de água em seu peito.

“Beba isso.”

Ela quase gemeu quando o líquido frio cobriu seus lábios e língua, descendo pela garganta ressecada. Ela ofegou em busca de ar depois de engolir a água, colocando a mão trêmula no peito. Um pulso irregular batia sob sua mão a cada expiração.

“Achei que quase tínhamos perdido você.” A expressão de Derek era assombrado enquanto ele a observava.

Ela se recostou, passando a palma trêmula pelos cabelos. "Por um segundo, eu também. Obrigada por voltar por mim."

“Não fui eu quem te salvou.”

Ela seguiu o olhar tenso dele até Takeshi e congelou em descrença.

A força bruta que seria necessária para que apenas um homem arrastasse uma pessoa através daquela tempestade de areia era imensa... mas segurar alguém com um braço enquanto a arrastava com o outro era impressionante.

Takeshi falou suavemente com Winnie, o carinho e o cuidado em seus olhos eram o oposto de como ele olhava para Khalani.

Sempre que Takeshi a olhava, sua pele queimava como uma marca. Seus olhos negros revelavam indiferença, frieza ou uma emoção inexplicável que a fazia olhar duas vezes.

O peito de Khalani parecia estar chegando ao fundo quando a verdade impensável surgiu diante dela.

Takeshi a salvou.

Ele se virou para ela sem hesitar, arriscando a própria vida no processo. Por quê?

Talvez fosse por despeito. Para fazê-la sofrer um pouco mais pela vida.

Essa linha de raciocínio a deixou mais confortável.

Quando terminou de enfaixar o tornozelo de Winnie, Takeshi se levantou e marchou em direção a Brock. Suas pernas longas ocupavam o espaço, e os dois homens conversavam em sussurros acalorados, exibindo pequenos cortes nos lábios e nas bochechas da briga anterior.

Ela foi repentinamente derrubada quando uma pequena figura colidiu com ela.

“Não ouse chegar tão perto da morte novamente”, exclamou Serene.

Khalani envolveu seus braços em volta dela, apertando-a ao mesmo tempo firmemente, um leve tremor percorrendo seus membros.

Serene quase morreu virando-se para ela. Todos morreram. Ela queria gritar e estrangulá-la, mas Khalani apenas inclinou a cabeça na curva do pescoço de Serene, o enorme nó em seu peito se expandindo, cobrindo cada canto de seu frágil coração.

Ela quase se esqueceu de como era ter pessoas se importando se ela vivia ou morria.

"Você está bem, Khalani?" Adan agachou-se ao lado dela, seus olhos preocupados fixos em seu rosto cor de areia.

"Eu sobreviverei", ela grasnou, embora outro aperto de Serene pudesse provar o contrário.

"Você não tem permissão para morrer sem mim", resmungou Serene, ainda segurando-a com força. "E morrer por causa da areia? Teria sido uma maneira lamentável de morrer."

“Não deixarei de lembrar disso na próxima vez.”

Depois de um minuto, Serene finalmente afrouxou o aperto, e Brock se desvencilhou de um Takeshi irado e caminhou na direção deles.

"A tempestade vai levar horas para passar. Vamos nos abrigar aqui durante a noite."

“Tem certeza de que este prédio é seguro?” Derek perguntou.

"Positivo."

Como se fosse um sinal, uma forte rajada de vento atingiu o prédio decrépito, e as paredes, de estabilidade duvidosa, tremeram. Poeira caiu enquanto o teto cinzento tremia acima deles. Todos lançaram olhares incrédulos para Brock, e ele ergueu as mãos.

“Se você quiser testar a sorte lá fora, fique à vontade.”

O vento uivou mais alto em resposta, e eles suspiraram em derrota.

"Ser arrasada por um prédio é a melhor opção?", brincou Khalani, sem graça, prendendo o cabelo cor de areia em um rabo de cavalo bagunçado. Os fios emaranhados pareciam abrigar um ninho de rato.

Serene olhou para cima, pensativa. "Morto por um objeto inanimado também é uma forma miserável de morrer. Pontos por respeito, porém, se nossos corpos ser esmagado como massa.”

"Você é realmente louco." Brock balançou a cabeça para Serene.

“Acho que esse é o primeiro elogio genuíno que você me faz.”

"Não era para ser assim."

“Melhor ainda.”

Khalani rapidamente entregou a Brock a arma que ele lhe dera antes da luta, deixando-os a sós. Ela caminhou até Winnie, que estava caída contra um pilar com as pernas cansadas esticadas.

"Você está bem, Winnie?" Ela se abaixou.

"Nunca estive melhor, querida", respondeu Winnie com um sorriso dolorido e tossiu no punho. Sua tosse rouca tinha um leve chiado e estava mais profunda do que antes.

"Beba." Uma mão grande prontamente empurrou uma cantina na frente do rosto de Winnie.

Seu olhar passou de Winnie para Takeshi, que estava sobre eles como um muro intransponível. Era difícil para Khalani engolir em seco com ele tão perto, sabendo o quanto ele havia arriscado salvá-la.

"Você não deveria desperdiçar água com Winnie, Kesh", Winnie advertiu com a voz fraca, acenando para dispensar o cantil.

Kesh?

"Você não pode esperar que eu desista tão facilmente, Win. Agora, beba sua água", Takeshi instruiu com firmeza, mas seus olhos eram suaves enquanto ele gentilmente colocava o cantil na mão dela.

Ganhar?

Por que isso pareceu um motim?

Winnie era *sua* amiga. *Sua* família. A família deveria odiar as pessoas que você odeia.

Ela mordeu o lábio inferior enquanto Winnie obedecia e bebia do cantil. Só então Takeshi assentiu e foi embora, pegando a arma da bolsa e verificando a munição.

Khalani pigarreou e se levantou, olhando de soslaio para o corpo imponente dele. O tecido preto apertava seu peito com força enquanto ele o segurava. a arma como se fosse algo natural.

Sem pensar, ela se aproximou dele. Mas as palavras "obrigada" ficaram presas em sua garganta quando ele voltou sua atenção para ela. O carinho que ele sentia por Winnie havia desaparecido.

Ele a examinou como se ela tivesse um espinho incessante em seu lado, um espinho que ele gostaria de arrancar e queimar.

“Posso te perguntar uma coisa?” ela finalmente perguntou.

Ele arqueou uma sobrancelha e fez sinal para que ela falasse.

"Por que você voltou para mim?"

“Você preferiria que eu te deixasse?”

Uma parte dela queria se encolher diante da ressonância profunda da voz dele. Mas ela estava cansada de correr e exausta demais para ser qualquer coisa além de honesta.

“Prefiro não ficar em dívida com você.”

"Por quê? Com medo de que eu fique com essa dívida para você?" Takeshi guardou a arma no bolso e encostou-se no pilar. Cruzou os braços, e uma mecha de cabelo preto caiu sobre seu olho.

"Claro." Ela levantou a cabeça. "Você é *você* . Você sempre quer estar no controle."

"Você está enganada." Seus olhos escuros percorreram a pele dela como uma faca cega. Estavam a apenas alguns metros de distância, mas o ar entre eles parecia magnetizado.

"Você se importa em explicar como?", ela perguntou, ficando mais ereta, tentando manter o controle da conversa.

"Não. Você vai perder o sono se eu contar."

"Duvido. Não me assusto facilmente."

Uma mentira que ela levaria para o túmulo.

"É mesmo?" Ele se inclinou para a frente, os olhos brilhando com um fogo indomável. "Então por que suas mãos estão suando e seu peso está se deslocando de um lado para o outro como se você estivesse prestes a sair correndo pelas mesmas portas pelas quais eu te arrastei?"

"Isso não é verdade." Ela estava mexendo os dedos agora, e Khalani imediatamente bateu as mãos ao lado do corpo. "Eu não venha aqui para lutar.”

“Então por que você realmente veio?”

Diga, Khalani.

Apenas diga e vá embora.

Mesmo que se odiassem, Takeshi arriscara a vida por ela. Duas simples palavras, e então ela poderia voltar a ignorá-lo alegremente, assim como ele fizera durante a maior parte da jornada.

Ela respirou fundo. "Vim agradecer."

Takeshi recuou como se ela o tivesse golpeado. Suas sobrancelhas se franziram, como se não soubesse como responder, mas rapidamente se recompôs e assentiu. "De nada."

“Mas eu ainda não gosto de você”, ela acrescentou, mais como um lembrete para si mesma

Ele bufou e revirou os olhos. "O sentimento é mútuo, Kanes."

Estranhamente, seu peito parecia mais leve.

Seu corpo também parecia mais relaxado. As rugas em sua testa se suavizaram e os ombros de Takeshi lentamente aliviaram a tensão acumulada.

Como se ambos encontrassem conforto em suas brincadeiras desdenhosas.

"Você deveria descansar um pouco." Ele a dispensou em voz baixa quando não se falaram por alguns segundos.

Apesar da declaração, seu olhar a atraiu como se ele quisesse algo mais.

Khalani hesitou, sentindo os pés grudados no chão. Mas assentiu, forçando-se a se virar e escapar, ouvindo seu cérebro pela primeira vez.

Os ventos fortes continuavam a fustigar o prédio, e Khalani se aconchegou com Serene e Winnie contra a parede, usando suas mochilas como travesseiros ásperos. Adan e Derek dormiam um de cada lado delas, enquanto Brock se posicionava perto da porta.

Takeshi estava no canto mais distante da sala, misturado às sombras, onde ele se sentia mais confortável.

De costas para Serene, ela continuou olhando para Winnie.

Ela percebeu que o apetite de Winnie estava diminuindo constantemente.

O olhar vidrado em seus olhos estava se tornando mais pronunciado, e sua voz ficava mais fraca a cada segundo.

Winnie não estava melhorando.

Ela estava piorando consideravelmente.

O pensamento fez seu estômago se contrair, e ela teve que controlar sua respiração repentinamente acelerada.

Khalani não dormiu naquela noite. Uma parte estranha dela ansiava por se aventurar na tempestade e deixar a areia cobrir seu corpo.

Não porque ela queria morrer.

Ela sentia falta de estar bem com a solidão.

6

Se tem uma coisa que os humanos adoram fazer,
é cometer o mesmo erro duas vezes.

Quando Khalani tinha seis anos, ela perguntou ao pai o que era chuva.

“Você aprendeu essa palavra na escola hoje?” ele perguntou, acendendo o abajur ao lado da cama dela.

“O Sr. Sanders falou sobre isso na aula de agricultura hoje. Ele disse que a água jorrava do céu para que todas as plantas e flores crescessem. É verdade, papai?”

"Isso mesmo, flor." Ele sorriu. "Tem uma torneira enorme no céu. Quando as flores estão tristes, alguém a abre. A chuva alegra as flores, e elas podem crescer grandes e fortes. Assim como você." Ele beliscou o nariz dela, brincando.

Sua testa enrugou-se e seus olhos se abaixaram.

"O que houve?" Ele franziu a testa.

"Quem me dera que chovesse aqui embaixo." Seu lábio inferior tremeu. "Isso significa que as flores não estão felizes."

Os lábios dele se curvaram num sorriso suave enquanto ele a enrolava nos lençóis. "Não se preocupe. Você vai ver chuva hoje à noite."

"Como?"

"Aqui dentro." Ele deu um tapinha na testa dela. "Sua mente é tão criativa e poderosa que tudo o que você precisa fazer é imaginar qualquer lugar do mundo para onde queira ir, e quando você dormir à noite, seus sonhos a levarão até lá."

"Realmente?"

"Sim." Ele beijou a testa dela. "Descanse um pouco, minha pequena sonhadora."

Quando ele se virou para sair, ela o interrompeu com uma última pergunta.

“Papai, será que algum dia voltaremos à superfície?”

Ele olhou por cima do ombro, seu sorriso vacilando, como se soubesse que as próximas palavras que sairiam de sua boca seriam uma mentira, mas ele queria dar esperança a ela.

Esperança era tudo o que restava.

“Sim. Um dia.”

Os olhos de Khalani se abriram, o calor dos olhos de seu pai desapareceu enquanto ela era empurrada de volta para o prédio frio e abandonado na superfície.

Ela raramente sonhava com seus pais.

A lembrança era mesmo real?

Esfregando os cantos dos olhos crostosos, ela se sentou. Roncos suaves ecoavam de Adan, esparramado à sua esquerda. Todos ainda dormiam profundamente.

Ela ficou em silêncio, esticando os braços e ignorando a tensão interminável em seu pescoço.

Todas as manhãs, seus músculos doloridos pareciam sussurrar:

"Saboreie este momento, porque daqui para frente é só ladeira abaixo."

Ela caminhou na ponta dos pés em torno dos corpos adormecidos. O vento uivante havia cessado seu ataque contra o prédio, e ela passou pelas janelas barricadas.

Raios de sol se filtravam pelo espaço empoeirado enquanto ela se aproximava das mesas empilhadas contra a parede. Seu nariz se enrugou ao sentir o cheiro de madeira mofada e metal enferrujado no ar.

O papel de parede chamou sua atenção — um rosa desbotado, coberto de animais estranhos. Perto dali, uma placa colorida e esfarrapada estava parcialmente pendurado, com os dizeres "CLASSE DE 2040", e logo abaixo havia um quadro negro empoeirado exibindo o alfabeto.

Seus olhos se arregalaram em compreensão.

Esta costumava ser uma escola desde o Grande Colapso.

Ajoelhada em frente aos armários embutidos na parede, seus dedos roçaram nas mochilas puídas que ainda estavam guardadas. Ela abriu o zíper de várias bolsas, com o pulso acelerado enquanto procurava suprimentos. Mas estavam todas vazias.

Ela se recostou, suspirando em derrota, enquanto pegava a última sacola. Mas ela não estava vazia — um pequeno caderno preto estava enterrado lá dentro.

Propriedade de Ana Blackwood

Khalani franziu a testa ao ler as palavras em negrito na capa. Olhou ao redor, como se estivesse fazendo algo que não devia, mas todos dormiam profundamente, até mesmo Takeshi — a primeira vez que o via, abençoadamente inconsciente, em algum tempo.

Virando as costas para o caderno, ela abriu a primeira página.

15/03/2040
Querido Diário,

Papai me deu um cachorrinho! Vou chamá-lo de Clover porque a mamãe disse que ele vai nos trazer boa sorte. Espero que sim. Talvez o Clover possa fazer meus pais sorrirem de novo. Eles ficam grudados na TV todas as noites, não me deixam assistir desenhos animados, sempre insistindo para que eu brinque com as bonecas no meu quarto. Mas eles não sabem que eu desço as escadas escondido para assistir também. O homem feio e severo da TV diz palavras difíceis como guerra nuclear e loteria clandestina. Não sei o que isso significa. Mas enquanto eu tiver a mamãe e o papai, vou ficar bem.

03/05/2040
Querido Diário,

Desculpem a demora para escrever. Tanta coisa aconteceu. Saímos de casa em Las Vegas e nos mudamos algumas horas para o sudeste. Papai disse que é só temporário, até as coisas se acalmarem. Estou em uma escola nova e temos treinamentos de bombas todos os dias. Às vezes, nos escondemos debaixo das carteiras por horas. Sinto falta da minha antiga vida. Sinto falta dos meus amigos. Eu só quero ir para casa.

11/09/2040
Querido Diário,

Perguntei à mamãe quando poderíamos ir para casa, e ela disse quando a guerra acabasse. Eu odeio guerras. Uma guerra nunca aconteceria se as pessoas no comando tivessem um encontro para brincar e conversassem sobre seus sentimentos. Eu disse isso na aula, e todos riram de mim. Não há muitas crianças restantes na sala agora. Minha melhor amiga, Mary, me disse que ia para Apollo com a mamãe, o papai e a irmãzinha. Não sei onde fica. Perguntei à mamãe se poderíamos ir também, e ela começou a chorar. Ouvi ela e o papai brigando naquela noite. A mamãe gritou que eles deveriam ter sido aceitos. Mas o papai gritou que não havia espaço suficiente.

Não quero mais vê-los chorar. Tenho um plano. Fiz um desenho para eles hoje. Somos todos nós juntos lá fora com a Clover. Não desenhei nossa antiga casa porque quero que eles saibam que tudo ficará bem enquanto estivermos juntos. Melhor do que bem. Talvez a mamãe me leve de volta ao parque! Não estivemos em...

As sobrancelhas de Khalani franziram enquanto ela folheava as páginas apressadamente, mas aquela foi a última passagem que Ana Blackwood escreveu.

Um papel amassado caiu do caderno rasgado. Era um desenho de três pessoas de mãos dadas do lado de fora de uma casa amarela, com sorrisos nos rostos e o que parecia ser um cachorrinho marrom, feito com giz de cera.

Ela deixou o caderno cair no colo, sentindo uma pontada repentina no peito. Algo lhe dizia que os pais de Ana nunca tinham visto o desenho.

Os dedos de Khalani percorreram o papel, traçando o contorno da garotinha cujos sonhos se espalhavam diante dela em sua memória.

Ela guardou o desenho e o diário na mochila para guardá-los, batendo-os de leve. Também pegou o lápis extra que estava no chão.

"O que você está fazendo?"

Khalani virou a cabeça e viu Brock parado ao lado dos cubículos, com as mãos enluvadas na cintura, usando pesadas botas de combate e uma capa marrom escura que destacava seu corpo musculoso.

"Estou só dando uma olhada." Ela corou e fechou a bolsa rapidamente.

“Encontrou algo interessante?”

"Não", respondeu ela imediatamente, levantando-se, mas hesitou diante do olhar mais profundo dele. "Bem... sim. É só um diário antigo. E antes que você comece a falar sobre economia de espaço, eu já sei. Você acha isso bobagem. Eu só não quero deixá-lo aqui."

Brock a observou com uma expressão vazia por alguns instantes, sem revelar nenhum de seus pensamentos. Mas então, abruptamente, passou por ela, olhando pelas frestas das janelas barricadas.

“Você já se acostumou com isso?” ele perguntou, olhando para fora.

"Costumado com o quê?"

“Toda a destruição.”

Ela se moveu para o lado dele, espiando pela janela.

A perigosa tempestade de areia parecia ter partido sem deixar vestígios. Restos de veículos quebrados eram visíveis na rua, mas não havia vivalma à vista, exceto os sete que estavam naquele prédio em ruínas.

Ela refletiu sobre a pergunta, imaginando o mundo de Ana Blackwood antes do Grande Colapso. Acordando com belas paisagens, ruas movimentadas e árvores verdejantes ladeando cada esquina. Todas as jovens famílias rindo sob o sol, alegremente inconscientes de que ele logo desapareceria de suas vistas para sempre.

“Acho que você pode se acostumar com qualquer coisa”, ela disse suavemente.

O olhar atento de Brock se voltou para ela. "É triste, não é? Não há lugar onde o mundo seja verdadeiramente bom. Nem no subsolo, nem na superfície."

"Não sei se é verdade." Uma ruga surgiu entre suas sobrancelhas. "O que temos aqui é bom."

"Somos apenas alguns fugitivos. Isso não significa muita coisa."

“Significa tudo”, ela afirmou enfaticamente, olhando para os outros que ainda dormiam.

Winnie e Serene se aconchegaram. Derek e Adan roncavam ao lado deles. Takeshi permaneceu no canto mais distante, de frente para todos, observando-os, mesmo dormindo.

"Talvez a mudança não tenha acontecido porque estávamos esperando por nós mesmos." A declaração crua escapou dela como um sussurro, mas se solidificou em sua mente como uma promessa.

Brock franziu a testa ao ouvir isso, inclinando a cabeça como se a estivesse vendo pela primeira vez.

"E você realmente acredita nisso? Ainda tem esperança de que um dia tudo isso melhore?" Ele gesticulou em direção ao prédio em ruínas onde estavam alojados, incrédulo.

Lá estava aquela palavra novamente.

Ter esperança.

A esperança era um gole de água no deserto. Inebriante. Necessária.

Você continua buscando mais e mais. Mas mesmo as melhores coisas podem se tornar tóxicas.

E antes que você perceba, você estará desejando algo que já havia evaporado há muito tempo.

Ela sempre considerou a esperança como inimiga, mas em Braderhelm,

Winnie ensinou a Khalani a importância de lutar por algo além de si mesma.

Que uma pessoa acendendo uma vela em um quarto escuro possa ser a faísca que fez a diferença.

"Não tenho ideia se as coisas vão mudar", ela se virou para Brock. "Mas se histórias sobre mim forem deixadas para trás, quero que o leitor saiba que fiz tudo o que estava ao meu alcance para melhorar."

Ele riu baixinho. "Que se dane. Você também é um verdadeiro."

"Um o quê?"

"Sonhador realista." Brock encostou o ombro no parapeito da janela. "Você sabe que as probabilidades não estão a nosso favor. Provavelmente vamos perecer aqui em cima. Então, por que continuar neste ponto?"

“Porque não sabemos como abrir mão dos nossos sonhos?”

"Talvez. Ou você é teimosa demais para desistir das pessoas que deixamos em Apollo." Os olhos dele brilharam, e o peso da cidade e as responsabilidades das quais escaparam a oprimiram.

Brock passou mais tempo na superfície do que qualquer outra pessoa. A cidade em que ela cresceu foi a mesma que a acorrentou. Mas Apollo ainda era seu verdadeiro lar.

"O que você está tentando dizer?" Ela franziu a testa. "Que devemos esquecer Apolo e simplesmente deixá-los morrer?"

"Eu nunca disse isso. Sendo realista, provavelmente deveríamos, mas isso não significa que eu não sonhe em salvá-los também." Sua voz baixou enquanto olhava pela janela ensolarada.

Ela recuou diante da suavidade inesperada na voz do Death-Zoner.

“Nunca imaginei que você fosse um sonhador.”

Ele deu um sorriso irônico. "Não sou. Mais real, lembra? Tenho objetivos pelos quais luto e um desejo distante de que o mundo um dia melhore. É por isso que me juntei aos rebeldes em Hermes."

Brock fez uma pausa, desviando o olhar. Um mar de emoção rodou em seus olhos, tão diferente da indiferença típica a que ela estava acostumada.

"Mas você nunca me verá me sacrificando por uma causa perdida", continuou ele. "Quando o transporte estiver prestes a cair, eu não afundarei junto. É preciso saber a hora de desistir. Principalmente das pessoas." Brock a encarou, subitamente sério. "Você entende o que estou dizendo?"

O olhar dele a atingiu, e ela teve que lutar para não desviar o olhar.

Ela não sabia como desistir de ninguém, exceto de si mesma.

"Vocês dois acordaram cedo." A voz de Takeshi, ainda mais grave e rouca pela manhã, soou atrás deles.

Sua respiração ficou ofegante. Mesmo com o cabelo preto levemente bagunçado e desgrenhado pelo sono, Takeshi ainda parecia ter dançado uma daquelas revistas que encontravam no antigo posto de gasolina.

"Ficamos acordados a noite toda. Não é mesmo, Khalani?" Brock sorriu, a insinuação na voz era inconfundível.

Ela olhou feio para Brock, mas Khalani não refutou suas palavras imediatamente porque uma parte sádica dela queria ver o que aconteceria.

Takeshi os avaliou em silêncio, com um brilho de violência mal contida nos olhos negros como breu. Ela prendeu a respiração, sem saber se o segundo round

da briga inacabada estava prestes a começar, mas Takeshi simplesmente se endireitou, sempre estoico e calmo.

"Interessante. Não ouvi nenhum grito ontem à noite."

"O que isso tem a ver?", ela perguntou.

"Qualquer um que saiba o que está fazendo deixaria suas cordas vocais em carne viva." Seus olhos escuros perfuraram os dela. "Ou ele está mentindo, ou foi a transa mais chata da sua vida." Com isso, Takeshi deu as costas para eles e foi embora. E, de alguma forma, parecia que ele era o vencedor de uma batalha invisível da qual Khalani não sabia que participava.

Ela franziu a testa e esfregou os cantos dos olhos.

Era muito cedo para isso.

Brock bufou e seguiu Takeshi, mas não antes de olhar por cima do ombro. "Como eu disse, se eu fosse você, desistiria de algumas pessoas mais rápido."

Seus punhos se cerraram, com vontade de socar a parede mais próxima. Repetidamente. E saber que Brock estava certo a fez querer direcionar os punhos para dentro.

Khalani recuou para o canto mais distante da sala e se preocupou com o diário de Ana.

Ela não conseguia controlar o caos ou o terror que dormia nos amanheceres futuros, mas conseguia ler a história de uma garotinha que um dia esteve viva e gravá-la na memória.

Ninguém merecia ser esquecido. Foi por isso que Winnie trabalhou arduamente para registrar a história de Apollo em seu livro.

O passado os lembrou do quão longe eles haviam chegado.

Depois de reler pela quinta vez, ela virou para uma página em branco do diário, com os dedos tremendo enquanto pegava o lápis sem brilho.

Onde quer que Ana estivesse, Khalani rezava para que ela não ficasse chateada com a destruição que se espalhava em suas páginas.

O silêncio anseia por ser ouvido
Aqueles tentáculos de perda sussurrando no ar
Sua história gritando para ser ouvida
Principalmente quando não tem ninguém lá

A escuridão exige ser vista
Espaços em branco que antes eram ocupados
Vive em pedestais para julgarmos
Preenchendo sonhos que não mais despertarão

A mente precisa ser falada
Uma cacofonia de palavras escapando da sua língua
Firme é o caminho para quem escuta
A turbulência aguarda aqueles que recuam

O coração dói por ser escolhido
Sentimentos esquecidos ousando espreitar
Mas quando sua mão se estende para me quebrar

Vou cortar o meu para me livrar de você.

7

Prefiro queimar em chamas do que apagar sem deixar vestígios.

Dias se passaram na superfície escaldante. A paisagem há muito se tornara uma extensão monótona de colinas rochosas áridas, estendendo-se infinitamente ao longo do cenário de uma antiga rodovia.

A dor era sua companheira constante.

Bolhas formavam crostas sobre bolhas, e suas costelas continuavam sofrendo cãibras.

Khalani esqueceu como era não se machucar.

O ritmo deles diminuiu drasticamente, para grande frustração de Brock.

O ombro de Winnie ainda estava ferido pelo tiro perdido durante a ousada fuga da prisão, e seu tornozelo machucado mal conseguia suportar seu peso.

Khalani cutucava as unhas desconfortavelmente enquanto observava cada careta e sinal de angústia marcar o rosto de Winnie, mesmo com a ajuda de Takeshi e Derek.

Ela seguiu em frente, lembrando-se de que Winnie era tenaz. Resiliente. Uma das pessoas mais fortes que ela conhecia.

Mas a estrada traiçoeira até Hermes era desafiadora, até mesmo para os mais aptos da Zona da Morte, e a idade de Winnie trabalhava contra ela.

"Aqui, Winnie." Khalani levou um cantil aos lábios de Winnie quando pararam em outro poço. Mas a água escorria pelo queixo de Winnie, seus olhos vidrados, como se um fantasma tivesse tomado conta dela.

"Winnie?" Ela tocou gentilmente seu ombro.

Sem aviso, Winnie caiu na areia.

“Winnie!” Khalani caiu de joelhos ao lado dela.

O pânico tomou conta de todos quando os outros correram rapidamente. "O que aconteceu?"

"O que há de errado com ela?"

“Eu não sei!” ela gritou.

"Coloque-a de costas", ordenou Derek.

Os olhos de Winnie estavam fechados, sua pele tão pálida que parecia azul. Khalani só vira alguém daquela cor uma vez.

A imagem de seus pais mortos deitados em uma mesa de metal surgiu em sua mente, e ela agarrou ambos os lados da cabeça, querendo arrancar a memória.

Takeshi brandiu uma faca, e Khalani quase gritou, mas cortou apenas a barra da camisa branca de Winnie, do pescoço ao ombro. Quando ele levantou a bandagem ensanguentada, todos prenderam a respiração.

Pus verde-amarelado vazava da ferida com crosta, e a pele inflamada estava

manchada de vermelho.

"A ferida está infeccionada." O medo perfurou a voz de Brock.

Derek pressionou o ouvido contra o peito de Winnie e a palma da mão contra a testa dela. "Ela está respirando, mas está queimando. A infecção pode estar se espalhando pela corrente sanguínea. Ela pode entrar em choque séptico."

Choque séptico. Khalani não entendia bem o termo, mas o terror palpável no rosto de Derek dizia tudo.

"O que vamos fazer?" ela perguntou asperamente, com os ombros curvados.

“Ela precisa de antibióticos”, respondeu Derek, com a voz sombria.

"Onde podemos conseguir um pouco?" Serene deu um passo à frente.

“Hermes”, rosnou Brock.

"Quão longe estamos?"

“Três dias fora.”

O sangue sumiu do rosto de Derek. "Winnie precisa deles logo, senão não vai conseguir."

Brock resmungou um palavrão e se levantou. "Não podemos fazer nada sobre isso agora."

Se Brock tivesse dado um soco na barriga dela, teria sido menos doloroso.

Khalani balançou a cabeça freneticamente. "Tem que haver outro jeito. Você conhece algum prédio por perto que possa ter remédios?"

"Olhem em volta!", Brock estendeu as mãos. "Não há mais nada que possamos fazer por ela."

"É claro que não há", Khalani fervia.

Determinada, ela agarrou os ombros de Winnie e tentou levantá-la. A cabeça inconsciente de Winnie pendia, e Khalani cerrou os dentes enquanto puxava a cintura para cima, lutando contra seu peso morto.

O cansaço a envolveu como um cobertor sufocante, mas ela não se importou.

Ela procuraria em cada montanha, fenda e suportaria milhões de vidas de dor para manter Winnie segura.

Mesmo que ela tivesse que rastejar até Hermes com Winnie nas costas.

De repente, o peso foi tirado.

Khalani abriu a boca para gritar, mas congelou ao ver Takeshi parado ao seu lado. Seu corpo enorme bloqueava o sol, e raios de luz o envolviam enquanto ele gentilmente abraçava Winnie.

"Você está louco?", gritou Brock, movendo-se para bloquear o caminho de Takeshi. "Você não pode carregá-la por três dias seguidos na Zona da Morte. Eu também não quero que a velha morra, mas não temos escolha."

" *Saia da minha frente* ", ordenou Takeshi, sua voz mais profunda que a Terra.

Ele não esperou pela permissão e passou por Brock. Lançando um olhar ameaçador por cima do ombro, olhou para Khalani e viu as lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

Suas sobrancelhas se abaixaram e seus antebraços pareceram apertar Winnie ao vê-la.

"Andem logo. Vamos embora agora."

***

Eles se moviam em um ritmo incrivelmente rápido, praticamente correndo sobre o concreto rachado.

Ninguém sorriu.

Nenhuma palavra foi trocada.

O único som que cortava o ar sufocante era a respiração ofegante deles.

Suas mochilas pesadas batiam ritmicamente contra suas costas enquanto eles caminhavam pesadamente para frente, enquanto Winnie murmurava coisas incoerentes nos braços de Takeshi.

Outra cãibra intensa percorreu as costelas de Khalani, mas ela cerrou os dentes e continuou correndo.

Quando o sol se pôs no horizonte e a escuridão cobriu o céu, ela mal conseguia sentir seu corpo.

O tempo perdeu todo o sentido enquanto eles corriam pelas sombras cada vez mais profundas.

Quando finalmente chegaram à passagem subterrânea de uma ponte, eles pararam bruscamente, cada um deles ofegando e lutando desesperadamente por ar.

Adan cambaleou e vomitou. Serene correu para o lado dele, amparando-o, enquanto ele esvaziava o estômago.

“Descansaremos aqui por algumas horas”, declarou Brock, enxugando o suor da testa.

"Não podemos", protestou Khalani. "Winnie não tem tanto tempo."

“E todos nós também estaremos mortos se não fizermos uma pausa.”

Ela abriu a boca para argumentar.

"Ele tem razão, Kanes", interrompeu Takeshi, deitando Winnie cuidadosamente com as costas apoiadas em um pneu de carro. "Vamos causar mais mal do que bem se continuarmos nesse ritmo sem parar."

Khalani queria gritar suas frustrações para o céu noturno. Mas olhou para os rostos pálidos dos outros, ouviu suas respirações ofegantes e soube que Takeshi estava certo.

Derek apoiou a cabeça de Winnie em uma mochila vazia, e Takeshi tirou uma camisa preta de manga comprida da bolsa, colocando-a sobre ela para se aquecer.

“Eu ficarei de guarda”, disse Takeshi firmemente.

Ninguém discutiu, e eles montaram acampamento sob a ponte, formando um círculo protetor ao redor de Winnie. Em pouco tempo, todos adormeceram.

Mas Khalani não conseguia fechar os olhos.

Ela puxou os joelhos contra o peito e seus dedos batiam ansiosamente na ponta da arma. A inquietação era como uma faca afiada cortando lentamente sua garganta.

Ela observava obsessivamente a respiração superficial de Winnie, fixando-se na lenta subida e descida do seu peito.

Ela os cronometrou — longos e levemente agitados, incapaz de inalar completamente.

A cabeça de Khalani bateu contra o carro de metal. As partes sombrias dela queriam bater a cabeça com mais força. Perder-se nos cantos escuros de sua mente distorcida.

Winnie era a única mãe que lhe restava. E tudo o que Khalani podia fazer era ficar ali, deitada, observando-a desaparecer lentamente, como todos os outros que a amavam.

Uma lágrima solitária escorreu pelo seu rosto, e ela a enxugou furiosamente.

Incapaz de suportar por mais tempo o silêncio amargo, Khalani levantou-se e caminhou sobre os corpos adormecidos, em direção à beira da passagem subterrânea. Seus olhos perscrutavam os carros, inconscientemente procurando por *ele* , atraídos como um ímã invisível.

Sob o luar, ela o avistou.

Takeshi sentou-se com uma perna esticada e o outro joelho dobrado, uma lâmina afiada pousada na palma da mão. Ele encostou as costas no para-choque dianteiro de um grande veículo preto enferrujado a poucos metros da cobertura da ponte.

"Se importa se eu me juntar a você?"

Ele olhou para cima, seus olhos profundos exibiam uma força silenciosa que a mantinha firme.

"Sente-se."

Ela sentou-se a poucos centímetros dele, encostando os ombros no carro enferrujado e envolvendo as pernas com os braços. Sua pele estava tensa, como um elástico esticado até a ruptura.

"Você está bem?", perguntou Takeshi.

Khalani abriu a boca para dizer sim — uma resposta automática —, mas então percebeu que não adiantava mentir. Ela franziu os lábios, o queixo tremendo enquanto balançava a cabeça silenciosamente.

O maxilar de Takeshi se contraiu enquanto ele observava o rosto dela. A qualquer momento, ela esperava que ele lhe dissesse para parar de ser fraca. Para aceitar as consequências de convencer Winnie a se juntar à sua perigosa jornada.

Khalani continuava perdida em seus pensamentos torturantes quando ouviu um farfalhar.

"Levantar."

Suas sobrancelhas franziram quando Takeshi apareceu diante dela, sua expressão mortalmente séria e seu corpo alto quase brilhando ao luar.

"Por que?"

"Você confia em mim?"

“Não”, ela respondeu instintivamente.

"Ótimo." Ele assentiu. "Por um segundo, pensei que tinha perdido para você. Levanta, Kanes."

"O que você está-"

Takeshi se virou sem dizer mais nada e saiu da ponte.

O espaço silencioso parecia se fechar ao redor dela com a ausência dele.

Ela costumava encontrar paz na escuridão, mas algo na noite fazia seus olhos se moverem rapidamente. O silêncio ficou mais alto, arrepiando sua pele.

As sombras pareciam encarar Khalani. Ela ouvia seus sussurros insanos, e seus ombros se tensionaram, sentindo mãos invisíveis se estendendo para agarrá-la.

Khalani se levantou rapidamente, procurando por Takeshi no escuro. Ela manobrou freneticamente ao redor dos veículos, mas suspirou profundamente ao

encontrá-lo a alguns metros de distância. Ele olhou para ela, esperando em silêncio.

A parte lógica do seu cérebro lhe deu um tapa no rosto, incitando-a a voltar para os outros, onde era mais seguro.

Mas ela o seguiu, sabendo que na superfície violenta da Terra, nenhum lugar era verdadeiramente seguro.

Takeshi parou ao lado de um veículo preto amassado, maior que os outros. Winnie havia se referido a um similar como um "caminhão".

Toda a parte traseira estava aberta, e ela se perguntou se ele já havia sido usado para transportar mercadorias.

Ela se sobressaltou quando a mão de Takeshi agarrou a lateral da caminhonete, içando-se sem esforço para a traseira. Ele se endireitou em toda a sua altura, ficando vários metros acima do ambiente, como um conquistador em um mundo novo e estranho.

Seus cabelos negros e macios caíam sobre sua testa, e seus olhos brilhavam com uma emoção sombria e travessa que ela se recusava a nomear.

"O que você está fazendo?", ela sussurrou freneticamente, com os olhos correndo ao redor. "Abaixe-se!"

“Você não quer ver a vista?”

“Eu consigo ver tudo perfeitamente daqui.”

Ele inclinou a cabeça. "Nervoso, Kanes?"

"Não estou nervosa", sibilou ela, cerrando os punhos. "A gente devia voltar..."

Takeshi se abaixou e agarrou o braço dela, colocando-a na traseira do caminhão.

Khalani ofegou, estendendo as mãos para se firmar, e ele a soltou imediatamente.

Ela girou em sua direção, lutando para manter o equilíbrio. Ele estendeu a mão, mas ela o afastou com um tapa.

"Você perdeu o juízo?" ela gaguejou.

"Você está tão ferrado da cabeça quanto eu, Kanes."

“ *Deus* , espero que não.”

Ele revirou os olhos, e ela prendeu a respiração quando ele se sentou.

Levantando uma sobrancelha em desafio fingido, ele se esticou de costas, a traseira do caminhão mal cabia em seu comprimento.

Ela estava de pé diante dele, com as mãos na cintura e uma carranca profunda estampada no rosto. "O que você pensa que está fazendo?"

“Como é?” ele perguntou calmamente.

"Eu não sei! Como se você quisesse dormir nessa... *coisa* ." Ela estendeu as mãos em direção à caminhonete, os lábios se contorcendo.

“A última coisa que quero é dormir”, ele respondeu, cruzando os braços atrás da cabeça.

Os olhos dela foram atraídos para os músculos definidos dos antebraços dele, e ela mal se conteve para não bater a cabeça no vidro traseiro para se livrar desses *pensamentos* .

"Isso é ridículo." Khalani passou a mão pelos cabelos rebeldes. "Eu nem sei por que estou aqui", resmungou para si mesma, mas Takeshi a ouviu.

"Você está aqui porque precisa de uma distração. E eu não gosto de te ver

triste", murmurou Takeshi, com a voz mais grave.

Ela piscou rapidamente diante das palavras inesperadamente gentis dele.

"Isso não parece com você. Você adora me fazer chorar."

"Deixa eu reformular. Quero te fazer chorar de outras maneiras, mas nunca de tristeza."

Khalani franziu a testa. "Será que eu quero mesmo questionar o que 'outros caminhos' você quer dizer?"

"Você definitivamente não."

Ela engoliu em seco, o ar fresco ficando mais denso.

Takeshi olhou para ela com uma expressão indecifrável, imóvel, esperando sua decisão.

Khalani sabia com certeza que Takeshi não a manteria ali contra sua vontade.

Ele simplesmente a deixaria ir embora.

E eles voltavam a se encarar na longa e árida estrada.

Por algum motivo, o pensamento não lhe trouxe alegria. Permaneceu dentro dela como uma ferida necrótica.

Talvez fosse pura exaustão ou o vento soprando ao seu redor, mas sem dizer mais nada, Khalani deitou-se ao lado dele na parte de trás do antigo veículo.

O pequeno espaço ao redor deles era fechado, e ela tentou empurrar seu corpo contra o metal, mas o grande físico de Takeshi deixava pouco espaço entre eles.

"E agora?" Ela olhou para ele.

"Olhe para cima."

Khalani suspirou, deixando a cabeça descansar no metal do caminhão enquanto finalmente se virava para encarar o céu noturno.

Durante a maior parte da jornada, nuvens pairavam sobre suas cabeças como um véu protetor. Mas, no momento seguinte, a lua cheia apareceu.

Khalani engasgou.

Ela só tinha visto a lua através de janelas virtuais na Apollo, mas agora entendia que elas eram pouco mais que pálidas imitações.

Nada jamais havia realmente encapsulado a magnificência que agora flutuava acima dela.

O sol sempre fora o foco dos seus sonhos, mas a lua era completamente diferente. Inteiramente *dela* .

Um pouco frio. Surgindo apenas no escuro. Frequentemente esquecido. Parecia pequeno, mas possuía uma força que rivalizava com o mundo.

Ela olhou para o ser celestial com os olhos arregalados. O que a deixou ainda mais perplexa foram os pontos brancos brilhando no céu noturno. Ela não fazia ideia do que eram. Se Winnie não estivesse lutando por sua vida, ela perguntaria a ela.

Khalani fechou os olhos com força, seus lábios tremendo.

"Pare de pensar, Kanes." A voz de Takeshi cortou seus pensamentos fragmentados, sabendo exatamente para onde sua mente havia divagado. "Pare de alimentar sua dor. Apenas deite aqui e respire comigo."

Ela franziu as sobrancelhas e inclinou a cabeça.

"Por que você está sendo legal de repente?"

"Resolvi experimentar por uma noite. Para ver o que está acontecendo."

"E?"

"Superestimado."

Khalani não conseguiu conter a risada que explodiu. Os lábios de Takeshi se contraíram, lutando contra um sorriso.

Apesar da dor avassaladora, ela estava grata pelo momento.

Takeshi era uma das poucas pessoas que mantinha os pés no chão. Que a lembrava de simplesmente *estar presente* .

Ele não entrava em pânico sob pressão. Movia-se em meio ao caos com a mesma facilidade com que a água se movimentava. Onde outros vacilavam, ele fluía, comandando a turbulência ao seu redor.

"Você não tem medo de que a minha infelicidade passe para você?" Ela olhou para o céu, uma pressão estranha pairando sobre seu peito.

Takeshi permaneceu completamente imóvel ao lado dela. A princípio, ele não respondeu, e ela teve certeza de que ele se levantaria e iria embora. Mas então, ele falou.

“E se eu preferir compartilhar sua dor do que deixar você suportá-la sozinho?”

O céu noturno engoliu sua respiração pesada.

Ela não sabia como responder.

Não sabia como lidar com as partes gentis dele.

Houve momentos em que Takeshi olhou para o horizonte, com os cabelos esvoaçando ao vento, aquela determinação ardente nos olhos, e isso acendeu algo profundo dentro dela. Um calor que a fez querer empurrá-lo contra os veículos destruídos e esmagar seus lábios contra os dele, mesmo que fosse apenas para expurgar seu desejo de uma vez por todas.

O silêncio ensurdecedor se prolongou, e seu olhar voltou-se para o céu. Ela não conseguiu responder diretamente, temendo que qualquer tentativa de expressar seus sentimentos a desnudasse completamente.

"Winnie me disse que os humanos pousaram na Lua há centenas de anos. Você acha que isso é verdade?", perguntou ela, buscando desesperadamente um novo assunto.

"Não tenho certeza de como eles pularam tão alto", ele respondeu, engolindo em seco, como se também estivesse grato pela mudança.

Ela riu baixinho. "Não, ela disse que construíram navios que podiam voar até lá em cima."

“Provavelmente é por isso que todos morreram.”

"Você não faria isso?"

Seu olhar se tornou distante. "Algumas coisas são feitas para serem vistas apenas de longe."

"Ou talvez você só tenha medo de altura", ela provocou.

"E se eu fosse?" Ele inclinou a cabeça.

“Eu encontraria o penhasco mais próximo e jogaria você de lá na próxima vez que você me irritasse.”

Uma risada profunda escapou dele, e ela quase suspirou ao ouvir o som raro quando ele olhou novamente para a lua, seus olhos de obsidiana nadando em seu reflexo.

“Do que você tem medo, Kanes?”

"Meu?"

Ele assentiu, o luar destacando seu maxilar forte e suas maçãs do rosto altas.

Era muito fácil se perder em sua beleza mortal.

Ela voltou sua atenção para o céu, mas isso não fez nada para acalmar os arrepios que percorriam seu pescoço.

“Eu costumava acreditar que tinha medo da dor física. Mas aí eu senti tanta dor que fiquei insensível...” Ela fez uma pausa. “Agora, acho que meu maior medo é a única coisa que eu mais desejava.”

Seu corpo inteiro ficou tenso. "E o que é isso?"

“Estar sozinho.”

Dizer essas palavras em voz alta, expondo essa verdade crua, foi como ter um buraco aberto no peito.

É por isso que você deve ter cuidado com quem você ama.

O amor não era apenas uma emoção no seu coração. O amor era uma oferenda de si mesmo.

Quando você ama alguém, você presenteia essa pessoa com uma parte de você.

E se eles fossem embora, você nunca mais conseguiria recuperar aqueles pedaços.

Mas Winnie, Serene, Derek, Adan... até mesmo partes de Takeshi, haviam se infiltrado em seu coração. Quando ela percebeu o que estava acontecendo, já era tarde demais.

Se ela fosse deixada sozinha agora... não sobraria nenhum pedaço dela.

"Mas não precisamos falar sobre isso", disse ela rapidamente, esfregando o peito como se isso pudesse dissipar a dor. "Estou bem contente em ficar aqui deitada e esquecer meu medo de problemas de abandono."

"Ninguém vai te abandonar." A voz de Takeshi era profunda e assustadora.

“Eu não teria tanta certeza.”

“Kanes.” Ela sentiu o peso do olhar penetrante dele.

"Você não vai largar isso, vai?" ela suspirou.

"Não."

"Por que?"

"Porque eu vejo como seus amigos olham para você. Eles se importam. Eles não vão te trair. Se eu tivesse a mínima ideia do contrário, eu os teria massacrado na estrada e feito parecer um acidente", disse Takeshi calmamente.

O tom dele continha uma certeza brutal que deixaria uma pessoa sã apavorada, mas, em vez disso, seu interior se aqueceu e seu estômago se contraiu.

A letalidade de Takeshi *não deveria* ser excitante.

Isso seria uma merda.

“Sua mente está acelerada de novo”, ele observou.

Sua mente era um campo de batalha perigoso que precisava ser estudado como exemplo do que *não* fazer nessas situações. Porque as próximas palavras que saíram de sua boca foram: "Então me ajude a não pensar em nada".

Takeshi ficou sobrenaturalmente imóvel, como se qualquer movimento — qualquer respiração — pudesse destruir o momento frágil.

Ela sentiu o olhar dele sobre ela, examinando-a, esperando que ela retirasse o que disse.

Mas apenas o silêncio e as batidas dos corações pairavam entre eles.

Uma parte dela não tinha certeza se *queria* retirar o que disse.

Khalani quase esperava que Takeshi zombasse da sugestão e a deixasse no escuro. Mas em um momento ela estava deitada ao lado dele, e no outro, Takeshi segurava seus quadris, puxando-a para cima dele, de modo que ela ficasse montada em sua cintura. Ela engasgou com o movimento rápido.

Takeshi estreitou os olhos em desafio, como se seu único objetivo fosse intimidá-la para que recuasse, esperando que Khalani encerrasse a farsa e se afastasse.

Mas se ele esperava que ela fosse a racional, eles estavam ferrados.

Ela estava desesperada para sentir algo além de dor, e Khalani não se importava que isso inevitavelmente retornaria com uma rápida vingança pela manhã.

A lua poderia contar ao sol sobre suas más decisões mais tarde.

Ela se moveu contra ele e sentiu Takeshi endurecer embaixo dela, e como o resto dele, não faltava nada nele.

Encorajada, ela avançou mais um centímetro, causando uma deliciosa onda de fricção, e os dedos dele cravaram-se em seus quadris enquanto ele sibilava. Mas, em vez de empurrá-la, ele a puxou para mais perto, esfregando seu centro contra si.

Ela sentiu um calor se acumular em seu estômago e sentiu seu corpo responder conforme ele ficava mais duro, *de alguma forma* .

Nenhum centímetro os separava, exceto pelas roupas que ainda usavam. Ela se sentia nua, exposta, e com a forma como os olhos de Takeshi a percorriam, sentia-se como a única mulher restante na superfície.

Seu coração batia forte contra o peito e ela tinha certeza de que ele podia ouvir as palpitações.

Ele olhou para ela como se estivesse pronto para cortar sua garganta de uma só vez e dobrá-la para trás para festejar como um homem faminto na próxima.

Khalani não era virgem.

O primeiro homem com quem ela teve proximidade física foi um colega de trabalho no Centro de Distribuição de Alimentos de Apollo. Ele era bonito o suficiente, flertava com ela constantemente. E ela estava infeliz o suficiente para se conformar com as intenções dele, na esperança de experimentar algo diferente para variar.

Doeu na primeira vez. Muito. Nada como ela esperava.

Mas, novamente, a vida não era o que ela pensava que seria.

Ela voltou para a cama dele mais algumas vezes, mas cada encontro a deixava decididamente mais fria. Ele nunca incendiou o corpo dela com fogo. Nunca a fez se sentir *vista* . Nunca a fez sentir que se desfaria da pura possessão selvagem em seu olhar.

Os dedos de Takeshi deslizaram dos quadris dela até a barriga, desabotoando a blusa dela. Ele não desviou o olhar do rosto dela em nenhum momento, catalogando cada reação. Ela lambeu os lábios, e os olhos dele acompanharam o movimento como um predador.

Só faltava um botão. Khalani fechou os olhos, pronta para se expor. Mas suas mãos pararam.

“Desfaça o último botão”, ele ordenou.

Ela abriu os olhos, o peito subindo e descendo rapidamente. "Por que você parou?"

"Porque eu aceito muitas coisas, Kanes, mas nunca a sua escolha. Se quiser se render a mim só por esta noite, então desabotoe o último botão. Se não, levante-se e volte para os outros."

Ele seria a ruína dela.

Com seus sedosos cabelos negros caindo sobre o rosto e seus olhos sombrios brilhando ao luar, ele nunca pareceu mais bonito ou destrutivo.

Takeshi nunca escondeu sua escuridão. Ele a abraçou.

Para ele, o inferno não era um caminho a ser evitado, mas um espaço a ser conquistado.

Takeshi esperou pacientemente que ela fizesse o próximo movimento, com as mãos cerradas ao lado do corpo. Ele ergueu uma sobrancelha quando ela hesitou, como se soubesse que não iriam continuar.

Khalani mordeu o lábio inferior, e os olhos luminosos de Takeshi se voltaram para a boca dela. Ele prendeu a respiração, esperando o inevitável.

Mas ela não era a mesma garota que ele conheceu na prisão.

Khalani estava livre para explorar as ruínas em todas as suas formas e tamanhos.

Takeshi pode muito bem ser o seu fim.

Mas ela teve aquela noite para ditar como seria destruída.

Khalani engoliu em seco e, muito lentamente, desabotoou o último botão.

O tecido ainda cobria seus seios, mas o ar frio agitava sua blusa e seus mamilos eriçavam.

Deixar ir era como libertar-se. Ela fez uma pausa, absorvendo tudo, sentindo-se poderosa.

"Você não terminou. Continue", ele ordenou, com a voz sensual e profunda, ressoando com uma intensidade quase primitiva. Takeshi não olhou para o peito dela. Seu olhar permaneceu fixo no dela, que de alguma forma era mais ardente.

Seu estômago queimava enquanto ela respirava fundo, puxando lentamente o tecido dos dois lados, revelando seus seios nus.

Takeshi continuou sem desviar o olhar do rosto dela, como se vê-la ceder o controle a ele fosse o ato mais revigorante.

Ele mal a tocou.

Ele não precisava.

Ele estava em todo lugar. Sob a pele dela. Deslizando pelos seus pensamentos. Em cada respiração dela.

"Eu costumava acreditar que a lua era a coisa mais linda da superfície", ele sussurrou, seu olhar voltando para os olhos dela.

Seu coração voou além dos pontos brancos no céu.

Ninguém jamais a olhara daquele jeito. Como se quisessem marcá-la na memória.

Ela se moveu sutilmente para trás, causando uma fricção deliciosa entre eles. Os olhos dele se estreitaram e, de repente, ele virou os corpos.

Takeshi ergueu-se acima dela, com o peito largo a centímetros do dela. Seus olhos sombrios a engoliram e sua respiração ficou um pouco mais rápida.

Ela estudava cada movimento, cada movimento do corpo dele, assim como ele fazia com ela.

Ele algemou os dois pulsos dela com uma mão, colocando-os firmemente sobre a cabeça dela.

"Assim está melhor", ele insistiu.

A voz grave dele fez com que o calor se acumulasse em seu íntimo.

Um brilho desafiador surgiu no olhar dele, e ela tentou escapar, mas a mão dele apertou, não a deixando ir a lugar nenhum.

Como o amanhecer, ele era inevitável.

“O que devo fazer com você agora?” ele refletiu.

"O que você quer fazer?"

Takeshi soltou uma risada sombria. "Não restam horas suficientes na noite para te mostrar."

Oh meu Deus…

Os olhos dele ardiam, e ela se doía ao perceber o quão pecaminosamente atraente ele era. Seu corpo parecia estar à beira de explodir.

“Eu acho…” ela engoliu em seco antes de dar o passo, “acho que quero que você me beije.”

Os lábios de Takeshi se curvaram em um sorriso lento e sedutor. Ele desceu pelo pescoço dela, parando em sua garganta. "Aqui?"

"Mais baixo."

Ele a beijou pela clavícula. Não foram doces. Ele a mordiscou. Queimando-a em pedaços.

O nariz dele deslizou pela pele dela como se quisesse respirar cada centímetro dela. Takeshi parava de vez em quando para chupar e lamber, como se para lembrá-la de quem realmente estava no controle.

"Que tal aqui?"

"Se você precisar de um mapa, talvez eu vá acordar o Brock", ela desafiou.

Ele se imobilizou, o maxilar se contraindo enquanto a olhava. "Kanes, você está *implorando* para ser amarrado nu ao carro a esta altura." Seus olhos brilharam como se ele gostasse da ideia. "E não vai ser divertido para você."

"A noite toda?"

"Hum."

Sua respiração ficou ofegante e seu coração disparou como um motor. "E amanhã?"

"Não se preocupe. Amanhã voltaremos a nos odiar. Era isso que você queria, certo?"

"Hum..." Sua mente estava uma bagunça. "Sim?"

"Boa menina." Takeshi não se deu ao trabalho de dizer mais nada. Ele se abaixou e sua boca se fechou em torno do mamilo dela.

A língua dele girou ao redor do pico e as costas dela arquearam, empurrando o peito ainda mais para dentro dele.

A mão direita dele segurou os pulsos dela acima da cabeça e a esquerda deslizou pela parte externa da perna, pelos quadris, pela cintura — deixando cada área tocada eletrificada — e segurou o outro seio. Ele gemeu, sugando o mamilo com mais força, deixando os dentes mordê-la levemente enquanto a mão apertava.

Ele a puxou para mais perto, como se não se cansasse dela.

Não foi um simples toque. Foi uma questão de propriedade.

Sua cabeça caiu para trás e seus olhos encontraram a lua e os pontos no céu, queimando e tremeluzindo, testemunhando alguém sendo devastado. E desejando isso com cada centímetro quadrado do seu corpo.

Se sua alma pudesse sangrar, pedaços de Takeshi se espalhariam por toda parte.

Ele não apenas ocupou espaço na mente dela, ele o ocupou completamente.

Khalani queria enfiar os dedos pelos cabelos negros e macios dele, queria senti-lo em todos os lugares, memorizar cada parte dele antes que a luz do dia lavasse seus atos sombrios.

Arrepios percorreram seus braços e pescoço quando ele mudou para o outro seio, certificando-se de que cada centímetro dela sentisse sua atenção.

Foi a coisa mais erótica que ela já tinha experimentado, e ela ainda estava de calças.

"Takeshi...", ela gemeu. Tudo parecia bom. Bom demais, como se ela fosse desmoronar a qualquer momento.

"Você quer que eu pare?" Ele levantou a cabeça, os lábios brilhando e a expressão transmitindo seu desejo de continuar.

Sua respiração estava ofegante, mas ela balançou a cabeça. "Não. É só que... muita coisa."

"Não o suficiente." Ela pensou tê-lo ouvido murmurar.

O olhar virulento de Takeshi se fixou em Khalani, e o alívio a percorreu ao ver sua contenção selvagem.

Ela não era a única à beira de perder o controle. Takeshi apenas escondia melhor.

Khalani tentou soltar as mãos novamente, mas ele a apertou com mais força.

"Acho que não, Kanes. Eu te coloquei exatamente onde eu queria."

"Desgraçado", ela rosnou, arqueando os quadris, desejando mais. Desejando-o *em todos os lugares* ...

Takeshi de repente ficou rígido em cima dela e seus olhos percorreram os arredores escuros.

"O que foi?" ela sussurrou, desesperada para que ele continuasse.

Seus músculos se contraíram de tensão, e ele se levantou, agachando-se ao lado dela. Uma arma de fogo apareceu de repente em sua mão direita, enquanto ele segurava uma lâmina de quinze centímetros na outra.

“Takeshi, o que há de errado?” ela perguntou, sentando-se

"Fique aqui", ordenou ele em tom baixo e urgente. Sem emitir nenhum som, saltou do caminhão e desapareceu nas sombras.

O sangue sumiu do seu rosto.

Khalani abotoou a blusa rapidamente, seu coração batendo forte enquanto procurava por Takeshi.

O silêncio da noite era como um torno em sua garganta.

Um grunhido repentino quebrou o silêncio.

Ela virou a cabeça na direção do som, mas Takeshi não emergiu da escuridão.

Algo estava terrivelmente errado.

Ignorando o comando de Takeshi, ela saiu do caminhão e foi em direção ao

barulho.

No momento seguinte, uma mão áspera cobriu sua boca e uma faca afiada pressionou sua garganta.

8

Ore por perdão.
Prepare-se para o castigo.

Khalani se jogou contra a figura desconhecida que a mantinha refém. A grande faca pressionou sua jugular, cortando sua pele e sangrando.

"Ah, ah", alertou a voz rouca atrás dela. "Mova-se de novo e eu corto seu lindo pescoço."

Sua respiração era rápida e superficial, e a palma áspera sobre sua boca abafava seus gritos.

O estrondo de um tiro alto rompeu abruptamente a noite, ecoando ameaçadoramente ao redor deles. Seus olhos se arregalaram, esforçando-se para distinguir formas na escuridão turva.

Ela rezou com todas as suas forças para que Takeshi não se machucasse.

Se alguma coisa acontecesse com ele…

De repente, um corpo grande foi arremessado sobre um carro e caiu aos pés deles, formando uma pilha de pedaços.

"Varo?", exclamou o homem que a segurava. Seu aperto a afrouxou momentaneamente, apenas o suficiente para que ela agisse.

Khalani mordeu a mão que lhe cobria a boca. O homem gritou quando ela sentiu o gosto de sangue, afrouxando o aperto.

Aproveitando o momento, ela deu uma cotovelada de novo no estômago dele.

Seu captor soltou uma respiração irregular e cambaleou, ficando de pé.

Ela se lançou para frente, desesperada para escapar, mas ele a agarrou braço, puxando-a para trás.

Rachadura .

Ela desferiu um soco em direção ao queixo dele, e a cabeça dele tombou para o lado com o impacto. Ao vê-lo pela primeira vez, o estranho parecia ter cerca de cinquenta anos, pele profundamente bronzeada e rosto recém-barbeado.

Mas antes que ela pudesse se orgulhar do golpe certeiro, ele retaliou com um golpe brutal na bochecha direita dela.

A força do golpe jogou Khalani cambaleante no chão. Rangendo os dentes de dor, ela se levantou com dificuldade, preparando-se para outro golpe. Mas o estranho gritou de repente em agonia quando uma lâmina perfurou seu ombro esquerdo.

Ele estendeu a mão para trás para arrancar o cabo da faca, mas uma figura maior avançou e o atingiu violentamente no queixo.

Ela reconheceria aquela grande silhueta em qualquer lugar.

O estranho recuou, com os olhos arregalados de medo. A expressão de

Takeshi, por outro lado, flamejou com uma fúria quase palpável enquanto ele mirava em Khalani, imediatamente mirando a marca em seu rosto.

"Ele bateu em você?" O corpo de Takeshi congelou, sua voz perigosamente calma, mas suas mãos tremiam.

Seu pulso disparou incontrolavelmente, as palavras lhe faltaram e ela só conseguiu concordar.

A respiração de Takeshi saiu lenta e pesada enquanto ele se virava para o homem ferido que lutava para se levantar.

Ela só conseguia ver a parte de trás da cabeça de Takeshi, mas o rosto do estranho empalideceu diante de qualquer expressão que o encarasse.

Num movimento rápido e violento, Takeshi arremessou o homem desorientado contra a lateral de um carro enferrujado como se fosse uma boneca de pano. O metal rangeu com o impacto e o homem caiu no chão.

Takeshi abriu a porta com um forte rangido e puxou o braço do homem para dentro do veículo. Com o braço do homem parado, preso lá dentro, Takeshi bateu a porta do carro no cotovelo do homem, pressionando todo o seu peso contra ela.

Khalani ouviu o estalo nauseante de onde estava, e um arrepio percorreu seu corpo ao ouvir o grito agonizante do homem.

Takeshi arrancou a faca do outro ombro enquanto gemidos lamentosos enchiam o ar, mas Takeshi os ignorou, pressionando a lâmina ensanguentada contra a garganta, assim como o homem havia feito com ela.

De repente, uma figura sombria emergiu da escuridão, brandindo um pesado porrete.

Khalani gritou: “Cuidado!”

Mas já era tarde demais.

O porrete colidiu com a cabeça de Takeshi com um baque ensurdecedor. Ele caiu no chão ao lado do carro, com a faca fazendo barulho ao lado.

“Takeshi!” O grito de Khalani atravessou a noite.

Ela avançou em sua direção, mas um pano áspero foi enfiado em sua boca por trás. O odor acre e químico do pano invadiu suas narinas.

Ela se debateu contra o aperto firme que a cercava, mas sua visão começou a vacilar.

Não.

Lutar.

Você tem que… lutar…

Tudo escureceu e ficou embaçado.

A última coisa que ela viu foi a lua fria e persistente, continuando a encarar e julgar a violência da humanidade, antes que sua cabeça batesse contra o concreto e sua visão ficasse completamente escura.

***

“Khalani.”

Um zumbido estático invadiu seus ouvidos.

Seus membros estavam dormentes. Cada centímetro dela, até mesmo o cabelo

bagunçado que caía sobre os ombros, parecia pesado.

“Khalani.”

Um leve rangido.

Um leve sussurro permeando a névoa opressiva.

As sensações voltaram lentamente.

Seus ombros latejavam de dor, e ela percebeu que suas mãos estavam torcidas e amarradas atrás dela com uma corda dura.

Ela teve dificuldade em abrir os olhos, como se suas pálpebras tivessem sido costuradas. A atração da escuridão a atraiu mais uma vez, oferecendo uma fuga que parecia quase preferível.

Talvez se ela desaparecesse junto, a morte a levaria e finalmente terminaria o trabalho que deveria ter sido concluído há muito tempo.

Acordar.

Acordar.

"Acordar!"

Khalani estremeceu, seus olhos se abriram rapidamente enquanto ela arfava.

Ela percebeu que estava sentada no chão frio *de ladrilhos* , com as pernas esticadas à sua frente e os braços amarrados atrás de um poste de metal enferrujado saindo do chão.

Serene, Derek, Adan, Takeshi e Brock foram igualmente contidos, cada um amarrado em postes separados espalhados pelo espaço vazio.

Ela olhou ao redor do pequeno e escuro cômodo, iluminado apenas por uma única lâmpada bruxuleante, pendurada precariamente no teto. A luz fraca lançava sombras sinistras ao longo das paredes de concreto.

O medo apertou seu estômago quando ela viu uma escada escura e instável que levava para um destino desconhecido.

"Você está bem?" A voz de Serene estava tensa, sem fôlego.

Khalani virou-se para a esquerda, estremecendo devido à forte pulsação em sua têmpora.

"Onde diabos estamos?" Sua voz saiu rouca.

"Não sei", respondeu Serene, com o cabelo azul grudado na testa enquanto examinava o quarto com um olhar assustado. "Tudo o que me lembro é de acordar com um tiro, e então alguém pressionou um pano estranho no meu rosto."

Khalani engoliu em seco, com as narinas dilatadas.

O ar estava carregado com um odor desagradável e mofado. O cheiro vinha das paredes de concreto e penetrava em sua pele. A fragrância pungente do desespero permanecia em sua língua, como se o quarto estivesse bem familiarizado com o cheiro da morte.

Ela olhou para os outros. Derek e Adan estavam sentados à sua direita. Olheiras pendiam sob os olhos de Derek, lábios repuxados enquanto seus olhares percorriam a sala, o medo intenso estampado nas linhas de seu rosto.

Adan movia os ombros para frente e para trás, tentando tirar as mãos da corda.

Brock estava amarrado a um cano no canto perto da escada, movendo o corpo na tentativa de se libertar, mas, pelo rosnado irregular que saía de seus lábios, ele também não iria longe.

Takeshi sentou-se diretamente à sua frente. Embora igualmente contido, sua postura irradiava uma calma perigosa. Como um monstro se agitando debaixo d'água.

Ele estudou obsessivamente cada centímetro do cômodo. As escadas. Os postes aos quais estavam amarrados. As cordas.

E Winnie…

Terror absoluto percorreu o peito de Khalani enquanto ela examinava freneticamente a sala.

"Onde está Winnie?" ela quase gritou.

"Eu os vi levá-la", a voz de Derek tremeu no espaço escuro. "Não sabemos onde ela está."

A visão de Khalani escureceu, e as paredes começaram a se fechar ao seu redor. Ela conseguia ver agora. O corpo de Winnie jazia sobre uma mesa fria, bem ao lado dos pais.

Não.

Não.

Não.

Khalani puxou suas amarras com mais força, tentando desesperadamente se libertar.

Ela precisava encontrá-la. Precisava salvá-la.

"A culpa é sua", ferveu Brock, lançando um olhar feroz para Takeshi. "Você deveria estar de guarda!"

Uma veia pulsava na têmpora de Takeshi.

Em vez de fogo em seus olhos, eles estavam frios como gelo, refletindo a temperatura gélida do ambiente, enquanto ele permanecia em silêncio, recusando-se a olhar na direção dela.

A verdade a atingiu.

Se ela não tivesse distraído Takeshi…

Se ela tivesse ficado ao lado de Winnie.

A batida imediata de uma porta interrompeu seus pensamentos em espiral.

Botas pesadas batiam forte contra as escadas rangentes, e todos prenderam a respiração.

Três figuras imponentes desceram os degraus de madeira. Dois deles eram homens, ambos atarracados e quase tão altos quanto Takeshi. Eles tinham cabelos escuros presos em coques e franziam a testa enquanto olhavam para Khalani e os outros amarrados no chão, com os lábios torcidos de desgosto.

Suas calças bege largas eram adornadas com padrões geométricos e bolsos laterais. Camisas justas bege se agarravam aos seus corpos musculosos, enquanto longas capas pretas os acompanhavam.

No centro da procissão sinistra, estava uma figura menor e mais magra, vestida com um traje bege semelhante e uma capa marrom esvoaçante. Era uma mulher. Ela era impressionantemente bela, provavelmente na casa dos trinta, com um rosto pálido em formato de coração, maçãs do rosto salientes e cabelos ruivos que rivalizavam com um fogo abrasador.

Mas seus olhos verdes...eles eram mais afiados que qualquer lâmina Takeshi carregou.

Todas as três figuras estranhas se mantiveram altas e orgulhosas enquanto

paravam no meio do chão, examinando cada uma delas cuidadosamente.

A pele de Khalani se arrepiou, como se ela estivesse prestes a ser dissecada.

"Eu esperava mais de Ansel", a mulher quebrou o silêncio, seu olhar severo percorrendo seus cativos amarrados.

Seu foco permaneceu em Takeshi, que estudava suas costas com uma intensidade que fez os dois homens ficarem tensos, com as mãos se aproximando dos cabos das lâminas saindo dos bolsos.

“Eu pensei que os Sinners "Tínhamos espiões melhores, mas claramente os superestimamos. A deusa da lua nos levou direto ao seu acampamento. E agora, é hora de você dar algumas respostas."

Com uma calma perturbadora, a mulher sacou uma pistola do bolso. O clique metálico da arma reverberou pela sala escura.

"Quero saber o tamanho das forças de Ansel, as defesas dos Pecadores e quaisquer fraquezas em suas muralhas. Você me conta agora, ou deixarei Belken aqui te fatiar e comer os pedaços", ameaçou ela, gesticulando para um dos homens corpulentos ao seu lado.

"Ótimo. Vocês também são todos malucos", resmungou Brock, fazendo com que um dos homens se aproximasse e lhe desferisse um soco brutal no rosto. Brock jogou a cabeça para trás, mas só começou a rir enquanto o sangue escorria do nariz.

"É só isso? Minha *mãe* batia mais forte."

O punho do homem se fechou e ele pegou a faca.

"Espere! Espere!", gritou Khalani. "Não somos quem você pensa! Não conhecemos nenhum Pecador ou esse Ansel."

O riso da mulher era frio e zombeteiro quando ela voltou sua atenção para Khalani. "Você é muito engraçado. Existem apenas duas tribos deste lado do rio, a Fonte do Deserto e os Pecadores. Nós dois sabemos que você não é da Fonte do Deserto, então você deve estar com *eles* ." Ela cuspiu a última palavra, dando uma olhada deliberada. chegue mais perto.

Quando a mulher levantou a arma, Takeshi retrucou: "Eu recomendo fortemente que você aponte isso para outro lugar".

A mulher fez uma pausa, olhando por cima do ombro. "E por quê?"

"Porque se ela sofrer outro arranhão, você precisará de uma arma muito maior para sobreviver." O queixo de Takeshi se abaixou, seus olhos se encheram de uma promessa sombria de retribuição.

A ruiva riu baixinho, mas Khalani notou a tensão renovada em seu corpo pequeno. "Que tocante. *Você* é a única pessoa que eu consigo imaginar que Ansel vai recrutar como espião. Varo era um dos meus melhores soldados. Ninguém jamais o havia derrotado em combate corpo a corpo, e você o superou facilmente."

O silêncio que se seguiu tornou difícil respirar enquanto Takeshi olhava para a mulher como se estivesse esperando o momento certo para garantir que ela teria o mesmo destino mortal.

Mas mesmo que Takeshi fosse forte, ele estava amarrado como os outros, e suas armas haviam sumido.

"Você tem que acreditar em nós." A voz de Khalani ecoou pela sala escura, tentando recuperar a atenção da mulher. "Nós não somos daqui. Viemos de

Apolo, uma das cidades subterrâneas. Estamos tentando chegar a Hermes."

Ao ouvir a menção de Hermes, a mulher se virou e arregalou os olhos.

“Hermes?” ela repetiu com descrença.

"Sim. Você conhece?", ela perguntou, com o coração batendo forte no peito.

Os dois homens atrás dela se mexeram desconfortavelmente.

“Moradores do Submundo”, rosnou um deles.

A mulher levantou a mão pedindo silêncio e estreitou o olhar.

"Os Moradores do Subsolo nunca saem de seus preciosos bunkers." Ela inclinou a cabeça. "Como você sabe o caminho?"

Os olhos de Khalani instintivamente deslizaram para Brock. A mulher seguiu seu olhar e caminhou em direção a ele com passos deliberados.

Brock observou-a aproximar-se em silêncio. Sangue escorria do seu nariz e ele o lambeu como um animal selvagem.

“E quem é você?” perguntou a mulher.

"Aquele que vai te matar", respondeu Brock calmamente, com o olhar cheio de vitríolo.

“Você sabe quantos homens insignificantes fizeram as mesmas ameaças a mim, apenas para serem estripados pela ponta da minha lâmina?”

"Ótimo. Minha parte favorita vai ser cortar sua cara feia antes de fazer o mesmo com você."

Os dois homens avançaram, mas a mulher ergueu a mão, impedindo-os. Ela esperou um longo minuto e riu baixinho.

"Sua confiança é impressionantemente tola, dada a sua posição. Só vou perguntar mais uma vez. Como você sabe o caminho para Hermes?"

Brock levantou o queixo desafiadoramente.

Um silêncio pesado os envolveu, mais forte que as cordas apertando seus pulsos.

A mulher o observou por mais um instante antes de se levantar. "Que pena. Deixe-me ver com quem vou brincar primeiro."

Ela olhou para Khalani e Takeshi, então caminhou lentamente até Derek e Adan, sacando uma lâmina afiada de dentro de sua capa.

Khalani se mexeu, seu núcleo se contraindo enquanto a mulher observava atentamente a reação de Brock. Ele permaneceu impassível, seu rosto não revelando nada, mas quando ela se aproximou de Serene, o ar ao redor dele pareceu vibrar, e os músculos de seu pescoço se contraíram.

"Você é bonita", comentou a mulher, com a voz num sussurro delicado.

Ela se ajoelhou, afastando uma mecha de cabelo do rosto de Serene com a ponta da faca. "Eu odeio ter que destruir coisas boas."

Quando ela se aproximou, Brock gritou: "Pare!"

Sua respiração vinha em suspiros irregulares, os olhos arregalados enquanto ele se fixava em Serene, que estava sentada com as costas retas, um fogo nos olhos que praticamente *desafiou* a mulher a tentar cortá-la em pedaços.

Khalani quase conseguia sentir o sorriso frio e calculista da mulher enquanto ela se levantava e se virava para Brock, raspando carinhosamente o dedo na lâmina.

"Sou um da Zona da Morte", sibilou Brock entre dentes. "Já viajei de Apolo a Hermes várias vezes, transportando recursos."

"Sério?" A mulher se aproximou, com um interesse mais nítido no tom. "Que tipo de recursos?"

“Remédios. Comida. Armas.”

A mulher congelou ao ouvir a última palavra e ambos os homens ficaram tensos, um olhar desconhecido passando entre eles.

Khalani mexeu as mãos discretamente, tentando se libertar das amarras enquanto eles estavam distraídos.

"Ele está mentindo, Chefe", disparou um dos homens. "Provavelmente é ele quem está fornecendo aquelas armas aos Pecadores."

"Ou podemos usá-los", sugeriu o outro homem. "Integrá-los à Fonte do Deserto. Faça com que *nos forneçam* mais armas. Aproveite a vantagem dessa forma."

"Muito arriscado", disse o homem. "Eu digo que devemos matar todos eles."

A mulher permaneceu estranhamente silenciosa enquanto os homens discutiam descaradamente seu assassinato iminente.

O olhar de Khalani percorreu a sala mal iluminada, procurando desesperadamente por qualquer pista ou vislumbre de esperança que pudesse oferecer uma saída.

Então, uma ideia ousada surgiu em sua mente.

“E se nos ajudarmos uns aos outros?”

A mulher zombou, virando-se para Khalani. "O que te faz pensar que precisamos da sua ajuda?"

"Se você procura armas, nós podemos ajudar", ela insistiu.

Os ombros da mulher ficaram tensos, as palavras de Khalani atingiram um acorde. Mas ela cruzou os braços sobre o peito, com uma expressão inescrutável. "Já temos mais armas agora, cortesia sua."

“Nossa munição durará apenas um certo tempo.”

Um silêncio pesado tomou conta da sala, quebrado apenas pelo piscar errático da lâmpada no teto. Todos os olhares estavam fixos em Khalani, e ela se obrigou a manter a calma.

“O que exatamente você está sugerindo?” perguntou a mulher bruscamente.

"Se você nos deixar ir", Khalani engoliu em seco, "traremos as armas que você precisa de Hermes. Mas tem mais uma coisa. Havia outra mulher conosco. Ela estava ferida." A batida do seu coração aumentou. "Onde ela está?"

“Ao contrário dos Pecadores, a Primavera do Deserto não mata mulheres velhas e indefesas.”

"Então, ela está segura?" Khalani perguntou, com a voz trêmula enquanto tentava avançar lentamente, mas a corda cortava sua pele.

“Por enquanto”, respondeu a mulher com tato.

Khalani rangeu os dentes, lutando contra a vontade de gritar e perguntar o paradeiro de Winnie, mas respirou fundo, tentando se conter.

“Então, você concorda com a nossa troca?” Khalani insistiu.

"Não."

Ela ficou boquiaberta. "Não?"

A mulher se virou para ela. "É isso mesmo. Mesmo *que* você seja quem diz ser, não há garantia de que honrará sua parte do acordo e retornará de Hermes."

"Você está errado", protestou Khalani. "Somos boas pessoas."

"Ha! Pessoas boas ainda mentem."

O peito de Khalani cedeu enquanto suas chances de escapar diminuíam lentamente como o sol. "O que podemos fazer para provar nosso valor?"

"Nada."

“ *Por favor* . Faremos qualquer coisa.”

A mulher hesitou, seu foco mudando para os outros cativos antes de se demorar em Takeshi, cujos olhos se fixaram em Khalani com uma mistura de frustração e uma emoção que ela não conseguia identificar — talvez raiva ou algo completamente diferente.

Após uma longa pausa, a mulher falou: "Não podemos deixar você sair da Fonte do Deserto, mas talvez você tenha razão. Talvez haja *alguma* outra utilidade para você." Ela acenou com a cabeça para um dos homens, que se virou abruptamente e subiu as escadas correndo.

"Tem certeza de que isso é sensato, chefe?", perguntou o outro homem, com um tom hostil enquanto encarava Brock.

"Você está questionando minha autoridade?" a mulher disparou.

O homem estremeceu, remexendo-se desconfortavelmente. "N-não, Chefe. Mas como podemos confiar neles?"

“Nós não”, foi a resposta concisa da mulher.

Sublinhando suas palavras arrepiantes, mais passos ecoaram escada abaixo. Khalani se recostou no poste de metal quando mais dez figuras apareceram, lotando o pequeno espaço. Algumas empunhavam pistolas — algumas que pareciam estranhamente familiares — enquanto outras brandiam lanças ou facas.

“Cortem as cordas”, ordenou a mulher.

As figuras estranhas se moviam com grande eficiência, serrando cada uma de suas amarras.

Quando Khalani foi solta, ela cuidadosamente segurou os pulsos, levantando-se lentamente, com os membros doloridos pelo confinamento. Brock se aproximou de Serene, encarando a mulher.

E Takeshi...ele ficou parado como um espectro iminente.

Ela não tinha dúvidas de que, se ele fosse o único cativo, já os teria atacado e encontrado uma maneira de escapar. Mas com Khalani e os outros ao seu lado e Winnie ainda desaparecida, ele não tinha escolha a não ser atender às exigências do estranho líder.

A mulher assentiu, sua voz ecoando pela sala com autoridade inquestionável.

"Você agora pertence à Fonte do Deserto. As deusas do sol e da lua decidirão se você é digno de permanecer dentro de nossas muralhas. Mas entenda isso... se detectarmos o mais tênue sinal indício de traição, você não selará apenas seu próprio destino — você condenará toda a sua tribo. E não enterramos mais nossos inimigos. Nós os lançamos da garganta à virilha e os içamos aos portões para que o deserto os reivindique.

Os olhos arregalados de Khalani encontraram os de Serene, e ambos silenciosamente comunicaram a mesma coisa.

Eles estavam completamente *ferrados.*

9

Não precisa se preocupar.
Eu já me preocupo o suficiente por nós dois.

"O que aconteceu com todos eles? Os que não conseguiram um lugar nos bunkers?", perguntou Khalani na biblioteca de Braderhelm.

"Eles morreram." O olhar de Winnie se fixou no chão, como se pudesse absorver sua tristeza. "Eles foram deixados para trás em um deserto envenenado, com nada além de uma morte lenta e agonizante esperando por eles."

"Mas por que eles não conseguiram abrir mais espaço?! O que nos tornou mais merecedores de viver do que eles?"

"Nada. Absolutamente nada." Winnie apertou as mãos. "Lembre-se disso, Khalani. Ninguém é mais merecedor do que o outro. Você não pode controlar onde ou com quem você nasceu. Você não pode controlar sua sorte. Tudo o que você pode fazer é reconhecer seus privilégios e se esforçar para ser melhor do que aqueles que vieram antes de você."

"Não tenho certeza se estou fazendo um bom trabalho nisso." Os ombros de Khalani caíram.

Winnie segurou seu ombro e lhe deu um sorriso cúmplice. "Você está aqui por um motivo. É por isso que você ainda está viva. Eu sei que a estrada não foi fácil. Mas você já considerou que precisa trilhar o caminho difícil para que a próxima pessoa possa voar por cima dele?"

Os pensamentos de Khalani foram trazidos de volta ao presente quando as estranhas figuras os empurraram para a frente. Vestidos com roupas bege e mantos negros, eles guiaram Khalani e os outros pela escada de madeira rangente, suas espadas e lanças brilhando ameaçadoramente sob a luz fraca.

No topo da escada, Khalani entrou em uma sala que quase parecia presa no tempo.

A luz fraca lançava um véu de sombra sobre um sofá de couro marrom rachado no meio do espaço. O piso de madeira, marcado por inúmeros arranhões e amassados, rangia sob seus pés.

Ela olhou para as paredes brancas, onde uma variedade de quadros empoeirados pendia em molduras de vidro. Uma linda família sorriu de volta para ela, cercada por plantas e árvores.

Em uma das fotos, duas crianças estavam em frente a uma árvore bem iluminada, com caixas embrulhadas espalhadas pelo chão.

Seu olhar se estreitou sobre o sofá na imagem, muito parecido com aquele que estava plantado à sua frente.

Um dos homens puxou-a pelo cotovelo, desviando sua atenção. No canto da sala, havia um aparelho estranho — uma caixa velha com uma tela cinza e duas pernas finas acopladas.

Ela franziu a testa, tentando olhar mais de perto.

“Por aqui.” A mulher ruiva gesticulou em direção a uma porta branca à sua esquerda.

Os pensamentos de Khalani corriam a mil por hora enquanto seguiam rapidamente seus captores. Mas quando foram conduzidos para fora da porta, seus passos vacilaram.

Não foi a lua pálida pairando majestosamente sobre eles que a deixou sem fôlego. Foram as fileiras de casas térreas, cada uma pintada de uma cor diferente e alegre, ladeando uma estrada curva.

Cada casa era cercada por uma cerca branca que destacava os jardins frontais bem cuidados. A grama verde cintilava ao luar, meticulosamente aparada para um tom uniforme. altura. Khalani tropeçou, pois não via grama desde sua primeira subida à cidade abobadada de Gênesis.

Era um mundo intocado pelo Grande Colapso.

As casas encantadoras tinham até caixas de correio amarelas posicionadas na frente de suas cercas.

Mas então, um objeto muito maior chamou sua atenção.

Um imponente muro de metal, com seis metros de altura, circundava a cidade. Uma passarela percorria o topo do muro, onde figuras em mantos negros patrulhavam com lanças. Khalani sentia seus olhares vigilantes sobre ela, como se estivessem olhando diretamente em seus olhos.

“Vamos”, ordenou a mulher, desviando o olhar da parede.

Eles caminharam por uma estrada de cimento preto que atravessava o coração da pitoresca cidade.

Uma pequena placa verde chamou sua atenção, presa a um poste de metal que se projetava do pavimento rachado.

Avenida Alegre.

Lâmpadas altas e elegantes lançam um brilho aconchegante na rua, cada uma adornada com padrões espiralados intrincados em suas superfícies de bronze.

Não havia mais ninguém na estrada.

Ela olhou para uma das casas cor-de-rosa que tinha uma varanda envolvente e um banco de balanço. Não havia luzes ou sinais de vida na casa ou em qualquer uma das casas por onde haviam passado.

Mas antes que ela se virasse, algo brilhou na janela e as cortinas se moveram levemente.

“Você viu aquilo?” Khalani sussurrou para Serene.

"Viu o quê?" Serene franziu a testa.

Khalani olhou para a casa, mas tudo estava parado. Como se apenas fantasmas residissem atrás das vidraças.

Ela franziu a testa, puxando a lapela da camisa para mais perto quando uma forte rajada de vento passou. Seu olhar voltou para o uma parede de metal intimidadora que parecia incrivelmente deslocada em comparação com as casas coloridas pelas quais passavam.

Muitas das figuras sombrias alinhadas na muralha observavam o deserto

exterior. Estavam vigilantes, alertas, suas armas brilhando ameaçadoramente enquanto examinavam a vasta área.

Ela estremeceu, precisando saber se o muro servia como uma barreira para manter as ameaças afastadas... ou se fora construído para conter todos dentro dele?

Os seis caminharam pesadamente pela velha estrada, ladeados por homens e mulheres estranhos, cujos mantos escuros se misturavam às sombras, liderados pela enigmática mulher de cabelos flamejantes na frente.

A pele de Khalani coçava e formigava enquanto ela se aventurava mais a fundo na cidade, incapaz de se livrar da sensação perturbadora de vários olhos observando cada movimento que ela fazia.

Serene se aproximou mais de Khalani, seu foco alternando entre cada pessoa e casa com uma intensidade frenética.

Takeshi se afastou alguns metros dela.

Ele manteve a cabeça erguida, cada passo firme e medido, mas seu olhar continuou a endurecer, oscilando entre as armas afiadas de seus captores e a fortaleza que os aprisionava.

A ruiva finalmente parou no final da rua, onde se erguiam duas casas amarelas idênticas. Ao contrário das outras casas, as cercas tinham alguns postes faltando, grama alta nos quintais e bancos empoeirados na varanda que rangiam e balançavam com o vento.

"É aqui que vocês vão ficar", anunciou a mulher. "Cada casa tem dois quartos. Dividam-se como acharem melhor..."

"Nós não vamos nos separar", Takeshi interrompeu bruscamente.

A mulher inclinou a cabeça, surpresa. "A Fonte do Deserto é grande o suficiente para acomodar cada um de vocês e fornecer a todos um lugar para dormir. Vocês ignorariam nossa generosa hospitalidade?"

"Você nos arrastou até aqui inconscientes e não nos deixa sair", zombou Brock. "Eu não chamaria isso de hospitalidade."

Um dos homens deu um passo à frente, enfiando uma lança na garganta de Brock. "Cuidado com o seu chefe, Morador do Submundo."

Brock não se mexeu e encarou a lança como um brinquedo de criança. "Ela é *sua* Chefe. Não nossa."

As figuras ao redor se irritaram, e Khalani notou que eles levantavam as armas mais alto. Todos ficaram tensos, mas a Chefe ergueu a mão.

"Relaxe." A voz do Chefe era perturbadoramente alegre. "Ele não vai fazer nada, não quando sabe que mataremos sua preciosa tribo se o fizer."

O desprezo e a hostilidade nos olhos de Brock poderiam derreter aço, mas ele permaneceu em silêncio.

Agora, vocês podem dormir no chão, se quiserem. Ou na grama. Seu conforto não significa nada — apenas o que vocês podem fazer por nós. Mas estas são as regras que vocês devem seguir. Não tentem escalar o muro. Não se aventurem até o portão da frente. E *não* saiam de casa à noite. Se precisarem de alguma coisa, Ferren e Jared estarão postados do lado de fora.

“Não precisamos de guarda-costas”, disse Adan.

"Eles são para nossa proteção, não a sua", respondeu o Chefe secamente, virando-se para sair.

"Espere!", Khalani correu para a frente. "E a nossa amiga? Quando podemos vê-la? Como sabemos se ela está bem?"

O tremor frenético em suas mãos tornou-se incontrolável.

Cada segundo longe de Winnie parecia outro fragmento de seu passado se desfazendo, assim como a fotografia de seus pais que Dana havia rasgado em Braderhelm.

As casas desconhecidas permaneceram como testemunhas silenciosas de sua turbulência.

A mulher fez uma pausa e olhou por cima do ombro.

"Deixarei você vê-la amanhã. Quanto ao estado dela..." Ela olhou para o céu. "Agora, cabe à deusa da lua decidir se ela viverá ou morrerá."

"Que diabos isso quer dizer?"

A Chefe a ignorou e foi embora, com sua capa esvoaçando atrás dela enquanto todas as figuras, exceto duas, a seguiam.

"Espere! Só me diga se ela está bem!" A voz de Khalani ecoou na noite fria, mas ninguém respondeu. Seu lábio inferior tremeu enquanto as palavras ecoavam em sua mente.

“Depende da deusa da lua se ela vive ou morre.”

Vidas .

Ou.

Não.

Khalani não podia permitir que o destino de Winnie fosse decidido por alguma força mística. Ela deu alguns passos à frente, preparando-se para bater em todas as portas para encontrar Winnie, mas uma figura maior bloqueou seu caminho.

"Takeshi... não. Por favor, não." Khalani odiava implorar, mas o desespero tomou conta. "Preciso encontrá-la."

Mas Takeshi não se mexeu. "Vamos, Kanes. Se não te levarem até ela amanhã, sabe que vou matar todo mundo para trazê-la de volta."

Ele falava da morte como se fosse um fardo que ele tinha que carregar e uma dádiva que ele tinha que entregar.

"Mas Winnie não gosta de violência..." Ela cambaleou e piscou rapidamente, tentando lutar contra a exaustão que a dominava.

"Vamos, Khalani", disse Serene, com a voz suave, mas firme, enquanto puxava o cotovelo de Khalani. "Você está morta de cansaço e precisa descansar. Resolveremos tudo amanhã de manhã. Ninguém vai embora, Winnie. Eu prometo. Estamos todos aqui com você."

O queixo de Khalani tremia enquanto Derek, Adan, Takeshi e até Brock se aproximavam. Seus olhos expressavam uma dor compartilhada, como se a dor dela tivesse se entrelaçado à deles.

Como se eles também considerassem Winnie parte da família.

As duas figuras masculinas que ficaram para trás deram um passo à frente.

Um deles tinha cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo apertado, enquanto o outro tinha cabelos longos e negros, esvoaçantes, que caíam em cascata pelas costas. Ambos eram altos, bronzeados, magros e tinham a

constituição física de lutadores experientes.

"Está na hora de vocês todos entrarem", disse o de cabelo comprido. Sua voz era grave e rouca, como se suas cordas vocais tivessem sido carbonizadas.

"Vocês, meninas, precisam de ajuda?" O homem do rabo de cavalo deu um passo à frente, e ela sentiu seu olhar pousado em Serene e nela.

"Eles estão bem", Brock praticamente rosnou. "Vamos."

Takeshi habilmente se posicionou entre ela e os homens, bloqueando Khalani da vista enquanto eles entravam na casa.

O ar estava parado.

Como se não fosse respirado há anos.

A assustadora casa amarela estava coberta de poeira, com apenas o luar filtrando pela janela para garantir a visibilidade. Papel de parede rosa de bolinhas grudava nas paredes, desbotado e descascando, enquanto um carpete marrom sujo cobria o chão. Móveis esparsos estavam espalhados pelo cômodo, cobertos por lençóis brancos.

Serene colocou o braço em volta dos ombros de Khalani e a levou para o quarto mais próximo.

Ela notou primeiro as cobertas brancas e... uma cama.

Khalani imediatamente desabou na cama, deixando escapar um suspiro alto enquanto os lençóis macios se moldavam ao seu corpo como se tivessem sido feitos para seu corpo.

"Quem vai ficar com o outro quarto?", perguntou Adan, sua voz quebrando o silêncio tenso.

"Só duas camas, então talvez as meninas compartilhem uma, e duas de nós podemos ficar com a outra cama e o sofá?", sugeriu Derek.

Se ela não estivesse tão exausta, ela adoraria ver a cara de Takeshi e Brock só de pensar em ter que se aconchegar juntos.

O ato diário de não matar uns aos outros era um feito magnífico.

Brock zombou, e seus passos firmes ecoaram no chão de madeira enquanto ele se aproximava. "Devíamos juntar cada garota com um cara, caso alguém tente invadir e nos matar."

"De jeito nenhum. Só porque temos peitos não significa que somos incompetentes ou fracas", sibilou Serene.

“Eu não quis dizer arma—”

"Só me dê uma de suas armas", Serene o interrompeu.

"Não. Eles pegaram nossas armas, caso você tenha esquecido."

“Então… você é inútil, é o que você está dizendo.”

“Pensando bem, talvez você possa irritar nossos sequestradores até a morte”, reclamou Brock.

"Aqui." A voz de Takeshi interrompeu a discussão enquanto ele se aproximava.

Um leve movimento e uma pausa.

"Uma faca? Por que não tiraram de você?", perguntou Serene.

"Eu sei como esconder minhas armas", respondeu Takeshi enigmaticamente. "Se alguém além de nós tentar passar por esta porta, enfie isso na garganta dele."

A leve sugestão de morte em seu tom era enervante. Serene nutria um certo nível de desconfiança por Takeshi, mas surpreendentemente disse: "Obrigada".

Os olhos de Khalani ficaram mais pesados quando Serene fechou a porta e fechou as persianas, mergulhando o quarto na escuridão total. Serene desabou na cama e, quando sua cabeça encostou no travesseiro, o suspiro mais satisfeito escapou de sua boca.

"Eu esqueci como é uma cama", Serene resmungou, de cara no travesseiro.

A promessa do amanhã e sua ira iminente a fizeram respirar fundo, e ela se aninhou no travesseiro, rendendo-se ao conforto do sono. Pouco antes de a abençoada inconsciência tomá-la, a voz suave de Serene sussurrou no ar.

“Khalani?”

"Hum?"

“E se essas pessoas forem boas?”

Khalani se mexeu um pouco, apertando os olhos no escuro. "O que você quer dizer?"

"Eles têm um monte de casas... e tudo parece tão bonito. Talvez, depois que encontrarmos um caminho até Hermes e trouxermos suprimentos, eles nos deixem ficar", ofereceu Serene, com um tom esperançoso na voz.

"Não sei. Tem alguma coisa neste lugar que me dá arrepios. Mas se tudo der certo e nos deixarem continuar até Hermes... é. Talvez possamos voltar e ficar."

Ela disse as palavras, mas elas não pareciam genuínas.

Antes que o sono a consumisse, uma voz assustadora no ar frio sussurrou que a única coisa que aquela cidade poderia oferecer era a ruína deles.

10

Se você tentasse me medir pelos meus medos,
precisaria de uma régua maior.

Os raios de sol brilhavam através da janela, pintando listras douradas pelo quarto. Khalani gemeu no travesseiro, com a testa úmida. Esfregou os olhos, bocejando profundamente.

"Há quanto tempo dormimos?" ela murmurou, virando-se para Serene, apenas para descobrir que seu lado da cama estava vazio.

Franzindo a testa, Khalani balançou as pernas para fora da borda, ficando de pé no chão acarpetado cinza. Ela abriu a porta do quarto com cuidado, estremecendo com o rangido alto.

Ao se abrir, colidiu com as paredes rosa-claras do corredor. Khalani colocou a cabeça para fora, esperando ver os outros, mas a casa estava silenciosa. Parada.

"Olá?"

Seus passos eram abafados no carpete enquanto ela vagava pela casa, os lençóis brancos ainda cobrindo os móveis.

"Sereno? Adan? Derek? Takeshi? Brock?", ela chamou.

O silêncio de resposta era palpável.

Um arrastar de pés sinistro na varanda fez seu coração disparar. Uma sombra de pés surgiu sob a porta da frente. Ela esperou que algo acontecesse, uma batida ou um grito, mas a sombra escura simplesmente permaneceu ali.

Seu peito arfava com a respiração irregular, mas ela balançou a cabeça, tentando não entrar em pânico.

Provavelmente é só o Brock .

Com um movimento rápido, ela abriu a porta.

Mas era apenas a grande silhueta de Takeshi parada do lado de fora, olhando para a cidade com as mãos na cintura.

"Você me assustou", ela suspirou, soltando uma risada nervosa. "Onde estão todos?"

Takeshi virou-se lentamente. Mas seu rosto não era o seu — pertencia a Alexander Huxley.

Os olhos de Khalani se arregalaram, seus músculos se contraíram enquanto olhos azuis como aço fixaram-se nos dela, drenando a cor de seu rosto.

Gritar .

Ela precisava gritar.

Era a única maneira de liberar o horror sem fim que lhe corria pelas veias. Mas sua boca se fechou, como se uma mordaça de ferro tivesse batido em seu rosto.

“Você tem certeza de que está fazendo as perguntas certas?” ele zombou.

Os olhos azuis claros dele a mantinham cativa, um ímã atraindo-a cada vez mais para um abismo sem fim.

Khalani acordou de repente, com o corpo encharcado de suor e o coração batendo forte.

Ela olhou freneticamente e viu Serene dormindo profundamente na cama.

Khalani colocou a mão sobre o peito para acalmar a respiração ofegante. Depois de um minuto, ela se arrastou silenciosamente para fora da cama, com os músculos tensos. Mas quando Khalani abriu a porta, quase pulou da pele.

Takeshi sentou-se do lado de fora da porta, com as costas apoiadas no sofá cinza, o lençol branco jogado desordenadamente no chão. Uma perna estava esticada e a outra dobrada enquanto ele habilmente girava uma lâmina de obsidiana entre os dedos.

Quantas armas ele tinha escondidas?

Khalani o encarou por mais tempo do que deveria. Takeshi ainda não havia tirado o traje preto. A forma como ele repuxava seus músculos, a bagunça casual de seu cabelo e a concentração mortal em seu olhar quando ele inclinava a cabeça a fizeram inspirar fundo.

“O que você está fazendo no chão?”

"Ele ficou sentado lá o tempo todo", Adan apareceu na esquina, vestindo uma calça de moletom verde-escura e uma camiseta branca lisa. "Acho que o Brock também não dormiu."

Adan acenou com a cabeça em direção ao outro lado do sofá, onde Brock estava de fato fazendo flexões no chão, seus grunhidos de esforço audíveis.

“Por quê?” ela perguntou.

"Alguém precisa ficar de guarda", resmungou Brock, levantando-se de um salto. "Não confio nessas pessoas. Tentei sair, mas nossos dois cães de guarda me fizeram voltar para dentro. Ela ainda está dormindo?"

Khalani soube imediatamente a quem ele se referia. "É, a Serene ainda está na cama. Devo acordá-la?"

"Não." Sua voz ficou mais firme. "Ela precisa descansar." Brock engoliu em seco e, de repente, sua expressão ficou fria antes de ele recuar pelo corredor.

Suas sobrancelhas franziram e seu olhar se voltou para Takeshi, que não parava de observá-la desde que ela saiu do quarto.

"O quê?" Ela se mexeu desajeitadamente. "Estou com cara de bagunçada ou algo assim?"

"Ou algo assim."

Khalani queria pressioná-lo para saber o que ele pensava, mas com seu cabelo rebelde e olhos fundos, ele provavelmente achou que ela estava horrível.

"Eles ainda estão lá fora?" Khalani acenou com a cabeça em direção à porta da frente.

"Sim."

"Ótimo. Estamos presos em outra prisão", ela bufou, deslizando pela parede branca em frente a Takeshi. Ela esticou as pernas, os estalos e estalos satisfatórios ecoando de volta para ela.

Takeshi não respondeu, apenas continuou rolando a lâmina metodicamente entre as pontas dos dedos.

Como ele conseguiu não se cortar foi um dos maiores mistérios da vida.

"Você realmente ficou aqui a noite toda?", ela perguntou. "Você não dormiu nada?"

“Eu tinha que ter certeza de que ninguém iria entrar furtivamente e atacar.”

Ela piscou, incapaz de conter a próxima pergunta.

“E o que você teria feito se isso tivesse acontecido?”

A atmosfera mudou, e Takeshi lentamente levantou o olhar, seus olhos escuros prendendo os dela.

“Não importa o que você pense que eu faria, garanto que seria muito pior.”

Sua próxima respiração veio mais rápida enquanto Takeshi lançava olhares furtivos para a porta, como se estivesse esperando uma chance de usar sua lâmina.

"Você acha que eles vão nos trazer comida?", interrompeu Adan, sentando-se ao lado dela. "Estou morrendo de fome e já é tarde."

"Tarde? Dormimos o dia todo?"

“Você estava cansado.”

“E eles ainda não devolveram nossas mochilas?”

“Não”, respondeu Takeshi severamente, apertando ainda mais a lâmina.

"Mas olhe para a cidade", Adan gesticulou ao redor. "Eles precisam alimentar essas pessoas de alguma forma. Temos até latas de água na cozinha, então deve haver um poço por perto."

"Bem, isso é bom. Pelo menos temos água." Ela tentou soar esperançosa.

“ *Ou* ”, Brock interrompeu do outro lado da esquina, “eles estão tentando nos dar uma falsa sensação de segurança porque são canibais e planejam nos comer.”

Todos lhe lançaram olhares de soslaio.

"Cara", Adan fez uma careta. "Sério?"

“Acho que não estou mais com fome.” Seus lábios se torceram enquanto ela cruzou os braços em volta dos joelhos.

Se alguém olhasse para seus membros por muito tempo, ela daria um jeito de pular os muros.

Brock deu de ombros e foi sentar-se ao lado dela, mas Takeshi moveu suas pernas longas, bloqueando-o.

Brock revirou os olhos. "Muito territorial?"

"Não sei o que você quer dizer. Só estou esticando as pernas." O tom de Takeshi era sereno e ameaçador enquanto ele continuava girando a lâmina.

O silêncio se prolongou, e Khalani quase pulou quando a porta da frente rangeu ao abrir.

O homem com cabelos longos caindo em cascata pelas costas entrou, com uma carranca severa estampada no rosto.

"O Chefe quer que vocês se juntem a nós para o jantar. Mas vocês todos fedem e eu não posso permitir que tragam esse fedor para o nosso salão." Seu nariz se enrugou. "Tomem um banho e vistam as roupas que deixaram para vocês." Ele gesticulou para uma trouxa de roupas bege no sofá.

"Um banho?" Seus olhos se arregalaram.

Ela não tomava banho desde Braderhelm.

Os dias na estrada, sob o sol escaldante, tinham sido implacáveis. O único pequeno conforto era que todos estavam tão acostumados com o cheiro que ele

mal era sentido.

"De onde vem a água?", perguntou Derek, saindo do corredor, com uma expressão de curiosidade científica.

"Temos poços que se alimentam do rio. Alguma outra pergunta?"

"É, você mencionou comida. Que tipo de comida?", Adan hesitou.

"Comemos principalmente comida enlatada dos ataques. Feijão. Tomate. Ensopado de carne."

"Nenhum humano?", perguntou Adan, e Khalani lhe deu uma cotovelada na lateral do corpo.

"Não." O ódio nos olhos do homem se intensificou. "Depressa. Você tem uma hora para se arrumar, ou não come." O guarda, furioso, bateu a porta com força, sacudindo as molduras na parede.

"Você simplesmente tinha que irritar o homem", Derek resmungou.

"Culpe -*o* por colocar a ideia de que as pessoas nos comam na minha cabeça." Adan apontou para Brock.

"Ainda pode acontecer", respondeu Brock. "Eu não deixaria seus pés balançando sobre a cama esta noite se você soubesse o que é bom para você."

Adan empalideceu e Khalani se inclinou.

"Não dê ouvidos a ele", ela disse antes de se levantar com dificuldade.

Ela atravessou a sala até a trouxa de roupas deixada no sofá. O tecido era leve e da cor de areia. Havia até calcinha e um sutiã.

Seus lábios se curvaram em um leve sorriso enquanto ela inalava o aroma fresco do tecido. Depois de meses morando em Braderhelm, roupas limpas eram um presente raro e inesperado.

Uma hora depois, todos estavam de banho tomado, limpos e de pé na sala de estar, vestindo as roupas que lhes foram oferecidas — embora seus captores não parecessem ter nada do tamanho de Takeshi. A camisa, que era comprida em todos os outros, terminava um pouco acima do quadril.

O olhar de Khalani se demorou na pequena faixa de pele dourada logo abaixo do abdômen dele por um tempo que pareceu longo demais. Ela rapidamente desviou o olhar, optando por ter um caso de amor com o teto.

O guarda brusco retornou, lançando olhares mortais em sua direção enquanto gesticulava para que eles saíssem.

Quando Khalani saiu, notou grupos de pessoas em trajes bege saindo de suas casas. Eles se portavam orgulhosamente, valsando pela rua e sorrindo de orelha a orelha, como se tivessem todo o tempo do mundo.

Algumas crianças brincavam com uma bola lá fora, suas risadas ecoando no ar. Mas assim que o grupo de Khalani se aproximou, os pais rapidamente levaram seus filhos para longe.

Com a luz da tarde, eles tiveram uma visão muito melhor da Desert Spring.

Todas as casas coloridas tinham estranhas estruturas metálicas os telhados que refletiam o sol. Não havia carros quebrados ou prédios em ruínas, apenas casas charmosas, gramados impecavelmente cuidados e moradores sorridentes.

Apesar disso, a pressão corrosiva em seu peito se recusava a diminuir.

Algo a fez olhar por cima do ombro enquanto mais pessoas a observavam com expressões estranhas. Os guardas postados nas muralhas os observavam de cima, e ela lutou contra a vontade de se virar e se barricar de volta para dentro da

casa.

"Quais são seus nomes?" A voz de Serene interrompeu os pensamentos perturbados de Khalani.

"Sou o Ferren", disse o homem de rabo de cavalo. "E este é o Jared." Ele gesticulou para seu parceiro corpulento de longos cabelos negros, que grunhiu em resposta.

Ferren e Jared não disseram mais nada enquanto os conduziam rigidamente em direção a uma grande cabana de madeira. Lá dentro, o salão estava lotado, com o que parecia ser uma centena de pessoas sentadas em duas longas mesas de madeira. Uma multidão de homens, mulheres e crianças conversava e ria, com os pratos vazios.

Mas assim que eles entraram, o barulho da multidão diminuiu para um zumbido baixo de sussurros e olhares duros.

Os pais reuniram seus filhos.

Alguns homens de guarda aproximaram as pontas das lanças do peito. Khalani tentou esboçar um sorriso tranquilizador, mas pareceu frágil e inadequado.

Mas ninguém parecia estar olhando para seus membros de forma voraz.

Os pontos positivos foram impressionantes.

O chefe estava no fundo da sala, em uma mesa principal.

"Estes são nossos hóspedes da Fonte do Deserto. Vocês os tratarão com respeito", anunciou ela, com a voz de comando cortando os sussurros. "No entanto, se os virem tentando escapar, alertem um guerreiro imediatamente e eles serão cravados com lanças no chão." portões ao amanhecer. Agora, por favor, sentem-se e comam."

Com essa introdução maravilhosa, nada assustadora, a Chefe se acomodou em seu assento e, uma por uma, figuras emergiram de uma sala nos fundos, carregando tigelas de comida.

Ferren gesticulou para que o grupo se aproximasse da mesa de madeira mais próxima. Mas, quando se sentaram, uma família de três pessoas rapidamente se afastou o máximo possível.

Ela se mexeu na cadeira, com as palmas das mãos coçando e os músculos tensos, quando a garotinha com tranças pretas ao lado dela apareceu à beira das lágrimas.

"Oi", Khalani sorriu para a garota. "Qual é o seu nome?"

O rosto da menina ficou vermelho e seu queixo tremeu. Ela pulou no colo do pai e a família se levantou abruptamente. Eles se mudaram para outra mesa, lançando-lhe olhares de desdém.

O que acabou de acontecer?

Ferren colocou uma tigela fumegante de caldo à sua frente. O cheiro não era desagradável, mas ela fez uma careta ao vê-lo.

"De onde vem a comida?", perguntou Serene, olhando para sua tigela com cautela.

"Vamos atacar as ruínas próximas", respondeu Ferren, colocando tigelas na frente de Takeshi e Brock. "As cidades antigas têm bastante comida estocada que poderia alimentar milhares. Comam."

A cor marrom e os estranhos pedaços de carne no caldo a deixavam inquieta.

Mas, depois de meses de "comida" horrível na prisão e de pequenas barras de ração na superfície, ela estava desesperada por uma refeição de verdade.

Ignorando a colher enferrujada, ela levou a tigela à boca, mas uma mão grande a pousou.

Ela olhou para o culpado sentado à sua frente. Um abismo negro e infinito pairava nos olhos de Takeshi, e ela o encarou com uma expressão igualmente tempestuosa.

“O que você pensa que está—”

“Diga-me o que tem aqui”, Takeshi perguntou a Ferren, ignorando-a.

“É ensopado de carne enlatado roubado da cidade”, respondeu Ferren. “Como mencionei anteriormente.”

“Coma então”, exigiu Takeshi.

"Se quiséssemos matar você", disse Jared, aproximando-se com os braços cruzados, "há maneiras muito mais fáceis de fazer isso".

A expressão impassível de Takeshi permaneceu impassível enquanto ele os encarava.

Eles não perceberam que discutir com Takeshi era o mesmo que gritar para o chão parar de ser duro.

Após um silêncio tenso, Ferren mergulhou uma colher no caldo de Khalani e levou-a à boca para provar.

"Satisfeito?", ele perguntou depois de engolir, com a garganta balançando.

Takeshi o examinou por um longo momento antes de concordar.

"Você está mesmo paranoica", Serene reclamou antes de mergulhar na comida.

Khalani também não perdeu tempo comendo. Ela mal respirou, engolindo tudo. Mesmo que a comida estivesse envenenada, ela ainda poderia ter dado outra mordida.

“Nós nos mantemos vivos questionando tudo”, respondeu Brock, concordando com Takeshi pela primeira vez.

Quando terminaram de comer, a Chefe se aproximou, com seu manto marrom flutuando graciosamente atrás dela. Ela caminhava com tanta graça e compostura que Khalani se endireitou na cadeira.

"Venha. Vou levá-lo para ver seu amigo agora."

***

O chefe os conduziu a uma casa azul-clara, uma das poucas casas de dois andares da cidade. Por dentro, a casa parecia bem-vivida e limpa, com pisos de madeira brilhantes e móveis de couro creme. Passaram por uma cozinha branca com pilhas de comida enlatada em cada balcão.

Eles seguiram o chefe pelas escadas acarpetadas de azul com fotos de uma família feliz enfeitando a parede.

Ao chegarem ao topo da escada, entraram em um quarto aquecido, onde duas mulheres, usando longos vestidos brancos, estavam debruçadas sobre uma pequena cama. O coração de Khalani disparou ao reconhecer a pequena figura sob os lençóis.

"Winnie!" Ela correu para frente, agachando-se ao seu lado.

Winnie estava imóvel sob as cobertas, suas bochechas pálidas quase se misturando ao tecido branco. Ela usava uma camisa branca limpa, com bandagens novas cobrindo o ombro. Mas seus olhos estavam fechados e suas mãos repousavam imóveis ao lado do corpo.

Uma das mulheres, de meia-idade, pele escura e cabelos pretos, cuidava dos curativos de Winnie. A outra parecia um pouco mais jovem, com cabelos loiros presos em um rabo de cavalo baixo. Ao contrário da maioria das pessoas que vira na Fonte do Deserto, sua pele pálida quase combinava com a de Khalani.

A mulher mais jovem verificou a temperatura de Winnie enquanto o chefe perguntava: "Como ela está, Ari?"

A loira deu um suspiro exacerbado. "Você tem um talento especial para trazê-los meio mortos, não é, Penn?"

“Ari.”

"Ela está estável... por enquanto. Conseguimos baixar a febre e usamos alguns antibióticos para a infecção. Vamos ver se eles fazem efeito." Ari lavou as mãos em uma bacia.

"Antibióticos?" Derek se endireitou, com rugas na testa. "Onde você conseguiu? Todos os do Grande Colapso já teriam vencido."

Ari lançou um olhar de pânico para o Chefe, que interrompeu: "Nós os pegamos em ataques. Parte do remédio do Grande Colapso continua fazendo efeito. Agora, você pode ver que estamos cuidando da sua amiga, e ela está viva. É hora de você voltar para casa."

Khalani recuou imediatamente.

"Não. Eu quero ficar com ela." Seu peito parecia que ia desabar só de pensar em deixar Winnie de novo.

"O que o corpo dela precisa agora é de descanso", disse Ari com fervor, colocando a mão em seu ombro. "Não deixaremos que nada de mal aconteça a ela."

Ela engoliu em seco, um nó se formando em sua garganta, mas Serene agarrou sua mão e apertou.

"Venha, Khalani. Não há mais nada que possamos fazer agora."

Seu pescoço pendia enquanto ela apoiava a outra mão na de Winnie. Lágrimas se formavam nos cantos de seus olhos, mas ela se recusava a deixá-las cair na frente de seus captores.

Alguns momentos tensos se passaram antes que ela se levantasse relutantemente e beijasse a bochecha fria de Winnie. "Não estarei longe, Winnie. Estarei bem aqui *quando* você acordar."

Khalani limpou o nariz. O que a surpreendeu foi quando os outros, até mesmo Brock e Takeshi, tocaram a perna ou o braço de Winnie, com olhares brilhando de tristeza, carinho e... amor. Parecia amor.

O chefe olhou para eles com um olhar estranho enquanto eles seguravam Winnie perto de si e saíam silenciosamente da casa.

A noite havia caído e tochas iluminavam o caminho.

"Por que vocês têm homens patrulhando as muralhas o tempo todo?", perguntou Brock.

O olhar do Chefe permaneceu fixo à frente. "Eles estão constantemente de

olho nos Pecadores."

"O que há de tão perigoso nos Pecadores?"

Os ombros da Chefe ficaram tensos, sua postura tão rígida quanto as paredes que os cercavam.

Os Pecadores não são apenas uma ameaça — são predadores determinados a extinguir a Fonte do Deserto. Eles atormentam seus filhotes e os lançam no deserto. Se tivessem encontrado vocês como nós, teriam comido vocês vivos.

"Você quer dizer no sentido metafórico", insistiu Serene.

“Não. No sentido literal”, respondeu a Chefe, com a voz cortando o ar frio. “Nós vigiamos e treinamos nossos guerreiros diariamente porque Ansel está esperando o momento certo para atacar.”

“Quem é Ansel?” Derek perguntou.

"A líder dos Pecadores", disparou a Chefe, com o maxilar cerrado. "Uma cria do diabo que tenta conquistar nossas muralhas há anos."

"E se ele fizer isso?" A voz de Khalani tremia de apreensão.

"Nós prevaleceremos. Não temos outra escolha."

“Mas se você nos deixar partir para Hermes, podemos trazer mais armas para você lutar—”

"Não", retrucou o Chefe, parando no meio da estrada. "A deusa da lua zela por nós. Armas mais fortes ou não, ela não nos deixará cair." Ela inclinou a cabeça para trás, mas a lua pálida não lhe ofereceu nenhuma garantia divina.

Quando o chefe foi embora, Brock zombou.

“Eles definitivamente vão morrer.”

Ela concordou.

Por sua curta e trágica existência, Khalani sabia muito bem que recorrer a alguma força misteriosa para ser salva era um esforço tolo.

Eles esperariam até que a Terra reivindicasse seus túmulos.

Parecia haver mais famílias do que guerreiros na Fonte do Deserto e, se fossem atacados, ela não tinha certeza de que todos sobreviveriam.

O maior problema era que Khalani e os outros estavam presos dentro das muralhas com eles.

11

Cuidado com os quietos.
Eles aprenderam a esconder a raiva.

Naquela noite, Khalani mal dormiu. Ela costumava encontrar consolo no sono. Mas, às vezes, os medos ultrapassam limites que não deveriam.

Deslizando através de barreiras.

Mergulhando nos sonhos.

Inflexível

Implacável.

Ela finalmente se levantou e deitou no sofá da sala, com os olhos fixos no teto branco irregular. O silêncio do cômodo era enganoso. Cada rangido do assoalho e murmúrio distante na casa eram amplificados.

A porta da frente se abriu abruptamente, quebrando o frágil silêncio.

A Chefe entrou, com seus longos cabelos negros cuidadosamente trançados nas costas. Vestida com calças bege e uma regata marrom que acentuava seus braços torneados, ela exalava força e confiança.

"Preparem todos", ela ordenou. "Vocês serão designados para seus postos hoje."

“Estações?” Serene apareceu na esquina, seu cabelo azul pingando deixando manchas escuras em sua camisa.

"Sim. Na Primavera do Deserto, cada um faz a sua parte." A Chefe cruzou os braços. "Se você não trabalhar, não come. Você tem alguns minutos para me encontrar lá fora." Com uma virada decisiva, ela bateu a porta da frente.

Khalani rapidamente despertou os outros. Vestindo roupas largas e bege e botas pretas, os seis seguiram o Chefe em direção à dura luz do dia.

Ferren e Jared montaram guarda na varanda, impacientes. Sem dizer uma palavra, o Chefe marchou pelo centro da cidade, deixando-os sem escolha a não ser segui-los.

A única melhora em relação a ontem foi que os poucos moradores da cidade na estrada não fugiram com a aproximação deles. Apenas torceram os lábios em desgosto.

"Esta é a principal área residencial." A voz da Chefe se estendia pelo ar quente enquanto apontava para vários prédios. "Ali fica a cabine médica, que vocês já viram, e ao lado fica o nosso refeitório."

Serene ficou ao lado dela enquanto eles ouviam atentamente, com Brock, Adan e Derek não muito atrás.

Takeshi ficou para trás, examinando as paredes externas obsessivamente.

“Ah, aqui estamos.”

O chefe os conduziu a uma clareira de terra batida além das casas. Um grupo de trinta pessoas, a maioria homens de constituição física mais baixa, formava um círculo, vestindo capas pretas.

“Como vai, Patreus?”, gritou o Chefe.

Um homem mais alto, de túnica preta, estava de pé ao lado, com as mãos apoiadas na cintura. Tinha cabelos castanhos curtos e uma carranca permanente no rosto bronzeado. Ao ouvir a voz do Chefe, ele se virou, seus músculos salientes se tensionando.

“ *Por favor,* me diga que não foi uma dessas garotas que matou Varo”, rugiu o homem.

"Não foi." A Chefe inclinou a cabeça. "Mas você sabe que não se deve julgar pelo tamanho, Patreus."

Patreus cruzou os braços. "Sim, você não me deixa esquecer *disso* . Então, quem fez isso?"

A Chefe fixou a atenção em Takeshi. "Qual é o seu nome?"

A expressão de Takeshi endureceu, assim como o nome que ele lhe deu: "Steele".

"Você realmente deu uma surra nos nossos homens, *Steele* ." Sua voz estava carregada de ressentimento amargo. "A Fonte do Deserto foi construída para a paz, mas precisamos do tipo de tenacidade que você demonstrou. Sua missão é ajudar Patreus a treinar nossos guerreiros. Acha que consegue lidar com isso?"

A carranca de Takeshi se aprofundou e seu olhar vagou sobre Khalani e os outros por uma fração de segundo.

“Quais serão as suas atribuições?” ele perguntou.

A Chefe suspirou. "Já pensei bem. As meninas vão ajudar a lavar roupa. Vocês dois", indicou Adan e Derek, "vão buscar água no poço."

O Chefe finalmente se virou para Brock: "E *você* vai ajudar a preparar as refeições na cozinha coletiva."

O olhar feroz de Brock se estreitou. "Eu seria mais útil treinando seus guerreiros do que perdendo tempo na *cozinha* ." Ele cuspiu a palavra como um insulto.

"E o fato de você acreditar que eu me importo com o que você quer torna este momento ainda mais gratificante. Aproveite." A Chefe girou nos calcanhares e foi embora sem olhar para trás.

Patreus murmurou baixinho e conduziu Khalani e Serene até um prédio branco no fim da rua para encontrar uma mulher chamada Marissa. Ferren e Jared conduziram Derek e Adan até o poço, enquanto Brock marchou relutantemente em direção ao refeitório, resmungando obscenidades o caminho todo.

Alguns metros abaixo do caminho, ela olhou para trás e pegou Patreus dando uma conversa séria com Takeshi, seu olhar gelado e cheio de com desconfiança. Takeshi parecia estar ouvindo atentamente, mas seu olhar se voltou para ela.

Ela congelou, mas Serene disse: "Vamos, Khalani. Não queremos nos meter em encrenca."

Khalani assentiu e continuou seu caminho. Ela não pôde deixar de olhar por cima do ombro mais uma vez.

Mas Takeshi nunca olhou para trás.

***

Nos dias seguintes, Khalani e Serene passaram o tempo esfregando roupas sujas em grandes barris de água.

Eles trabalharam até o sol se pôr no horizonte e o calor opressivo dar lugar a um friozinho.

À noite, juntaram-se aos outros na cabana de madeira para uma refeição rápida e saborosa. Apesar do trabalho árduo que realizavam todos os dias, os moradores de Desert Spring continuavam a encará-los como se Khalani e os outros fossem assassiná-los enquanto dormiam.

À noite, no silêncio da casa, os seis se reuniram para discutir planos de fuga. Adan e Brock vasculharam cada canto e fresta para garantir que não houvesse câmeras ou dispositivos de escuta. Mesmo sem encontrar nada, conversaram em sussurros no quarto.

Brock e Takeshi estavam confiantes em suas habilidades para nocautear Ferren e Jared, os guardas encarregados de vigiá-los de perto, mas a muralha representava um desafio ainda maior. Era fortemente protegida, tanto no chão quanto por cima.

A melhor ideia deles até agora foi Adan fazer uma escada muito alta…

Então, eles basicamente não tinham nada.

O pequeno raio de esperança e a única coisa que impedia Khalani de arrancar os cabelos era a melhora gradual de Winnie.

Todas as noites, Khalani a visitava, observando atentamente a firmeza de sua respiração e o brilho de cor retornando às suas bochechas.

Mas Winnie ainda não tinha acordado.

"Dê um tempo", dissera Ari na noite anterior, com a mão pousando delicadamente no ombro de Khalani. "Quando o corpo dorme, ele pode se concentrar em se curar."

No dia seguinte, Khalani se viu esfregando as roupas sujas com mais força, o sabão se dissolvendo em sua pele enquanto o sol se punha. Quanto mais rápido terminasse, mais cedo poderia dar uma olhada em Winnie.

"Por que parece que fomos de uma prisão para outra?", resmungou Serene, erguendo as mãos encharcadas e enrugadas, com desgosto.

"Pelo menos não estamos atrás das grades desta vez. E temos um chuveiro."

Khalani disse isso, mas um peso enorme se instalou em seu estômago. Ela não conseguia identificar o problema, mas toda vez que voltava para casa à noite, uma sensação inquietante subia por sua espinha e seus passos se aceleravam.

Como se um monstro invisível a observasse por trás das cortinas.

"Troquei as barras de ferro por uma colega de quarto que ronca", respondeu Serene, distraindo-a momentaneamente.

“Eu não ronco!”

"Claro que sim. Aposto que até o Takeshi consegue ouvir do lado de fora da porta." Serene imitou um barulho irritante que lembrava uma criatura morrendo.

Khalani engasgou e jogou um pano molhado e sujo direto no rosto dela. Serene reagiu pegando o balde de água inteiro, mas ele caiu no chão.

"Que diabos está acontecendo?!" Marissa irrompeu pela porta, com seu cabelo preto e crespo preso em um coque apertado no topo da cabeça.

Marissa era uma mulher de meia-idade, magérrima, com o rosto cheio de sardas e sempre franzido numa careta. Encarregada das sessões diárias de limpeza, Marissa parecia nutrir um profundo desdém por Khalani em particular.

Ela tinha certeza de que Marissa a odiava mais do que odiava baratas.

E isso já dizia alguma coisa.

"Nada, senhora", disse Khalani, com as costas rígidas. "O balde simplesmente caiu."

Os ombros de Serene tremeram ao lado dela.

A garota definitivamente faria com que os dois morressem um dia.

Mas se alguém precisasse ser enterrado, Khalani estaria lá com uma pá.

"Já que você acha isso tão divertido", Marissa retrucou para Serene, "você pode pular o jantar até terminar de lavar esses outros barris de roupa."

"E *você* ?", Marrisa lançou seu olhar severo para Khalani. "Vá buscar os trapos sujos do grupo de treinamento de Patreus. Eles costumam estar encharcados de suor no final do dia, então você tem o privilégio de limpá-los todos. Mexa-se!"

Os punhos de Khalani se cerraram enquanto ela se levantava com dificuldade, lutando para suprimir os palavrões que se formavam em sua garganta.

"Só sigam as regras deles por enquanto", dissera Derek na noite anterior. "Temos mais chances de escapar se eles não suspeitarem que vamos embora."

Mantenha a calma. Mantenha o foco. Depois, fuja.

O sol estava se pondo enquanto ela caminhava para fora, transformando o céu em uma tela flamejante de vermelhos e laranjas. Ela respirou fundo e esticou os músculos acima da cabeça, um tanto grata pelo alívio de ficar sentada em um banquinho duro o dia todo.

O único consolo era que o trabalho manual no campo era fácil comparado aos horrores que ela suportou em Braderhelm.

Falando em horrores em Braderhelm…

A sinfonia de grunhidos altos a guiou até a área de treinamento.

Cerca de trinta homens e mulheres estavam sentados em um grande círculo, e no centro estava Takeshi. Sem camisa.

O cabelo preto de Takeshi, desgrenhado e selvagem, caía em cascata sobre sua testa enquanto ele demonstrava uma manobra de luta.

A visão a fez pensar na estátua de Adônis que ela vira no Gênesis.

Seu corpo era uma obra de arte, esculpido não por mãos gentis ou pela sorte da genética, mas aprimorado por anos de disciplina extenuante para transformar o corpo em uma arma.

Takeshi estava envolvido em uma briga simulada com uma jovem da idade de Khalani.

Seu cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo baixo, e sua blusa bege grudava em seu peito enquanto Takeshi corrigia sua postura diversas vezes.

Seu toque foi breve, mas preciso, guiando-a da mesma forma que fizera com Khalani em Braderhelm.

Embora suas mãos mal tenham permanecido no corpo da mulher por mais de uma fração de segundo, Khalani se viu lutando para engolir o nó na garganta.

Mas ela balançou a cabeça, lembrando a si mesma que não importava o que Takeshi fizesse ou com quem.

Ele deixou bem claro para ela que ela era tão atraente para ele quanto uma pedra em seu sapato, e o que aconteceu entre eles em Braderhelm foi um erro.

Qualquer interação superficial, incluindo a noite em que ela deixou de lado suas inibições e montou em seu colo, foram lapsos momentâneos de sanidade provocados pelos efeitos do calor e da solidão.

Na verdade, era preferível que ele se aproximasse de outra garota que estivesse a fim de um coração partido.

Khalani.

Era.

Apenas.

Multar.

Agradecer.

Você.

Ela marchou até Patreus, que franzia a testa sem parar enquanto gritava para o grupo prestar atenção em Takeshi e nas manobras da garota.

“Com licença”, ela começou.

Mas Patreus continuou gritando: "Preparem-se para formar pares! Lembrem-se, só alcançaremos a paz derrotando os Pecadores por completo."

“Senhor, fui enviado—”

"Deméter! Você está cansada demais para prestar atenção?"

Bufando, Khalani tocou o braço de Patreus para chamar sua atenção, mas ele imediatamente agarrou seu pulso com força com uma mão enquanto pegava sua pistola com a outra.

Ela conteve um suspiro devido à pressão esmagadora em seu pulso, mas, tão rapidamente quanto a agarrou, Patreus a soltou abruptamente, como se estivesse se lembrando de si mesmo.

“O que *você está* fazendo aqui?” ele perguntou.

"A Marissa me mandou aqui." Seus lábios se contorceram de raiva. "Ela me disse para recolher todos os trapos sujos que vocês tiverem, mas se não precisarem de mim, terei prazer em ir embora."

Patreus estreitou os olhos, avaliando-a, mas finalmente assentiu. "Você pode dar uma volta e perguntar se alguém quer lavar seus pertences. Mas se apresse."

Sem dizer uma palavra, ela se virou, ansiosa para se distanciar do velho estranhamente agressivo.

O ar estava carregado de expectativa enquanto ela caminhava em torno do círculo tenso de espectadores. Ela sentiu o foco intenso de Takeshi se voltar brevemente para ela, um aviso silencioso em seu olhar.

Seu estômago se contraiu enquanto Takeshi acelerava o ritmo da luta, e os grunhidos inebriantes da garota com quem ele estava lutando aumentavam.

Ela precisava ir embora. Rápido.

Os homens e mulheres estavam encharcados de suor e sujeira e jogavam seus equipamentos para ela com pouca consideração, como se ela fosse uma mera serva. O olhar de Khalani endureceu, mas ela continuou recolhendo os trapos sujos.

Ela chegou até a última pessoa, com os braços cheios de camisas encharcadas

de suor e manchadas de vômito, quando uma mão bateu em seu traseiro.

“Ei, parasita, você esqueceu minha camisa!”

Um homem corpulento, de cabelos castanhos cacheados e rosto bonito, riu junto com alguns homens enquanto Khalani se virava em choque. Suas bochechas coraram enquanto o riso sufocado se expandia, abafando qualquer som.

Seus olhos brilharam e suas mãos tremeram.

Khalani passou por muita coisa, sofreu nas mãos de muitos homens, para deixar alguém tocá-la sem consentimento.

As camisas caíram de seus braços em uma pilha esquecida.

Antes que o sujeito cacarejante tivesse a chance de reagir, ela se lançou, acertando o punho no rosto dele. O impacto violento o jogou no chão, e a multidão engasgou.

A dor aumentou nos nós dos dedos dela, mas ela a ignorou, encontrando um lampejo de satisfação no gemido audível dele enquanto ele cambaleava para trás, segurando o nariz.

Seus amigos o cercavam: "Você está bem, Garret?"

Garret os ignorou e virou-se para ela.

"Qual é o seu problema?" ele rosnou.

“Você tem o hábito de agredir todas as garotas que passam perto de você?”, ela retrucou.

"Seu filho da mãe nojento..." Garret deu um passo à frente, mas foi abruptamente puxado para trás.

Takeshi se ergueu atrás dele, agarrando a nuca de Garret. Seus outros amigos engoliram em seco, recuando instintivamente.

"O que aconteceu?" Takeshi perguntou entre dentes.

"Vou te contar o que aconteceu", reclamou o homem. "Essa vagabunda me bateu... AI. Merda!"

Ainda segurando o pescoço, Takeshi o chutou na parte de trás das pernas, forçando-o a se ajoelhar. Ele se inclinou, cravando os dedos nos tendões do pescoço de Garret.

"Você sabe quantos ossos tem no seu corpo? Duzentos e seis. Chame-a por esse nome de novo, e eu quebrarei cada um deles."

O homem gemeu em resposta, e Takeshi levantou a cabeça, encarando-a diretamente. "O que ele fez?"

Ela cruzou os braços e disse a verdade: "Ele me deu um tapa na bunda."

A mão esquerda de Takeshi fechou-se em punho, enquanto a outra — ainda presa ao pescoço do homem — apertou-a ainda mais. Suas unhas cravaram-se na carne do homem, provocando gemidos de dor enquanto o sujeito se contorcia e tentava se soltar. Mas a resistência do homem só parecia alimentar a determinação mortal de Takeshi.

Era como se a própria face da morte o encarasse de volta quando Takeshi estendeu a mão para pegar a lâmina afiada escondida em sua bota.

"Steele!", gritou Patreus, e a multidão se abriu para o velho, que marchou em direção ao círculo. "O que você pensa que está fazendo?"

"Você disse que queria que eu *ensinasse* ... É isso que pretendo fazer", sua voz baixa e rouca praticamente tinha comprimento de onda próprio. Takeshi se

aproximou de Garret, que parecia prestes a se molhar.

“Peça desculpas a ela.”

"S-desculpe", gaguejou Garret, com a cabeça baixa.

"Não." Takeshi levantou a cabeça de Garret bruscamente, forçando-o a encontrar o olhar de Khalani. " *Olhe* para ela quando for se desculpar."

Os lábios de Garret tremeram quando uma gota de sangue caiu de seu nariz. Ele engasgou: "Desculpe."

Khalani cruzou os braços, encarando-o como *se ele* fosse o parasita. "É melhor você não tocar em nenhuma garota assim de novo sem a permissão dela."

Garret assentiu vigorosamente, suspirando de alívio.

Mas então, Takeshi puxou Garret pela gola da camisa, arrastando-o para o centro do ringue e jogando-o no chão como um trapo inútil. Garret se levantou com dificuldade, puro pavor nos olhos enquanto Takeshi marchava em sua direção.

"O que você está fazendo? Ela aceitou minhas desculpas!"

"Ela fez." Takeshi limpou os lábios. "Mas eu não."

Os olhos de Garret se arregalaram quando Takeshi se lançou contra ele como uma bala. Khalani mal conseguiu acompanhar o movimento quando Takeshi o atingiu no rosto, peito e costelas. Garret se debateu, tentando se defender inutilmente enquanto Takeshi se movia como um fantasma.

Por fim, ele se enrolou como uma bola, chorando e cobrindo a cabeça.

Mas a ira de Takeshi estava longe de ser saciada.

Ele se moveu para trás de Garret, envolvendo seu peito com um braço e esticando seu pulso para o lado.

O mesmo braço que Garret usou para dar um tapa nela.

Com um puxão selvagem, Takeshi hiperextendeu o braço de Garret para trás das costas, provocando um grito de pura agonia.

"Chega, Steele! Você provou seu ponto", gritou Patreus.

Takeshi pareceu não ouvi-lo e continuou puxando como se estivesse prestes a arrancar o próprio braço.

O som de uma arma sendo engatilhada ecoou pelo ar tenso, e todos congelaram quando Patreus apontou uma pistola para Takeshi. A arma *dela* .

"PARAR."

Não foi Patreus quem gritou.

Era ela.

Ela não sabia se foi sua voz ou a arma apontada para a cabeça de Takeshi que o deteve, mas Takeshi soltou Garret, que caiu no chão, segurando o ombro.

O peito de Takeshi arfava a cada respiração, e ele nem sequer se mexeu diante da arma carregada apontada para ele. Seu olhar negro se voltou para Khalani, transbordando ressentimento e sarcasmo.

"Já terminei por hoje", sibilou Takeshi. "Se você quer que ele continue vivo", gesticulou em direção a Garret, ainda se contorcendo no chão, "mantenha-o longe de mim."

Com isso, ele passou por Patreus, que segurava a arma com tanta força que pensou que ela poderia quebrar.

Todos ficaram parados, com medo de mover um músculo.

Mas Patreus rapidamente recuperou a compostura, olhando feio para os

recrutas.

"O que vocês estão olhando? De volta ao trabalho! Formem duplas para exercícios de luta. Garret, pare de chorar feito uma vadia . "

Ninguém se moveu inicialmente, mas então ele gritou: "Agora!"

Khalani aproveitou a oportunidade para escapar. Recolheu as roupas sujas no chão, ignorando os olhares indecisos, e ansiosamente retornou às suas tarefas de limpeza.

Serene sabia que algo estava errado.

Depois que Marissa a bombardeou com perguntas por demorar tanto, Serene sussurrou várias vezes, perguntando a Khalani se ela estava bem.

Ela disse que estava bem.

Ela mentiu.

À noite, ela se retirava para um canto tranquilo da casa, agarrada ao diário de Ana, precisando escrever seus pensamentos dispersos.

Mas sua mente continuava voltando para Takeshi.

Naquele momento final, Takeshi não olhou para ela como uma protetora em sua história.

Ele olhou para Khalani como se ela fosse a vilã dele.

Você me vê?
O *verdadeiro* eu?
O eu que ninguém conhece?
O eu escondido atrás das cicatrizes?
Eu com um coração grande demais para o peito?

Acho que me escondi por tanto tempo
Porque eu nem queria me ver
Vestindo uma pele que não era minha
Sorrindo através das lágrimas invisíveis
Mudando quando eu não sabia para onde ir

Houve um breve momento
Quando você olhou *para* mim e não *para* mim
E você cutucou as paredes que eu cuidadosamente criei
Como pequenos pontos no céu noturno para você explorar
Porque você viu a luz que me criou
Quando eu só via a escuridão que me forjou

Eu perdoo quem eu era
E aceitar a pessoa que eu sou
Mas no silêncio de uma noite que se desvanece
Uma verdade sussurra para ninguém além de mim ouvir
Minhas partes mais sombrias sentem falta de serem abraçadas
Pela sua letalidade.

12

Eu sou a tempestade que você nunca viu chegando.

Takeshi não se juntou a eles no refeitório para jantar naquela noite. Khalani espetou a comida em sua tigela, sua frustração fervendo logo abaixo da superfície. Gotas de eletricidade serpenteavam em seus músculos, crepitando, desesperadas para serem liberadas.

Ela precisava descarregar a energia acumulada em *alguma coisa* . E a comida morna à sua frente não estava dando conta.

Os amigos a observavam cautelosamente, como se ela pudesse atacá-los com sua colher de pau a qualquer momento.

Ela finalmente ergueu os olhos e bateu a tigela na mesa. "O quê?"

As carrancas nos rostos de Serene, Adan e Derek se aprofundaram. Brock suspirou e pegou a tigela dela com um ar casual e resignado.

"O que você está fazendo?"

"Se você vai ficar só olhando feio para a comida que eu tive que servir para todo mundo, eu vou comer." Brock tentou puxar a comida dela, mas ela a puxou de volta, quase derramando em si mesma.

" *Não* se meta entre mim e a comida agora. Vou te sufocar com o meu travesseiro enquanto você dorme", ela retrucou.

"Você está menstruada ou algo assim?" Brock inclinou a cabeça.

Khalani apertou a tigela com mais força, pronta para jogá-la na cara dele, mas Derek colocou a mão em seu ombro para acalmá-la. "Uau, Uau. Vamos relaxar."

"Não, eu vou ajudar você a matá-lo hoje à noite", Serene interrompeu.

"Ninguém vai matar ninguém." Adan cerrou os dentes em frustração. "Precisamos nos unir, ou nunca chegaremos a Hermes inteiros."

"Está tudo bem?"

Ela quase pulou da cadeira quando o Chefe falou bem atrás dela, aparentemente surgindo do nada.

"Sim", eles murmuraram rapidamente em uníssono.

O Chefe os observou por um longo momento, mas não insistiu. "Ótimo. Se já terminaram de comer, venham comigo para a enfermaria. Ari me disse que seu amigo acordou."

Khalani se levantou cambaleando, com o coração acelerado enquanto seguia o Chefe até o prédio azul.

Cada passo era um eco da esperança e do medo que a assolavam.

Ela subiu as escadas correndo, passando por todos. O peso denso em seu peito só se dissipou quando ela entrou no quarto e viu Winnie sentada na cama, com os olhos castanhos arregalados.

“Khalani, garota”, disse Winnie com um sorriso.

Lágrimas brotaram nos olhos de Khalani, e ela não se importava com quem as visse. Ela correu para a cama e caiu de joelhos. Com o máximo de cuidado possível, Khalani se enrolou em Winnie, que tinha uma bandagem branca cobrindo o ombro e o braço preso em uma tipoia adequada.

"Você está vivo", ela sussurrou, com a voz trêmula.

"Claro, querida. O amor é mais forte que a morte, lembra? Winnie não poderia deixar você escrever esta história sozinha." Winnie sorriu para ela, irradiando um calor que só uma mãe poderia ter.

Khalani abraçou Winnie como se fossem as duas últimas pessoas na Terra. Ela ouviu os outros entrarem atrás dela, e cada um abraçou Winnie, até mesmo Brock, que normalmente se mantinha à distância.

Sua própria família disfuncional.

"Como você está se sentindo?", perguntou Ari, dando um passo à frente com um calor renovado nos olhos.

Winnie se endireitou, radiante. "Em forma! Winnie está pronta para voltar à estrada."

Mas Khalani percebeu a leve careta quando ela tentou se levantar da cama.

"Não, não. Ainda não." Ari gentilmente a empurrou para baixo. "Precisamos dar ao seu corpo mais alguns dias para se recuperar da infecção."

"Bobagem. Winnie poderia correr uma maratona agora mesmo", declarou Winnie.

“O que é uma maratona?” Derek perguntou.

“Pela minha pesquisa sobre o Grande Colapso, essa era a palavra-código deles para o inferno.”

"Parece ser o meu tipo de diversão." Brock sorriu.

"Você diria isso." Serene olhou para ele.

Enquanto conversavam, os olhos de Khalani lacrimejavam enquanto ela encarava Winnie como uma obra de arte perdida. Seus pulmões conseguiam respirar mais profundamente. Sua pele não parecia tão tensa.

"Senti tanto a sua falta. Pensei no pior. Não sabia o que fazer." As palavras saíram da sua boca.

Winnie segurou a bochecha de Khalani com ternura, os dedos frios. "Winnie pensou em você o tempo todo, até nos sonhos. Você tem sido tão, tão forte."

Khalani balançou a cabeça. "Não me senti forte. Fiquei com tanto medo."

"Tudo bem, querida. Os medos nem sempre são tão ruins. Eles te lembram de tudo o que você precisa para viver."

O queixo de Khalani tremeu quando o Chefe deu um passo à frente.

"Está ficando tarde", disse ela. "E o Ari tem razão, vocês precisam descansar. O resto de vocês precisa voltar para casa."

Winnie resmungou, insistindo que estava em forma o suficiente para andar de bicicleta. dragão — seja lá o que isso significasse — antes de se deitar novamente.

“Posso ficar com ela?”, perguntou Khalani.

"Não tenho certeza se é uma boa ideia", Ari respondeu.

"Só por esta noite", implorou ela. "Ela é a pessoa mais próxima de uma mãe que eu tenho. Por favor... deixe-me ficar com ela esta noite."

Um olhar suave surgiu nos olhos de Ari enquanto ela olhava para o Chefe, que a observava atentamente. Khalani não sabia o que o Chefe via em sua expressão, mas suspirou. "Tudo bem. Uma noite."

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios de Khalani quando Serene a beijou na cabeça e os outros a abraçaram e foram embora — incluindo Brock, embora sua despedida tenha se limitado a um aceno de um dedo.

Khalani deitou-se sobre as cobertas ao lado de Winnie enquanto Ari apagava o abajur e lhe oferecia um sorriso gentil antes de fechar a porta.

Na escuridão tranquila, Winnie moveu lentamente sua mão fria até tocar a de Khalani. Sem hesitar, Khalani entrelaçou seus dedos, e eles se encaixaram como duas peças de um quebra-cabeça.

Pela primeira vez, seu coração pesado se dissipou, flutuando livremente em seu peito como a lua pálida pairando além da linha de visão deles.

"Winnie?" ela suspirou, olhando para o teto.

"Sim, querido."

“Essas manchas brancas que saem à noite para descansar ao lado da lua… como são chamadas?”

Ela podia ouvir o sorriso na voz de Winnie. "Você quer dizer estrelas?"

"Estrelas..." Khalani saboreou a palavra em sua língua. "O que são elas?"

"Eles são como o nosso Sol, só que queimando a milhões de quilômetros de distância no espaço. Alguns deles têm outros planetas orbitando ao redor deles, assim como o nosso."

"Como a nossa?" Ela virou a cabeça no travesseiro para encará-la. "Eles também têm pessoas?"

“Antes do Grande Colapso, eles ainda estavam tentando descobrir que para fora — se estávamos realmente sozinhos no universo ou se havia outros seres lá fora. Talvez até fazendo exatamente a mesma coisa que estamos fazendo. Winnie apertou a mão dela com mais força.

“Se estiverem, então eles também estão vivenciando isso.”

“Experimentando o quê?”

“As partes que fazem tudo valer a pena.”

***

Foi a primeira noite na superfície em que Khalani dormiu sem pesadelos a destruindo. Ela segurou a mão de Winnie o tempo todo, a única coisa que a mantinha inteira.

De manhã, Ari entrou no quarto com um olhar pálido de arrependimento e disse a Khalani que ela precisava retornar às suas tarefas de limpeza.

Ela protestou, querendo ficar mais tempo, mas Winnie apertou sua mão.

"Vá, querida", insistiu Winnie, com a voz cansada. "Já estou aqui."

Nos dias seguintes, Khalani lavou roupa com Serene e visitou Winnie todas as tardes. Ari pareceu agradavelmente surpresa com o progresso de Winnie, mas ainda insistiu que Winnie precisava de mais um ou dois dias antes de poder se movimentar com mais liberdade.

Takeshi permaneceu esquivo, raramente visto durante o dia, não se juntando a

eles para as refeições e entrando em casa apenas quando a lua estava alta no céu. Ele tomava banho e depois dormia no chão da sala sem reclamar.

Takeshi não olhou para ela, muito menos falou com ela. Ele havia voltado a ser frio e distante, tratando-a como antes em Braderhelm.

Certa tarde, Khalani se aventurou perto da área de treinamento. Os recrutas a evitavam como se ela estivesse coberta de espinhos venenosos. Ela notou os olhares nervosos lançados sobre Takeshi, como se eles temessem que ao menos olhar para ela lhes valesse uma passagem só de ida para o inferno.

Ao passar, o olhar de Takeshi a perfurou, mais afiado que a lâmina que ele guardava nas botas. Mas ele rapidamente voltou a instruir os aprendizes com Patreus, sua voz ecoando pelo campo com um tom duro e cortante.

Mas a primeira mudança veio na noite seguinte, quando Takeshi se juntou a eles no refeitório, algo que ele não fazia há dias.

Seu cabelo preto estava desgrenhado, e gotas de suor escorriam pelo seu rosto.

Os olhos dela captaram as veias salientes nos antebraços dele enquanto ele bebia um copo de água, e ela captou o nó na garganta dele enquanto ele engolia.

Era realmente injusto como alguém como ele conseguia parecer ainda mais atraente suado e desgrenhado. Depois de um treino intenso, seus pulmões latejavam como se ela estivesse à beira da morte, e seu cabelo ficava arrepiado como se ela gostasse de se aconchegar em uma cerca elétrica nas horas vagas.

Mas por trás desse fascínio, uma energia caótica emanava dele e deixava todos inquietos enquanto ele comia em silêncio.

"Você está bem, cara? Não te vemos por aqui ultimamente", perguntou Adan, quebrando o silêncio ressonante.

"Estou bem." Takeshi mal olhou para cima, comendo da tigela como se fosse sua última refeição. Como se quisesse escapar o mais rápido possível.

“Como está indo o treinamento?” Derek questionou.

"Multar."

“E seus guerreiros?”

"Multar."

"Como é o Patreus?", Serene interrompeu. "Ele está... bem?"

"Sim."

Serene balançou a cabeça, exasperada, e Derek riu baixinho.

Khalani, enquanto isso, brincava com a colher, mexendo nos feijões como se eles pudessem ganhar consciência magicamente.

De repente, um CRACK ensurdecedor ecoou pelo salão, como se o próprio Deus tivesse batido o punho na terra.

Khalani ofegou, levantando-se de um salto enquanto Serene, Derek e Adan faziam o mesmo, abraçados. Todos os outros na sala permaneceram sentados, encarando os quatro como se finalmente tivessem enlouquecido.

"Que diabos foi isso?", exclamou ela quando um forte estrondo começou a bater no teto. Seus olhos percorreram rapidamente o teto, temendo que ele pudesse desabar sobre eles.

"É uma tempestade." Brock recostou-se casualmente na cadeira. "Já vivi várias na Zona da Morte."

"O-que estrondo foi esse?" Serene agarrou a mão do irmão, com a voz

trêmula.

“Trovão.” Foi Takeshi quem respondeu.

Derek se virou para ele com a testa franzida. "Como você sabe o som do trovão?"

Takeshi permaneceu em silêncio, mas Khalani sabia a verdade. Ele morava em Gênesis. Embora a cúpula que cercava Gênesis retratasse um céu sereno e protegesse seus habitantes da "radiação", ela não devia ser imune a raios.

Ela aprendeu sobre raios, trovões e chuva na aula, mas, tendo vivido no subsolo a vida toda, nunca havia vivenciado nada parecido.

Khalani gradualmente voltou a sentar-se, mas cada vez que um trovão sacudia o prédio, ela se encolhia, lutando para não se esconder debaixo da mesa de madeira.

Takeshi terminou sua comida rapidamente e se levantou.

"Você vai embora?", perguntou Adan, consternado. "Com esse tempo?"

Takeshi lançou-lhe um olhar de soslaio. "É só chuva."

Ele saiu do corredor sem dizer mais nada.

Khalani mordeu o lábio, uma vontade incontrolável apertando seu coração enquanto ela olhava para o assento vazio que ele tinha acabado de desocupar.

Simplesmente ignore-o.

Ela franziu os lábios, tentando se concentrar novamente em comer da tigela. A chuva continuava a bater nas vigas enquanto o espaço vazio do outro lado da mesa de madeira a encarava.

Estava tudo bem, ela disse a si mesma.

Winnie estava se curando.

Ela não viu nenhuma evidência de canibalismo.

Tudo estava...Khalani olhou novamente para seu lugar vazio...ótimo.

Depois de um momento, ela bateu a colher no chão, incapaz de suportar mais a ausência prolongada.

"Aonde você vai?" Brock gritou quando ela se levantou, mas Khalani o ignorou.

A tempestade ficou mais forte à medida que ela se aproximava da saída.

Suas palmas tremiam quando ela abriu a porta e encarou a fúria da natureza. A água jorrava como se o próprio céu tivesse se aberto e os anjos choravam. Seu queixo estava escancarado, e ela quase caiu de joelhos.

Quando criança, Khalani sempre imaginou como seria a sensação da chuva contra sua pele. Deixá-la deslizar pelos cabelos. Entre as pontas dos dedos. Inclinar a cabeça para trás e absorver a Terra. Mas, parada na beira da porta, ela congelou.

E se doer?

E se um trovão arrebentasse seus tímpanos naquele vasto espaço aberto?

As nuvens escuras diante dela eram como belas feras, esperando para levar Khalani embora e consumi-la.

Seus olhos se fixaram em uma figura vestida de preto caminhando pela trilha, com as mãos nos bolsos. Sua cabeça estava erguida, como se não tivesse medo algum no mundo.

Ela deveria dar meia volta e retornar.

Agora mesmo.

Coisas mortais não devem ser enfrentadas.

Seus dedos tremiam enquanto Takeshi se aventurava cada vez mais na tempestade.

Volte.

Ela engoliu em seco. Estava prestes a se virar.

Mas então, como se ela não tivesse controle sobre seu próprio corpo, seu pé cruzou a soleira.

Seu coração batia descontroladamente quando a primeira gota de chuva roçou sua pele. Ela parou, esperando que algo espetacular ou terrível acontecesse, mas nada aconteceu.

A chuva era fria, quase reconfortante, e seu medo deu lugar a uma estranha alegria.

Ela deu mais um passo à frente, sentindo a terra molhada sob os pés. E então, começou a correr.

Relâmpagos cortavam o céu noturno como um artista pintando pinceladas furiosas acima dela. Mas Khalani continuou correndo pela torrente.

“Takeshi!” ela gritou, sua voz quase perdida contra o vento uivante.

Mas ele congelou, seus olhos escuros fixos nela, uma carranca profunda dominando sua expressão.

“O que você está fazendo aqui, Kanes?”

“Eu…eu…”

As palavras certas não vinham. A chuva encharcava seus cabelos, e suas roupas bege grudavam em sua pele quando ela parou a poucos metros dele, resmungando como uma tola inepta.

Os lábios de Takeshi se apertaram em uma linha sombria enquanto Khalani não conseguia explicar por que ela o seguiu em direção ao aguaceiro como uma louca.

"Volte para seus amigos." Sua voz era fria e distante enquanto ele inclinava a cabeça, virando as costas para ela.

Seus punhos se cerraram, e a energia que rodopiava no ar a abastecia. Iluminando-a de dentro para fora. "Por que você continua me ignorando?"

"Eu não sou."

“Não minta para mim.”

Takeshi fez uma pausa, mal olhando em sua direção. "É para o seu bem."

"Para quem? Para mim?"

"Por nós dois", ele retrucou, encarando-a de frente.

“Então me explique.” Ela levantou as mãos ao lado do corpo.

"Eu não te devo nada." Os olhos de Takeshi endureceram, recuando para trás dos altos muros que ele havia construído cuidadosamente.

Era seu escudo contra o mundo. Mantendo tudo longe.

Principalmente ela.

"Sim, você tem, porra", ela retrucou, avançando para encurtar a distância. "Você já me disse que não há mais nada entre nós. O que mais você tem a perder?"

Ele balançou a cabeça e se virou, determinado a deixá-la para trás.

"Acho que não." Ela puxou o braço molhado dele. "Você não pode fugir de novo, Takeshi."

"Pare com isso, Kanes!" Ele se virou para ela, com os olhos brilhando. "Você precisa aprender a hora de desistir."

Não! Porque alguém um dia me fez acreditar que eu era forte o suficiente para nunca desistir. Lembra?

Takeshi estremeceu quando as palavras dela pareceram transportá-lo de volta aos seus extenuantes treinos em Braderhelm. Quando ele era apenas um guarda e ela, sua prisioneira. Nada naquele relacionamento fraturado jamais fora simples.

Às vezes, ela o pegava olhando para ela como se ela fosse perfeitamente imperfeita do jeito que era. Como se ele não fosse mudar *nada*. *Droga* . Mas em outros dias, ele a encarava como se ela fosse sua pior inimiga e seu maior arrependimento.

No fundo, ela sabia que precisava deixar ir.

Mas Khalani precisava respostas.

Encerramento .

Então ela também poderia desistir.

"Só me diga por que você me odeia tanto." Ela cerrou os punhos, quase perdendo o controle das lágrimas. "Então eu te deixo em paz para sempre."

"Você acha que eu te odeio?" A voz de Takeshi ficou perigosamente baixa quando ele levantou a cabeça.

"Eu sei que sim."

Uma estranha loucura brilhou em sua expressão e ele se aproximou ainda mais, invadindo o espaço dela como se pertencesse a ele.

"Você não sabe *de nada* . Quer saber o que eu odeio, Kanes? Odeio perder o controle. Odeio ficar obcecada por algo que nunca terei. Sabe o que mais eu odeio? Essa porra de conversa. Você sabe que eu não sirvo para você, mas continua voltando porque gosta de pessoas que te machucam."

“Isso…isso não é verdade.”

“Sim, é. Desde o dia em que nos conhecemos, você queria estar perto da morte. Aqui estamos nós, na superfície, e você ainda quer as piores coisas da vida.”

Um trovão ribombava ameaçadoramente acima deles.

O peito dela arfava, as palavras dele perfuravam sua alma como cacos de vidro quebrado, mas Khalani levantou o queixo, recusando-se a recuar.

“Você se acha tão pouco a ponto de acreditar que é a pior coisa para mim?”

Os músculos de Takeshi congelaram. Ele lambeu as gotas de chuva dos lábios, encarando-a como um homem tentando se impedir de ser dilacerado.

"Eu sei que sou, Kanes. Cheguei ao posto de Capitão porque era implacável — um bom soldado disposto a dilacerar qualquer um. Eu não me importava com nada além de trancar prisioneiros em Braderhelm. Esse era o meu dever. Tudo o que eu tinha. Mas aí você apareceu e..." Ele zombou, balançando a cabeça, como se não importasse mais.

"Tentei me convencer de que não era um monstro. Que só machucava as pessoas quando necessário, mas nós dois sabemos que isso é mentira. Talvez eu pudesse ter impedido o Diretor de matar aqueles prisioneiros, mas eu nem tentei. Tudo o que me importava era garantir que *você* nunca morresse."

Seus músculos se tensionaram instintivamente, sentindo a dor que ela sabia que viria. Mas Khalani precisava ouvir a verdade, por mais crua ou dolorosa que

fosse.

Ela prefere sofrer em voz alta do que sofrer em silêncio.

"Você tinha razão sobre mim, Kanes. Eu sou um assassino e já aceitei isso. Quando aquele desgraçado tocou em você outro dia, eu queria fazer mais do que só quebrar o braço dele", ele fervia. "Eu queria despedaçá-lo, queimá-lo vivo e fazer os amigos dele comerem as cinzas. E isso teria feito o meu dia. *É* com ele que você está lidando. Então, pela primeira vez na vida, faça o que é certo para você e vá embora."

Gotas de chuva pingavam de seus cílios grossos como se a Terra chorasse em seu lugar.

Suas respirações pesadas se misturavam enquanto o céu desmoronava ao redor deles. Ela absorveu as palavras dele, deixando o significado fluir através dela.

Mas quando ela perscrutou as profundezas escuras do olhar dele, não viu maldade nem malícia. Viu outra tempestade. Um homem expondo sua alma ao mundo, preparando-se para que todos o abandonassem porque era tudo o que ele sempre conhecera.

Talvez ela devesse ter ido embora.

Talvez ver o lado bom dele a levasse à ruína.

Mas Khalani se aproximou, a chuva era um sussurro esquecido contra sua pele.

"Não tenho direito de decidir o que é melhor para mim?" ela sussurrou.

“Não se você tomar a decisão errada.”

“E é aí que reside o seu maior erro.”

Suas sobrancelhas se franziram. "E o que é isso?"

Ela levantou o olhar, encarando a tempestade de frente.

“Supondo que, depois de estar acorrentado, eu ousaria deixar qualquer outra pessoa ditar minha vida.”

Seu olhar negro percorreu-a, desde os fios molhados de cabelo grudados em suas bochechas até a forma como sua blusa encharcada se moldava à sua pele, não deixando nada para a imaginação.

Apesar do frio no ar, o calor entre eles era mais quente que o sol e, pela primeira vez, ela queria ser consumida por ele.

Khalani se inclinou para a frente, esperando que ele recuasse e a abandonasse. Mas o olhar sombrio de Takeshi se encheu de um desejo insondável, e ele abaixou a cabeça.

Mas houve uma lufada repentina de ar, e Takeshi se encolheu.

Seus olhos verdes se arregalaram quando ela viu a flecha saindo das costas dele.

13

A guerra começa quando uma mão se estende pedindo socorro.
E a outra a quebra.

Takeshi empurrou Khalani para o chão, cobrindo o corpo dela com o seu. O assobio baixo de Takeshi empurrou Khalani para o chão, cobrindo o corpo dela com o seu. O assobio baixo de mais flechas passou zunindo, cercando-os. Os guardas nas muralhas começaram a gritar enquanto um alarme estridente ecoava pelo ar.

“Takeshi, suas costas!” ela ofegou.

Takeshi estremeceu momentaneamente e, num movimento rápido, estendeu a mão para trás e arrancou a flecha de sua capa. Seus olhos eram assassinos quando a jogou no chão.

A ponta da flecha brilhava com uma luz fraca e pulsante, crepitando com eletricidade.

O queixo de Khalani caiu quando ele colocou a mão nas costas da camisa e tirou um grosso estojo de couro para sua lâmina, com um buraco embutido nele.

Ela congelou em choque silencioso.

Se a flecha estivesse mais alguns centímetros à direita…

"Você está bem-"

"Estou bem, Kanes", interrompeu ele, olhando-a nos olhos. "Precisamos sair daqui."

A chuva castigava seus corpos no meio da rua, e ela se encolheu quando mais gritos perfuraram a torrente, mas era difícil de ver e tudo era desorientador.

A cabeça de Khalani virou para a esquerda, o sangue fugindo de seu rosto quando duas pequenas figuras foram arremessadas da grande parede, seus lamentos interrompidos por pancadas terríveis no chão.

Uma voz assustadora começou a cantar em seu ouvido, uma canção de ninar distorcida que ela não conseguia silenciar.

Você está prestes a morrer.

Você está prestes a morrer.

Você está prestes a—

"Fique comigo, Kanes!" Takeshi puxou Khalani para que se levantasse, agachando-se ao seu lado. Ele segurou seu rosto, seu olhar feroz a atraindo, convidando-a a olhar apenas para ele.

"Conseguiremos chegar até a casa", declarou ele, com os olhos fixos na casa amarela onde estavam hospedados. Não era longe, mas flechas continuavam a chover aleatoriamente ao redor deles, tornando o caminho quase impossível de atravessar.

"Takeshi." Ela balançou a cabeça, o corpo se recusando a se mexer. "Eu n-não consigo."

"Sim, você pode", afirmou ele enfaticamente, sua fé nela superando a fé que ela tinha em si mesma. "Estarei ao seu lado o tempo todo. Você confia em mim para mantê-la segura?"

Trovões ribombavam no céu, e a chuva parecia cair em câmera lenta. Seu coração batia forte enquanto ela fitava os olhos negros e firmes dele, sua única âncora na tempestade.

E ela soube, em uma fração de segundo, qual era a resposta.

Na superfície da Terra, não havia ninguém em quem ela confiasse mais para mantê-la segura do que Takeshi Steele.

Khalani assentiu, e sua expressão se solidificou com determinação, como se a confiança dela *significasse* algo para ele.

Ele examinou a área atentamente, empunhando sua adaga, transformando-se no Capitão mortal que ele foi treinado para ser.

"Mantenha a cabeça baixa e corra. Entendeu?"

Ela assentiu e recuou quando uma flecha caiu a poucos centímetros deles.

“Vá!” ele gritou.

Ela disparou para a frente, encolhendo-se quando a chuva subitamente se intensificou, picando seu rosto como agulhas de gelo. Seu pulso acelerava erraticamente enquanto suas pernas batiam no concreto molhado, mais rápido do que ela jamais havia corrido.

Uma sinfonia de gritos, tiros e berros ecoou pela tempestade, mas ela manteve a cabeça baixa e correu para frente.

Takeshi não saiu do lado dela por um segundo. Manteve a mão grande na nuca dela, empurrando-a para frente.

"Socorro! Socorro!" Uma mulher de meia-idade, vestida com uma roupa bege, correu em direção a Khalani e Takeshi, com puro terror estampado no rosto.

Khalani derrapou até parar, estendendo os braços para puxar a mulher para um lugar seguro. As pontas dos dedos quase se tocaram quando uma flecha atravessou o peito da mulher. Khalani congelou, sua visão se distorcendo enquanto os olhos da mulher se arregalavam em descrença antes de cair no chão.

Tudo aconteceu num instante — uma vida inteira — antes de Takeshi agarrar o braço de Khalani e puxá-la em direção à casa amarela. Ele praticamente arrombou a porta da frente e a empurrou para dentro.

A casa estava estranhamente escura e silenciosa em comparação com o caos lá fora. Seu corpo inteiro tremia quando ela acendeu a luz, mas nada aconteceu.

“Takeshi?” Ela respirou mais rápido.

"Alguém cortou a energia." Ele agarrou a lâmina com mais força, espiando pelas persianas.

"Quem está atacando?"

“Não sei.” Ele começou a retirar várias armas do corpo e entregou-lhe uma de suas facas. “Talvez seja a outra a tribo sobre a qual eles estavam falando. Os Pecadores.”

Seu coração disparou ao se lembrar do aviso assustador do Chefe: os Pecadores *comiam* pessoas.

O corpo inteiro de Khalani enrijeceu enquanto ela se lembrava.

Os outros estavam no refeitório, desprotegidos.

Winnie estava sozinha.

"Temos que voltar. Precisamos pegar os outros." Ela correu para a porta, mas Takeshi imediatamente se posicionou na frente dela como uma barricada.

“De jeito nenhum.”

"Sai da minha frente, Takeshi! Vou sair."

"Só por cima do meu cadáver."

“Se você não se mexer, eu vou—”

A mão de Takeshi de repente cobriu sua boca. "Cale a boca."

Seu primeiro instinto foi mordê-lo, mas algo em sua expressão a deteve.

Ele não estava olhando para ela.

Ele olhava fixamente para o corredor atrás dela. Ela soprou na palma da mão dele e então ouviu.

Um rangido baixo do piso de madeira.

Outro.

O leve barulho de uma porta fechando.

Alguém estava na casa com eles.

O sangue desapareceu de seu rosto, e Takeshi levou um dedo aos lábios. Ela assentiu, com medo de expirar.

O olhar de Takeshi se estreitou enquanto ele examinava a sala vazia. Ele se aproximou sorrateiramente, segurando a palma da mão para que ela permanecesse parada.

Então, ele desapareceu na esquina.

O silêncio se expandiu, como um mal que desperta lentamente, esticando as mandíbulas. Khalani agarrou a faca que ele lhe dera, e os nós dos dedos ficaram brancos.

Ela pensou que se sentia confortável no escuro, mas as paredes sombrias se fecharam ao seu redor, como se estivessem vivas. Observando o o branco dos seus olhos. O tremor dos seus lábios.

Outro rangido, e sua cabeça virou rapidamente para o canto mais distante da sala.

Nada.

Nem um sinal de movimento.

A faca tremeu em sua mão.

Khalani deu um passo lento para trás, a porta da frente roçando em seus ombros.

Onde você está?

Onde você está?

De repente, ouviu-se um estrondo.

Ela deu um pulo quando duas figuras caíram no chão bem à sua frente. Takeshi lutou contra um homem grande, de capa preta e cabelos castanhos que caíam em cascata até a cintura.

Takeshi rapidamente assumiu a liderança, virando o homem e enfiando a faca em direção à garganta do desconhecido. Mas o homem subitamente agarrou os pulsos de Takeshi, com os braços tremendo enquanto a lâmina pairava a centímetros de sua jugular.

Takeshi pressionou com mais força, a lâmina se aproximando cada vez mais de sua garganta. O rosto do estranho ficou vermelho como uma beterraba de terror e esforço quando ele gritou por socorro.

Passos pesados ecoaram do corredor oposto.

Uma nova figura surgiu.

Este homem era mais corpulento, usava a mesma capa preta, tinha cabelos loiros mais longos que os de Khalani e estranhas tatuagens geométricas vermelhas cobrindo o rosto. Seus olhos se fixaram na luta, e ele avançou, empunhando uma foice curva.

Mirando direto em Takeshi.

Khalani não teve tempo para pensar.

Ela se lançou para a frente e pulou nas costas do homem, apunhalando-o nas costelas com toda a força enquanto gritava. Ele grunhiu, jogando-a para longe, e ela caiu no chão.

A dor explodiu em seu crânio quando sua cabeça bateu contra o canto da mesa.

Sua visão ficou turva, escurecendo enquanto ela segurava a parte de trás do crânio e sentia um líquido quente se acumular em suas mãos. Ela gemeu, tentando se agarrar à mesa para se levantar, mas suas pernas cederam.

O homem agarrou as costelas ensanguentadas, virando-se para encará-la. Rosnou, exibindo dentes amarelos e irregulares.

Ele levantou a foice acima da cabeça, prestes a cortá-la ao meio.

Ela inutilmente levantou o antebraço para bloquear o golpe, rezando para que sua morte fosse rápida e indolor.

Mas o corpo inteiro do homem ficou tenso, com sangue escorrendo pelos cantos da boca. Ele caiu para a frente, e ela se apressou em recuar quando o corpo enorme dele atingiu o chão com um estrondo retumbante. Seus olhos se arregalaram ao ver a faca espetada em suas costas.

Takeshi estava atrás dele, com o braço de arremesso ainda estendido.

O outro estranho estava morto no chão, com a garganta aberta.

Ela tentou se levantar e hesitou.

Takeshi avançou, chutando o morto para longe. Agachou-se, segurando o rosto dela, examinando seus olhos.

"Você está bem, Kanes?"

Ela assentiu e se levantou, trêmula. Khalani deu um passo à frente e cambaleou, sentindo a cabeça como se estivesse debaixo d'água.

Ela foi abruptamente erguida em braços fortes, e Takeshi caminhou até a porta, ignorando seus protestos.

"Issss... tã ...

O olhar penetrante de Takeshi se aguçou diante daquela visão.

Ele olhou para os corpos, como se uma parte dele quisesse soltá-la, voltar e mutilar os dois homens mortos em um massacre vingativo. Mas, em vez disso, caminhou até a porta da frente, embora não a tenha aberto.

Ele se virou, apoiando as costas na madeira, e deslizou até o chão, agarrando-a com força contra o peito.

“O que estamos fazendo?” ela perguntou suavemente.

“Estamos esperando até que eu tenha certeza de que é seguro lá fora.”

"Oh."

O som de gritos ásperos e brigas ainda era perceptível, mas estava ficando mais fraco. Ela, hesitante, deitou a cabeça na curva do pescoço dele e respirou fundo. Talvez o tivesse imaginado abraçando-a com mais força.

Khalani não sabia quanto tempo eles esperaram ali.

Minutos, horas até.

Antes que sua visão escurecesse, ela enviou uma prece silenciosa aos céus, implorando que, se Deus estivesse lá fora e ouvindo, Ele manteria sua família segura.

***

Líquido. Líquido frio escorrendo pela garganta dela.

Uma mão segurando a lateral da cabeça dela.

Outra tocando sua perna.

Ela acordou assustada, cuspindo água no copo de vidro que levava aos lábios.

Ari deu um pulo para trás, com as bochechas sem cor, o oposto das manchas de sangue espalhadas por todo o vestido azul. Seu cabelo loiro, normalmente limpo e arrumado, estava emaranhado e emaranhado, com mechas soltas do rabo de cavalo.

"Ei, você está bem", sussurrou uma voz diferente. "Estamos bem aqui."

Ela olhou para a direita e encontrou Serene ajoelhada ao lado da cama. Winnie estava sentada em uma cadeira ao lado dela, ambas segurando sua mão com alívio brilhando nos olhos.

“Ei, garota Khalani.” Winnie apertou a mão dela.

"Winnie... Serena." Ela olhou de um para o outro, franzindo a testa. "Q- O que aconteceu? Como vocês estão aqui? Cadê todo mundo?

Ela tentou se sentar, mas Ari gentilmente a empurrou de volta para a cama. "Relaxe. Os pontos na sua nuca ainda estão frescos, então nada de movimentos bruscos."

Khalani olhou ao redor e percebeu que estavam no mesmo quarto em que ela estava hospedada. Seu olhar se voltou para a porta, e Serene corretamente presumiu para onde seus pensamentos se aventuravam.

"Derek, Adan, Brock e Takeshi estão do lado de fora da porta. Ari insistiu que a sala fosse limitada a apenas algumas pessoas. Após a luta, o Chefe ordenou que todos ficassem em suas casas, caso algum Pecador ainda estivesse à espreita", explicou Serene, com o olhar endurecido como se estivesse revivendo a longa e sangrenta noite.

"O que aconteceu com vocês?", perguntou Khalani, com o coração disparado. "Como vocês escaparam?"

"Quando ouvimos o alarme, Brock nos levou para a cozinha e trancou as portas. Ele voltou para ajudar a Chefe e seus guerreiros a lutar contra os Pecadores", respondeu Serene, com um tom de respeito relutante.

Os lábios de Khalani se entreabriram e ela olhou para Winnie, que parecia desolada. Cansada. Quase toda a sua cor havia retornado, mas Khalani rapidamente a examinou em busca de novos ferimentos.

"Winnie está bem, querida", Winnie a tranquilizou. "Ari estava verificando os curativos da Winnie quando tudo aconteceu. Ela nos trancou no banheiro e esperamos horas até a briga acabar."

A atenção de Khalani se voltou para Ari, cujos olhos cabisbaixos a fizeram hesitar. Eles continham as notas mais profundas de perda, medo e raiva.

“Obrigada por cuidar dela”, disse Khalani, falando sério com todo o coração.

Ari assentiu, com a cabeça baixa. "Preciso ir ver meus outros pacientes. Quando estiverem se sentindo melhor, encontrem a Chefe na cabana de madeira. Ela está esperando por todos vocês."

Serene se virou para Ari com a testa franzida, aquela informação aparentemente era novidade para ela também.

Pouco depois de Ari ir embora, Khalani se levantou e percebeu que suas roupas ensanguentadas haviam sumido e que agora ela usava um novo conjunto de roupas bege.

Ela se perguntou se foi Takeshi que a mudou.

“Há quanto tempo estou dormindo?”

"Só pela noite e até de manhã", disse Serene. "Provavelmente já é meio-dia. Tem certeza de que está bem para andar? Pode descansar mais."

"Não. Eu não quero descansar." Ela se recusava a se deitar e ser inútil, não quando havia pessoas inocentes feridas.

Khalani se moveu com cuidado, sentindo o aperto nos pontos novos.

Quando ela abriu a porta, quatro homens se levantaram imediatamente. Ela ofegou quando Derek e Adan a envolveram em um abraço apertado.

"Você nos matou de susto, Khalani. Acho que não conseguiria lidar com a sua perda. Quem mais aguentaria minhas piadas horríveis?", admitiu Adan, abraçando-a.

"Ele tem razão." Derek apertou os braços dela, como se precisasse se assegurar de que ela não desapareceria. "Só Deus sabe que não consigo ouvi-lo 24 horas por dia, 7 dias por semana. Você é nossa líder, e sem você, tudo desmorona."

Líder?

Ela não teve tempo de processar a palavra antes que a soltassem, e Brock deu um tapinha em seu ombro.

"Você está bem?"

Manchas de sangue seco eram visíveis em sua capa. O comportamento de Brock era calmo, mas sua expressão era abatida, como se a longa noite de luta o tivesse castigado.

"Estou bem", ela reconheceu em voz baixa. E então, Khalani se virou para Takeshi.

Ele ficou perto da parede com sua roupa preta, com olheiras sob os olhos, e o cabelo bagunçado, como se ele tivesse esfregado as mãos nele a noite toda. A expressão tensa em seu rosto se intensificou enquanto seu olhar percorria o corpo dela.

O ar ficou mais denso, e ela mal conseguia engolir o nó na garganta. O espaço entre Takeshi e ela se expandiu, estendendo-se por quilômetros.

Ela percebeu que não gostava muito disso.

Khalani caminhou para frente, encurtando a distância.

Takeshi franziu a testa, completamente imóvel enquanto o abismo entre eles desaparecia. Sua expressão era fria. Cautelosa.

Khalani sempre evitou afeição física. Após a morte dos pais, ela parou de dar abraços ou apertos de mão, preferindo permanecer no escuro, se perguntando por que outros ofereciam livremente seu toque a estranhos.

Aos poucos, ela se acostumava com Serene, Derek, Adan e Winnie a abraçando, garantindo-lhe que não estava sozinha. Mas raramente tomava a iniciativa de contato.

Abraços eram íntimos demais. Perigosos.

Sexo fazia sentido para ela. Era uma troca de dois corpos que só queriam bloquear o mundo por alguns instantes. Os rostos não importavam. A pessoa não importava. Não quando o coração não estava envolvido nessas transações.

Mas seu coração não parecia mais entorpecido.

Isso batia constantemente em seu peito e, quando ela olhava para Takeshi, seu corpo queria comunicar o que seus lábios não conseguiam.

Sem pensar, Khalani estendeu a mão e o abraçou.

Seu corpo inteiro ficou rígido, os braços firmes ao lado do corpo, como se não soubesse o que fazer. Como se estivesse com tanto medo de segurá-la quanto ela.

Mas então ela sussurrou: "Obrigada por me manter segura."

O batimento cardíaco de Takeshi martelava contra seu ouvido. E então, com a maior cautela, ele lentamente envolveu seus braços em volta dela.

Takeshi não falou. Mas suas palavras estavam por toda parte.

Na forma como ele a envolvia. Nas pontas dos dedos.

Como se abraçá-la fosse sua maneira de dizer: " *Obrigado por confiar em mim* ".

Para quem assistia, aquele pedacinho de contato poderia parecer insignificante. Afinal, um abraço é só um abraço.

Mas para ela, parecia uma trégua, por mais passageira que fosse.

Ela recuou e ele a deixou ir.

Khalani se virou para os outros, com medo do que poderia fazer se aquele momento continuasse.

"Ari disse que a Chefe está nos esperando na cabana de madeira." Sua boca se contraiu numa linha dura. "Devíamos ir ver o que ela tem a dizer."

Os outros concordaram e, quando saíram de casa, Khalani ficou surpresa por Ferren e Jared não estarem postados do lado de fora da porta.

Mas quando ela viu o resto da cidade pela primeira vez, seus joelhos travaram.

A rua, antes pitoresca, estava coberta de destruição.

Várias casas foram incendiadas, flechas estavam espalhadas pelo chão e lixo estava espalhado por todo lugar.

Os dedos de Khalani se esfregavam enquanto caminhavam pela devastação.

A placa da Merry Avenue estava em ruínas no concreto, como se a alegria da Desert Spring também tivesse sido destruída.

A maioria das pessoas permaneceu dentro de casa, se ainda estivessem de pé. Outros permaneceram em suas portas abertas, com os olhares fixos em Khalani e seu grupo enquanto passavam.

Antes, os habitantes da cidade os olhavam com medo e desdém.

Mas agora, as pessoas os encaravam com puro ódio e vitríolo.

Ela estremeceu, movendo-se apressadamente pela rua, insegura de que mal eles causaram para justificar tal hostilidade.

O cheiro amargo de fumaça e morte se intensificou no ar enevoado à medida que eles se aventuravam mais profundamente na cidade destruída.

Ela descobriu o motivo.

No campo aberto, onde Takeshi normalmente treinava com Patreus, havia uma enorme pilha de fogo. Khalani não entendeu imediatamente o propósito até ver dois guardas jogando um corpo nas chamas.

Eles estavam cremando seus mortos.

Ao que parece, havia pelo menos cinquenta corpos na pilha.

A mão de Khalani voou até a boca enquanto eles paravam e olhavam fixamente, a enormidade da carnificina daquela noite caindo sobre eles.

Famílias inteiras pereceram. Homens. Mulheres. Crianças.

Seus olhos lacrimejaram quando a imagem a trouxe de volta à execução em massa de prisioneiros em Braderhelm.

Para os pais dela—

"O chefe está esperando por vocês", interrompeu Ferren, com o cabelo castanho solto do rabo de cavalo de sempre, parado em frente à cabana e a voz carregada de pesar.

“Ferren”, ela franziu a testa, “Onde está Jared?”

Um som quebrado escapou dele. "Jared... ele..." Ferren engoliu as palavras, incapaz de terminar. "Por favor, entre."

Eles trocaram olhares preocupados enquanto passavam por ele em direção à cabana de madeira.

Lá dentro era um caos.

Todas as mesas estavam viradas, exceto a mesa principal, no fundo, onde o Chefe estava parado, olhando fixamente para um mapa.

Os cabelos ruivos da Chefe estavam presos em duas tranças intrincadas, caindo sobre as orelhas. Seu rosto anguloso e bronzeado estava coberto de sujeira, e as olheiras profundas sob seus olhos verdes eram inconfundíveis.

Outros guerreiros a cercaram, com Patreus ao seu lado. Vozes diferentes se chocaram em um debate acalorado.

"Devíamos atacá-los hoje à noite." Alguém bateu com o punho na mesa.

"E como você espera fazer isso, Rayard?", repreendeu Patreus. "Metade das nossas forças se foram, e os Pecadores têm armas superiores.

“Precisamos nos reagrupar, reconstruir e nos concentrar em nossa missão”, declarou outra mulher, olhando fixamente para o Chefe.

"Mas eles encontraram uma maneira de ultrapassar nossos muros. Não podemos nos concentrar em nossa missão a menos que os tornemos maiores."

"Quanto tempo isso vai levar? Meses? Anos, até? Estaremos mortos antes disso. Precisamos de uma solução mais rápida."

"Chega!", a voz do Chefe cortou o clamor. "Temos visitas. E elas podem nos dar uma solução para o problema."

Seu foco mudou para Khalani e seu grupo, que estavam tensos, esperando que o chão fosse ainda mais destruído.

O chefe gesticulou para que eles se aproximassem.

"Chefe", disse Patreus com a voz apreensiva. "Não tenho certeza se isso é uma boa ideia. Você sabe que não devemos..."

“Silêncio.” A Chefe levantou a mão.

Ela passou o olhar entre cada um deles e pousou em Brock.

"Meus guerreiros e eu agradecemos pela ajuda de ontem à noite. Teria havido muito mais mortes se vocês não tivessem lutado ao nosso lado. Temos uma dívida com vocês."

Brock não respondeu, apenas assentiu brevemente e cruzou os braços.

A chefe então mudou seu foco para Khalani e Takeshi.

"E sabemos que você matou dois Sinners aqui em casa também. As tatuagens deles indicavam que faziam parte das forças de elite dos Sinners. Se tivessem sobrevivido, teriam causado ainda mais estragos em nossa cidade. Você também merece elogios." A Chefe abaixou a cabeça em reconhecimento.

Tanto Khalani quanto Takeshi assentiram, embora tenha sido Takeshi quem merecia a maior parte do crédito.

O silêncio era tenso, mas a próxima pergunta do Chefe roubou o ar da sala.

“Quanto tempo levará para chegar a Hermes?”

Todos, incluindo seus guerreiros, viraram a cabeça para o Chefe, como se não tivessem ouvido direito.

“Mais alguns dias”, respondeu Brock.

A chefe assentiu lentamente, seu olhar de aço fixo neles com uma resolução feroz.

"Você me disse uma vez que poderia nos trazer armas de Hermes. Ainda está disposto a fazer isso?" A Chefe apoiou as mãos na mesa enquanto encarava Khalani.

Seu pulso acelerou quando ela percebeu o que o Chefe estava oferecendo.

Uma saída.

"Sim", respondeu Khalani. "Se nos deixar ir até Hermes, traremos tudo o que pudermos para ajudá-lo a combater os Pecadores e proteger seu povo."

Assim que as palavras saíram de sua boca, um alvoroço irrompeu entre os outros homens e mulheres.

"Não podemos confiar neles, Chefe. São moradores do subsolo!", exclamou uma garota, com a voz carregada de desdém.

“Você acredita honestamente que eles vão voltar?”, zombou outro homem.

“Deveríamos eliminá-los antes que eles tenham a chance de acabar conosco!”, gritou uma voz profunda da multidão.

"PAREM!" A Chefe bateu com o punho na mesa, silenciando o caos e chamando a atenção de todos. "Vocês se esqueceram *por que* estamos aqui?" Ela observou os guerreiros, a decepção estampada no rosto. "Qual é o nosso propósito?"

Vários olhares baixaram para o chão, enquanto outros continuaram a encarar Khalani e seu grupo.

“Se você não se importa que eu pergunte,” Adan interrompeu, franzindo a testa, “Qual *é* o seu propósito aqui?”

Khalani percebeu que o sangue estava desaparecendo do rosto de Patreus, mas o Chefe respondeu suavemente:

"Paz. Esse sempre foi o nosso objetivo. Mas aprendemos que, para alcançar a paz, um pouco de... violência pode ser necessária." Ela se virou para Khalani. "É por isso que precisamos de mais armas para enfrentar os Pecadores. Mas meu povo tem razão. Não há como saber se você vai voltar."

“Pela minha vida, você tem minha palavra de que retornaremos”, declarou Khalani, dando um passo à frente.

A Chefe bateu o dedo no queixo, seus olhos verdes intensos e inquisitivos, mas Khalani a encarou de frente, deixando a Chefe julgar o peso de sua sinceridade.

O povo de Desert Spring os alimentou, vestiu e abrigou. Mais importante ainda, eles salvaram a vida de Winnie. Se Khalani não retornasse, a morte seria o único motivo.

O olhar do Chefe percorreu o grupo antes de se fixar em um indivíduo em particular. "Permitiremos que vocês partam para Hermes com uma condição. *Ele* deve ficar para trás."

Khalani se virou em choque quando o Chefe apontou para Derek.

"Eu?" Derek levou a mão ao peito, com os olhos arregalados.

"Sim. Você é nossa garantia caso o resto do seu grupo pense em voltar atrás no acordo."

“Mas por que eu?”

"Você é uma cientista, não é?" A Chefe inclinou a cabeça. "Temos mais utilidade para alguém como você em nossas fileiras."

"Mas eu nunca te disse que eu era um..." Derek fez uma pausa, os músculos tensos. "Você estava ouvindo nossas conversas em casa."

"Você realmente achou que não tomaríamos medidas extras para proteger nosso povo, Morador do Submundo?", riu um dos homens ao lado do Chefe. "Temos ouvidos em todos os lugares."

As mãos de Khalani tremiam e sua determinação ameaçava ruir.

“Não”, ela afirmou enfaticamente. “Você não vai ficar com Derek, ou "Mais alguém. Se alguém vai ficar, serei eu."

"De jeito nenhum", retrucou Serene. "Ninguém vai ficar para trás."

"Então nenhum de vocês vai embora. Só vamos levá-lo. Essas são as nossas condições." O tom da Chefe não deixou espaço para discussão enquanto ela se endireitava.

Khalani balançou a cabeça, sentindo as paredes de madeira da cabine se comprimirem, sufocando-a.

Derek era a pessoa mais próxima de um irmão que ela tinha.

Ele foi a primeira pessoa que realmente a *viu* na prisão, aquele com quem ela sempre podia contar. Sem Derek, ela talvez nunca tivesse escapado do cativeiro.

Deixá-lo para trás era impensável.

“Aceito os termos”, declarou Derek.

Khalani lançou-lhe um olhar rápido. "Do que você está falando? Não vamos deixar você."

"Sim, vocês vão." Ele engoliu em seco. "Eles não vão nos deixar ir se não for assim. Se é isso que eu preciso fazer para ajudar vocês a chegarem a Hermes, então farei com prazer. Por todos vocês, eu faria qualquer coisa."

Ela balançou a cabeça entorpecida enquanto o peso do vínculo coletivo deles

brilhava nos olhos dele.

"Derek." O queixo de Winnie tremeu. "Você não precisa fazer isso. A Winnie pode ficar com você."

Mais discussões se seguiram, mas Brock e Takeshi permaneceram em silêncio, com expressões duras, como se a dura realidade de suas vidas os tivesse ensinado a necessidade do sacrifício. Mas ela não deixou de notar os punhos cerrados e os olhares furiosos direcionados ao Chefe.

"Não. Vocês precisam continuar. Eu vou ficar bem." Derek sorriu, mas o sorriso não chegou aos seus olhos. "Não me importo com a cama e o chuveiro", brincou, tentando amenizar a dor deles.

"Mas e as plantações? Precisamos da sua ajuda em Hermes também", insistiu Khalani, ainda negando que aquela fosse a única opção.

"Eu sei", Derek admitiu. "Só volte logo para me buscar."

Seu lábio inferior quase tremeu, e Khalani gritou, abraçando-o. Winnie, Serene e Adan rapidamente se juntaram a ele, e todos os cinco se desmancharam em lágrimas.

Mesmo sabendo que era apenas temporário, Khalani sentiu como se seu peito estivesse se partindo.

A Chefe pigarreou depois de alguns minutos. "Receio que o tempo seja essencial. Se os termos forem aceitos, o restante de vocês deve deixar a Fonte do Deserto imediatamente. Patreus, garanta que eles recuperem suas mochilas."

Khalani enxugou as lágrimas que não paravam de correr enquanto se separavam relutantemente. Patreus assentiu sombriamente, com uma expressão estranha enquanto saía rapidamente da cabine.

"Vá." O Chefe gesticulou em direção à porta. "Quanto mais cedo você chegar até Hermes e retornar, mais rápido sairemos vivos dessa."

14

Nunca existe um momento certo.
Só existe o agora.

Se você for dar um passo, faça-o deliberadamente
Sinta as memórias sob seus pés
Deixe suas pernas abrirem caminho
Um feito de sonhos e coragem
Outros podem seguir
Mas sua estrada é sua
Mesmo que você possa mudar
Seu destino permanece o mesmo
Quando você pisar, não olhe para trás.

Se você quer viver, faça com que isso seja significativo
Um milhão de histórias giram em espiral dentro de você
Deixe esses sonhos escaparem do coração
Seja prático
Seja louco
Deixe uma marca
Não se preocupe para onde outros caminhos levam
Pois sua história não será a mesma
Você não precisa ser maior
Mas quando você vive, seja a diferença

“Khalani!”

Ela se assustou e fechou o caderno com um estalo.

Brock ficou a alguns metros de distância, observando-a enquanto os outros reuniam seus pertences, preparando-se para continuar na estrada traiçoeira.

Os olhos de Khalani permaneceram abertos nas últimas noites, imaginando-se correndo de volta para a Fonte do Deserto para resgatar Derek.

Antes de partirem, ele abraçou Khalani com força e sussurrou em seu ouvido: "Não tenha medo. Você já sobreviveu a uma cidade subterrânea. Tem tudo dentro de si para fazer isso de novo."

No presente, Khalani discretamente enxugou outra lágrima que havia escorrendo, mas ela se levantou, pronta para ir embora.

Quanto mais rápido eles chegassem a Hermes, mais rápido eles poderiam retornar para buscar Derek.

Winnie esvoaçava pelo posto de gasolina abandonado onde dormiram naquela noite, com um ânimo extra que fez Khalani girar. O grupo estava ocupado arrumando as mochilas enquanto Winnie ia de pessoa em pessoa, insistindo para que comessem a comida extra que o Chefe havia providenciado quando saíram da Fonte do Deserto alguns dias antes.

"Serene, seu lindo cabelo azul está perdendo o brilho. Não se esqueça de se hidratar."

"Adan, suas piadas estão piorando. Tome um pouco de sopa."

"Brock, seus músculos estão atrofiando. Você comeu o ensopado de carne hoje?"

"Takeshi, *por favor* , pare de parecer que está prestes a cometer um assassinato. Faz mal para a pele."

"E Khalani", Winnie se virou para ela. "Vire essa cara feia e coma um pouco de feijão, pelo amor de Deus."

Ela assentiu e rapidamente guardou o caderno na mochila.

"O que é isso que você anda escrevendo?" Adan passou a mão pelos cabelos cor de bronze desgrenhados.

"Nada de interessante", ela deu de ombros, desdenhosamente.

Poesia eram pedaços de sua alma dispostos no papel.

Ela não estava pronta para compartilhar isso com ninguém.

"É um diário ou algo assim? Paixões secretas e tudo mais?" Adan cutucou o ombro dela, arqueando as sobrancelhas.

"Você acertou em cheio. Eu só escrevo 'Khalani e Adan' com corações circulando nossos nomes repetidamente." Ela revirou os olhos enquanto saíam do prédio e entravam no sol brilhante.

À medida que viajavam durante o dia, o número de prédios diminuía. O posto de gasolina onde passaram a noite foi a única estrutura grande que avistaram no deserto.

Curiosamente, quase todos os carros na rodovia estavam virados na direção oposta, como se todos estivessem tentando fugir do mesmo lugar para onde estavam indo.

Ela esfregou a mão na testa enquanto o calor escaldante do sol continuava a cair. Para passar o tempo, ela contava os passos.

Um…

Dois…

Três…

Khalani parou quando chegou a cem mil.

Ela então se concentrou na colina rochosa de um laranja brilhante à frente deles, deixando que fosse seu próximo foco. Mas, assim que a ultrapassaram, havia outra extensão infinita de estrada, terreno desértico e colinas distantes e recortadas.

“Então,” Serene interrompeu o silêncio rígido, “tenho uma pergunta muito importante para você, Khalani.”

"O que é isso?"

“Se você se casar com Adan, isso significa que todos nós teremos papéis no casamento?”

Ela soltou uma risada. "Você sabe que eu estava só brincando sobre escrever

nossos nomes num diário, né?"

"Você não pode simplesmente deixar uma garota sonhar em ter a melhor irmã do mundo?" Serene suspirou, com um olhar melancólico.

O coração de Khalani batia mais forte, e ela pigarreou, sem saber como lidar com a emoção crescente. "Se um dia nos casarmos, claro. Você e Winnie seriam minhas damas de honra."

Serene deu um pequeno soco no ar, e os olhos de Winnie brilharam como se Khalani tivesse lhe presenteado com o mundo.

"Você realmente gostaria que Winnie tivesse um papel tão especial?" O queixo de Winnie tremeu.

"Claro. Você poderia fazer os nossos vestidos também. Senão, eu posso acabar no altar coberta de sujeira."

Winnie colocou a mão sobre o coração e curvou a cabeça. "Winnie ficaria honrada."

"Quem será o padrinho de Adan?", Serene ponderou.

"Provavelmente Brock." Os lábios de Khalani se curvaram.

"Deixe-me fora dessas bobagens sentimentais", resmungou Brock.

"Não, o Brock é o pajem", disse Adan. "Porque ele é muito caridoso e tudo."

Brock mostrou o dedo do meio e andou mais rápido, tentando despistá-los na areia pesada.

O ambiente estava leve, mas o tom de Serene continha um toque de travessura quando ela perguntou: "Então, qual seria o papel de Takeshi?"

Os olhos dela não conseguiram evitar de se voltar para ele.

Takeshi estava na frente do grupo, marchando como um homem em uma missão, ignorando toda a conversa, mas de vez em quando, ela notava seus punhos cerrados.

"Bem", Adan hesitou, "Takeshi poderia ser o... uh... reverendo?" ele disse isso como uma pergunta.

Se o clima não fosse tão tenso, ela cairia na gargalhada.

Takeshi olhou por cima do ombro. "A única coisa que serei é seu agente funerário se você não parar de falar."

O rosto de Adan ficou verde e ele rapidamente assentiu.

Takeshi olhou para frente, sua capa preta balançando ao vento como uma nuvem escura pronta para cobrir o mundo.

Eles continuaram a caminhada.

Khalani não sabia os motivos de todos — o que os levou a superar suas limitações e medos.

Mas qualquer que fosse sua motivação, fosse para salvar a si mesmos, uma cidade moribunda ou para se aventurar além de suas imaginações mais loucas, suas pegadas permaneceram na areia.

Se ninguém mais, a Terra testemunhou a evidência de sua determinação.

À medida que se aproximavam de Hermes, os pelos da nuca dela se arrepiaram. Ela sentiu uma vontade profunda e primitiva de se virar, seu corpo pressentindo que estavam à beira de um erro terrível.

“Ali.” Brock apontou para o horizonte.

Eles finalmente chegaram ao topo de uma serra e, ao longe, estava a maior cidade que já haviam encontrado.

Ela ficou boquiaberta enquanto eles se aproximavam e conseguiam ver melhor a destruição deixada pelo Grande Colapso.

Prédios grandiosos e dourados jaziam tombados, como se um gigante monstruoso os tivesse derrubado. Janelas estavam estilhaçadas e carros empilhados uns sobre os outros.

Khalani torceu o nariz ao sentir o cheiro estranho de ferrugem no ar enquanto passavam por uma placa verde quebrada na estrada intitulada *Las Vegas Boulevard* .

Ela não conseguia compreender por que uma cidade tão grande havia sido construída no coração do deserto.

Tudo nele parecia estranho. O prédio negro em forma de pirâmide pairando ao longe. As lascas marrons e vermelhas se espalhavam como confete no asfalto rachado. Os pilares dourados tombavam sobre as calçadas.

Era um antigo cemitério de opulência.

Ela passou cuidadosamente por cima de um poste de luz rasgado e seu olhar se fixou em um pedaço de papel preso sob o metal enferrujado. Ela franziu a testa e se agachou para pegá-lo. O papel amassado estava rasgado ao meio, mas ela ainda conseguia distinguir parte da escrita:

Daily Vegas Times
ÚLTIMAS NOTÍCIAS
Guerra nuclear iminente

A Casa Branca ainda não divulgou uma resposta oficial, mas no último fim de semana, muitos membros do Congresso foram vistos deixando Washington, D.C., para ficar com suas famílias. A maioria se recusou a comentar, mas o senador Gale Grovenheart declarou: "Deixamos o Cavalo de Troia entrar, e os inimigos abriram os portões", antes de embarcar às pressas em seu jato particular para o Havaí. Ele não quis dar mais detalhes, mas fontes anônimas dentro do governo concordam que não é uma questão de se, mas quando, a Rússia e a China atacarão.

Conversas como essa já ocorreram antes, mas nenhuma tão séria desde os ataques terroristas em Moscou, Pequim e Nova York, que ceifaram a vida de milhões de pessoas. As forças militares permanecem em alerta máximo, e o que antes era a teoria da "Destruição Mútua Assegurada" pode em breve se tornar realidade. Houve conversas sobre a construção de bunkers, mas mesmo nossas fontes de alto escalão se recusaram a comentar sobre sua existência.

O resto da página estava rasgado. Os lábios de Khalani se apertaram enquanto ela deixava o papel arcaico cair no chão, o vento o levando embora como uma memória perdida.

Ela estremeceu enquanto eles continuavam em frente. Takeshi empunhou uma lâmina afiada, seu corpo tenso.

Ninguém falou.

Os olhos de todos estavam alertas, passando rapidamente pelas ruas tranquilas e pelos prédios luxuosos que tinham sido destruídos.

"Aqui", Brock falou em voz baixa, correndo em direção a uma das poucas

estruturas ainda de pé — dois enormes arcos de metal que se erguiam sobre a rua. As vigas enferrujadas eram adornadas com padrões intrincados e se cruzavam.

“Este é o Arco do Portal”, proclamou Brock, apontando para o estrutura aérea.

"Conseguimos!" Serene gritou de alívio, quase caindo no chão.

"Mas onde está Hermes?" Adan ofegou, o suor encharcando suas roupas.

“Ele está localizado em algum lugar abaixo de nós.”

"Mas não vejo nenhuma cúpula." Khalani olhou ao redor com as sobrancelhas franzidas.

"Eles não têm um", respondeu Brock. "Hermes não é como Apolo. Os cassinos subterrâneos são diversão suficiente para os ricos."

“O que diabos é um cassino?”

"Você tem o walkie-talkie?" Brock se virou para Adan, ignorando a pergunta de Serene.

Adan remexeu na mochila e a entregou com cuidado. "Aqui."

Brock mudou a frequência e falou no alto-falante: "Pode falar, Spade. Spade, pode falar."

Khalani não sabia quem era Spade, mas eles esperaram em atenção, como se estivessem se preparando para o próprio Deus falar.

No momento em que o pânico se instalou, uma voz familiar ecoou pelo walkie-talkie. "O que ganha vida na sombra da noite?"

Seus olhos se arregalaram. Era a mesma voz que ouviram na superfície de Gênesis.

“Estrelas e pecado”, respondeu Brock confiantemente.

“Brock, é você mesmo?” perguntou a voz familiar.

“Sou eu, Spade.”

"Pela sorte, pensei que você fosse um caso perdido."

"Estou no Arco do Portal com um grupo da Apollo", disse Brock. "Quanto tempo falta para vocês chegarem?"

Seguiu-se uma pausa profunda. "Quantos estão com você?"

"Sete no total. Estamos prontos para passar pela rampa de entrada para Hermes."

Spade praguejou do outro lado da linha. "Não achei que muitos conseguiriam atravessar a Zona da Morte, mas imagino que você seja o único maluco que conseguiria. Mas temos um problema. A entrada da rampa está sendo monitorada. Um dos nossos rapazes foi capturado na última operação de contrabando. Vou ter que te levar para a Hermes de outro jeito."

Brock ficou tenso. "Como?"

“Os esgotos. Não vai ser uma viagem agradável, mas é a única maneira de garantir sua passagem segura. Encontro você nos Arcos à meia-noite. Entendeu?”

O rosto de Brock parecia dolorosamente frustrado, mas ele respondeu bruscamente: "Entendido".

Spade cortou a linha rapidamente e depois que Brock desligou o walkie-talkie, tudo o que eles podiam fazer era esperar.

Encontraram um pouco de sombra em uma loja em ruínas do outro lado da

rua, com as janelas quebradas e o lugar completamente limpo. Serene e Adan sentaram-se no chão de ladrilhos sujos e conversaram com Winnie sobre o Grande Colapso.

"O que você acha que aconteceu aqui?" Serene empalideceu diante da devastação ao redor deles.

"Bombas caíram sobre todas as grandes cidades e destruíram o Centro-Oeste, que abrigava a maioria dos silos nucleares", explicou Winnie. "De acordo com os Arquivos, quem não conseguiu um lugar no subsolo morreu nas explosões ou passou fome."

"Mas como o governo decidiu quem teria um lugar no subsolo e quem não teria?", perguntou Adan.

Winnie hesitou, com o rosto contorcido. "Documentos do governo afirmavam que menores de trinta anos e casais com filhos eram a prioridade. Todos os outros eram abandonados à própria sorte. Mas muitas pessoas que atendiam aos requisitos rigorosos não conseguiam entrar porque os ricos subornavam oficiais e soldados para conseguir vagas."

"Isso é muito confuso."

Winnie assentiu, inclinando-se para a frente atentamente. "É por isso que é "É importante que todos se lembrem da nossa história. Que memorizem nossas cicatrizes e erros perversos para que possamos nos tornar versões melhores da humanidade."

Eles se apegaram a cada palavra dela, cativados pelas verdades sombrias do Grande Colapso.

Khalani deu um sorriso triste e saiu para tomar um pouco de ar fresco.

O lado esperançoso dela, aquele que Winnie trouxera de volta à vida na prisão, acreditava que a humanidade poderia corrigir seus erros. Sua história sombria de morte e crueldade não precisava definir seu futuro.

Mas o buraco escuro dentro de seu estômago continuou a se expandir enquanto ela olhava ao redor das ruínas da cidade vazia.

Parecia que a mesma ignorância e capacidade de destruição que quase acabaram com o mundo estavam se agitando, como se algo traiçoeiro tivesse despertado.

Suas mãos tremiam ao passar pela porta, suas botas triturando cacos de vidro. Takeshi e Brock estavam em lados opostos da entrada da loja, do lado de fora.

Brock olhou para os prédios, enquanto Takeshi afiava a faca. Ela estremeceu, o ranger irregular do metal contra a pedra fornecendo a única trilha sonora sinistra para o silêncio assombroso.

“Ei”, ela os cumprimentou sem jeito.

Brock a cumprimentou com um cumprimento casual de um dedo, sem se dar ao trabalho de olhar em sua direção. Takeshi inclinou a cabeça, seu olhar feroz fixo nela brevemente, fazendo-a estremecer. Mas ele rapidamente voltou a se concentrar em sua lâmina, afiando-a como se fosse a única coisa que o mantinha calmo.

Khalani caminhou até um dos carros destruídos em frente à loja. Parecia que o dono o abandonara ali às pressas, sem pensar duas vezes. Sua superfície amarela desbotada estava marcada por marcas de queimadura e todas as janelas estavam quebradas.

Ela se encostou na moldura, entrelaçando os dedos atrás das costas. cabeça, respirando fundo.

Khalani contava os segundos, rezando para que a meia-noite chegasse mais rápido, mas o sol permanecia alto no céu. Encarando. Aguardando o próximo movimento.

Ela lançou um olhar de soslaio para Brock, na esperança de matar o tempo de outra forma. "Como você conhece esse Spade?"

Ela meio que esperava que ele a ignorasse, mas Brock suspirou e caminhou até ela, pulando no capô do carro em que ela estava encostada.

Ela levantou uma sobrancelha, preocupada que o carro destruído pudesse desmoronar com o peso dele, mas ele não parecia nem um pouco preocupado.

"Spade salvou a minha vida", começou Brock, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos entrelaçadas. "A maioria dos habitantes da Zona da Morte permanece em Hermes por pelo menos um mês após a longa jornada pelo deserto. Hermes não é como Apolo. Eles prosperam com o pecado e a libertinagem, como uma jarra de uísque horrível que você continua virando."

Enquanto Brock falava, ela notou Takeshi se aproximando lentamente, e o raspar de sua faca se tornando menos frequente enquanto ele ouvia.

Certa noite, no cassino, eu estava no meu lugar de sempre no bar, bebendo até a morte, quando ouvi uma comoção. Uma jovem, desesperada para sustentar a família, havia gasto o resto do seu dinheiro no jogo. Ela perdeu, é claro, e estava convencida de que o cassino a havia enganado. Algo em suas lágrimas e na forma indiferente como a segurança a tratou não me pareceu certo. Causei uma cena. Dei um soco em alguns crupiês quando tentaram prendê-la. Outro guarda se aproximou e sacou sua pistola.

Mas aí, Spade interveio e acalmou o guarda. Eu não sabia quanta influência ele tinha na cidade, mas notei o maço de dinheiro que ele enfiou no bolso da mulher — mais do que ela precisava. Saí dormindo para me recuperar. Mas no dia seguinte, quando cheguei ao bar, Spade estava me esperando.

“Ele começou a falar comigo todos os dias, querendo saber os mínimos detalhes. Minhas preferências em relação a bebidas e comida. O que eu pensava sobre Hermes. Apolo. Ele percebeu perfeitamente o meu descontentamento com as cidades subterrâneas e era a única pessoa que eu suportava naquele lugar miserável. Durante minha última semana lá, ele me confidenciou sobre o grupo de resistência em Hermes e como eles poderiam usar minha ajuda para contrabandear suprimentos como um respeitado membro da Zona da Morte. Foi uma decisão fácil para mim. Eles são boas pessoas, provavelmente as únicas boas que restam no subsolo.

Ela ficou sentada em silêncio, deixando a história dele fluir em sua mente.

Hermes soava completamente diferente de Apolo.

Apollo não tinha cassinos — o que quer que fossem —, bares, danças ou qualquer tipo de encontro noturno. A libertinagem era mal vista, e qualquer convívio fora do horário comercial tinha que ser feito em segredo.

O Conselho adorava espalhar o medo, recompensando aqueles que traíam seus vizinhos em nome do patriotismo, mesmo que as acusações fossem falsas. Por isso, a maioria das pessoas tinha medo de se conhecer.

Mas o desespero na história de Brock, a indiferença para com os outros, tratar

os pobres como descartáveis... talvez essa fosse uma característica comum em todas as cidades subterrâneas.

Ou talvez a falta de empatia fosse uma doença que se espalhou muito antes do Grande Colapso.

"Então, Spade é o líder desse movimento de resistência em Hermes?" ela perguntou.

Brock hesitou. "Não exatamente. Nunca conheci o líder deles."

"O quê?" Ela balançou a cabeça.

"É." Brock cruzou os braços. "O líder da resistência é um homem muito cauteloso. Aparentemente, não fui confiável o suficiente para conhecê-lo, e trabalho com Spade há anos. Duvido que algum dia o veremos."

Ela mordeu o lábio inferior, a incerteza como uma lâmina de barbear pairando sobre suas cabeças.

Takeshi enfiou a lâmina na bota e tirou outra uma do colete, o som metálico de afiação retornando conforme o sol brilhava sobre elas.

Ela deveria estar preocupada naquele momento com o número de armas que ele tinha?

"Você não tem medo de se cutucar com todas essas... coisas?" Ela acenou com a mão.

Se você olhasse com atenção, um sorriso irônico aparecia no rosto de Takeshi. Mas seria preciso um microscópio para ter certeza.

"Não", ele respondeu, sem desviar o olhar da lâmina de obsidiana, mantendo sua expressão fria e indiferente.

O silêncio que se seguiu gritou para ela.

Era a cidade vazia. As horas se estendendo sem fim. O raspar de uma faca. Seu descaso silencioso.

Tudo lhe desgastava os nervos.

Talvez o caos persistente nas ruínas tenha passado para ela, porque Khalani ansiava por uma reação de Takeshi que fosse mais do que uma única palavra.

"Ei, Brock, você é muito habilidoso com uma faca?" Ela se apoiou nas palmas das mãos, despreocupadamente.

Brock olhou para o céu. "Incomparável."

"Ah?" Seus olhos se arregalaram, fingindo surpresa. "Então você provavelmente é uma ótima professora, né?"

Takeshi diminuiu a afiação.

Brock inclinou a cabeça. "Pode-se dizer que sim. Por quê?"

"Ah, nada." Ela chutou. "Eu só estava pensando que tínhamos um tempo livre. Talvez você pudesse me ensinar."

Takeshi parou completamente o que estava fazendo e olhou para cima, com uma carranca profunda escurecendo seu rosto.

"Claro." Brock deu de ombros, saltando do carro. "Não tenho nada melhor para fazer."

"Eu posso te ensinar", Takeshi falou em voz baixa, seus olhos negros se estreitando em fendas.

“Não, está tudo bem.” Khalani acenou para ele, deixando sua mão brevemente descansar no ombro de Brock. "Brock me pegou."

A expressão de Takeshi mudou de choque para traição e raiva, antes de mudar

para algo mais perturbador.

Ele ficou imóvel, segurando o cabo da lâmina com tanta força que ela ficou surpresa ao ver que não havia sangue se acumulando no concreto.

Um sorriso maligno se formou no rosto de Brock enquanto se moviam em direção à rua deserta. "Você é mais esperto do que eu imaginava."

"Não tenho certeza do que você quer dizer."

"Claro que não", disse Brock, virando a lâmina e segurando-a pelo cabo sem nem olhar. "Mas quem sabe, você pode até aprender alguma coisa."

"Traga-o."

Para sua surpresa, Brock provou ser um bom professor, embora fosse impaciente.

Ele passou um tempo considerável ensinando-a a segurar a maldita lâmina. Demonstrou várias técnicas de corte e estocada, concentrando-se no posicionamento das pernas para obter a força máxima.

Ela nunca admitiria isso para Brock, mas mesmo que ele obviamente soubesse do que estava falando, ela aprendeu melhor com Takeshi.

O frio Capitão sabia exatamente quando provocá-la e quando oferecer apoio — embora essa última parte fosse uma ocorrência mais rara.

Mesmo que ele a deixasse louca, ninguém mais a fez sentir-se tão em sintonia com sua força. Como se ela não devesse temer o mundo, mas sim que ele a temesse.

Durante todo o tempo, Takeshi não interveio nem falou.

Ele apenas observava do canto escuro do lado de fora da loja.

Os braços de Takeshi estavam cruzados, casualmente encostados no prédio. Ela não conseguia ver sua expressão facial, mas sentia seu olhar frio e predatório deslizar por seu corpo.

Khalani não sabia quanto tempo havia praticado com Brock, mas seu corpo estava exausto e o sol já havia se posto há muito tempo.

"Ótimo." Brock assentiu, parecendo vagamente surpreso. "Não esperava que você durasse tanto."

"Alguém me ajudou com isso." Ela olhou para além de Brock, franzindo a testa ao perceber que Takeshi não estava mais lá.

Brock levantou a sobrancelha, mas não perguntou sobre a pessoa misteriosa.

"Se quiser continuar praticando, continue com os exercícios que te ensinei. Vou entrar para ver como estão os outros." Ele se virou para a loja, deixando-a sozinha.

Khalani passou a mão na testa suada, a temperatura caiu rapidamente e apenas um leve raio de sol permaneceu no horizonte.

Ela respirou fundo e retomou sua postura, repetindo lentamente os exercícios — cortando, estocando e golpeando para frente — e acelerando a cada repetição.

Seus movimentos eram um pouco desleixados, mas ela estava confiante de que se um inimigo aparecesse, ela pelo menos seria capaz de acertá-lo com a lâmina.

Havia uma tensão silenciosa no ar e os pelos dos seus braços se arrepiaram. Antes que ela pudesse se virar, uma mão enorme cobriu sua boca, abafando seu grito.

Ela estendeu a mão direita para trás, mas seu pulso foi capturado e apertado

com força, forçando Khalani a soltar a lâmina e ela caiu no chão com estrondo.

"Ele esqueceu de te lembrar de tomar cuidado", Takeshi resmungou em seu ouvido e arrepios percorreram seu corpo.

O traseiro dela estava pressionado contra a frente dele, o peito arfando a cada respiração enquanto a raiva a percorria, mal ofuscando o calor que se acumulava em seu estômago.

Ela tentou morder a mão que lhe cobria a boca, mas ele a abaixou até que sua palma repousasse em volta de seu pescoço. Khalani tentou lhe dar uma cotovelada, mas ele a envolveu com o antebraço, imobilizando-a.

"E você já largou sua arma", continuou ele suavemente, como se mantê-la completamente imóvel fosse brincadeira de criança. "Eu deveria estripar sua professora apenas por princípio."

"Com ciúmes?" ela fervia.

"Você quer que eu detalhe as cento e noventa e sete maneiras que pensei em matá-lo, ou as mil maneiras que planejo punir você?"

“Isso é estranhamente específico.”

"Continue me provocando, Kanes. Veja onde isso te leva."

"Você está admitindo que se importa?" ela insistiu.

Ele abaixou a cabeça, a palma da mão ainda pousada no pescoço dela. "Você confunde se importar com estar irritada por eu ter que te treinar novamente. Seu aperto na lâmina estava todo errado. Seu movimento de pés parecia que você estava tentando dançar em vez de esfaquear alguém. A essa altura, é mais provável que você se machuque do que um inimigo."

“Tem certeza de que essa é a única razão?”

Ele optou por ficar em silêncio. Mas a energia indomável não fluiu simplesmente através dele.

Os pedaços dela que gostavam de brincar com o perigo ergueram sua cabeça feia, desesperados para sentir algo diferente de medo antes de descer de volta ao subsolo.

“Talvez eu prefira ele como meu treinador.”

O breve aperto dos músculos dele foi seu único aviso.

Num minuto ela estava de pé. No minuto seguinte, estava esparramada de costas.

Takeshi agachou-se sobre ela, girando a lâmina caída entre os dedos. "Menta de novo para mim, Kanes."

"Você realmente é louco", ela rangeu os dentes, olhando para o rosto frio e bonito de Takeshi.

“Agora ela entendeu.”

Seus cabelos desgrenhados pelo vento eram tão negros quanto o céu noturno, e o olhar de Takeshi era tão duro quanto o chão onde ele a prendia.

Não faz muito tempo que ele a conteve de uma forma semelhante posição na traseira de um caminhão, e ela sentiu algo mais que era—

Não.

Não .

Ela precisava se controlar e parar de perseguir homens que não a queriam — e isso havia deixado bem claro — na tempestade.

Ora, Takeshi *era* a tempestade. Invadindo a vida dela. Derrubando suas

inibições.

Ela precisava se concentrar no que era importante. E isso era entrar em Hermes e descobrir como resgatar milhares de pessoas inocentes em Apolo, que logo morreriam devido à quebra de safra.

“Devolva minha faca”, ela exigiu.

Takeshi continuou girando-o entre os dedos, olhando diretamente nos olhos verdes dela. Como se quisesse mergulhar na mente dela e desvendar todos os segredos, para que nada lhe ficasse escondido.

Depois de um longo olhar fixo, ele estendeu a lâmina em sua direção. Ela a agarrou rapidamente e se levantou, lutando para se recompor.

Mas quando Khalani o empurrou para passar, ele bloqueou seu caminho. "Se você valoriza a vida do Zoneador da Morte, não faça isso de novo."

"Posso conversar e treinar com quem eu quiser, Takeshi. Se você não gosta, o problema é *seu* ."

Uma parte dela sabia que provocá-lo era um convite para brincar com a morte e todas as suas criaturas. Mas ela era orgulhosa demais para recuar.

Sua expressão endureceu, o maxilar se contraiu, mas Takeshi rapidamente se recompôs e inclinou a cabeça. "Você tem razão."

"Eu sou?"

"Sim. Você pode treinar e conversar com quem quiser, Kanes. Você não é meu."

O pulso de Khalani batia forte como se ela estivesse pendurada na beira de um penhasco. "Não estou?"

“Você diz isso como se fosse uma pergunta.”

Ela apertou os lábios numa linha fina, determinada a não dizer mais nenhuma palavra.

Takeshi foi quem quebrou o silêncio.

"Não, você não é meu, Kanes. Se fosse, saberia." Ele se aproximou, seus olhos negros faiscando. "Eu não gosto de dividir."

15

Quando o mundo acabou, algo dentro de nós também morreu.

Os olhos de Khalani percorreram os prédios em ruínas, seu coração batendo forte enquanto eles permaneciam expostos sob a placa do Gateway Arch.

A lua clara lançava um brilho frio e prateado sobre eles, cortando a escuridão escura.

O vasto vazio da cidade a pressionava, e o pulso de Khalani era uma batida implacável desde sua conversa com Takeshi.

Ele ficou de lado, braços cruzados, enquanto examinava metodicamente a cidade em ruínas. Sua expressão era retraída e fechada, retornando ao seu eu distante e taciturno. Mas as palavras de Takeshi continuavam girando como um ciclo em sua mente.

Como seria ser dele?

Eles estariam constantemente brigando um com o outro.

Irritando um ao outro sem fim.

E, no entanto, a ideia não a repeliu completamente. Permaneceu como uma faísca perigosa.

"Onde está esse cara?", Serene murmurou ao lado dela.

Um estalo agudo ressoou de repente a vários metros atrás deles.

Eles se viraram imediatamente e ergueram suas armas.

Uma figura enorme carregando uma lanterna apareceu. Khalani e Serene recuaram, afastando-se da figura bípede sem rosto, apenas um escudo verde de plástico cobrindo sua cabeça e seu corpo enorme.

"Relaxe. É o Spade." Brock deu um passo à frente, embora Khalani tenha notado seus dedos apertando a lâmina.

A figura estranha parou e levantou a lanterna, examinando cuidadosamente cada um dos rostos chocados antes de se fixar em Brock.

"Onde estão seus trajes de radiação?" Uma voz profunda e sintetizada ecoou do homem.

“Não precisamos mais deles”, respondeu Brock.

"Do que diabos você está falando?" A figura deu um passo trêmulo para trás.

"Foi por isso que fui preso, Spade", explicou Brock, levantando a mão livre para acalmá-lo. "Fui atacado por uma tribo na superfície sem trajes durante minha última incursão. Não há mais radiação na superfície."

Spade permaneceu em silêncio por um longo tempo.

Ele então se aproximou lentamente, circulando cada um deles com a lanterna apontada para seus rostos. "Alguma náusea, febre, desorientação, diarreia ou queda de cabelo?"

"Não, Spade", Brock suspirou, exasperado. "Mas vamos começar a perder cabelo quanto mais ficarmos aqui."

Mas Spade balançou a cabeça, murmurando continuamente: "Não pode ser

verdade."

"O governo está escondendo muita coisa de nós." A voz de Brock ficou fria. "Temos muito o que discutir."

"Claramente." Spade olhou de um para o outro. "Antes de levá-los até Hermes, saibam que discrição é fundamental para a sobrevivência do nosso grupo. Os soldados e o governo de Hermes não hesitariam em nos alinhar diante de um pelotão de fuzilamento se descobrissem alguma rebelião." A voz sintetizada se aprofundou, com um tom mortal se infiltrando.

"A confiança não é dada livremente em Hermes. É conquistada", continuou Spade. "Temos olhos em todos os lugares — pessoas que você nunca conhecerá, verá ou ouvirá. Se nos contrariar, mesmo que seja uma vez, você terá uma bala na cabeça mais rápido do que consegue dizer vinte-e-um. Fui claro?"

Ele esperou que cada um deles respondesse verbalmente “Sim” antes de concordar.

"Então vamos lá."

***

Spade os conduziu por um beco estreito, onde abriu uma grade enferrujada no chão. O buraco escuro como breu fez os cabelos de Khalani ficarem arrepiados. Ela quase se virou quando Spade declarou que precisavam pular para dentro.

Adan corajosamente foi primeiro, desaparecendo na escuridão, seguido por um baque distante que fez Serene gritar: "Você está bem?"

"É!", ele gritou de volta. "Não é uma queda muito grande. Mas cheira a merda."

Brock e Spade ajudaram a descer os outros. Spade gesticulou para Takeshi ir em seguida, mas ele balançou a cabeça. "Ela primeiro."

Spade se virou para Khalani. Ela ajeitou a mochila nas costas e deu um passo à frente, observando o buraco enquanto o pânico crescia em seu peito.

"Está tudo bem", disse Spade. "O primeiro salto é o mais difícil."

Khalani respirou fundo e assentiu.

Ela lutou contra homens duas vezes maiores que ela, escapou de uma prisão inescapável e encarou a morte mais vezes do que conseguia contar.

Cair por um buraco de três metros deve ser fácil.

Ela se sentou e suas pernas balançaram sobre a abertura enquanto Brock e Spade agarraram seus braços, a abaixando.

"Você está pronta?" Spade gritou enquanto ela pairava sobre o vazio.

Não .

"Sim!"

Assim que a palavra saiu de sua boca, os dois homens a largaram.

Ela gritou, seu coração afundando no estômago ao cair, aterrissando com um baque forte. Mãos desconhecidas a seguraram na escuridão total, firmando-a.

"Peguei você", a voz de Serene ecoou pela escuridão, esfregando o topo do braço de Khalani.

Um momento depois, outro corpo caiu, passando rapidamente por ela, como se não precisasse de ajuda. A presença familiar e imponente lhe causou arrepios

na espinha.

Spade e Brock apareceram logo depois, e a luz fraca da lanterna de Spade revelou o ambiente sombrio em que se encontravam.

Um fio d'água raso corria a seus pés e ela torceu o nariz com o fedor. O cheiro era familiar demais, uma lembrança cruel dos meses que passara na prisão.

"Por aqui", ordenou Spade, marchando imediatamente à frente com Brock logo atrás. Winnie e Serene a flanqueavam de cada lado, com Adan por perto.

Takeshi ficou na retaguarda, como de costume.

Ela não tinha certeza se ele preferia ter uma visão completa de todos ou se simplesmente queria ficar o mais longe possível dela. Talvez fosse uma combinação dos dois.

Winnie entrelaçou o braço no de Khalani e torceu o nariz. "A primeira coisa que Winnie faria neste lugar seria colorir as paredes. As coisas tendem a cheirar melhor quando são bonitas."

Um pequeno sorriso surgiu na boca de Khalani. Spade olhou por cima do ombro, claramente não acostumado com as divagações de Winnie como os outros.

Eles caminharam pelo que pareceram horas através dos longos túneis, descendo escadas frágeis que rangiam de forma irritante sob o peso deles. Seu corpo estava exausto, mas sua mente corria como um transporte, a tensão se recusando a se dissipar.

Os olhos de Khalani se arregalaram ao se aproximarem de uma porta branca com uma trava de metal. Spade a abriu com um puxão e, ao passarem pelo túnel, ela se assustou ao encontrar um grande tubo de vidro pendurado à sua direita, com um chuveiro dentro.

“Para que serve isso?” ela perguntou.

O som do plástico se esticando reverberou pelas paredes do esgoto, e ela se virou para ver Spade tirando seu traje de radiação, revelando um homem bonito de meia-idade, com cabelos curtos e loiros claros e olhos cinzentos que transmitiam uma inteligência silenciosa.

Por baixo da cobertura de plástico, ele usava um smoking preto bem ajustado e uma camisa branca limpa que parecia totalmente deslocada nos esgotos.

Ele jogou o traje de radiação no tubo de vidro e ligou o chuveiro.

“Só por precaução”, murmurou ele, quase para si mesmo.

"Por que você está tão bem vestido?", Serene perguntou cautelosamente enquanto ele se endireitava.

Spade gaguejou, olhando para o smoking. "Eles não se vestem assim em Apollo?"

"Não."

"Hmm. Que estranho", murmurou ele, pegando o abajur.

“Você não está preocupado em sujar suas roupas aqui embaixo?”

“Eu tenho bastante.”

“E você tem certeza de que ninguém vai nos ver chegando?”

"Positivo. Os soldados evitam os esgotos, e nossos rapazes têm uma distração planejada para atrair os Traficantes que sobrarem para longe da grade."

"Que tipo de distração?" ela perguntou cautelosamente.

Spade fez uma pausa, com um leve brilho de malícia brilhando em seu olhar.

"Algo mais sangrento que batatas fritas."

Khalani e Serene trocaram olhares preocupados, enquanto Brock apenas sorriu.

À medida que continuavam a longa jornada pelos túneis, Khalani gradualmente se acostumou com o cheiro horrível dos esgotos. Uma conquista pela qual ela não estava pulando de alegria.

Quando ela estava prestes a perguntar quanto faltava, uma luz fraca surgiu à frente. Uma grande abertura circular com barras interligadas surgiu no fim do túnel.

Havia algo do outro lado.

“Chegamos”, declarou Spade.

Winnie apertou ainda mais o braço de Khalani.

Eles aceleraram o passo, as botas batendo na água suja. Mas esse não era o único som. À medida que se aproximavam da abertura gradeada, um baixo profundo de música reverberava pelo ar, ficando mais alto a cada passo, batendo contra o peito de Khalani.

Imperturbável, Spade se aproximou sorrateiramente das grades, olhando para os dois lados com um olhar atento. Entregou a lanterna a Brock e tirou um molho de chaves do bolso de trás.

Spade rapidamente destrancou a corrente em volta das barras e cuidadosamente puxou o portão para dentro, revelando uma cidade subterrânea escondida.

“Bem-vindo à Hermes.”

16

Os humanos nunca se livraram da selvageria.
Eles simplesmente a esconderam melhor.

Khalani atravessou o portão, com os sentidos imediatamente em alerta máximo enquanto olhava ao redor. Estavam em um beco abandonado, ladeado por prédios de tijolos dos dois lados.

Uma superfície rochosa erguia-se acima, a pelo menos um quilômetro de altura. Ao longe, uma batida grave ressoava, e risadas ecoavam pelo ar. Seus músculos se contraíram quando várias figuras passaram correndo pelo fim do beco, mas ninguém pareceu notar o grupo de olhos arregalados.

Winnie deu um pulo ao ouvir o estrondo atrás deles enquanto Spade fechava as barras de ferro do esgoto. Ele guardou as chaves no bolso.

"Escutem com atenção", instruiu Spade. "Vou levá-los a um dos nossos esconderijos, onde passarão a noite. Não é longe, mas suas roupas são bem chamativas e vão chamar a atenção. Felizmente, a esta hora, a maioria das pessoas está no cassino ou bêbada demais para ficar em pé. Então, mantenham a cabeça baixa e fiquem bem atrás de mim."

Khalani respirou fundo, tentando acalmar seus nervos à flor da pele enquanto seguiam Spade.

Eles viraram à direita no final do beco, desaguando em uma vibrante rua de paralelepípedos. Quando ela levantou o olhar, sua pressão arterial disparou, e a boca de Serene formou um *"O"* ao lado dela.

“Uau”, sussurrou Winnie.

Luzes de neon iluminavam uma rua colorida, iluminando vitrines extravagantes que pareciam pulsar com vida própria. Risadas estridentes enchiam o ar, e uma miríade de pessoas circulava com garrafas de bebida nas mãos.

Os homens usavam smokings impecáveis, pretos e brancos de seda, enquanto as mulheres desfilavam em vestidos justos vermelhos e pretos que subiam até as coxas e revelavam um decote abundante.

Khalani cruzou os braços sobre o peito, intrinsecamente ciente de como parecia deslocada com suas calças bege empoeiradas e sua camisa larga. Mas as pessoas que passeavam pela rua as ignoravam, tomando longos goles de suas bebidas e esbarrando umas nas outras.

Enquanto ela seguia Spade, placas de neon piscando em frente às lojas estranhas chamaram sua atenção.

Delícias Doces da Stella. Bar da Rainha de Copas. Roupas da Othelia. Pecado Sensual. Bebidas do Laken. Dança com o Diabo.

As paisagens, os cheiros — tudo era uma agressão aos seus sentidos.

Ela olhou para as luzes e os edifícios deslumbrantes, uma estranha dicotomia para a enorme caverna de pedra onde Hermes residia.

Khalani pulou quando um casal embriagado passou por ela.

O homem vestia um terno branco impecável enquanto erguia uma mulher loira em seus braços. As pernas longas dela o envolviam, e ela inclinou a cabeça para trás em êxtase enquanto ele chupava seu peito descaradamente na frente de todos.

"Você parece um pouco solitária. Eu posso ajudar com isso." Um jovem de olhos azul-bebê e longos cabelos castanhos presos num rabo de cavalo aproximou-se dela, com o cheiro de bebida em suas roupas insuportável.

Khalani tentou recuar, mas ele passou um braço pesado em volta dos ombros dela.

Mas no momento seguinte, ele foi abruptamente empurrado para longe, caindo no paralelepípedo como um bêbado. Vários espectadores começaram a gargalhar histericamente enquanto o sujeito arrotava e lutava para se levantar.

Ele nem percebeu que o capitão de 1,95 m estava parado ao seu lado.

"Vamos." Takeshi não perdeu mais um segundo e agarrou Khalani pelo braço, guiando-a em direção ao casal que começou a rasgar as roupas um do outro no meio da rua.

Assim que estavam em segurança atrás do grupo, Takeshi rapidamente a soltou.

Spade olhou sutilmente para trás, certificando-se de que eles ainda o seguiam, e continuou a avançar, completamente imune às cenas de gula, sexo e libertinagem que os cercavam.

O contraste entre Apolo e Hermes era evidente em cada centímetro quadrado da cidade, especialmente em seus habitantes. Khalani e seus companheiros eram rígidos e frios, fruto do ambiente hostil, enquanto essas pessoas eram despreocupadas e imprudentes.

Um estrondo estrondoso soou à sua direita.

Ela se encolheu quando um homem mais velho, de terno cinza, deu um soco em um sujeito baixo, de cartola preta, que caiu de um banco de bar.

Algumas mulheres pararam para assistir, com os sorrisos se alargando enquanto riam baixinho, sussurrando umas para as outras. Os homens avaliaram abertamente a luta, gritando palavras de incentivo, e ninguém interferiu.

"O Happy Hour das Mulheres chegou!", anunciou uma mulher de sutiã preto de renda atrás do balcão, ignorando a confusão ao seu redor. "Compre duas doses e leve a terceira de graça!"

"Ganhe suas fichas no cassino com estilo, cavalheiros! Usem smokings de luxo e terão a sorte de ganhar, anotem o que digo!", gritou um homem de cabelo loiro platinado do outro lado da rua. Seu terno prateado brilhava como a lua enquanto ele estava do lado de fora de uma loja colorida onde centenas de ternos reluzentes estavam em exposição.

"Não pare", Takeshi a lembrou, empurrando-a gentilmente para frente.

Khalani ficou chocada demais para fazer qualquer coisa além de obedecer.

A fila interminável de lojas, bares e clientes bêbados parecia não ter fim até Spade entrar em outro beco escuro.

Quase não havia pessoas no beco, mas os poucos presentes acenaram para Spade quando ele passou. Eles se aproximaram de um prédio menor com uma placa modesta pendurada na entrada.

O Coração Negro

Suas sobrancelhas se franziram quando Spade se aproximou da porta de aço, abrindo-a e sinalizando para que entrassem. O interior parecia um castelo antigo e aconchegante sobre o qual Winnie lhe falara nos livros.

As paredes eram de pedra, e o espaço interno era mais amplo do que aparentava por fora. A ampla sala era mal iluminada, com um longo bar à direita.

Alguns homens estavam sentados em bancos de bar, com as mangas brancas arregaçadas, enquanto falavam em voz baixa.

À esquerda, duas mesas verdes incomuns ficavam a poucos metros de distância, cada uma coberta com bolas coloridas. Ao redor das mesas, havia um grupo de homens com longos bastões nas mãos. Um homem mirou seu bastão em uma bola e a atirou em um pequeno buraco no canto da mesa.

Que bizarro.

A sala ficou em silêncio assim que eles entraram. Um dos homens à mesa moveu a mão para pousar a pistola mal escondida no bolso. Sua respiração acelerada tornou-se audível enquanto seu corpo se tensionava para lutar.

“Boa noite, Spade”, cumprimentou-o o homem careca atrás do balcão, inclinando a cabeça.

Spade assentiu. "A queda foi boa?"

“Os meninos disseram que correu tudo bem.”

"Ótimo." Spade passou pelo bar e deu um tapinha no encosto de um dos homens sentados num banquinho. "Finneas."

"Ei, Spade. E pela descarga! Não esperava te ver de volta tão cedo, Death-Zoner." O jovem chamado Finneas sorriu, revelando um dente da frente faltando.

“Da mesma forma”, a expressão de Brock era estoica, como se ele estivesse se preparando para a guerra.

Depois de mais alguns cumprimentos a Spade, que era um cara bastante popular, ele os levou até uma porta no fundo da sala que se confundia com a parede.

Se Spade não tivesse empurrado, Khalani nem teria percebido que era uma porta.

Entraram numa pequena sala circular com dois sofás vermelhos encostados na parede e um bar alto ao fundo. Atrás, um homem de pele clara, cabelos pretos e crespos e terno branco limpava garrafas. Ele ergueu os olhos, fitando cada um deles com desconfiança imediata.

“Keno”, disse Spade em saudação.

"Spade", respondeu Keno. "Quem é a empresa?"

"Esses são os que eu te falei. Você já conhece o Brock."

Keno não pareceu impressionado enquanto os olhava, fixando-se mais tempo em Takeshi. "Tem certeza de que são as pessoas certas para ajudar?"

Khalani franziu a testa. Ajudar com o quê?

Mas Spade respondeu: “Com certeza”.

Os lábios de Keno se apertaram em uma linha fina, e um silêncio pesado se instalou na sala. Khalani quase esperava que armas fossem sacadas, mas depois de um momento, Keno colocou a mão embaixo do balcão e ouviu um clique suave.

A parte da frente do bar se moveu para frente e desapareceu, revelando uma longa escada que desaparecia na escuridão.

Ela ficou de boca aberta quando Spade desceu os degraus íngremes, gesticulando para que eles a seguissem.

Khalani encontrou os olhos de Keno uma última vez antes de dar o primeiro passo, sua expressão dura e ilegível.

Ela desceu rapidamente as escadas, grata por ter um corrimão para se segurar. Ao chegar ao fundo, a área se abriu para uma pequena sala iluminada apenas pelo brilho das velas. O ar estava consideravelmente mais frio, e Khalani esfregou as palmas das mãos nos braços.

"Este é um dos nossos esconderijos", Spade virou-se para eles. "Há vários quartos aqui embaixo para os membros que precisam se esconder durante a noite. Vocês ficarão aqui durante toda a sua estadia. Bem, a maioria de vocês, pelo menos."

A testa dela enrugou-se, mas antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer, Spade os conduziu rapidamente por um passeio pelo espaço frio.

O esconderijo definitivamente não foi construído para impressionar. Não havia decoração, e cada quarto tinha uma cama, um criado-mudo e um pequeno armário.

“Sugiro que você durma um pouco agora porque não terá chance amanhã.”

“O que acontece amanhã?”

Pela primeira vez, Spade pareceu apreensivo.

"Sua primeira missão. No cassino."

17

Decisões ruins constroem o caráter.
Faz você se sentir melhor, não é?

Khalani mal dormiu naquela noite. Em seus pesadelos de longa data, o Governador envolveu seu pescoço com a mão e apertou com toda a força, sorrindo sadicamente.

Mas então, seu rosto começou a se transformar até que foi Takeshi quem a segurou. Os belos olhos negros de Takeshi brilharam de alegria enquanto a vida lentamente se esvaía dela.

“Você fez a escolha errada”, ele sussurrou.

Ela acordou sobressaltada, com um sobressalto, o corpo inteiro tremendo. Khalani esfregou os olhos, tentando acalmar a respiração ofegante. Saiu do quarto com o moletom e a camiseta azuis que encontrara na cômoda, os pés descalços pisando suavemente no piso preto.

Na área principal, ela encontrou Winnie sentada com as pernas cruzadas em uma mesa, o monóculo apoiado no nariz, usando um vestido bordô que se espalhava sobre o banquinho de madeira. Ela trabalhava em um diário, escrevendo furiosamente.

“Ei, Winnie”, ela cumprimentou suavemente, embora o sorriso não alcançasse seus olhos.

Winnie se levantou bruscamente, as bochechas se erguendo. "Khalani, querida! O que você está fazendo acordada tão cedo?"

“É cedo?” As sobrancelhas de Khalani se ergueram enquanto ela olhava ao redor quarto sem janelas. “Difícil dizer.”

"Ah, você precisa pegar um desses." Winnie girou o pulso e mostrou a ela um relógio circadiano.

Khalani só tinha visto alguns pessoalmente.

Os relógios circadianos eram bastante raros e custavam o que um cidadão médio ganharia depois de trabalhar vinte anos na Apollo.

Em vez de números, os relógios exibiam símbolos para o sol, a lua e a comida, ajudando a controlar o tempo e os melhores horários para comer no subsolo.

"A Winnie encontrou no criado-mudo. Ela vai se certificar de encontrar um para você também", disse Winnie, orgulhosa, dando um tapinha no assento ao lado. "Venha sentar, querida. Você está muito pálida."

Khalani obedeceu e sentou-se irritada, esticando as pernas e esfregando a mão entre os olhos cansados.

"O que está errado?"

"Nada, Winnie. Só pesadelos."

"O que nos aterroriza no mundo real se manifesta em nosso sono, então pode escapar. Não deixe isso acontecer", implorou Winnie com um olhar sério.

Khalani inclinou a cabeça para trás, o olhar fixo no teto cinzento. Ela trocou uma cidade subterrânea por outra, e sua ansiedade continuou a persistir como fantasmas que se recusam a acabar com seu tormento.

Ela mordeu o lábio e se virou para Winnie: "Você acha que existem mais como ele?"

“Como quem, querida?”

Khalani hesitou, sem querer expressar seus pensamentos, mas, apesar de seus melhores esforços, não conseguiu deixá-lo... *ir* . "O Governador. Você acha que existem mais máquinas como ele?"

“É quase certo que sim.”

“Mas de onde eles vieram?”, pressionou Khalani.

“Winnie não sabe.” Ela apertou o lápis com mais força. “Winnie não se lembra de nenhum registro nos Arquivos que mencione o Governador sendo qualquer coisa além de humano. Mas alguém tinha que criar a máquina e colocá-la em uma posição de poder sobre uma cidade inteira. Winnie suspeita que o criador ainda esteja por aí.

"Aqui?" Ela ficou tensa. "Em Hermes?"

"Possivelmente. Precisamos manter a calma. A chave para encontrar Prometheus e o Projeto Helix pode estar nesta mesma cidade."

O caminho para o Projeto Helix começa em Prometheus.

Essas foram as palavras escritas por Timothy Talbot.

Para descobrir a verdade por trás do Projeto Hélice — algo poderoso o suficiente para salvar a humanidade —, eles precisavam deixar a Apollo e encontrar Prometeu. O problema era que eles não estavam mais perto de entender o que Prometeu era do que quando deixaram a Apollo.

Eles podem nunca descobrir a verdade.

Mas Winnie ainda tinha esperança. E a esperança era uma fera teimosa e volúvel.

"O que você sabe sobre Hermes?", Khalani sondou, inclinando-se para a frente. "Por que é tão diferente de Apolo?"

Winnie ergueu os olhos, ponderando a pergunta. "A Winnie acabou lendo aquele livro? Deixa eu pensar... Ah, sim! Ela leu." O rosto de Winnie se iluminou e ela bateu palmas.

Havia um livro sobre Hermes que um habitante da Zona da Morte trouxe de volta há muito tempo. Foi escrito por um de seus estudiosos. Inicialmente, quando os cidadãos desceram a Hermes, a cidade era bastante semelhante a Apolo. Sombria, sombria e deprimente. No entanto, um indivíduo rico, dono de cassinos antes do Grande Colapso, viu a oportunidade de enriquecer ainda mais e construiu o primeiro cassino aqui.

Era imensamente popular, e não demorou muito para que o Conselho de Hermes assumisse o controle da riqueza e do poder gerados pelo cassino. A diferença em Hermes é que as pessoas aqui não se importavam que o governo assumisse mais controle. É o tipo de autoridade que vem da vontade do povo é a mais difícil de desmantelar.”

“E o cassino?”

O cassino continuou a crescer, trazendo consigo todo tipo de ganância e crime. Esperamos não cruzar o caminho de uma das gangues mortais desta cidade.

Khalani engoliu em seco, e Winnie colocou a mão gentilmente em seu joelho.

"Não se preocupe, Khalani querida. A Winnie gosta do Spade. Ele vai cuidar da gente."

"Como você pode ter tanta certeza, Winnie? Acabamos de conhecê-lo."

"E daí? Winnie é ótima em julgar caráter." Ela bateu na têmpora com um sorriso malicioso, arrancando um sorriso fraco de Khalani.

"O que você está escrevendo?", ela gesticulou para o caderno no colo de Winnie, precisando de uma distração.

"Ah." As bochechas de Winnie ficaram rosadas. "Winnie sabia que não podia trazer a máquina de escrever, mas ainda precisa registrar nossa jornada de alguma forma. Ela tem usado este caderno." Winnie alisou a capa com as mãos, e Khalani olhou para a última frase que havia escrito.

"E eles se aventurarão nas mandíbulas de um cassino amanhã, e Winnie reza para que saiam vitoriosos", leu Khalani em voz alta.

"Ainda não está pronto. A Winnie vai trabalhar com as palavras para melhorar", acrescentou Winnie, subitamente tímida.

"Acho que parece ótimo", Khalani sorriu, mas deu um pulo quando passos altos desceram as escadas, relaxando apenas um pouco quando Spade apareceu, vestindo calças pretas e uma camisa branca de botões.

"Ótimo. Vocês dois já estão acordados", observou ele, olhando para eles. "Preciso que acordem os outros e subam."

"Por quê?" Ela franziu a testa.

"Tem algumas pessoas que você precisa conhecer." Sem dizer mais nada, Spade voltou escada acima, desaparecendo de vista.

Winnie e Khalani trocaram olhares nervosos antes de começarem a acordar os outros. Foram necessárias várias tentativas para acordar Serene, mas Takeshi já estava acordado. Khalani notou as olheiras sob seus olhos, perguntando-se se ele havia dormido.

Seu rosto estava frio enquanto ele subia os degraus, dois de cada vez.

Enquanto Khalani subia atrás dele, ela formulou um novo plano para lidar com Takeshi e suas emoções complexas.

Foi brilhante.

Era chamado de “ *Plano Mantenha Distância”*.

Com base em seus cálculos, o resultado foi uma taxa de eficácia de cem por cento, se ela seguisse o protocolo.

Keno, o barman nos fundos, permaneceu em silêncio enquanto eles saíam, sinalizando para que entrassem na área maior do bar. Os clientes da noite anterior haviam desaparecido. Spade apontou para uma mesa comprida que não estava lá na noite anterior.

À mesa estavam sentados quatro homens de ternos elegantes.

Três deles exibiam expressões sombrias e pouco acolhedoras, com os ombros rígidos enquanto Khalani e os outros se sentavam. O homem à sua frente parecia mais jovem e usava uma bandana preta cobrindo a parte inferior do rosto — a

única pessoa usando uma — enquanto seus olhos castanhos pousavam diretamente nela. Ela não conseguiu evitar enrijecer-se sob seu olhar desarmante.

Keno entrou pela porta, enrolando as mangas brancas até os cotovelos e sentando-se na ponta da mesa. Sua expressão era de desgosto enquanto seu olhar se desviava para os quatro homens, demorando-se no indivíduo mascarado à sua frente.

Spade sentou-se na outra ponta da mesa, cruzando as mãos. "Agora que estamos todos aqui, podemos começar."

Começar o quê?

"Podemos começar com o que diabos você estava pensando ao trazer estrangeiros para a nossa cidade, Spade? E para o Coração Negro, nada menos", disse um dos homens de braços grossos e um corpo enorme. barriga que tocou a mesa de madeira cuspiu.

"Cuidado com a língua. Não sou estrangeiro", sibilou Brock, inclinando-se para a frente como se estivesse prestes a cortar o homem ao meio com uma faca de manteiga.

"Sim, você é, Death-Zoner. Você fazia parte do nosso grupo, mas não foi visto nem ouvido falar dele há meses. Como sabemos que você não divulgou nossos segredos para Apollo e não está aqui para roubar tudo debaixo dos nossos pés?!" rugiu o homem, enquanto alguns outros concordavam com a cabeça.

O homem mascarado permaneceu em silêncio, recostado no assento, como se estivesse *entediado* .

Brock ficou tenso e se levantou, mas Spade colocou uma mão calmante em seu ombro.

"Chega, Zenith", Spade retrucou ao velho. "Brock foi capturado em Apollo, e sua lealdade a nós permanece fiel. Ele tem toda a minha confiança. Uma palavra contra ele é uma palavra contra mim. Você ainda tem algum problema?"

Zenith engoliu em seco diante da ameaça silenciosa.

Embora seus olhos ardessem com hostilidade manifesta, seus protestos terminaram.

"Ótimo", continuou Spade. "Agora podemos finalmente descobrir o motivo de estarmos aqui. Primeiro, precisamos entender o que está acontecendo em Apollo. Você mencionou a quebra de safra e o governo Apollo matando seu povo. Conte-nos tudo."

Adan foi quem se inclinou para a frente e compartilhou o que Derek havia contado a eles sobre suas descobertas enquanto trabalhava nos laboratórios de Pesquisa e Recursos em Apollo. Ele falou sobre o vírus descoberto nas plantações, que estava destruindo lentamente todo o suprimento de alimentos, a negligência de seus líderes e o assassinato em massa dos cidadãos de Apollo.

Quando chegou à parte sobre a fuga da prisão e as revelações desumanas do Governador, um silêncio opressivo caiu sobre o grupo.

Mas os homens do outro lado da mesa explodiram em descrença e indignação.

"O que você quer dizer com ele era um robô?"

“Isso é impossível”, gritou outro

"Está ouvindo isso, Spade?" O terceiro homem ergueu as mãos. "Nunca ouvi uma mentira tão elaborada na minha vida."

Os três homens gritavam obscenidades enquanto o mascarado, Keno, e Spade permaneciam visivelmente quietos. A cacofonia de vozes transformou-se em um rugido abafado em sua cabeça. Um som fraco e agudo tornou-se audível.

Khalani se mexeu na cadeira.

As luzes fluorescentes pareciam fortes demais. As roupas que vestia irritavam sua pele. Sua respiração ficou mais curta quando um par de olhos azul-claros surgiu à sua frente.

“Você tem certeza de que está fazendo as perguntas certas?”

"Parar!"

Todos se viraram para ela em choque quando ela bateu as palmas das mãos na mesa. Até o homem mascarado à sua frente ergueu o olhar, interessado.

"Você não precisa acreditar em nós", disse ela. "Eu talvez não acreditasse se não tivesse visto com meus próprios olhos. Mas o que Adan disse é verdade. Ambas as nossas cidades têm mentido para nós sobre a radiação. Quem sabe que outros segredos eles estão escondendo..."

"Radiação?", o mascarado endireitou-se na cadeira, falando pela primeira vez. "Explique."

"Foi por isso que fui preso", interrompeu Brock, lançando um olhar furioso para Zenith antes de continuar. "No caminho de volta para Apollo, fui atacado por pessoas na superfície que não usavam trajes de proteção contra radiação. Elas não pareciam nem um pouco doentes. Quando relatei o que vi ao Governador, fui jogado na prisão. Viajamos para Hermes sem proteção porque a superfície não está mais contaminada com radiação. Outra mentira do governo."

O queixo de Zenith estava no chão naquele momento. O homem mascarado bateu o dedo na mesa, parecendo imerso em pensamentos.

"É verdade", Spade interrompeu. "Quando os conheci no Gateway Arch, eles não estavam usando equipamento de radiação."

“O veneno pode não ter feito efeito ainda”, disse um dos homens altos e magros.

Khalani cerrou os punhos, sentindo como se estivessem batendo repetidamente contra uma parede de tijolos.

"Mas se eles estiverem certos", interrompeu Keno pela primeira vez, inclinando-se atentamente para a frente, "se o Governador deles admitiu ter envenenado as plantações e matado civis inocentes, fosse ele real ou não, é lógico que o mesmo poderia acontecer aqui."

"Já *está* acontecendo aqui", Spade disparou, com as mãos firmemente entrelaçadas. "Você sabe que eles estão reunindo nosso pessoal e colocando-os em campos de trabalho secretos. Deve ser onde eles prenderam o Jack."

À menção de Jack, todos os homens do outro lado da mesa ficaram rígidos, até mesmo o silencioso homem mascarado. A temperatura pareceu cair, e Serene franziu a testa. "Quem é Jack?"

No início, ninguém respondeu.

Ela notou Keno balançar a cabeça sutilmente para Spade, mas ele o ignorou. "Jack é o nosso líder. Ele foi levado pelos Traficantes há um mês. Ninguém mais o viu ou ouviu falar dele desde então. Ele foi o primeiro do nosso grupo rebelde e aquele que nos uniu a todos. Ele foi crucial na negociação de paz entre as principais gangues de Hermes." Os olhos de Spade pousaram no homem

mascarado, que inclinou a cabeça em reconhecimento.

“Quem são os revendedores?”

“Eles são um ramo de elite das nossas forças armadas. Malditos safados que fazem os trabalhos sujos que o governo não quer que seus cidadãos saibam. Ouvimos rumores de uma arma que eles estão construindo nesses acampamentos escondidos, mas ninguém que esteve lá jamais escapou. É aí que você entra.”

Eles recuaram, imediatamente cautelosos.

"O que você quer dizer?"

Spade se inclinou para a frente, com a expressão endurecida. "Se você planeja retornar a Apollo e resgatar seu povo do subsolo, precisará de mão de obra e armas de fogo. Podemos providenciar isso. Mas primeiro, precisamos da sua ajuda para resgatar Jack."

Sua pressão arterial despencou, não gostando da direção que isso estava tomando.

“Como?” A voz profunda de Takeshi ecoou pela sala.

"Raziel." Spade inclinou a cabeça em direção ao homem mascarado. "Ele é o Executor dos Ases e pode te ajudar."

Raziel, o mascarado, encarou Spade com um olhar contemplativo antes de voltar sua atenção para eles. "Um dos Dealers deve um favor aos Ases. Ele nos informou que o próximo alvo deles nos acampamentos é um casal. Sr. e Sra. Davenhue. A captura está marcada para esta noite. Precisamos de dois de vocês, um homem e uma mulher, para se passarem pelos Davenhues e encontrarem o Dealer no cassino. Ele concordou em levar nossos sósias para o acampamento. Nós os equiparemos com um dispositivo especial para rastrear sua localização. Uma vez lá dentro, vocês localizarão Jack e, em uma semana, invadiremos o acampamento e os resgataremos."

A sala ficou em silêncio enquanto eles tentavam compreender o plano insano.

"Acabamos de sair da prisão." Adan lançou um olhar acusador. "E você quer que nós dois voltemos?"

Raziel assentiu, sua expressão impassível não revelava nada.

“Por que vai demorar uma semana?” ela perguntou.

"Precisamos desse tempo para reunir o poder de fogo necessário. Invadir o acampamento não será fácil, mas teremos explosivos prontos."

"Por que dois dos seus membros não podem fazer isso?", perguntou Serene.

“Precisa ser alguém que os Dealers não reconheçam. Eles aumentaram os esforços para identificar os membros da nossa aliança e O risco é muito alto se eles descobrirem que quem capturaram não é de fato os Davenhues. Você é a nossa melhor opção."

Khalani engoliu em seco, lutando para desfazer o nó colossal em sua garganta.

"Não", rosnou Adan. "Minha irmã, Khalani, e Winnie não são iscas e definitivamente *não* vão para este acampamento."

"Então você não recebe nenhuma ajuda nossa, garoto", sibilou Zenith. "Nada vem de graça em Hermes. Tudo é uma aposta. Ou você aceita isso ou sai daqui de mãos vazias."

Raziel assentiu. "Você precisa decidir agora para que possamos preparar as identidades com suas fotos até esta noite. Quem será?"

Serene colocou a mão na perna de Khalani e apertou.

Khalani empalideceu, compreendendo a mensagem silenciosa.

Serene ia fazer isso. Ela se sacrificaria para que Khalani não precisasse.

Imagens mais profanas rugiam em sua mente.

Os pais dela deitados em uma mesa fria. Douglas olhando para ela antes de fechar a porta.

As paredes começaram a ceder, deslizando cada vez mais rápido.

“Eu farei isso”, Khalani deixou escapar.

Todos viraram a cabeça para ela, e ela sentiu os fios de raiva gélida saindo de Takeshi na ponta da mesa.

"Khalani." Serene agarrou seu braço, chamando sua atenção. "Não precisa ser você."

"Sim, é verdade", disse ela, ignorando a pontada no peito. Se alguém ia se colocar em perigo, precisava ser ela. "Você sabe roubar, mas eu sei lutar. Tenho mais chances de sair de lá viva. E não vou deixar você se colocar em perigo por minha causa."

O queixo de Serene tremeu, lágrimas brotaram nos cantos dos seus olhos enquanto ela balançava a cabeça em negação.

Raziel pigarreou, lembrando-os de que o tempo era essencial. "E qual dos homens será?"

"Meu."

Khalani fechou os olhos, eufórica e aterrorizada pela pessoa que falava. Não houve um segundo sequer de hesitação na ponta da mesa. A voz de Takeshi ecoou pela sala como um trovão, sem dar espaço para que alguém pudesse argumentar contra ele.

Brock franziu a testa, seu olhar se voltou para Serene, mas permaneceu iradamente silencioso.

"Certo." Raziel se levantou, abotoando o paletó. "Vou preparar tudo para a entrega. Deixe tudo pronto às oito em ponto, Spade." Raziel saiu correndo pela porta sem dizer mais nada, batendo-a com um baque.

O silêncio era ensurdecedor.

Ela sentiu o sangue fugir do rosto e começou a perceber no que tinha se metido.

"Khalani", Serene se virou para ela mais uma vez, suplicante. "Você já passou por tanta coisa. Não precisa fazer isso. Eu posso ir."

"Ou a Winnie pode." Winnie agarrou a mão de Khalani. "A Winnie prefere que algo aconteça com ela do que com você."

"Não", ela retrucou, elevando a voz. Khalani recuou um pouco quando Winnie e Serene se encolheram, respirando fundo para se acalmar.

"Eu farei isso. Vou ficar bem", disse ela com uma confiança que não sentia.

Khalani foi quem insistiu para que ela fosse à superfície, convencendo todos a se juntarem a ela.

Era hora de ela enfrentar as consequências dessas ações.

Querendo ficar sozinha, ela se desculpou e foi ao banheiro. Seus ombros afundaram contra a parede de azulejos enquanto o peso do que ela acabara de concordar a atingia como uma tonelada de tijolos.

Ela estava voluntariamente voltando para as correntes. Voltando para a prisão

com o único homem que ela mais precisava evitar.

Eles já haviam escapado uma vez antes.

Mas ela não conseguia se livrar da terrível sensação de que, dessa vez, eles não sairiam vivos.

18

Aqueles que estão nus ainda podem usar fantasias.

Ela seria morta naquela mesma noite.

Khalani tinha certeza disso.

E não seriam guardas taciturnos ou criminosos violentos que a matariam. Eram os saltos pretos de quinze centímetros que Spade havia deixado para ela, junto com um vestido vermelho escuro sobre a cama.

Spade insistiu que Khalani precisava estar com a melhor aparência possível no cassino e, na Hermes, isso significava mostrar o máximo de pele possível sem estar nua.

O vestido vermelho tinha um decote em V profundo, apertava sua cintura em proporções impossíveis, acentuava seus quadris e terminava no meio da coxa — não importava o quanto ela tentasse puxá-lo para baixo.

Khalani esfregou as mãos nas pernas, mais confortável em seu velho e horrível uniforme de prisão.

Uma leve batida soou na porta.

"Entre." Khalani engoliu em seco, lutando contra a vontade de rasgar o vestido.

Serene colocou a cabeça para dentro, arregalando os olhos ao ver Khalani pela primeira vez. "Nossa. Nem tenho palavras."

"Tão ruim assim, né?" Khalani esfregou as palmas das mãos inconscientemente no tecido fino que mal cobria seus mamilos.

"Não." Serene entrou, ainda a encarando. "Você está incrível. Pode até dar um ataque cardíaco no Capitão."

“Duvido que ele fique impressionado.”

Pouca coisa chamava a atenção de Takeshi, a menos que seu uso principal fosse assassinato.

Ela ainda não entendia por que ele se voluntariou para o trabalho.

Talvez ele percebesse a instabilidade mental de Khalani e não confiasse que ela conseguiria escapar do campo de concentração sozinha.

"O Spade te deu maquiagem também?", perguntou Serene, interrompendo seus pensamentos em espiral e examinando os outros itens no criado-mudo: uma escova de cabelo e uma ferramenta fina de ferro.

"É. Mas nunca usei nenhum. Não sei bem como usar", admitiu ela, com as bochechas coradas.

"Eu vou te ajudar." Serene pegou os produtos de beleza e gesticulou para Khalani se sentar na cama.

"Não, está tudo bem. Eu não preciso disso."

"Você tem razão, você não precisa disso." Serene agarrou seus ombros e a forçou a se sentar. "Mas quando tudo está desmoronando ao seu redor, você pode pelo menos controlar sua aparência quando isso acontecer."

Seu joelho balançava para cima e para baixo enquanto Serene aplicava pó nas bochechas e nos olhos, cacheando seus longos cabelos castanhos com a estranha ferramenta dourada. Finalmente, Serene deu um passo para trás, com um sorriso lento se espalhando pelo rosto.

"E então?", perguntou Khalani, cutucando as unhas.

"Venha ver você mesma." Serene pegou a mão dela e a levou até o minúsculo banheiro, onde havia um espelho oval pendurado acima da pia.

Quando ela foi colocada abruptamente na frente dele, a boca de Khalani se abriu.

Seus grandes olhos verdes eram realçados por sombra esfumada e cílios extra longos. Suas bochechas estavam salpicadas com um tom rosado, e seus lábios, de um vermelho profundo e brilhante. Cabelos castanhos caíam em cascata em cachos logo abaixo dos seios, com o frizz e os nós alisados.

Khalani mal reconheceu a mulher no espelho, como se ela tivesse pegado emprestada a pele de outra pessoa.

E quanto mais ela olhava para si mesma, mais rápido seu pulso acelerava.

Ao entrar no cassino, todos certamente a reconheceriam como uma impostora.

Ela era a pessoa errada para isso.

Ela ia fazer com que todos fossem mortos.

Serene apertou a mão dela. "Seja lá o que for que você esteja pensando, pare. Você está incrível."

“Não sei se consigo fazer isso.”

"Escute-me. Se não fosse por você, eu ainda estaria presa. Não há ninguém mais forte ou desafiadoramente belo. É *isso* que eu vejo. E já era hora de você começar a ver também." As palavras sinceras de Serene estavam impregnadas de pura convicção, como se ela estivesse testemunhando para o mundo.

O sangue subiu ao peito de Khalani, e ela sentiu o nariz formigando.

"Não, não. Não chore, senão você vai estragar a maquiagem." Serene abanou o rosto freneticamente. "Eu menti. Você está horrível e vamos todos morrer."

Ela soltou uma gargalhada e limpou o nariz. "Sabe, a maioria das pessoas choraria se ouvisse isso."

"Eu sei. Mas você não é a maioria das pessoas. Você é minha melhor amiga." Serene deu uma piscadela conspiratória. "Agora, é isso que você vai fazer. Você vai entrar por esta porta de cabeça erguida porque é uma criminosa durona. Entendeu?"

“Desde quando você se tornou tão mandão?”

“Já que ninguém me ouviria de outra forma.”

***

Quando Khalani subiu as escadas, todos estavam esperando por ela.

Adan a envolveu em um longo abraço, pedindo-lhe que ficasse segura, Não querendo deixá-la ir. Ele até sugeriu que se vestissem como uma menina e fossem no lugar dela.

"Eu vou ficar bem", ela o tranquilizou, sem mencionar o quanto ela queria se

esconder em um buraco e desaparecer.

Depois de meses juntos, a ideia de partir, mesmo que brevemente, era mais assustadora do que ela esperava. Mas Khalani escondeu suas emoções até que se tornassem passageiras, mascarando seu medo fingindo que ele não existia.

Brock ficou de lado, sua expressão irritada se aprofundando quando ela passou.

“Alguma palavra de sabedoria?” ela perguntou.

“Não seja uma vergonha e morra.”

Palavras inspiradoras, realmente.

Balançando a cabeça, Khalani se aproximou do bar da frente, onde Spade, Takeshi e Raziel conversavam em voz baixa.

Ela prendeu a respiração quando viu Takeshi pela primeira vez.

O terno preto parecia feito sob medida para o seu corpo. O tecido brilhante se ajustava perfeitamente à sua estrutura musculosa e ombros largos, e seu cabelo preto e liso estava penteado para o lado com gel, embora alguns fios rebeldes caíssem sobre sua testa.

Ele parecia o perigo em sua forma mais irresistível.

Pela primeira vez, ela viu o homem sofisticado que crescera em Gênesis — a última cidade da superfície em Apolo reservada aos ricos. Mas quando ele olhou em sua direção, seus músculos ficaram completamente imóveis, e foi o Capitão mortal quem a encarou de volta.

Os olhos magnéticos dele brilharam enquanto percorriam o rosto dela, passando pelos braços e descendo pelo peito, em direção ao tecido fino preso às suas costelas e coxas.

Seu olhar sombrio era uma marca, o fio de uma espada deslizando sobre sua pele.

Por um momento, sua mandíbula se apertou, e Khalani percebeu um lampejo de algo ilegível em seu olhar antes que ele o mascarasse novamente. Uma onda de calor se espalhou por suas bochechas ao sentir o peso de o olhar de todos sobre ela.

"Você é um criminoso durão. Entendeu?"

As palavras de Serene ecoaram em sua cabeça como um hino ressonante, ajudando Khalani a endireitar os ombros e levantar o queixo.

“Devo dizer que você é uma visão.” Spade foi o primeiro a quebrar o silêncio.

“Você tem um gosto estranhamente bom para vestidos”, ela observou secamente.

"Normalmente prefiro tirá-los", Spade deu de ombros, com um sorriso malicioso se formando no rosto. "Mas você prova por que algumas coisas devem ser apreciadas primeiro."

Nesse momento, Khalani tinha certeza de que seu rosto estava tão vermelho quanto seu vestido.

"É hora de ir", disse Takeshi, sua voz profunda mais baixa que o normal, mais animalesca do que humana, enquanto seu olhar gelado percorria Spade.

Braços curtos a envolveram de repente. Khalani mal se manteve de pé quando Winnie se chocou contra ela, apertando-a com força.

“Khalani, garota. Você está tão linda. Linda demais para ir a um lugar perigoso como este. Solte a Winnie. Ela não suporta que você vá sem ela.”

"Você sabe que eu preciso ir, Winnie." Ela a abraçou de volta com toda a força que lhe restava. "Mas eu voltarei para você."

"Prometa com o mindinho que você voltará para casa", insistiu Winnie, com os olhos brilhando de medo desenfreado enquanto erguia o mindinho direito.

"Promessa de mindinho?"

"É um contrato vinculativo", explicou Winnie. "Quando você jura pelo mindinho, significa que sua vida está em jogo. Se você quebrar essa promessa, as abelhas virão e picarão seus olhos."

"O que é uma abelha?" Ela franziu a testa.

“Khalani, dê seu mindinho para Winnie”, Winnie ordenou firmemente.

Não havia como contestar aquele tom, então Khalani obedeceu, envolvendo o dedo mindinho no dedo envelhecido de Winnie. Winnie assentiu e segurou seu rosto, dando um beijo em sua testa.

"Manda o inferno para eles, criança."

"E *você* ?", Winnie se virou para Takeshi, cutucando o peito dele com o dedo indicador. "Você a traz de volta viva para Winnie. Winnie gosta de você, mas se tiver um arranhão, ela te esfola vivo e faz uma capa com isso."

Todos ficaram boquiabertos, mas Takeshi nem se mexeu com as palavras dela. Ele abaixou a cabeça como se a ameaça de Winnie e a responsabilidade que ela lhe confiara pesassem mais que a gravidade.

"Você tem a minha palavra", jurou ele, com a voz firme e inabalável. "Ninguém tocará nela e escapará da morte."

Khalani esqueceu momentaneamente como respirar.

Repita comigo: seu inimigo ameaçando mutilar outras pessoas em seu nome é psicótico e preocupante.

Winnie pareceu satisfeita com a promessa de Takeshi e assentiu, como se menos do que isso fosse inaceitável.

"Mais algumas coisas." Raziel deu um passo à frente, a máscara preta ainda cobrindo o nariz e a boca enquanto segurava um estranho dispositivo de metal fino. "Vou aplicar uma injeção no seu braço. É o rastreador que nos informará sua localização. É indetectável e nos guiará até você em uma semana."

Raziel se aproximou primeiro de Takeshi. Takeshi tirou o casaco e levantou a camisa, expondo as veias do antebraço musculoso.

Se o tiro doeu, ele não demonstrou.

Quando Raziel se virou para Khalani, ela ficou tensa, mas a dor não era nada comparada ao que sentira em Braderhelm. O número tatuado em seu pulso era uma prova de sua dor.

"Você está pronto agora." Raziel assentiu. "Vamos."

***

Khalani, Takeshi e Raziel passaram por inúmeras lojas e bares, suas luzes vibrantes e pulsantes chamando sua atenção enquanto ela lutava para manter o equilíbrio de salto na rua irregular de paralelepípedos.

Os homens olhavam abertamente para Khalani, alguns ousando se aproximar um pouco mais, mas quando avistaram as formas imponentes de Takeshi e

Raziel, eles rapidamente recuaram.

Ela não deixou de notar a forma como todas as mulheres olhavam para Takeshi com desejo voraz, mas ele olhava fixamente para frente, ignorando todas elas.

Raziel avançou em sua capa preta com uma confiança mortal, e Khalani levou apenas alguns minutos para notar homens e mulheres abaixando a cabeça ou fugindo ao vê-lo.

"Há quanto tempo você faz parte dos Aces?" ela perguntou, estreitando os olhos para Raziel.

“Minha vida inteira.”

“E o que exatamente os Ases…fazem?”

Raziel fez uma pausa, olhando para cima como se estivesse decidindo a melhor maneira de responder. "Nós nos envolvemos em diferentes empreendimentos comerciais. Comercializando mercadorias. Recebendo pagamentos. Fornecendo assistência pela cidade. Coisas assim."

“É por isso que as pessoas continuam evitando você e parecem ter medo de perder seus membros?”

Suas bochechas se ergueram ligeiramente. "Decepar membros não é bem o meu estilo. Faz muita sujeira. Prefiro quebrar rótulas, cortar tendões de Aquiles e fazê-los correr um pouco."

Ótimo. Mais um louco para ficar de olho.

“Seria mais fácil se você simplesmente quebrasse a tíbia”, comentou Takeshi, ainda olhando para a frente.

“Mas onde está a graça nisso?”

“Ponto justo.”

E agora eles estavam discutindo sobre quais ossos seriam mais adequados para serem quebrados.

Ela tinha uma placa nas costas que dizia: 'Aceitando acompanhantes homens: somente aqueles que evitam terapia?'

Quando eles fizeram uma curva fechada, o olhar dela se arregalou.

Ao longe, erguia-se o maior edifício que ela já vira. Era de um branco deslumbrante, com trinta enormes pilares dourados sustentando a grandiosa estrutura, que levava a degraus de mármore e portões de bronze abertos. A arquitetura imponente mais parecia um grande templo para adorar divindades antigas.

Era ainda maior que as Câmaras do Conselho de Apolo.

Centenas de homens e mulheres em trajes impecáveis subiram os degraus dourados, com os rostos iluminados pela expectativa.

"É isso—"

"Sim. É o cassino. Fiquem atentos", respondeu Raziel, ajeitando o terno e avançando.

Khalani forçou a boca a se fechar, alisando o vestido com as mãos. Respirando fundo, seguiu Raziel, ignorando a voz interior que lhe gritava para correr e nunca olhar para trás.

19

Eles ficaram tão absortos em vencer que
se esqueceram de se importar com aqueles que perderam.

Depois de passar pelos grandes portões do cassino, Khalani entrou em uma suntuosa sala dourada que a deixou sem palavras. Centenas de máquinas desconhecidas cobriam o chão acarpetado de vermelho, cercadas por um mar de pessoas ansiosas que continuavam puxando alavancas e apertando botões brilhantes.

Parecia que toda a população de Hermes estava reunida dentro do prédio.

O ar vibrava com aplausos ruidosos, e ela tossiu quando o aroma forte de cigarros e perfumes conflitantes encheu seus pulmões.

A rica opulência cobria cada faceta do ambiente, até os mínimos detalhes.

O olhar de Khalani se ergueu para o teto abobadado, cativada por um mural de tirar o fôlego, esculpido em diamantes, rubis e ouro. Seus olhos percorreram os belos anjos flutuando acima das nuvens cintilantes, e ela inclinou a cabeça ainda mais para trás, perdendo-se na imagem.

"Cale a boca. Não finja que nunca esteve aqui", Raziel a repreendeu, lançando-lhe um olhar de soslaio.

"Não entendo", gaguejou ela, olhando ao redor com puro espanto. "Por que toda essa gente está aqui?"

“O cassino é onde as pessoas jogam.”

As sobrancelhas dela se franziram em confusão, o que o fez suspirar.

É onde as pessoas jogam para ganhar dinheiro. Elas apostam seus próprios fundos, na esperança de ganhar mais em troca. Naturalmente, o cassino tem maneiras de garantir que sempre ganhe no final, mas as pessoas voltam todas as noites, tentando recuperar o que perderam. Algumas jogam fora seu auxílio-moradia, dinheiro para alimentação ou até mesmo a educação dos filhos. É um ciclo vicioso que este lugar alimenta.

"Isso é horrível."

Raziel deu de ombros. "Perder é bom para os negócios. Pessoas desesperadas fazem coisas desesperadas."

Takeshi permaneceu imóvel enquanto observava a cena com uma intensidade silenciosa, sua postura assustadoramente rígida.

À medida que se aprofundavam no amplo espaço, as máquinas de alavanca deram lugar a mesas cobertas de feltro verde. Algumas mesas de tamanho médio estavam cercadas por pessoas que estudavam atentamente as cartas, enquanto outras tinham grandes multidões aplaudindo enquanto alguém jogava pequenos blocos brancos sobre elas. Homens e mulheres gritavam e comemoravam como

se seus desejos mais profundos estivessem sendo realizados.

Seu olhar se voltou para os guardas intimidadores alinhados nas paredes.

Diferentemente dos convidados, eles usavam coletes pretos de metal, fones de ouvido visíveis e portavam armas.

Os revendedores.

Eles examinavam a sala como tubarões sanguinários, do tipo que Winnie certa vez mencionou que espreitavam no oceano.

Khalani abaixou a cabeça enquanto Raziel os conduzia para um canto isolado onde apenas algumas pessoas brincavam em máquinas, perdidas em seu próprio mundo.

Um dos Traficantes estava de braços cruzados e costas encostadas na parede dourada. Ele tinha uma estrutura robusta, um corte de cabelo curto e um bigode impecavelmente penteado. Seu olhar passou por Khalani e Takeshi, estreitando-se em Raziel.

"Você está atrasado", resmungou o Negociante quando Raziel se aproximou.

"Se bem me lembro, Sylas, os Ases são sempre pontuais. Não foi isso que você quis dizer?" Raziel inclinou a cabeça, e a ameaça sutil pairou no ar.

Sylas engoliu em seco e, depois de um momento, seus olhos baixaram em sinal de concordância.

“Meu erro”, ele murmurou.

"Esplêndido." A voz de Raziel se iluminou. "Você recebeu os arquivos que enviei?"

O Dealer se remexeu, incomodado, enquanto tirava um dispositivo com tela do bolso. "Sim. São os Davenhue?" Ele ergueu a tela, que exibia os rostos de Khalani e Takeshi, juntamente com suas biografias.

Clarence e Mars Davenhue.
Idades de vinte e um e vinte e cinco.
Moradores do Segundo Bairro.
Proprietários de uma padaria.
Sem filhos.
Simpatizantes da rebelião.

Quando Raziel tirou fotos deles? Takeshi até estava sorrindo na foto. *Sorrindo.*

"Em carne e osso", Raziel sorriu, dando um tapinha nas costas de Khalani e Takeshi.

O olhar de Sylas passou ansiosamente de um para o outro antes de ele assentir e colocar o dispositivo com tela de volta no bolso.

"A entrega será às duas da manhã no Seven Diamonds Lounge. Os Davenhues devem chegar cedo e embriagados. Os dealers *não conseguem* sentir nada de errado. Entenderam?"

“Eles entendem”, disse Raziel em nome deles.

O prazo final das duas da manhã estava a apenas algumas horas de distância — duas horas antes de eles serem voluntariamente presos e transportados para um campo desconhecido.

Ela cutucou a pele ao redor das unhas, olhando para a saída.

Talvez os Aces soubessem de alguma outra garota que queria ficar atrás das grades. Se Khalani fosse embora agora, ela poderia escapar...

Mas os rostos de Serene e Winnie passaram pela sua mente, e ela soltou a mão dolorosa, percebendo a verdade.

O único caminho de volta era para frente.

"E minha dívida com os Aces?", perguntou Sylas, engolindo em seco.

"Sua dívida com os Ases só será quitada quando confirmarmos que eles estão seguros no acampamento." Raziel cruzou os braços. "Qualquer desvio dos nossos planos, e eu mesmo farei você pagar sua dívida integralmente."

O rosto de Sylas ficou verde. "Entendo." Ele olhou ao redor. "Preciso ir. Não se esqueça, são duas da manhã." Ele saiu apressado, desaparecendo na multidão sem dizer mais nada.

"Rato de merda", Raziel sibilou, olhando feio para ele.

"O que fazemos agora?" ela sussurrou, esfregando os dedos na bainha do vestido.

"Temos um tempinho. Vamos tomar uma bebida." Raziel se virou sem dizer mais nada e atravessou a sala, em direção a um bar suntuoso, decorado com colunas de prata e um balcão de mármore.

Os pés dela não se mexeram. Os de Takeshi também não. Permaneceram imóveis, observando seu misterioso companheiro enquanto o tempo para sua prisão passava.

“Por que parece que estamos cometendo um erro enorme?”, ela questionou.

“Porque provavelmente somos.”

“E, no entanto, continuamos fazendo isso.”

Os olhos negros dele se voltaram para ela, erguendo uma sobrancelha. "Está reconsiderando?"

Ela estava. Mas não importava.

No momento em que Winnie envolveu Khalani em seus braços, não houve mais como voltar atrás.

“Não. Continuamos seguindo em frente, como sempre fazemos.”

Khalani se endireitou, deixando que a afirmação não fosse apenas palavras escapando da língua, mas uma crença em sua mente. Ela reconheceu os arrepios de ansiedade percorrendo seu estômago, seu peito, as pontas dos dedos.

Mas, por mais profundos que fossem seus medos, ela se recusava a deixar que esses pensamentos negativos a paralisassem por mais tempo. Se Khalani fosse se acorrentar mais uma vez, faria isso com o queixo erguido.

Takeshi inclinou a cabeça. "Falou como alguém que não desistiu de lutar."

Ela lançou-lhe um olhar penetrante. "Quem disse que eu parei?"

Sem esperar por uma resposta, Khalani caminhou em direção ao bar. Depois de alguns passos, ela olhou discretamente por cima do ombro e viu Takeshi ainda parado ali, com a testa baixa, mas um brilho inconfundível de desejo acendeu em seus olhos enquanto Khalani se afastava.

Como se *ela* fosse a única que iria incendiá-lo.

As pessoas lançavam olhares de admiração para ela enquanto passava, seus olhares lascivos percorrendo seu corpo. Khalani olhava fixamente para a frente, ganhando mais confiança a cada passo. Ela enviou um agradecimento silencioso a Serene por garantir que ela não parecesse uma barata com batom vermelho.

Ela sentiu a presença de Takeshi seguindo-a silenciosamente.

Khalani percebeu que balançava os quadris um pouco mais enquanto caminhava, conseguindo de alguma forma não tropeçar nos saltos.

No bar, Raziel apoiou-se casualmente no balcão como se fosse o dono. Os outros clientes o evitavam, e o rosto do barman estava rígido enquanto ele colocava um copo com um líquido âmbar à sua frente.

"Qual é a sua bebida?" Raziel perguntou a Khalani.

Ela gaguejou, sem saber o que dizer.

"Para ela, nada", interrompeu Takeshi num tom mais grave ao se aproximar do bar. "Eu aceito qualquer coisa forte que você tiver."

"Agora espere um pouco", Khalani se virou para ele. "Você não fala por mim."

"Engraçado. Acabei de fazer."

"Você é hilário. Uma verdadeira loucura. Histórias deveriam ser gravadas em pedra, detalhando sua incrível sagacidade e charme."

“Eu sei”, ele respondeu, imperturbável.

“Alguém já lhe disse como é seu rosto?”

"Eu não sou-"

"Dá para dar um soco", ela interrompeu, enfatizando o *p* . "É o que parece, e o que vai acontecer em dois segundos se você não se mexer..."

"Vocês dois terminaram de flertar ou vão pedir alguma coisa?" Raziel interrompeu, tomando um gole de sua bebida preguiçosamente.

Khalani e Takeshi lançaram olhares de desdém para Raziel.

Se flertar constituísse um desejo habitual de arrancar a cabeça da outra pessoa, então com certeza. Eles eram profissionais absolutos.

"Só me dê o que você está pedindo", ela resmungou para Raziel.

"Tem certeza? É forte. A maioria das garotas prefere algo doce."

“Se você consegue lidar com isso, eu também consigo.”

Raziel deu um sorriso diabólico. "Tenho certeza de que você poderia..."

"Só pegue a porra da bebida para ela", Takeshi retrucou, colocando os cotovelos no balcão.

Khalani tomou um pequeno gole do copo de prata que lhe foi entregue, rezando para que o álcool aliviasse a tensão. Quando seu rosto se contorceu e seu corpo estremeceu, os lábios de Raziel se curvaram em um sorriso.

Ela não entendia por que as pessoas bebiam bebidas alcoólicas de bom grado — era como cobrir a garganta com carvão e atear fogo.

Mas, por algum motivo, ela voltou para tomar outro gole. Afinal, de que adiantava a liberdade se você não tomasse decisões questionáveis com ela?

Takeshi, por outro lado, virou o copo inteiro de uma só vez, com uma expressão ilegível.

Era impossível dizer se ele gostava da bebida ou a desprezava. Mas quando o olhar dele se voltou para o dela, ainda tingido de irritação, ela detectou um sutil lampejo de desafio.

Tudo bem então.

Ela inclinou a cabeça para trás, prendeu a respiração e virou o restante do conteúdo do copo.

"É mais ou menos isso", comentou Raziel com um aceno de aprovação.

"Na verdade, o gosto não é tão ruim assim", ela mentiu com a voz ofegante, lutando contra a queimação.

Os dois homens a olharam de soslaio, como se ela estivesse falando besteira, mas Khalani os ignorou e caminhou em direção a uma das máquinas estranhas enfileiradas na parede. Ela tinha uma tela branca com letras vermelhas brilhantes piscando JACKPOT repetidamente.

“Como você toca?” ela perguntou.

Raziel deslizou suavemente até lá, retirando um cartão metálico do bolso. Ele o tocou na tela e, instantaneamente, vários símbolos se iluminaram e dançaram no vidro.

"Basta puxar esta alavanca aqui", explicou ele, apontando para um palito vermelho na lateral. "O objetivo é alinhar três símbolos iguais em sequência. Três jackpots lhe darão o grande prêmio."

Ela mordeu o lábio e puxou a alavanca para trás. Os símbolos na tela giravam tão rápido que seus olhos não conseguiam acompanhar. Ela puxou a alavanca várias vezes, mas nenhum dos símbolos correspondia.

Khalani sentia uma pontada de culpa cada vez que perdia dinheiro para Raziel, mas ele apenas assentiu em sinal de encorajamento. "Continue."

Takeshi se aproximou dela, o que só intensificou o desejo de Khalani de vencer. Ela começou a entender a facilidade com que se pode ser fisgado pelo cassino. Continuar puxando a alavanca, jogando suas inibições para longe.

De repente, a máquina acendeu na próxima puxada, e o som de moedas tilintando encheu o ar quando três diamantes azuis apareceram na tela.

"Eu ganhei?" Ela recuou em choque.

"Você fez."

“Eu ganhei!” Khalani girou com um largo sorriso, juntando as mãos.

Takeshi lançou-lhe um sorriso ardente. O álcool aqueceu seu estômago quando ela notou o terno acentuando seus olhos escuros e musculosos...

Não . Khalani se virou imediatamente.

Em vez disso, ela olhou fixamente para os diamantes azuis brilhando na tela. A cor a lembrava de algo. Ou de alguém. O azul mudou, e olhos gelados a encararam de volta.

Ela pulou da cadeira.

"O que houve?" Raziel encarou Khalani como se ela estivesse possuída. Takeshi se aproximou, examinando seus olhos atentamente.

"Eu... eu." As palavras lhe faltaram. Khalani voltou-se para a máquina, mas o olhar frio do Governador havia desaparecido, deixando apenas os diamantes azuis brilhando de volta.

"Desculpe, pensei ter visto... alguém nos observando." Ela passou a mão trêmula pelos cabelos.

Raziel pareceu incerto, mas lançou um olhar atento ao redor para ter certeza. "Não tem ninguém."

"Certo, certo. Que boba a minha", brincou ela, mesmo com a visão começando a escurecer. "Só preciso de mais uma bebida."

Raziel hesitou, como se aquilo fosse a *última* coisa de que ela precisasse, mas respondeu: "Vamos pegar outro para você no salão. É hora de irmos."

Ela assentiu, respirando fundo e se preparando para prosseguir. Mas um

músculo no maxilar de Takeshi se contraiu. Ela sabia que ele queria puxá-la de lado e exigir respostas, mas evitou seu olhar inquisitivo.

Para sua própria sanidade, ela precisava continuar fingindo que estava tudo bem.

Eles percorreram outro corredor luxuoso, onde mulheres em vestidos ainda mais reveladores desfilavam. Quando dobraram a esquina seguinte, encontraram duas grandes portas bloqueadas por cordas vermelhas. e três guardas enormes que pareciam comer humanos no café da manhã, almoço e jantar.

Acima da parede negra, sete luzes em forma de diamante brilhavam e tremulavam enquanto um som grave e profundo pulsava além das portas. Raziel se virou para elas, com os olhos brilhando de expectativa.

“Bem-vindo ao Seven Diamonds Lounge, a joia da coroa da vida noturna da Hermès.”

20

Se fôssemos feitos um para o outro, não teríamos duas mãos.
Uma para me sustentar, a outra para cuidar de você.

Raziel os conduziu pela fila de convidados que esperavam do lado de fora e foi direto para a frente, suas pernas longas cortando a multidão com facilidade.

Algumas pessoas na fila protestaram, mas assim que notaram a máscara cobrindo o rosto de Raziel, suas objeções rapidamente desapareceram, e eles procuraram outro lugar para direcionar sua atenção.

As mulheres olhavam para Takeshi abertamente enquanto ele se aproximava com a cabeça erguida. Uma mulher, com cabelos loiro-platinados caindo em cachos até a cintura, usando um vestido de malha preta quase transparente, estendeu a mão para agarrar seu cotovelo.

"Ei, querido", ela murmurou, "Dança comigo aí dentro?"

Algo quente se formou no peito de Khalani.

Deve haver resquícios do álcool forte.

Takeshi não respondeu à mulher. Mal olhou para ela. Simplesmente libertou o braço com uma expressão de desgosto e continuou andando, deixando a mulher boquiaberta.

Khalani não conseguia evitar o pequeno sorriso que se formava em seus lábios, mesmo que sua vida dependesse disso.

Quando chegaram à corda vermelha de veludo, Raziel sussurrou no ouvido de um dos guardas. Ele pareceu passar algo rapidamente, mas Khalani não conseguiu entender o que era. O guarda, visivelmente mais pálido, acenou para Raziel e desprendeu a corda, deixando-os passar.

Ela entrou nervosamente em um corredor estreito iluminado apenas por uma fileira de tochas flamejantes de cada lado. O ar estava denso de fumaça que rodopiava e pulsava a cada gemido do baixo profundo que reverberava pelas paredes negras e pulsava dentro de seu peito. Khalani hesitou, preocupada com um possível incêndio, mas Raziel seguiu confiante à frente.

A música ficou cada vez mais alta enquanto ela continuava a segui-lo pelo espaço apertado e escuro.

Quando a fumaça se dissipou, eles se encontraram em um salão imponente e vibrante, com bares com tampos de vidro ao redor e vários bartenders servindo a multidão de foliões. No centro, uma enorme pista de dança estava lotada com centenas de pessoas.

O ar estava úmido, cheio de condensação.

Várias gaiolas pendiam do teto, cada uma contendo mulheres de lingerie, se movendo e arqueando em uma dança intrincada e sexual que fazia vários

homens e mulheres na sala olharem para cima, com a luxúria estampada em seus olhares.

Pendurada nos fundos do clube, havia uma grande estátua de bronze. Ela representava um homem de terno com os braços estendidos, como se estivesse convocando todos na sala a se levantarem e o adorarem.

Um arrepio percorreu sua espinha.

"Quem é esse?" ela perguntou a Raziel, sua voz mal se elevando acima da música.

Raziel seguiu o olhar dela. "Aquele é Milo Hendrix. Ele fundou o primeiro cassino aqui há algumas centenas de anos e ajudou a moldar Hermes até o que é hoje. Quando ele morreu, a cidade assumiu seu cassino e seus negócios, mas seu legado permanece." Ele dispensou a estátua com um aceno de cabeça e se virou para o bar. "Vamos tomar uma bebida."

Ela sentiu Raziel se mover, mas seus olhos permaneceram fixos na estátua. Algo em Milo Hendrix lhe parecia familiar.

Seu rosto inanimado e bonito sorria para a multidão dançante e suada. Seus braços estendidos a lembravam de outra pessoa que ela conhecera. Alguém...

“Kanes.” Takeshi puxou seu braço, tirando-a do transe.

Ele fez um gesto rápido com a cabeça em direção ao bar, onde Raziel já estava conversando com o barman, que assentiu vigorosamente, com suor escorrendo pela testa.

Quando eles se aproximaram, Raziel entregou-lhes pequenos copos transparentes cheios até a borda com um líquido azul e esfumaçado.

“O que tem aqui?” ela gritou.

"É um tiro."

Os olhos dela se arregalaram. "Tem uma bala de verdade aqui?"

Takeshi olhou feio para Raziel, que soltou um suspiro pesado, como se estivesse lidando com crianças irracionais.

"É só um drinquezinho para vocês dois relaxarem." Ele se aproximou, aproximando os ombros deles para que ninguém mais pudesse ouvir. Khalani tentou se afastar, mas o aperto de Raziel era surpreendentemente firme.

"Caso vocês dois tenham esquecido", continuou Raziel, "vocês deveriam ser um casal jovem, casado e apaixonado. Vocês dois parecem prestes a se jogar da sacada e estão tão tensos que até minha lâmina teria dificuldade para cortar. Se vocês vão convencer os Negociantes de que são mesmo os Davenhues, precisam agir como tal e beber o que eu der. Principalmente *vocês* ."

" *Eu* ?" Khalani recuou. "O que foi que eu fiz?"

"Seu rosto está tão magro quanto uma carta de baralho, querida. Engula isso e finja que está se divertindo. Lembre-se, esta pode ser sua última bebida por um tempo." Raziel ergueu o copo em um brinde de brincadeira antes de colocá-lo sob a máscara e virar o conteúdo.

Ela segurou a arma nervosamente, olhando para Takeshi, que apenas a encarava, esperando.

"Você não vai me mandar parar?" ela testou.

"Você me escutaria?"

Boa observação.

Ela levou o copo aos lábios, emitindo um ruído suave no fundo da garganta

enquanto engolia o líquido de uma só vez. Surpreendentemente, a bebida deixou um gosto adocicado após a queimação inicial. Sua língua roçou os lábios e ela sentiu os músculos relaxarem.

Ok, isso não foi tão ruim.

Toda a sua vida em Apollo se resumira a suprimir desejos e servir à cidade subterrânea com lealdade inabalável. Ela havia sufocado seus sentimentos a ponto de se convencer de que eles não existiam mais.

Mas esta noite pode ser a única chance de Khalani recuperar as partes que ela havia perdido.

E se eles estivessem prestes a entrar em cativeiro, algumas horas de liberdade para liberar suas inibições poderiam não ser terríveis.

"Posso ter outro?" ela perguntou a Raziel, um pouco ansiosa demais.

Raziel ergueu uma sobrancelha, mas um brilho de diversão dançava em seus olhos enquanto estalava os dedos. O barman apareceu rapidamente e entregou a Khalani outro copo defumado. Raziel ofereceu um a Takeshi, mas ele levantou a mão, recusando.

"Você não vai continuar bebendo?", ela perguntou a Takeshi, que apenas balançou a cabeça, encostando-se no bar enquanto seu olhar letal varria a sala, avaliando cada saída e ameaça potencial.

"Você não é divertido", ela resmungou, mas Takeshi ou não a ouviu ou preferiu ignorá-la.

Após a quarta rodada, os membros de Khalani definitivamente pareciam mais soltos.

Uma sensação de formigamento subiu pelas pontas dos seus dedos e tudo ao seu redor pareceu brilhar um pouco mais forte. Ela instintivamente balançou ao ritmo da batida e voltou sua atenção para a pista de dança.

Corpos se moviam uns contra os outros como respingos de água. O movimento era sedutor, e a música que pulsava em sua pele era diferente de tudo o que ela já ouvira.

Uma voz sensual de mulher começou a ecoar pelos alto-falantes. Algo em suas palavras hipnóticas e seu baixo potente fez Khalani querer se juntar aos outros na pista.

Na verdade, era exatamente isso que ela ia fazer.

“Vou dançar”, ela declarou, sem pedir permissão.

Takeshi virou a cabeça bruscamente em sua direção, mas Raziel apenas riu e pousou a bebida. "Pode ir. Preciso falar rapidamente com sua amiga. A gente te observa daqui."

Takeshi cerrou os dentes, prestes a discutir, mas não ia ficar parada esperando a inevitável objeção dele. Girou nos calcanhares e foi direto para a multidão.

O álcool aqueceu seu estômago enquanto ela manobrava entre os convidados, todos perdidos no ritmo melódico. Encontrando uma abertura no centro da pista, Khalani finalmente parou.

Homens e mulheres eufóricos a cercavam, esfregando-se com seus parceiros, unindo seus corpos como se pudessem se tornar um só ser.

O ar estava quente e pesado. Seus tímpanos pareciam prestes a explodir com a batida, e seu coração batia mais rápido. Por um momento, ela considerou voltar ao bar, mas se recompôs, deixando seu corpo presente.

Sentindo a música. Deixando os aromas invadirem seu olfato e sua visão absorver tudo ao seu redor.

Khalani sentiu o corpo balançar de um lado para o outro. Seus braços se descruzaram lentamente. Seus dedos começaram a bater na coxa no ritmo da música.

"Eu sei que você não me quer, meu amor. Mas eu me seguro melhor do que você."

A voz da mulher cantou no alto-falante, e a multidão começou a cantar, sabendo cada palavra, inclinando a cabeça para trás como se a música fosse uma extensão de suas almas.

"E estou melhor agora, meu amor. Pena que não posso dizer o mesmo de você."

O sorriso de Khalani se alargou enquanto ela abraçava a liberdade ao seu redor. Seus quadris balançavam mais. Seus ombros relaxavam.

Uma garota baixinha, de vestido azul justo, sorriu para ela, com os olhos brilhando de incentivo, enquanto um homem a beijava no pescoço por trás. Khalani ergueu os braços, fechando os olhos e se entregando à batida erótica.

Pela primeira vez na minha memória... ela estava se divertindo.

E o pensamento que a fez sorrir ainda mais?

Winnie ficaria orgulhosa.

Um desconhecido se aproximou por trás, colocando as mãos em sua cintura. Ela imediatamente ficou tensa e se virou.

Um homem de cabelos loiros e um sorriso cativante estava atrás dela. Ele puxou seus quadris para mais perto, encorajando-a a dançar com ele.

Seu primeiro impulso foi afastá-lo, mas ela se obrigou a relaxar. Esta era a única noite em que ela seria uma versão diferente de Khalani. Ela poderia se perder na música como as outras garotas dançando ao seu redor, aliviada do peso da sobrevivência.

Ela pressionou o traseiro no estranho, deixando-se ficar livre.

Khalani não necessariamente gostou da maneira como os dedos dele agarraram sua cintura ou da respiração quente em seu ouvido, mas ela fechou os olhos, fingindo que era outra pessoa.

De repente, o homem atrás dela foi arrancado.

Um soco alto e poderoso cortou a música e, antes que ela pudesse reagir, uma figura mais alta e forte surgiu atrás dela.

Arrepios percorreram sua pele apesar do calor do quarto.

A mão esquerda do recém-chegado segurou delicadamente seu pescoço, seu polegar descansando atrás de sua orelha, enquanto sua mão direita a puxava de volta para ele.

Ela não precisava olhar para saber quem era. Mesmo vendada, reconheceria Takeshi apenas pelo toque. Ninguém mais tinha o físico dele ou irradiava aquela energia caótica que te atraía antes que ele te destruísse.

Pegue outra bebida , disse a parte lógica de seu cérebro. Tome um pouco de ar fresco. Afaste-se da única pessoa que poderia estripar o que restava de seu coração frágil. Ela sabia que Takeshi a deixaria ir no segundo em que ela pedisse para ele parar.

Mas cada lugar que seus dedos tocavam parecia como se a pele dela nunca

tivesse sido tocada ali antes. Como se seu corpo fosse um deserto a ser explorado.

A música ecoou mais alto em seu peito, e ela balançou para frente e para trás.

"E você sabe que eles não conseguem parar de me encarar. Mas meus olhos foram feitos para olhar para você."

Os dedos dele se espalharam pela parte inferior do estômago dela, guiando os movimentos dos quadris.

" *Eles nunca acreditaram na gente, querida. Desafio você a me fazer acreditar também."*

Suas mãos se esticaram em direção ao teto enquanto Takeshi agarrava seus cotovelos e os puxava para trás do pescoço, prendendo-a a si. Sua cabeça se curvou, e ela sentiu seus lábios percorrerem suavemente sua pele.

Eles não precisavam falar. Seus corpos sussurravam por eles.

Como se dançar fosse outra maneira de dizer: "Esconda-se do mundo comigo".

Ela deixou a cabeça pender para trás, encostada nele, enquanto ele a abraçava, passando a mão pela frente do seu corpo. Seus dedos fortes deslizaram pela clavícula exposta, demoraram-se em torno do seio e traçaram um caminho pela barriga até a bainha do vestido.

Ela respirou mais rápido, a batida constante e ressonante acompanhando a aceleração do seu coração. Todos desapareceram ao redor deles, como se fossem os únicos sob a superfície da Terra.

Seus olhos se abriram quando os dedos de Takeshi se moveram sob seu vestido vermelho. Na frente de todos.

Inicialmente, ela olhou ao redor, uma euforia aterrorizante tomando conta de seu corpo, mas ninguém estava prestando atenção. As luzes diminuíram e a multidão se perdeu em seu próprio mundo de desejo e êxtase.

Os dedos hábeis de Takeshi deslizavam hipnoticamente para frente e para trás na parte superior de sua coxa. Embora o vestido ainda a cobrisse, ela se sentia nua para ele, quase gemendo quando o dedo dele subiu um pouco, provocando sua pele.

Cada momento de prazer que ela já havia experimentado não se comparava à emoção e ao calor que sentia naquele instante. A boca de Takeshi roçou sua orelha, sua língua macia deslizando contra ela, e ela mordeu o lábio. Quando a mão forte dele agarrou sua coxa, seu pescoço se esticou para trás.

Vá mais alto, ela quase implorou.

O toque dele era uma corrente elétrica que a queimava viva. Apagando todos os amantes anteriores da memória — arruinando-a completamente para qualquer outro homem.

Os dedos dele acariciaram o pescoço dela e ele sussurrou em seu ouvido: "Respire por mim, Kanes."

Ela prendeu a respiração quando as unhas dele rasparam suavemente a parte superior da sua coxa.

Ela empurrou os quadris para trás, arqueando-se contra ele, indiferente a quem os cercava. Raziel provavelmente os observava do bar naquele momento, mas eles estavam perdidos em um universo que eles mesmos criaram.

"Se eu te tocasse agora, o que eu encontraria?", sussurrou Takeshi. Ela

lambeu os lábios, a mente confusa demais para responder.

"Diga-me, Kanes. Quão encharcado você está por mim?" Os dentes dele puxaram a ponta da orelha dela.

Ela ofegou, seu âmago em chamas. Khalani tinha certeza de que a qualquer momento ela derreteria a seus pés como uma vela acesa.

Então, ela o pressionou ainda mais. "Nem um pouco."

A risada dele estava carregada de escuridão, e seu dedo indicador subiu gradualmente pela coxa dela, subindo cada vez mais.

“Quero colocar minha cabeça entre suas coxas e engolir todas as suas mentiras decadentes.”

Seus lábios se separaram.

A linguagem humana não deveria ser tão *suja* .

Tão capaz de obliterar cada frase anterior.

"Me diz mais uma coisa, Kanes. Me diz que você não é meu." A voz de Takeshi ficou mais grave, assumindo um tom mais áspero, como se a mesma anarquia que corria por suas veias fluísse para ele.

Takeshi personificava a ruína em sua vida. Mas ele não a fez querer fugir. Não. Ele a ajudou a abraçar o terror.

Ignorar Takeshi era como fugir do sol.

Você pode se esconder dele, mas sua luz sempre viverá na superfície, esperando para queimar e lhe mostrar os limites do mundo.

Ela se agarrou ao seu último resquício de sanidade e disse: "Eu não sou sua".

Takeshi inclinou a cabeça para encará-lo, segurando o queixo dela entre o polegar e o indicador. Ela se perdeu em um mar de escuridão, quando ele disse:

“Vou deixar você continuar pensando isso.”

Ela ofegou quando o dedo dele a tocou exatamente onde ela queria e sua boca encontrou a dela, devorando sua respiração seguinte. Seus lábios se fundiram, e a língua dele se estendeu, dançando com a dela como a melodia que os envolvia. Sua mão esquerda agarrou delicadamente seu pescoço, e seu dedo indicador direito esfregou um círculo entre suas pernas, mostrando-lhe sem palavras a quem ela pertencia.

E ele estava certo. Khalani estava encharcado.

Ela apertou os braços em volta do pescoço dele e o beijou de volta com igual abandono. O mundo poderia ter acabado em chamas de fogo e terror, e ela ainda teria se agarrado a Takeshi, deixando sua boca expressar o que ela tinha medo de expressar.

Ela deve ter tido um efeito semelhante em Takeshi porque ele gemeu e a puxou para mais perto.

Porra... ele sabia o que estava fazendo com a boca. E com as mãos.

Ela estava convencida de que quando Deus criou Takeshi, Ele acidentalmente derramou uma garrafa inteira de beleza sobre ele e murmurou: "Merda".

Takeshi se afastou, apenas o suficiente para que pudessem respirar, mas ainda a segurava com força, relutante em soltá-la. As sombras em seus olhos se intensificaram, como se ele quisesse sequestrar o tempo e prolongar aquele momento para sempre.

De repente, Raziel apareceu ao lado deles, olhando para Takeshi com um sorriso cúmplice e dando-lhe um tapinha nas costas.

"Parabéns, Takeshi. Você desempenhou seu papel perfeitamente. Eu mesmo não poderia ter feito melhor."

21

Quando morremos, podemos recomeçar?
Estou perguntando por um amigo.

Takeshi lançou um olhar furioso para Raziel, com todo seu corpo tenso.

Ela se desvencilhou dele, encarando-o incrédula. A batida da música mudou e o ar ficou claustrofóbico.

Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

Takeshi não tocou nem beijou Khalani porque a desejava genuinamente. Ele só fez isso pela missão. Para fazer os Traficantes acreditarem que eram realmente casados e apaixonados.

Takeshi se virou para ela, o vinco em sua testa se aprofundando quando ele não viu nada além de pura dor e traição refletidas em seus olhos.

Ele deu um passo em direção a ela.

Ela recuou.

“Khalani, não é—”

"Sr. e Sra. Davenhue, vocês precisam vir conosco." Uma voz grave cortou a tensão, e vários Revendedores em uniformes pretos elegantes formaram um círculo fechado ao redor deles, bloqueando sua fuga.

Os olhos de Khalani encontraram Sylas, o crupiê que conheceram no cassino, mas seu rosto era frio e impassível, como se nunca tivessem se visto antes. Ele agarrou o braço dela com firmeza, enquanto outros dois guardas seguravam Takeshi, presumindo que ele fosse a maior ameaça.

Raziel não estava em lugar nenhum, provavelmente se gabando em algum lugar de que seu plano foi um sucesso tremendo.

"O que você está fazendo?", rosnou Takeshi. Ele lançou um olhar feroz para o aperto firme do Negociador em Khalani, como se estivesse a um passo de arrancá-la.

Ele era um ator fenomenal.

"Vamos", Sylas disparou, ignorando Takeshi e empurrando Khalani para a frente. Ela cambaleou nos calcanhares, mas ele a arrastou pelo chão.

Assim que os homens e mulheres no clube reconheceram os Dealers, todos saíram do caminho.

Sylas a empurrou em direção a uma saída discreta pelos fundos. No momento em que a empurrou para fora, o fedor de lixo podre e metal frio atingiu seu nariz, e seus saltos deslizaram no pavimento escorregadio do beco.

Sylas agarrou seu cotovelo e a jogou abruptamente contra a parede de tijolos.

Khalani grunhiu quando Takeshi foi empurrado contra a parede dura ao lado dela. Seus músculos estavam tensos, sua expressão era uma máscara de raiva

controlada. Takeshi virou a cabeça, mas Khalani se recusou a olhar para ele.

Tudo o que ele fez foi fazer papel de boba. E ela estava cansada de ser o peão nos seus joguinhos doentios.

De uma forma distorcida, o que Takeshi fez foi benéfico. Os Dealers não questionariam a história deles, e ela pôde se concentrar exclusivamente na missão.

E quando a semana terminou, ela estava rompendo relações com Takeshi Steele para sempre.

"Nós os pegamos", disse Sylas em um pequeno rádio. "Tragam o trilho."

Ela franziu a testa quando um traficante se aproximou, tirando algo do bolso de trás. Antes que ela pudesse reagir, ele enfiou uma agulha comprida em seu pescoço.

"Ai!" Ela se encolheu, levando a mão trêmula ao pescoço. "O quê....."

Ela piscou rapidamente, mas os Dealers pareciam se multiplicar.

Khalani se virou para Takeshi, que caiu para a frente enquanto outro guarda retirava uma seringa de seu pescoço. Seu pulso desacelerou e ela se apoiou na parede. Seus calcanhares derreteram no concreto, arrastando-a para baixo.

Avançar.

E mais além.

E mais além.

Ela pensou ter visto a mão de Takeshi estendida em sua direção, mas no momento seguinte, tudo ficou escuro.

***

"Ei."

…

…

…

"Ei!"

Alguém chutou seu pé, e Khalani acordou sobressaltada, ofegante. Ela olhou ao redor, desorientada pela luz branca e brilhante que a incidia.

Uma figura borrada estava sobre ela, como um fantasma trazido de volta à vida.

Khalani enxugou os olhos, semicerrando-os, presumindo estar presa num ciclo vicioso de pesadelo. Mas a imagem começou a clarear lentamente, revelando uma garota pálida, vestida com calças brancas e uma camisa branca de manga comprida com botões pretos no meio.

A garota que a observava tinha cabelos loiros desgrenhados que chegavam à cintura e traços faciais marcantes que se contraíam em sinal de irritação. Ela parecia alguns anos mais velha que Khalani e usava estranhas algemas de metal nos pulsos.

"Você precisa se levantar", ordenou a garota, dirigindo-se a uma porta aberta.

Ela olhou para trás mais uma vez antes de acrescentar: "Se você não estiver lá fora em dois minutos, eles vão te dar um choque." Ela gesticulou para os pulsos de Khalani antes de sair.

Os olhos de Khalani se arregalaram ao olhar para baixo e ver algemas de metal semelhantes em volta dos pulsos. Ela passou as mãos pelas pernas, usando o mesmo uniforme branco da garota.

Seu olhar disparou freneticamente ao redor.

O quarto iluminado em que ela se encontrava era do tamanho de um armário grande. Paredes brancas a cercavam e uma porta translúcida estava parcialmente aberta.

Trinta e dois.

O número vermelho-sangue estava colado acima da porta.

A cela lembrava um laboratório, mas muito mais branca, fria e exalando desespero.

Khalani se virou quando um fluxo de pessoas vestindo uniformes semelhantes começou a passar por sua cela, mal olhando em sua direção. Suas costas estavam curvadas, os olhos pálidos.

Um gemido baixo ecoou à sua esquerda, e ela se virou.

Takeshi estava na cela com ela.

Ele estava deitado de costas. A túnica branca se ajustava perfeitamente ao seu corpo grande e as algemas de metal em seus pulsos eram claramente visíveis. Seus olhos estavam firmemente fechados, ainda desmaiados pelo que quer que os guardas tivessem injetado em seus pescoços.

Khalani sentiu uma breve tentação de deixar Takeshi para receber a eletrocussão que ele inegavelmente merecia. Mas ela era esperta o suficiente para saber que ter o Capitão vivo era sua melhor chance de escapar.

Seus membros pareciam chumbo, cada movimento mais lento que o anterior enquanto ela rastejava até ele.

"Acorde." Ela cutucou o braço dele.

Silêncio.

"Takeshi", ela empurrou com mais força. "Acorde!"

Nenhum movimento. Nem mesmo um piscar de olhos.

Ela parou de respirar, incapaz de engolir o nó na garganta. Mas então viu o peito dele subir e descer gradualmente, e Khalani suspirou de alívio.

Mas a onda instintiva de preocupação só alimentou o fogo que queimava em seu estômago.

Ela se levantou de joelhos, inclinando-se sobre o corpo inconsciente dele. Era a primeira vez em muito tempo que o via sem uma expressão fria. O rosto mortalmente belo de Takeshi finalmente parecia em paz...

TAPA.

A mão dela atingiu o rosto dele com muito mais força do que o necessário, e os olhos negros de Takeshi se abriram em choque.

No instante seguinte, ela estava deitada de costas, e Takeshi estava em cima dela, com sua mão poderosa agarrando seu pescoço.

Seu corpo se contraiu em pânico enquanto ele a espremia até a morte. Ela encarou seu olhar ameaçador, suplicando silenciosamente, incapaz de respirar.

Finalmente, a expressão de Takeshi mudou, seus olhos se encheram de horror

ao perceber o que estava fazendo. Ele se afastou dela, com o rosto sem cor.

Ela tossiu e sentou-se, vomitando.

"Kanes." Ele engoliu em seco, genuinamente abalado. "Sinto muito. Pensei que você fosse outra pessoa."

Ele estendeu a mão, mas ela deu um tapa nela.

"Está tudo bem. Eu vou sobreviver. Infelizmente", murmurou ela, limpando a poeira com as mãos trêmulas.

Mas a raiva se recusava a se acalmar, aumentando cada vez que ela o olhava. Khalani se levantou, não querendo ficar perto dele nem mais um segundo.

"Precisamos ir lá fora. Pelo visto, vão nos dar um choque se não formos."

Ela apontou para os pulsos dele, mas ele mal olhou para eles. Seu rosto se contorceu, como se não se importasse com mais nada acontecendo ao redor.

"Você está bem?" Sua voz era profunda e gutural.

"Eu te disse. Estou *bem* ."

Khalani se virou, empurrando a dor crua para o fundo do seu coração, e caminhou pela porta aberta da cela sem olhar para trás.

O corredor iluminado e estéril se estendia à sua frente. Ela seguiu as poucas figuras que caminhavam apressadamente em direção à porta de metal no final do corredor, e os passos firmes atrás dela a fizeram perceber que Takeshi a estava seguindo.

Ao sair do prédio, Khalani emergiu em uma caverna vasta e ecoante, com seus passos triturando o cascalho. A caverna era tão imensa que fazia o poço em Braderhelm parecer trivial. Prédios térreos dispersos se erguiam em fileiras silenciosas, contrastando com as paredes da caverna que os cercavam.

Do outro lado da caverna, erguia-se uma discreta construção preta. Não tinha janelas. Ninguém entrava ou saía. Algo naquela estrutura lhe causou arrepios na espinha e a fez desviar o olhar.

Algumas centenas de prisioneiros se alinhavam em dez fileiras retas no centro da caverna. Alguns tinham um brilho desafiador nos olhos, enquanto outros olhavam fixamente para o chão, como se a esperança os tivesse abandonado há muito tempo.

"Como é?", ela se aproximou de um rapaz de cabelos castanhos oleosos. "Por que todo mundo está parado aqui?"

Ele mal olhou para ela e grunhiu em tom de desdém.

Certo então.

Um aperto firme em seu braço a puxou para a frente de repente. Sua boca se abriu quando a garota que havia entrado em sua cela mais cedo a arrastou para um lugar no final da fila.

"Façam fila aqui", ordenou a garota misteriosa, virando-se então para Takeshi. "Vocês também."

Takeshi estreitou o olhar, não acostumado a receber ordens, mas relutantemente se moveu para trás de Khalani, observando a todos com um olhar desconfiado.

"O que acontece agora?" Khalani se virou para perguntar à garota, mas ela já havia desaparecido um pouco mais adiante na fila.

Khalani respirou fundo e se remexeu para frente e para trás, com os nervos formigando em seus membros.

Depois de alguns minutos, os Traficantes começaram a inspecionar os prisioneiros. Usavam cassetetes para golpear qualquer um que não estivesse em pé o suficiente ou que estivesse ligeiramente fora de posição. Um dos Traficantes a examinou de uma forma que fez Khalani se arrepiar, mas ele sorriu maliciosamente antes de prosseguir.

Um alarme estridente ecoou de repente por toda a caverna. Um negociante com estrelas nas lapelas do uniforme marrom latiu: "Ajoelhe-se diante do Dr. Strauss".

Como um trovão, todos ao seu redor imediatamente caíram no chão. Khalani olhou ao redor, confusa, mas logo a imitou, fazendo uma careta enquanto o cascalho afundava em seus joelhos.

Um homem apareceu na frente dos prisioneiros.

Ele era baixo, pálido, tinha cabelos brancos que pareciam nuvens sobre a cabeça e usava uma capa médica branca. Caminhava lentamente pela fileira de prisioneiros, ladeado por dois traficantes.

Sua expressão tinha um ar perturbador de distanciamento enquanto ele alternava o foco entre cada detento ajoelhado, segurando uma prancheta firmemente ao lado do corpo.

Uma pressão sufocante tomou conta do espaço. Ela sentiu o cheiro fresco de urina da garota à sua esquerda. Todos se seguraram eles mesmos completamente imóveis, respirações superficiais, como se até o menor movimento pudesse chamar a atenção do Dr. Strauss.

Quem era esse homem que comandava tanto terror?

O Dr. Strauss continuou a andar, com um brilho perturbador e maníaco no olhar. Sem aviso, seus passos medidos pararam a poucos metros de distância, e ela manteve os olhos fixos no chão, mal respirando.

“Ele”, disse a Dra. Strauss com uma voz fria e apontou para o homem ajoelhado à sua frente.

"Não! Você não pode me levar!" O homem magro à sua frente se levantou, mas caiu de joelhos, tremendo incontrolavelmente enquanto agarrava as pulseiras de metal que envolviam seus pulsos.

Apesar das tentativas dos Dealers de subjugá-lo, ele se contorcia e lutava com cada gota de força que restava em seu corpo.

“ *Eu não vou entrar naquele prédio* !” ele gritou a plenos pulmões.

Um dos guardas reagiu golpeando-o no rosto com um cassetete. O prisioneiro caiu no chão, inconsciente.

O olhar do Dr. Strauss se estreitou com fúria pulsante. Ele marchou até o guarda com o cassetete e lhe deu um tapa no rosto, o estalo ecoando pela caverna.

"Eu já te disse para não tocar na cabeça deles, seu imbecil. Faça isso de novo e você estará no lugar dele", avisou ele, e o Traficante ficou branco como papel.

“Sim, Dr. Strauss.” Ele abaixou a cabeça em submissão, com a mão esquerda tremendo ao lado do corpo.

"Levem-no." O médico fez um gesto de cabeça, e dois traficantes içaram o homem inconsciente pelas axilas e o arrastaram para longe. Todos os prisioneiros permaneceram completamente imóveis e em silêncio.

O Dr. Strauss cerrou os punhos enquanto olhava para o espaço vazio que o

homem deixou na frente dela.

Então, seu olhar se voltou para ela.

Ela se contraiu instintivamente, com o coração batendo forte como um tambor. O misterioso médico a observava, e ela prendeu a respiração, rezando silenciosamente para ficar invisível, mas, sem dizer mais nada, o Dr. Strauss se virou e caminhou em direção ao austero prédio negro.

“Fiquem de pé!” gritou o Dealer com as estrelas douradas em seu uniforme.

Os prisioneiros se levantaram com dificuldade, e os suspiros coletivos de alívio foram audíveis. O jovem à sua direita piscou, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto olhava para o espaço vazio que o prisioneiro ocupara.

Como se soubesse que nunca mais o veria.

Inicialmente, Khalani pensou que o acampamento era para simpatizantes da rebelião, mas ela não conseguia se livrar da sensação de que algo mais sinistro estava acontecendo.

“Reporte-se aos túneis!”

Os prisioneiros começaram a se mover para a esquerda da caverna, ladeados por uma dúzia de Traficantes. Khalani cruzou o olhar com Takeshi. Seu rosto demonstrava uma determinação implacável, mas seu corpo permanecia rígido, como se estivesse apenas percebendo o perigo que realmente corriam.

"Vamos." Ele a empurrou para frente.

"O que você acha que tem aí dentro?" ela sussurrou, com o olhar fixo no prédio preto.

"Não pretendo descobrir." A voz de Takeshi assumiu um tom duro. "Precisamos nos concentrar em localizar o Jack e dar o fora daqui."

Eles seguiram a multidão de prisioneiros até um grande túnel com trilhas de mineração ao longo do chão rochoso.

O teto tinha cerca de três metros de altura, iluminado por faróis amarelos esparsos pendurados em vários pontos. Ao passarem por uma grande caixa de metal, os prisioneiros enfiaram a mão lá dentro e pegaram picaretas.

Khalani franziu os lábios, mas pegou uma também, percebendo que os guardas apertavam ainda mais suas armas.

“Comece a trabalhar!”

Com um gemido coletivo, os prisioneiros se alinharam e balançaram suas picaretas na parede de pedra laranja.

Não.

Ela devia estar vivendo uma piada cósmica de muito mau gosto.

Deus a odiava. Era isso que acontecia.

Ela escapou por pouco da Prisão de Braderhelm, mas acabou voltando para outra prisão subterrânea, fazendo trabalhos forçados em túneis.

Por que eles não acreditavam em tarefas como lavar louça?

E o mais assustador era que os prisioneiros pareciam preferir a árdua mineração aos horrores que os aguardavam no prédio preto.

Quando ela não se moveu rápido o suficiente, um dos guardas se aproximou e apertou um botão vermelho em um dispositivo portátil.

Uma dor aguda e eletrizante percorreu seus pulsos, e ela caiu de joelhos, contraindo-se incontrolavelmente. Os músculos do pescoço se contraíram e seus dentes se cerraram, lutando contra o grito que se formava em sua garganta.

"Quando a gente diz 'vai', você vai mais rápido. Entendeu?" O rosto do guarda estava vermelho de suor, e saliva voava de sua boca.

Takeshi gritou algo, lançando-se para a frente, mas o guarda também o surpreendeu. Ele se curvou, com o suor escorrendo pela testa e os músculos tremendo enquanto os outros prisioneiros continuavam batendo nas paredes.

Quando os pulsos elétricos finalmente cessaram, Khalani respirou fundo, seus membros ainda tremendo no chão, sentindo o gosto de metal na língua.

"Comecem a trabalhar, ou triplicarei a voltagem da próxima vez", ameaçou o guarda, olhando para ela e Takeshi com desdém.

Ela se apoiou no chão rochoso, lutando para ficar de pé, mas ignorou a mão de Takeshi pedindo ajuda.

Khalani conseguiria lidar com isso sem ele. Ela conseguiria.

Tudo o que ela precisava fazer era durar uma semana.

22

Olhe mais de perto e você verá todas as batalhas enterradas na minha pele.

Khalani perdeu a noção do tempo enquanto trabalhavam. Ela deixou a raiva silenciosa a alimentar, e cada batida ecoante de metal se transformava em um grito de guerra. Ao lado dela, a picareta de Takeshi se chocava contra a parede, com uma ira profunda sob seus olhos.

Apesar dos protestos dela, ele deliberadamente pegou as pedras mais pesadas dela, deixando as mais leves para Khalani colocar nas carroças próximas. Ela não deixou de notar o aperto firme que ele fazia na picareta.

Quando um assobio estridente cortou o ar, todos os prisioneiros se curvaram, com as mãos nos joelhos, ofegando pesadamente enquanto lutavam para recuperar o fôlego. Mas Khalani e Takeshi permaneceram eretos ao saírem do túnel, acostumados a viver em condições adversas.

"Entrem na fila", gritou um dos traficantes enquanto eles reentravam na caverna enorme.

Agora que os efeitos da injeção haviam passado, ela conseguiu se concentrar na área ao seu redor e ter uma visão mais clara da prisão.

O teto da caverna se erguia a nove metros de altura, com várias estalactites grandes e pontiagudas pendendo ameaçadoramente. Pareciam a um sussurro de espetar quem tivesse o azar de ficar embaixo.

Luzes brancas brilhantes pendiam dos quatro cantos da caverna, lançando um brilho intenso sobre eles. Dez prédios pontilhavam a caverna. À sua direita, havia cinco prédios retangulares brancos que pareciam abrigar todos os prisioneiros.

À sua esquerda, havia três grandes prédios marrons, com os Concessionários entrando e saindo deles com precisão. Logo à frente, havia uma pequena e discreta estrutura cinza, e no canto, no topo de uma saliência, ficava o misterioso prédio preto onde o Dr. Strauss havia desaparecido.

A única saída parecia ser um longo túnel no outro lado da caverna, onde vários traficantes estavam posicionados.

Nada no vasto espaço dava qualquer indicação de onde o campo de prisioneiros estava localizado.

Pelo que Khalani sabia, eles talvez nem estivessem mais *em* Hermes.

A maioria dos prisioneiros se arrastou para a fila com passos instáveis, as mãos cobertas de bolhas abertas. Na frente, dois homens usavam conchas para despejar um líquido turvo e amarronzado em tigelas.

Seu estômago roncou e, assim que ela entrou na fila, um empurrão forte por trás quase a fez voar.

O prisioneiro magro que esbarrou nela não se desculpou. A mulher de meia-idade simplesmente se arrastou para a frente, quase tremendo de ansiedade.

Quando Takeshi puxou Khalani de volta, um prisioneiro menor protestou:

"Sem cortes!"

Takeshi se virou, lançando ao homem um olhar tão intenso que poderia derreter gelo. O prisioneiro fechou a boca e rapidamente encontrou outro lugar na fila para ficar.

Khalani mordeu o lábio e olhou para a frente, reconhecendo a contragosto a vantagem de ter Takeshi ao seu lado. Por enquanto.

Mas isso não a deixou menos tentada a ativar as algemas de choque dele.

Ao chegar à frente, ela observou os dois homens que distribuíam a comida. Seus cabelos estavam raspados e usavam uniformes finos e cinzentos que cobriam todo o corpo, incluindo o pescoço.

Mas suas expressões eram tão vazias. Tão vazias enquanto eles recolhiam a comida distraidamente.

“O que tem aqui?” ela ousou perguntar.

Os dois homens não falaram. Um deles deslizou seu olhar vazio por Khalani, como se ela não existisse, e rigidamente lhe entregou a tigela. O outro olhou diretamente para ela, mas seu olhar era inexpressivo.

Ela engoliu em seco, com as mãos tremendo, enquanto pegava a tigela e rapidamente a puxava para trás.

"Temos que encontrar Jack e sair daqui", sussurrou Khalani para Takeshi. "Raziel lhe deu alguma indicação de quem ele possa ser?"

Takeshi balançou a cabeça.

Os prisioneiros estavam espalhados pela caverna, alguns comendo sozinhos, enquanto outros se reuniam em pequenos grupos. No momento em que Khalani estava prestes a encontrar um lugar vazio para se sentar, notou a garota que os ajudara mais cedo sentada contra a parede de pedra ao lado de um homem mais velho, possivelmente o mais velho do campo.

"Vamos até aqui. Talvez ela possa ajudar", disse Khalani.

O olhar de Takeshi se estreitou, sem dúvida preferindo manter distância de todos, mas ele assentiu e ficou por perto, agarrando sua tigela como se estivesse preparado para quebrar o queixo de alguém com ela.

A garota de antes tinha o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo desgrenhado enquanto bebia a comida. Ao lado dela estava sentado o velho, com seu cavanhaque grisalho e pele enrugada combinando com suas costas curvadas e frágeis. Suas mãos cheias de veias tremiam enquanto ele agarrava a tigela, e um pouco do líquido pingava em sua barba.

Quando a sombra de Takeshi e Khalani caiu sobre eles, a garota olhou para cima com uma carranca profunda, colocando sua tigela no chão com cautela.

“Podemos sentar com você?” Khalani falou primeiro.

Os lábios da garota se contraíram em uma linha fina, seu olhar calculista alternando entre Khalani e Takeshi. O silêncio se prolongou enquanto o velho olhava para as próprias mãos, admirando o anel de prata em seu dedo, acariciando-o com adoração.

"Não sei", começou a garota. "Ele não parece muito amigável." Ela apontou para Takeshi.

“Ele é”, Khalani mentiu com um sorriso forçado.

“Não estou”, respondeu Takeshi ao mesmo tempo.

Khalani lançou-lhe um olhar furioso que indicava um assassinato iminente,

mas Takeshi simplesmente bocejou. *Bocejou* .

Mas a garota pareceu agradavelmente surpresa com a honestidade dele e bufou. "Eu também não. Sente-se."

"Obrigada." Khalani rapidamente afundou no chão antes que a garota pudesse mudar de ideia. "Você se importa se eu perguntar por que você nos ajudou antes?"

A garota acenou com a mão, dispensando-a. "Isso foi só porque eu não queria ouvir você gritar e quebrar as cordas vocais quando te dessem um choque por faltar à inspeção do Dr. Strauss."

Khalani engoliu em seco, passando a mão pelas algemas de metal. "Como diabos tiramos essas coisas?"

“Não pode. Se tentar removê-los sem o dispositivo certo, eles perfurarão seus pulsos com estilhaços de metal. Você não morrerá imediatamente, mas sangrará por várias horas. Já vi isso acontecer.”

Takeshi pousou a tigela. Com mais força do que o necessário, os antebraços inchados. Aparentemente, isso atrapalhou os planos alternativos de fuga que ele sem dúvida estava tramando.

“Qual é o seu nome?” Khalani perguntou.

A garota não respondeu de imediato. O silêncio constrangedor se prolongou por um tempo, mas o que quer que a garota tenha visto nos olhos de Khalani deve tê-la satisfeito, porque ela respondeu.

"Sou a Elise. Este é meu pai, Clyde." Ela se virou para o velho, com o olhar suavizando. "Pai, pode me dizer oi?"

Clyde olhou para o chão, murmurando sem parar: "Chave. Anel. Salvar. Chave. Anel. Salvar."

Elise deu um suspiro profundo, a expressão desanimada evidente no rosto enquanto murmurava: "Desculpe. Meu pai não está se sentindo muito bem ultimamente. E você?"

"Sou Khalani. Este é Takeshi", disse ela, inclinando a cabeça distraidamente em sua direção e forçando um sorriso. Takeshi, por outro lado, ofereceu seu cumprimento favorito de todos os tempos: um olhar longo e desconfortável.

"Há quanto tempo vocês dois estão aqui?", Khalani interrompeu, tentando desviar o assunto da conversa.

Elise olhou para cima, pensativa. "É difícil contar o tempo aqui embaixo, mas eu diria que pelo menos alguns meses. Quando chegamos, não havia muita gente, mas trouxeram muito mais nas últimas semanas."

Khalani se inclinou para a frente, esquecendo-se da tigela. "Por que você... por que *estamos* aqui?"

"Alguns presos têm teorias, mas ninguém sabe ao certo. Eu estava em casa, fazendo comida para o meu pai, quando os traficantes invadiram. Disseram que só me queriam, mas eu fiz tanto escândalo — socando e arranhando vários policiais — que levaram meu pai também, como punição." A voz de Elise endureceu no final, seus punhos cerrados.

Uma resposta se alojou no fundo da garganta de Khalani. A ideia de alguém como Winnie ser levada para lá por causa de suas ações, forçada às piores condições todos os dias... ela poderia ter acabado com tudo sozinha para escapar da culpa.

"Que teorias?" Takeshi inclinou-se para a frente atentamente.

Os olhos de Elise ainda estavam frios, mas ela explicou: "Alguns acham que estamos minerando cobre para novos aparelhos elétricos em Hermes. Outros acreditam que as gangues ordenaram assassinatos contra os prisioneiros e Nos fazer desaparecer é o jeito dos Dealers de manter o controle. A melhor que já ouvi é que a prisão acabará sendo usada como um campo de fertilidade e eles vão nos obrigar a transar, ter filhos e fazer lavagem cerebral. Então, como eu disse, há um monte de ideias malucas, mas nenhuma resposta concreta ainda. Tente perguntar aos Dealers e eles vão te chocar. Eles adoram fazer isso.

"Chave. Anel. Salve. Chave. Anel. Salve", o pai de Elise não parava de murmurar, em meio ao desespero.

De repente, um grito distante perfurou o ar.

Khalani levantou a cabeça, examinando a caverna para localizar a fonte.

Sua atenção se fixou no sinistro edifício negro do outro lado da extensão.

"O que acontece lá?" ela perguntou, com a voz tensa enquanto o prédio parecia encará-la.

O rosto de Elise empalideceu enquanto ela seguia o olhar de Khalani, sua expressão ficando séria.

"Escutem-me, vocês dois." Ela se virou, com a voz baixa e urgente. "Se quiserem sobreviver, fiquem o mais longe possível daquele prédio."

"Por quê? Quem é aquele homem da inspeção? Dr. Strauss? O que vai acontecer com o prisioneiro que fizeram esta manhã?"

"Chave. Anel. Salvar. Chave. Anel. Salvar." Clyde falou um pouco mais alto, arregalando os olhos enquanto encarava o chão como se ele estivesse prestes a se rasgar e engoli-lo por inteiro.

Elise colocou a mão no pai para acalmá-lo, murmurando suavemente: "Está tudo bem, pai. Está tudo bem. Estou aqui."

Os ombros de Clyde caíram e ele se inclinou sobre a filha, suas palavras repetidas lentamente se tornando um murmúrio fraco. Elise respirou fundo, se recompondo antes de falar.

O Dr. Strauss é o maior mistério neste lugar miserável. Ele é o líder indiscutível do campo, mas ninguém sabe muito sobre ele. Só o vemos de manhã para inspeção. "Onde ele sempre escolhe um prisioneiro para ser levado. Ele fica naquele prédio o dia todo, fazendo sabe-se lá o quê. Tudo o que eu sei é que quem entra não sai."

A gravidade do aviso de Elise foi percebida quando Khalani olhou para o prédio.

"Ei." Elise estalou os dedos, chamando a atenção dela. "Nem olhe para lá. Tem câmeras por todo lado, e eu sei que aquele médico psicopata está nos observando. Se você quer sobreviver, mantenha a cabeça baixa, faça as tarefas que eles exigem, não irrite os outros prisioneiros e nunca, *jamais* , chegue perto daquele prédio."

Khalani concordou. Mas enquanto estava ali sentada, forçando-se a não espiar a estrutura negra, sentiu uma atração inquietante, uma força magnética olhando para ela através da vastidão.

Takeshi continuou a lançar olhares cautelosos, mas ela o ignorou, contando os segundos para o fim da semana.

604.800…
604.799…
604.798…

Um estrondo alto interrompeu sua contagem. Suas sobrancelhas franziram quando dois Traficantes colocaram duas grandes caixas vermelhas no centro da caverna, a seis metros de distância uma da outra. A cena ficou ainda mais estranha quando eles, desordenadamente, jogaram uma bola amarela no chão.

Os prisioneiros começaram a se levantar, limpando os uniformes. Alguns se aproximaram do baile, com os lábios franzidos e expressões sombrias, como se preferissem arrancar a própria pele e desaparecer em vez de ficar ali parados.

Outro grupo menor de prisioneiros se aventurou em direção ao prédio cinza, onde Elise disse que os chuveiros ficavam. Eram chuveiros abertos, sem regras contra homens e mulheres tomarem banho juntos. Por isso, Khalani duvidava que fosse tomar banho a semana inteira.

Os demais prisioneiros se reuniram no fundo da caverna, formando uma grande multidão. Quando alguns aplausos ecoaram até eles, Elise bufou.

“Jack deve ter acordado de novo.”

"O que você acabou de dizer?" Khalani sacudiu a cabeça.

Elise lançou-lhe um olhar confuso. "Eu disse que o Jack devia estar lutando hoje à noite."

“O que você quer dizer com 'lutar'?”

"Alguns meses atrás, um bando de prisioneiros cometeu suicídio com as picaretas", explicou Elise. "Foi quando eles começaram a colocar lixeiras para jogos de bola idiotas no fim do dia. Quando isso não funcionou, eles deixaram os prisioneiros extravasarem a raiva brigando entre si. Eles ainda têm suicídios, mas você ficaria surpreso com o que um pouco de derramamento de sangue faz pelo moral. Os safados se aproveitaram."

Khalani e Takeshi ficaram de pé ao mesmo tempo.

"Bem, não posso te culpar por querer ver. Não tenho mais nada para fazer", comentou Elise com a voz entediada antes de se virar para Clyde. "Pai, você está bem aqui?"

“Chave. Anel. Salvar. Chave. Anel. Salvar.”

"Ok, você está bem." Elise se levantou e se juntou a Takeshi e Khalani enquanto caminhavam em direção ao grupo de prisioneiros.

A área de combate não atraiu tanto tumulto quanto o fosso em Braderhelm, mas eles ainda tiveram que passar por camadas de prisioneiros uniformizados de branco para chegar à frente.

A tarefa ficou muito mais fácil com Takeshi empurrando as pessoas para o lado. Com quase 30 centímetros de altura, os outros prisioneiros precisaram apenas de um olhar para a fria promessa de morte em seus olhos antes de instintivamente se afastarem.

Quando chegaram à frente da fila, dois homens lutavam no meio do círculo. Não havia arena, apenas um chão de cascalho e uma parede circular de prisioneiros encarando o centro com uma mistura de raiva, excitação e sede de sangue.

Ela estremeceu quando um dos homens levou um soco forte. Ele caiu de joelhos, com os cabelos castanhos desgrenhados caindo sobre os ombros e uma

barba rala que precisava desesperadamente ser raspada.

O outro lutador era alto, com cabelos grisalhos cor de areia. Aparentava ter uns quarenta anos, um brilho determinado nos olhos, uma postura confiante e uma constituição forte que realçava seu uniforme branco.

O homem peludo se levantou com dificuldade, desferindo uma série de socos, visivelmente desequilibrado.

O homem de meia-idade desviou com facilidade, acertando outro golpe forte na orelha antes de derrubar o homem, que caiu de cara no cascalho. O homem gemeu, com sangue escorrendo do nariz.

Seu olhar permaneceu no líquido carmesim, a violência crua alimentando sua adrenalina.

“Acabe com ele, Jack!” gritaram vários prisioneiros.

Sem pensar, Khalani agarrou o pulso de Takeshi.

Jack. O homem de meia idade era Jack!

Jack encarou o homem destroçado, completamente em silêncio diante da cacofonia de vozes que o incitavam a infligir mais dano. Ele endireitou os ombros, sem nem suar durante a luta.

Todos o estudavam atentamente, esperando seu próximo movimento.

Pelo que ela sabia sobre homens com poder, ele provavelmente aplicaria mais punições para que ninguém questionasse sua autoridade.

"Alguém o leve para a cela e ajude a limpá-lo", ordenou Jack, caminhando pela multidão sem olhar para trás.

Ele desapareceu atrás de uma fila de pessoas, e ela entrou em pânico, indo segui-lo, mas um alarme soou pela caverna.

"O intervalo acabou", disse uma voz crepitando no alto-falante. "Voltem para suas celas imediatamente ou serão eletrocutados."

"Merda." Khalani ficou na ponta dos pés, tentando localizar Jack, mas a multidão a cercou, empurrando todos em direção aos prédios brancos.

"Vamos", disse Takeshi em voz baixa. "A gente o encontra amanhã."

Frustrada, ela olhou feio para a nuca dele, mas deixou Takeshi guiá-la pela multidão. Caminharam até a cela 32 em silêncio tenso e, assim que entraram, as portas transparentes se fecharam automaticamente.

"Ótimo", ela bufou, encarando a barreira transparente. "Isso é simplesmente perfeito."

Takeshi sentou-se com as costas encostadas na parede, o joelho esquerdo apoiado e a outra perna esticada. A cela era tão pequena que sua bota quase tocava a parede.

"O que houve, Kanes? Estamos no acampamento onde deveríamos estar e já localizamos o Jack. Acho que estamos fazendo um bom progresso."

"Não vou falar disso." Ela se virou, deixando que toda a força de sua fúria o atingisse pela primeira vez. "Quando concordei com esta missão, não sabia que teria que dividir uma cela minúscula com *você* por uma semana inteira."

Takeshi a observou por um longo momento, com uma expressão indecifrável. "Você está com raiva, Kanes?"

Ela zombou. "Nossa, sei lá. O que te deu essa impressão, Takeshi?"

“Isto é sobre o clube, não é?”

A pressão em seu coração cresceu como um desabamento, repetindo

dolorosamente as duras verdades que ela nunca quis enfrentar.

O próprio Takeshi disse isso.

Ela gostava de pessoas que a machucavam.

Aquele lado sombrio e distorcido dela ainda existia. A parte que atraía o que você acreditava merecer e o aproximava da destruição.

De volta ao submundo, ela reaprendeu a dura verdade: não importa o quanto você tente, você não pode mudar ninguém além de si mesmo.

“Você me enganou”, ela afirmou.

Takeshi balançou a cabeça com firmeza. "Não foi isso que aconteceu."

"O Raziel não mandou você ir até a pista de dança e me apalpar? Para fazer parecer que estávamos apaixonados?"

“Ele fez, mas—”

"Não tem mas!", ela gritou. "Você se aproveitou dos meus sentimentos e me fez parecer uma idiota."

Os olhos cor de carvão de Takeshi brilharam intensamente, sua expressão se contorcendo com emoções mais sombrias enquanto ele se aproximava, ocupando o espaço restante.

“Você realmente acredita que é o único com sentimentos?”

Khalani congelou. Ela ergueu a mão, certificando-se de que ele não se aproximasse mais. "Não. Não ouse. Você não pode dizer isso."

"Por que não?", ele fervia. "Porque você não quer ouvir a verdade? Quer acreditar que é a única que se importa? Que é a única cujo coração está arruinado?"

“Você não tem coração, Takeshi!”

Takeshi ficou completamente imóvel.

Uma dor crua percorreu seu rosto. Como se as algemas em seus pulsos tivessem se ativado e o perfurado com mil raios.

Seu peito apertou e a náusea subiu até sua garganta.

Ela nunca vira a expressão dele expressar tanta dor. Nem mesmo nos piores momentos.

“Takeshi…eu não…eu não quis dizer—”

"Está tudo bem, Kanes." Takeshi se recompôs rapidamente, mas as profundas marcas de sofrimento persistiam nas linhas profundas sob seus olhos, na tensão em seu maxilar e na rigidez de seus músculos.

Era como se cada parte dele lutasse para não sair do controle.

"Você tem todo o direito de se sentir assim. E provavelmente está certo." Seu tom de voz baixou. "Minhas ações te machucaram. E você é o última pessoa que eu quero machucar. Você merece muito mais do que isso. — Ele gesticulou para a cela ao redor deles.

Mas ela acreditava que a coisa que ele realmente estava apontando era ele mesmo.

Seu queixo tremia, as lágrimas ansiavam por cair.

Parecia que o mundo estava contra eles.

E não importava o quanto brigassem. Não importava o quanto se encaixassem, das melhores e piores maneiras, parecia que estavam destinados a ruir e desmoronar.

Porque ele foi carregado com a mesma capacidade de autodestruição que a

moldou.

Ela fungou, lutando para conter as emoções, incapaz de encontrar o olhar de Takeshi. Ele olhou por cima do ombro dela, sem conseguir encará-la.

"Eu não queria acabar assim", ela sussurrou, com o corpo tenso, reunindo toda a força de vontade que lhe restava para permanecer forte.

Porque era isso que era importante. Era isso que era *necessário* .

Mas ela desejava não *ter* que ser forte.

Às vezes... seria bom ser fraco.

“Eu também não”, ele admitiu em voz baixa.

Parecia que um livro inteiro não seria capaz de resumir o relacionamento deles. A raiva, o anseio, a angústia, o respeito, a dor de deixar ir.

Ele vivia em um milhão de frases.

Mas tudo o que ela queria ouvir era uma.

O silêncio se instalou entre eles, e ela estava prestes a fazer uma última pergunta quando as luzes se apagaram de repente, mergulhando-os na escuridão completa.

"Devíamos dormir um pouco." Ele passou a mão pelos cabelos negros. "Amanhã é um grande dia."

"Sim", ela respondeu distraidamente ao lembrar, completamente entorpecida.

Eles se deitaram em lados opostos da cela. Mundos separados. Ela cruzou os braços sob o corpo e olhou fixamente para a parede, desejando poder voltar no tempo.

"Takeshi?"

"É, Kanes?" Sua voz profunda acariciou sua pele.

"Só quero que você saiba que o que eu disse antes não era verdade. Eu sei que você tem um coração."

“Kanes, você não precisa—”

"Não, eu sei", ela interrompeu, precisando que ele entendesse. Khalani não encontraria um desfecho a menos que dissesse a verdade. "Eu *sei que* você tem o maior coração, porque em outra história, eu teria desejado que você fosse o meu fim."

Takeshi não falou por muito tempo.

A velha Khalani teria se arrependido daquelas palavras no momento em que elas saíram de sua boca, mas não o fez.

Seus sentimentos a lembravam de que ela ainda era humana.

E como uma vela bruxuleando no escuro, Takeshi deixou seu coração sangrando derramar no chão ao lado do dela.

“Em outra história, você teria sido meu começo.”

23

Liberte-me de mim mesmo.

Khalani sonhou com o calor roçando sua pele, o tipo de calor que te envolve depois de um dia difícil.

Seus pés descalços deslizavam pela terra fresca. Um sorriso suave se abriu em seus lábios enquanto ela vagava por um belo jardim. As pontas de seus dedos roçavam pétalas de flores coloridas que sorriam de volta para ela.

Se ela tivesse vivido na superfície, Khalani imaginou que teria um jardim como este.

Risadas alegres e despreocupadas ecoaram pelo ar, atraindo seu olhar. Uma garotinha com duas tranças castanhas passou correndo por ela, acenando e rindo sob a luz do sol. Khalani acenou de volta, mas a menina de repente se virou para a cidade distante, repleta de arranha-céus imponentes.

Então, um raio cortou as nuvens, como uma estrela cadente caindo do céu. O olhar de Khalani se voltou para a cidade.

Num instante, tudo estava normal. As pétalas da flor continuavam a roçar sua pele, e o sorriso agradável permanecia em seu rosto. Uma fração de segundo depois, uma luz branca ofuscante eclipsou sua visão.

Ela cobriu os olhos, mas o clarão foi tão intenso, tão avassalador, que os ossos de suas mãos ficaram visíveis.

Quando a luz se apagou, ela descobriu o rosto e sua boca escancarada. Uma enorme nuvem em forma de cogumelo se elevou da cidade, como uma abominação se estendendo para engolir tudo em seu caminho.

Khalani recuou cambaleante enquanto a garotinha desaparecia no ar. O pânico a agarrou pela garganta ao perceber que o jardim, antes vibrante, estava agora envolto em chamas.

Alguém se aproximou dela. Alto. Masculino.

Seu corpo congelou em choque quando o governador Huxley contemplou a destruição com ela.

“Você sabe que não pode impedir que isso aconteça novamente”, disse ele.

Seu coração disparou quando as chamas se aproximaram, o calor se expandindo e se estendendo em direção às suas pernas, *queimando* sua pele...

Khalani engasgou e sentou-se, com as mãos tremendo enquanto ela as esfregava para cima e para baixo nas coxas furiosamente.

"Ei." Takeshi estava no canto da cela, com as mangas arregaçadas. Suas sobrancelhas se franziram ao ver o pânico nos olhos dela, e ele imediatamente se aproximou dela, agachando-se. "O que houve, Kanes?"

Apenas um pesadelo.

Apenas um pesadelo.

O peito de Khalani arfava a cada respiração superficial, repetindo desesperadamente o mantra.

O alarme soou por todo o quartel. Com um som sibilante, a porta transparente da cela se abriu. Os prisioneiros começaram a sair para a inspeção matinal, e ela tentou se levantar, mas Takeshi a puxou de volta, seu olhar tempestuoso a perfurando.

"Não se preocupe comigo. Estou bem", afirmou Khalani enfaticamente, quase se convencendo de que era verdade.

Mas a carranca de Takeshi se aprofundou, ele não acreditou em uma única palavra.

“Vamos lá!” gritou um dos traficantes.

Com um xingamento, Takeshi ajudou Khalani a se levantar. Assim que ela se virou para sair, ele a girou, inclinando-se.

“Não se esforce demais hoje.”

"Quando é que eu faço isso?", ela tentou dar uma risada leve, mas o olhar duro de Takeshi se estreitou.

"Estou falando sério, Kanes."

"É, é. Vou tentar não me furar com uma picareta."

Khalani achou que ouviu Takeshi murmurar algo sobre amarrá-la na cela e deixá-la lá enquanto saíam do prédio.

Na caverna ampla, eles tomaram seu lugar na longa fila de prisioneiros que aguardavam a inspeção. Os Traficantes rondavam cada seção, ocasionalmente atacando com seus cassetetes ou ativando as algemas de choque nos pulsos dos detentos.

Depois de vários minutos, o alarme agudo soou, e todos ao redor dela ficaram tensos quando o Dr. Strauss apareceu.

Mas desta vez, ele não estava sozinho.

Murmúrios chocados se espalharam entre os prisioneiros quando eles viram o preso que o Dr. Strauss havia tirado da fila no dia anterior, agora parado bem ao lado dele.

O prisioneiro era tão alto quanto os traficantes, sem um único arranhão. Mas seu rosto estava pálido como giz, suas bochechas estavam macilentas e a luz em seus olhos havia se dissipado.

"Bom dia, senhoras e senhores", proclamou o Dr. Strauss. "Como estamos nesta bela manhã?"

Ninguém respondeu.

"Muito bem, hein?" Ele riu loucamente, gelando o ar já frio.

"Parece que precisamos intensificar nossos esforços para tornar todos vocês membros mais produtivos da nossa sociedade. E se vocês se comportarem bem, como este homem aqui", gesticulou o Dr. Strauss para o prisioneiro inexpressivo ao seu lado, "talvez seja menos doloroso para vocês também."

Com um aceno de cabeça, o prisioneiro deu um passo à frente, juntando-se à fila de detentos, como se ainda fosse um deles.

Suas entranhas formigaram quando um dos prisioneiros grandes e corpulentos saiu da fila.

"Quando vocês vão nos libertar e nos mandar de volta para nossas famílias?" ele gritou, o alto tenor ecoando pelo vasto espaço.

Alguns traficantes avançaram, com as armas em punho, mas o Dr. Strauss levantou a mão, detendo-os.

"Qual é o seu nome?", o Dr. Strauss riu baixinho enquanto dava um passo à frente.

“Dennis”, rosnou o homem.

O Dr. Strauss olhou para a prancheta e anotou uma nota. "Bem, Dennis, você fez uma ótima pergunta. E, para sua sorte, eu tenho uma resposta. Vocês todos deixarão estas paredes e retornarão para suas famílias quando estiverem prontos." Ele fez uma pausa. "E, claramente, vocês ainda não chegaram lá."

O Dr. Strauss fez um gesto com a mão e Dennis começou a ter convulsões, caindo no chão. Dois traficantes agarraram seu corpo trêmulo e o arrastaram pelo cascalho em direção ao prédio preto.

O Dr. Strauss observou a cena com um sorriso irônico nos lábios.

O silêncio reinou sobre os prisioneiros restantes.

Eles tinham medo de respirar. Medo de se mover um centímetro sequer.

Depois que o Dr. Strauss finalmente deixou a área de inspeção e se retirou para seu covil de pesadelos — seu novo nome para ele — um negociante latiu: "Vão para as minas!"

Enquanto Khalani e Takeshi caminhavam pesadamente, ela notou alguns homens se aproximando do prisioneiro que o Dr. Strauss havia capturado no dia anterior.

“Reno…Reno, você está bem?” alguém perguntou.

"O que diabos aconteceu aí, cara?"

“O que Strauss fez com você?”

Reno não respondeu. Era como se não pudesse ver nem ouvir. Como se estivesse olhando *através* deles em vez de para eles.

Reno se virou, ignorando as diversas perguntas e caminhou em direção à mina, com os braços levemente balançando ao lado do corpo.

Ela esfregou os braços, tentando se livrar do medo que se recusava a ser expulso.

"Isso é ruim", Takeshi murmurou ao lado dela, concentrando-se na forma de Reno que se afastava.

O eufemismo do século.

“O que fizeram com ele?”

"Nada de bom, posso te garantir", Takeshi lançou um olhar furioso na direção em que a Dra. Strauss havia saído, mas com determinação. "Temos que progredir hoje."

Ela assentiu, esforçando-se para desviar o olhar do prédio, sabendo que precisava ficar longe. Mas uma parte dela quase queria espiar lá dentro e testemunhar os verdadeiros horrores que se escondiam na escuridão.

***

Khalani teve sorte que seus calos estavam tão desenvolvidos.

Ela golpeou a picareta com mais força contra a rocha íngreme, estremecendo ao notar as mãos dos outros prisioneiros sangrando em suas ferramentas. Os gemidos de dor ecoavam ao seu redor como um coro, mas ela continuou insistindo.

Os olhos dela continuavam se voltando para Reno, que era o protótipo de um trabalhador perfeito.

Ele não falou com ninguém. Não reclamou. Não se cansou.

Ele empunhava a picareta como se tivesse nascido com ela, trabalhando como um louco.

Depois de várias horas extenuantes, seus braços imploravam para serem amputados. Ela mal conseguia sentir os dedos quando os guardas fizeram sinal para que buscassem comida e água.

Ela observou Reno partir, quase sem suar. O olhar morto em seus olhos só a deixou ainda mais furiosamente determinada a encontrar Jack e escapar.

Takeshi deve ter estado na mesma sintonia porque ele apontou para o fundo da caverna, com seus olhos afiados fixos em alguém.

"Lá."

Ela se virou e viu Jack sentado ao lado de outro prisioneiro, com cabelo preto curto e espetado, e tatuagens geométricas cobrindo o pescoço e as mãos.

Sem hesitar, Khalani e Takeshi seguiram em frente, ignorando os olhares curiosos dos outros prisioneiros.

"Se importa se nos sentarmos?", perguntou Khalani, agarrando sua tigela com força enquanto se aproximavam de Jack.

"Sim", disse o prisioneiro de cabelo espetado, mal olhando para ela enquanto devorava a comida. Ele não devia ser muito mais velho que Khalani, mas algo em sua postura a fez querer pegar uma faca.

Uma tensão desenfreada irradiava dele. Escorregadia. Perigosa.

"Por que você quer ficar sentado aqui?" Jack estudou Takeshi com um olhar medido antes de fixar sua atenção em Khalani.

"Acho que temos alguns amigos em comum. Eles gostam de jogar—"

“Todo mundo gosta de jogar”, interrompeu o homem de cabelo espetado com uma voz áspera.

“E eles têm *corações negros* ”, enfatizou ela, lembrando-se do nome do seu esconderijo.

Jack congelou. A boca do outro homem se fechou, mas seu olhar permaneceu.

“Sente-se”, disse Jack friamente, cruzando os braços.

Khalani e Takeshi sentaram-se no chão de pedra, com as costas eretas, enquanto Jack e o outro homem os observavam cautelosamente.

“Então”, ela engoliu em seco, “estamos felizes em finalmente conhecê-lo.”

“Feliz?” Jack não tirou os olhos de Takeshi.

“Bem... aposto que todos seríamos mais felizes se este lugar tivesse um toque de cor, certo?” ela brincou, tentando aliviar a tensão espessa em o ar, mas as expressões de todos permaneceram severamente vazias.

"Talvez possamos começar com os nomes", sugeriu ela, pigarreando. "Eu sou Khalani. Este é Takeshi." Ela gesticulou para Takeshi, que continuava a encarar os homens, imóvel como uma estátua.

"Não ligue para ele", acrescentou ela. "Ele levou um soco na cabeça quando era mais novo, então não fala muito. Receio que a irritabilidade seja permanente."

Takeshi, muito lentamente, lançou-lhe um olhar furioso. Um olhar feito de fogo e vingança.

"E vocês dois?" Khalani o ignorou. "Eu já sei que seu nome é Jack. E você?" Ela se virou para o prisioneiro de cabelo espetado.

“É Notyor.”

“Notyor…” ela repetiu.

"Não é da sua conta."

Ela empalideceu e Takeshi se mexeu como se estivesse prestes a enfiar sua tigela de pedra na órbita ocular do homem.

"Desculpar-se."

Ela se afastou surpresa quando Jack falou.

"Quer que eu me desculpe?" O homem de cabelo espetado virou-se para Jack, incrédulo. "Por quê?"

Jack simplesmente abaixou a cabeça, lançando-lhe um olhar capaz de quebrar vidro. Os antebraços do outro homem estavam salientes, com veias serpenteando por suas tatuagens pretas.

Ele cerrou o maxilar, como se doesse, mas virou-se para Khalani e resmungou: "Desculpe".

Khalani piscou, atordoado por Jack ter arrancado um pedido de desculpas dele com nada além de um olhar.

Quanta influência ele exerceu?

"Agora que isso está resolvido", Jack juntou as mãos, voltando sua atenção para ela, "diga-me o que você sabe sobre o Coração Negro."

Respirando fundo, ela explicou rapidamente quem eles eram estavam e sua interação completa com Spade e os outros membros da gangue em Hermes. Surpreendentemente, quando ela mencionou sua primeira conversa com Spade em Apollo, Jack não pareceu surpreso. Ele assentiu, gesticulando para que ela continuasse. Mas por trás de seus olhos calculistas, ela praticamente conseguia ver seu cérebro acelerado.

Quando ela falou de Raziel, o outro homem ergueu a cabeça, surpreso, cada vez mais envolvido em sua história. Quando ela terminou de detalhar o chip de rastreamento e o plano de libertá-los em seis dias, as sobrancelhas de Jack se franziram em consternação.

“Seis dias”, repetiu Jack.

"Sim."

Os homens de cabelo espetado franziram a testa e sussurraram para Jack: "O que te faz pensar que podemos confiar neles?"

"Você e seu irmão conhecem todo mundo. Já os viu perto de Hermes?", perguntou Jack, mantendo o olhar penetrante nela.

O outro homem franziu os lábios, sua insatisfação aumentando. "Não significa que sejam de Apolo. Como *ela poderia* atravessar a Zona da Morte e sobreviver?"

"Cuidado", a voz calma de Takeshi estava carregada de ameaça. " *Ela* tem mais coragem no mindinho do que você no corpo inteiro."

“O que você me disse?”

"Preciso me repetir?", perguntou Takeshi. "Ou devo acrescentar estúpido e inepto à sua descrição também?"

"Tá bom, tá bom. Vamos voltar ao plano", ela interrompeu, mas o rapaz de cabelo espetado se aproximou de Takeshi.

"Se você não é daqui, deixe-me *explicar* como as coisas funcionam em Hermes", sibilou ele. "Insultos não se resolvem com palavras. Se pagam com sangue. Vou te ensinar essa lição no ringue hoje à noite."

Takeshi não moveu um músculo, um brilho perigoso brilhava em seus olhos.

Como se ele não amaria nada mais.

"Chega, Ryder", interrompeu Jack abruptamente. "Não temos tempo para suas poses. Eles são quem dizem ser."

“Você acredita em nós?” Khalani virou-se para ele, incrédula.

Jack assentiu, com uma expressão grave. "Eu estava com Spade na noite em que vocês fizeram contato pela primeira vez. Éramos os únicos que sabiam da prisão de Brock e do plano de levá-los até Hermes."

"Por que?"

"Porque informação nas mãos erradas pode ser mortal. Quando há um chip perdido, pessoas são mortas. Ou capturadas", Jack interrompeu, com uma pontada de fúria infernal refletida em suas feições tensas.

O silêncio reinou e Ryder cerrou os dentes ao seu lado.

"Precisamos nos preparar." A expressão de Jack mudou, uma resolução ardente brilhando.

"O que você está pensando?", perguntou Takeshi, finalmente desviando seu olhar venenoso de Ryder.

"Há vários prisioneiros aqui em quem podemos confiar para enfrentar os Dealers quando os Aces invadirem. Mas precisamos tirar esses." Ele gesticulou para as algemas de metal presas em seus pulsos.

Khalani inclinou-se para a frente. "Como?"

Depois que um prisioneiro morre, já vi um traficante usar sua tela para remover as algemas. As almofadas elétricas funcionam por meio de escaneamentos de retina. Precisaremos matar um deles. Assim que conseguirmos, espero que consigamos tirá-las.

Seu estômago embrulhou ao pensar em mais pessoas morrendo por sua liberdade, mas ela empurrou a inocência ingênua para o fundo do abismo de sua mente, de modo que ela se tornou uma voz monótona e abafada.

A paz era um privilégio que somente os livres possuíam.

“Não gosto dessa palavra, 'espero'”, ela admitiu.

A esperança deixava espaço para o desastre. Ela queria garantias.

"Jogar é só isso", zombou Ryder. "A gente pega as cartas dadas e tira o máximo proveito delas."

“E o Dr. Strauss?”, ela perguntou, olhando para o imponente prédio preto.

Jack e Ryder ficaram visivelmente tensos, trocando olhares incertos.

“Aquela cria do diabo esconde em seu covil a maioria dos dia. O plano é manter a rotina normal e não chamar atenção para nós mesmos. Jack lançou um olhar de advertência para Ryder, que ergueu as mãos em sinal de rendição fingida.

"Você não vai ouvir falar de problemas da minha parte. Só estou tentando sair daqui e não acabar como *ele* ."

Khalani seguiu seu olhar e viu Reno sentado sozinho, com as costas retas como uma barra de aço. Ele olhava para a frente, completamente imóvel, como se nem estivesse respirando.

"Ele não tocou na comida esse tempo todo", Ryder disse em voz baixa.

Mas então, Reno virou a cabeça lentamente, seu olhar sem vida fixo em Ryder como se o tivesse ouvido. Sem tirar os olhos deles, Reno colocou a mão na tigela, pegou um pouco do líquido e o levou à boca, engolindo-o. Ele não piscou ao abaixar a mão para repetir o gesto.

Khalani se virou rapidamente, com o coração disparado.

"Quantos dias mesmo?" Ryder sussurrou, com medo genuíno brilhando em seus olhos.

“Seis dias”, Jack respirou mais forte.

Apenas seis dias.

Mas, considerando o estado da prisão, poderiam muito bem ter sido seis anos.

24

Você é mais do que seus erros.

Nós se enrolaram firmemente em seu pescoço enquanto ela olhava para a lâmpada fraca na parede oposta da cela. Ela piscava a cada poucos segundos, mal conseguindo manter sua energia.

Os outros prisioneiros provavelmente nem perceberam.

O menor objeto afastando a escuridão.

A qualquer momento, a luz poderia desaparecer, e só então eles perceberiam o que estava iluminando seu caminho o tempo todo.

Um grunhido baixo soou ao lado dela, desviando sua atenção da lâmpada pouco apreciada. Ela olhou para Takeshi, que fazia flexões no chão.

Ele manteve um ritmo constante e rítmico.

Sem diminuir o ritmo. Sem se cansar. Seu rosto era liso como granito enquanto ele se abaixava até o chão repetidamente.

"Quantos são?", perguntou ela. "Cem?"

"Ou vários." Takeshi não olhou para ela enquanto falava. Continuou dirigindo para baixo.

O fato de ele ainda ter energia para gastar depois de passar horas minerando e transportando pedras pesadas estava além da compreensão dela.

"Não dói? Você não se cansa?" Ela apoiou o braço no joelho, observando-o.

Takeshi parou no meio da flexão e olhou para ela, os músculos tensos do tríceps saltando mesmo sob a luz fraca. "Estar cansado e sentir dor são apenas estados de espírito. Todos nós temos limites. Eu simplesmente treinei meu corpo para ir além desses limites."

Suas palavras desafiadoras a trouxeram de volta às sessões de treinamento em Braderhelm.

“Eu sabia que você era um desistente.”

Ele a vigiava na prisão, lançando acusações duras como chicotes. Takeshi tinha como missão pessoal pressioná-la com mais força do que qualquer outra pessoa no subterrâneo, e isso só alimentava sua raiva, levando Khalani a trabalhar até que seus ossos gritassem para quebrar.

De repente, uma luz se acendeu em sua cabeça, como aquela que brilhava através da cela.

Quantas chances ela teria de ser trancada em uma cela minúscula com seu inimigo de longa data — e talvez receber uma pequena vingança?

“Sabe”, ela começou, “com a rapidez com que você faz isso, provavelmente você não está se esforçando o suficiente”.

Takeshi não se deu ao trabalho de responder, mas ela percebeu que seu passo estava mais rápido, mesmo ele já estando se movendo em uma velocidade alucinante por uma hora sem parar.

"É", ela bocejou, fingindo tédio. "Parece mesmo que você está pegando leve.

Já vi o Brock fazer flexões com um braço só sem suar."

Khalani torceu os lábios para disfarçar o sorriso enquanto Takeshi encarava o chão. Ele virou a cabeça, estreitando o olhar.

“Eu sei o que você está fazendo.”

"Eu?" Ela gesticulou para si mesma, chocada. "Só estou fazendo uma observação. Preguiça é fraqueza, lembra?"

Ele dissera exatamente essas palavras a ela em Braderhelm. E repeti-las lhe dava mais satisfação do que ela gostaria de admitir.

Takeshi praguejou baixinho, então se mexeu, colocando um braço atrás das costas enquanto continuava a descer com todo o seu peso centrado na mão direita, mantendo sua velocidade rápida.

Ela não deveria estar gostando tanto disso.

Talvez a mesma maldade vivesse em ambos.

Takeshi se moveu furiosamente, o suor brilhando em sua pele, e Khalani engoliu em seco quando o tecido branco de sua camisa subiu, revelando uma pitada de músculos definidos.

"Certo. Você provou seu ponto", ela interrompeu, com o coração disparado sem motivo. "Por favor, pare antes que você desmaie e se torne inútil para mim."

Takeshi soltou uma risada sombria e levantou as mãos, encostando-se casualmente na parede. "Isso foi só um aquecimento. Vou recomeçar daqui a pouco."

" *Isso* foi um aquecimento?", ela repetiu lentamente. "Alguém já te disse que você é louca?"

"Claro. Mas eles geralmente gostavam."

Khalani engoliu em seco, percebendo o quão fisicamente próximos eles estavam.

A cela era tão pequena que as pernas dele estavam a centímetros das dela.

A temperatura no quarto continuava subindo, e ela não sabia se era devido ao calor do corpo dele ou à ansiedade que crescia dentro dela.

Ela não tinha para onde escapar. Nenhum lugar para se esconder.

"Você parece nervoso." Ele inclinou a cabeça.

"Só estou contando os dias até não estarmos mais trancados juntos numa cela", ela respondeu, cruzando os braços enquanto se encostava na parede.

“Você não pareceu se importar de ficar perto de mim no clube”, ele comentou.

“Achei que nós dois estávamos tentando *esquecer* aquela noite.”

"E como isso funcionou para você?" O brilho nos olhos de Takeshi e a espessura aveludada de sua voz fizeram seu pulso acelerar.

Ela foi imediatamente transportada de volta àquele momento em que a música os permeava como arte viva. Suas inibições se dissiparam e, por alguns minutos de êxtase, ela se sentiu livre do mundo ao seu redor.

Até que tudo foi arrebatado.

“Pergunte-me na semana que vem e tenho certeza de que nem vou lembrar.”

Se ela repetisse isso o suficiente, poderia realmente se tornar realidade.

A expressão de Takeshi, por outro lado, não mudou, quase como se ele não esperasse nada menos.

"E você?", ela perguntou em voz baixa, sem saber se queria ouvir a resposta.

"Eu esqueci?" Uma risada amarga escapou dele. "Infelizmente, não. Acho que não existe mundo onde eu possa te esquecer. Não importa o que aconteça. Nem se eu tentasse. E acredite, eu tentei."

As palavras pairavam no ar como uma canção de ninar proibida.

Apesar do ressentimento sem fim, algo não dito persistiu.

Talvez fossem os segundos entre cada respiração. Ou a maneira como seus olhares se encontravam nos momentos involuntários.

Mas isso não significava que ela gostasse. Não significava que os corações tivessem o direito de sentir sem a sua permissão.

"E tenho certeza de que isso deve ser terrível." Sua voz ficou monótona, tentando reprimir aquelas emoções distorcidas.

"Tem seus momentos." O canto dos lábios dele se contraiu em uma piada secreta — uma da qual ela não tinha conhecimento. "Mas você não pode esperar que eu acredite que a noite toda foi insuportável para você."

"Talvez eu tenha me divertido dançando." Khalani desviou o olhar, não querendo admitir que, antes de tudo desmoronar, aquela tinha sido uma das melhores noites de sua vida.

“Eu sei. Eu teria continuado assistindo, mas aí aquele babaca apareceu e te agarrou.” A voz de Takeshi estava calma, mas ela percebeu os músculos dos antebraços dele se contraíram, como se o dano que ele infligiu não fosse forte o suficiente.

“Sim, bem, você foi apenas um parceiro de dança um pouco melhor”, ela mentiu.

"É por isso que você se esfregou em mim como se fosse sua última noite viva?"

“Um lapso momentâneo de julgamento”, ela respondeu.

“Não é a primeira vez que você gosta de estar em meus braços.”

“Acontece que sou especialista em tomar decisões ruins.”

Khalani não conseguiu conter o sorriso que se formava. O lábio de Takeshi também se curvou. E pela primeira vez desde que foram capturados, ela conseguiu respirar um pouco mais aliviada enquanto eles simplesmente se encaravam em um silêncio companheira.

Ela puxou os joelhos até o peito e os abraçou. "Você já pensou como seria sua vida se não tivesse se tornado guarda?"

Takeshi olhou silenciosamente para além dela, perdido em pensamentos enquanto a pequena lâmpada de luz brilhava sobre seu cabelo sedoso.

Ela sentiu vontade de dobrar um pedaço para trás para poder ver melhor os olhos de granito dele, mas Khalani segurou seus pulsos perto dela, recolhendo-se antes que fizesse algo sem sentido.

"Quando eu era pequena", a voz hipnótica de Takeshi chamava sua atenção, "minha mãe trazia para casa paletas de cores e pincéis pequenos em Apollo. Na primeira vez, ela estendeu folhas de papel no chão e mergulhamos as mãos na tinta. Ela pendurou uma dúzia de imagens de nossas mãos sobrepostas, sempre dizendo que eu trazia cor ao mundo dela e que ela queria que eu as espalhasse."

O pequeno sorriso de Takeshi era melancólico, tingido com camadas de momentos que ele queria guardar para sempre, e outros que Takeshi parecia querer apagar.

“Ela me ensinou a pintar e, com o tempo, a casa inteira ficou coberta com meus desenhos. Mas quando meu padrasto, Hector, nos mudou para Genesis, ela os colocou em uma caixa e nunca os pendurou. Ele hesitou, a distância em seus olhos aumentando. "Eu costumava desenhar no meu quarto à noite quando os ouvia brigando e escondia meus desenhos debaixo da cama. Depois que descobri que ele a agrediu e me alistei para me tornar guarda, nunca mais peguei num pincel. Mas em outra vida, acho que eu teria simplesmente gostado de pintar."

As linhas em sua testa se aprofundaram enquanto Khalani olhava para ele.

Ela pensou em como Takeshi devia ter sido quando criança. Carinhoso. Inocente. Desejando ver a mãe sorrir.

Coração feito para a beleza.

Mãos moldadas para a destruição.

Mas Takeshi não queria piedade. Ele não se via como vítima. Escolheu atacar cada fraqueza até que se tornasse uma força.

E em algum lugar ao longo do caminho, ele perdeu o garoto inocente que queria pintar o mundo preto e branco em cores.

"Vou fazer um acordo com você." Khalani encostou a cabeça na parede, olhando-o fixamente.

"O que é isso?"

"Quando voltarmos para Hermes, pedirei ao Spade ou ao Raziel que nos encontrem alguns pincéis e tinta. É o mínimo que podem fazer depois de tudo o que passamos", disse ela rapidamente, com as bochechas corando enquanto o olhar negro de Takeshi a penetrava.

O peso do olhar dele era físico demais. Penetrante demais. A pequena cela parecia estar encolhendo, e ela queria desaparecer nas paredes brancas quando Takeshi finalmente respondesse:

“E o que você quer em troca, Kanes?”

Ela se afastou diante da pergunta inesperada.

O que ela queria? Ela nem conseguia se lembrar mais.

“Só faça um desenho para mim”, disse Khalani instintivamente.

"De quê?"

"Qualquer coisa." Ela sorriu, tentando trazer um pouco de ar de volta ao ambiente. "Onde quer que seu coração te leve."

"Eu pensei que não tinha coração", Takeshi brincou, mas um leve lampejo de dor ainda persistia em seus olhos.

“Takeshi, você sabe o que eu disse—”

"Está tudo bem, Kanes. Você estava falando a sua verdade", interrompeu ele. "Outros que me conhecem bem teriam dito a mesma coisa."

Seu olhar pesado se ergueu e parecia que ele a estava avisando que o doce garoto que um dia pintou quadros para sua mãe já não estava mais lá. Mas Khalani sabia que Takeshi afastava as pessoas quando elas se aproximavam demais.

Ele prefere ser um assassino solitário do que ser vulnerável.

E foi isso que a arte fez.

Exponha suas vulnerabilidades para que o mundo as julgue.

"Então você pode me pintar o que significa ser insensível." Ela ergueu uma sobrancelha, em desafio. "Temos um acordo?"

Takeshi não respondeu. Seu olhar ardente a fez acreditar que, se a verdade pudesse se manifestar, a poesia mais sombria e bela transbordaria de seus lábios.

Mas depois de um longo momento, Takeshi assentiu.

Um sorriso se formou em seu rosto, e ela se inclinou para frente, estendendo o mindinho.

Ele franziu a testa. "O que você está fazendo?"

“Você tem que prometer com o mindinho.”

“Meu mindinho…”

"Sim." Ela revirou os olhos. "Winnie me ensinou. Promessas de mindinho são supostamente inquebráveis. Se você não cumprir, o mundo vai acabar, ou algo assim, e eu vou assombrar seus sonhos por toda a eternidade."

Takeshi a avaliou cuidadosamente. Ela achou que o ouviu resmungar: " *Isso já acontece* ."

"O que?"

"Nada, Kanes." Ele se inclinou para a frente e entrelaçou o mindinho no dela. "Combinado."

Eles balançaram as mãos para cima e para baixo, e seus mindinhos permaneceram entrelaçados, por muito mais tempo do que o necessário.

Takeshi foi o primeiro a se afastar, e eles recuaram para lados opostos da cela. Khalani apoiou a cabeça na curva do cotovelo.

Antes de fechar os olhos, seu olhar se voltou para Takeshi, cujas pernas estavam abertas à sua frente, encostado na parede. Ele encarava o corredor, com os olhos semicerrados e o rosto sedutor gravados nas sombras.

Mas o olhar dela se voltou para as mãos dele.

Os dedos dele esfregaram distraidamente o mindinho que segurava o dela.

***

Os dias seguintes passaram num turbilhão caótico.

Os guardas continuavam a forçar seus corpos até o limite nos túneis, e o comportamento do Dr. Strauss ficava cada vez mais irritado à medida que ele escolhia prisioneiros para levar ao seu prédio secreto todas as manhãs. E todos eles choravam o caminho todo.

Ontem, Khalani poderia jurar que ouviu gritos horríveis atravessando as paredes de sua cela.

Ou talvez eles tenham escapado dos pesadelos dela.

Ela não conseguia mais perceber a diferença.

Tudo o que ela conseguia fazer era contar os dias até a fuga e evitar contato visual com o Dr. Strauss a todo custo.

Faltam dois dias.

Era tudo o que eles tinham.

Quando receberam breves períodos de descanso das minas para comer, Khalani e Takeshi comeram com Elise e seu enigmático, mal pai coerente, porque Jack não queria chamar muita atenção para eles.

Os olhos de Khalani estavam pesados, e ela lutou para evitar que sua cabeça caísse na tigela enquanto Elise divagava distraidamente sobre a comida que ela

devoraria no segundo em que chegassem a Hermes.

Se eles conseguissem voltar para Hermes.

Uma forte vontade tomou conta de sua alma de compartilhar seus planos de fuga com Elise.

Elise foi a primeira no acampamento a ajudá-los sem esperar nada em troca, e havia algo nela em que Khalani instintivamente *confiava*. Mas ela ignorou seus instintos e obedeceu às instruções de Jack para manter o plano em segredo.

Ryder passou por ali, indo em direção à área de combate. Inclinou a cabeça para Takeshi, encarando-o atentamente. Takeshi estreitou os olhos, com desdém evidente, enquanto murmurava para Khalani: "Volto já."

Ele se levantou e se juntou a Ryder, que falou com ele em sussurros baixos.

Khalani se viu olhando fixamente para o prédio preto, um mau hábito do qual não conseguia se livrar, quando um grupo de prisioneiros homens passou por perto.

Khalani não os reconheceu.

Dois dos prisioneiros mantinham o olhar fixo à frente, com os olhos brilhando de excitação, enquanto se moviam em direção à luta que estava começando. O terceiro homem tinha uma barriga redonda e cabelos castanhos desgrenhados que se projetavam em todas as direções. Seu olhar se voltou para ela.

Algo em seu olhar fez Khalani instintivamente procurar no bolso uma faca que não estava lá. O homem lambeu os lábios sugestivamente, e ela se preparou para o pior, mas ele se afastou e acabou seguindo os amigos em direção à briga.

Ela estremeceu, mas Elise não percebeu, ainda falando sobre comida. "Esses desgraçados com certeza vão pagar por me fazerem ficar tanto tempo sem bolo."

"Não como bolo desde que era criança", admitiu Khalani, tentando se livrar daquele encontro perturbador.

Elise virou a cabeça tão rápido que Khalani ficou surpresa por ela não ter quebrado o pescoço.

"O quê?! Como isso é possível? Toda criança ganha bolo no aniversário."

O olhar de Khalani se voltou para o chão. Em Apolo, açúcar era um luxo que só os ricos podiam pagar. E Apolo não desperdiçava nenhuma iguaria com órfãos.

A verdade é que ela havia se acostumado à comida nojenta servida em Braderhelm mais do que a qualquer outra coisa em sua vida.

Elise percebeu a mudança silenciosa e colocou a mão no ombro de Khalani. "Se... *quando* sairmos daqui, vou garantir que você consiga um pouco."

Khalani conseguiu dar um pequeno sorriso. "Eu adoraria."

De repente, a voz do pai de Elise ficou mais alta. "Chave. Anel. Salvar. Chave. Anel. Salvar." Ele girou o anel de prata no dedo, repetindo as mesmas palavras estranhas enquanto olhava para o horizonte.

“Elise, por que seu pai continua dizendo isso?”

A boca de Elise se contorceu enquanto ela encarava o pai. Seus olhos se encheram de desamparo. Como se ela mal conseguisse se conter.

Minha mãe morreu há alguns anos. Logo depois, meu pai teve um derrame. Desde então, essa é a única frase que ele pronuncia. Não sei por que ele é tão obcecado pelo anel. Nem é a aliança de casamento deles. Tem uma inscrição estranha na parte de baixo, mas não é de nenhuma joalheria que eu conheça da

Hermès.

"Sério?" Ela franziu a testa. "O que está escrito?"

“Ei, pai, posso ver seu anel rapidinho?”

Seus olhos se arregalaram de pânico. "Chave. Anel. Salvar. Chave. Anel. Salvar."

"Sim." Elise assentiu, tranquilizando-a. "Vou guardar o anel. Posso segurá-lo só por um instante?"

O pai hesitou, como se preferisse fugir a deixar que alguém o levasse, mas olhou para Elise e seus olhos se suavizaram, reconhecendo que era sua filha. Sua mão tremia enquanto ele tirava o anel do dedo e o colocava delicadamente na palma da filha.

Elise sorriu calorosamente para ele e mostrou o anel a Khalani.

A pedra prateada no topo era diferente de tudo o que ela já tinha visto. Era fina, retangular e tinha um brilho metálico.

“A inscrição está aqui.” Elise apontou para a parte de baixo do anel, segurando-o para que Khalani pudesse olhar mais de perto.

Ela leu a delicada escrita cursiva, e os pulmões de Khalani pararam de respirar quando duas palavras brilharam para ela.

…

Prometeu Inc.

25

Descarte meu corpo
e guarde as verdades enterradas com ele.

Sua respiração parou. Os sons ao seu redor ficaram abafados e ela não conseguia ouvir Elise chamando seu nome.

Tudo o que Khalani conseguia focar eram as palavras espalhadas diante dela, invocadas de um sonho esquecido.

Prometeu Inc.

Foi a primeira vez que ela encontrou o nome fora de Apollo.

A única pista que Timothy Talbot deu sobre o paradeiro do Projeto Helix foi que o caminho começava em Prometeu. Seu diário também mencionou que metade das famílias envolvidas no Projeto Helix residiam em Hermes.

Isso não pode ser uma coincidência.

"Onde seu pai conseguiu isso?", perguntou Khalani freneticamente.

"Não sei", afirmou Elise. "Nunca o vi sem ela."

“Mas você perguntou a ele o que essas palavras significam?”

“Claro, mas ele nunca me responde.”

Khalani levou o anel ao rosto, tentando fazer com que mais palavras aparecessem. Qualquer coisa que lhe desse uma pista do que Prometeu queria dizer.

"Por que você está com essa cara? Sabe o que é?" Elise se endireitou, um tênue vislumbre de esperança brilhando em seus olhos.

Khalani hesitou.

A única outra pessoa que sabia sobre o diário de Timothy era Winnie, e ela prometeu manter isso em segredo.

"Não sei", ela engoliu em seco, devolvendo-o. "Não me lembro."

Os ombros de Elise caíram, e ela lentamente entregou o anel de prata ao pai. Ele o deslizou de volta no dedo, reverentemente, sussurrando: "Chave. Anel. Guarda. Chave. Anel. Guarda."

Os olhos de Khalani baixaram até o chão, confusão e caos se entrelaçando através dela como tranças intrincadas.

Talvez os donos originais do anel soubessem onde Prometheus estava. Ou o próprio Prometheus era o homem que criou o anel e detinha a chave para o paradeiro do Projeto Helix.

Ou Prometeu não significava nada, e ela estava se apegando a uma falsa esperança de que uma entidade morta há muito tempo salvaria o mundo da ruína.

Khalani encostou a cabeça na pedra fria, odiando o fato de ainda não estar

perto das respostas. Sentiu os olhos de Takeshi se desviarem para ela, à distância. Como se sua frustração fosse um sinal para ele.

Ela precisava de espaço para pensar.

Um banho. Era disso que ela precisava.

Khalani havia evitado os chuveiros comunitários até aquele momento, mas estava coberta de sujeira e suor, e seu nariz enrugou quando ela fungou discretamente embaixo do braço.

Ela olhou para o prédio cinza e não parecia haver fila. Perfeito.

“Vou tomar banho”, ela disse a Elise, levantando-se.

Elise franziu a testa, mas Khalani seguiu em frente sem dizer mais nada.

Uma sensação de formigamento de estar sendo observada percorreu sua pele, mas Khalani a ignorou enquanto se dirigia ao chuveiro, convencendo-se de que era apenas paranoia.

Ao entrar no prédio cinza, ela soltou um suspiro de alívio ao vê-lo vazio. Uma fileira de chuveiros estava disposta ao longo de uma parede branca, completamente aberta.

Ela se despiu rapidamente, hesitando apenas brevemente antes de tirar o sutiã, mas continuou com a calcinha branca.

Depois de colocar as roupas no banco, ela correu descalça até um dos chuveiros. Girou a torneira e seu corpo ficou completamente rígido enquanto a água gelada jorrava.

Respirando fundo, ela se abaixou sob o riacho congelante, batendo os dentes enquanto instintivamente cruzava as mãos sobre o peito. Ao avistar uma pequena barra de sabão no chão, ela a agarrou e esfregou a pele rapidamente.

Tudo o que ela conseguia ouvir era o barulho da água enquanto tentava desembaraçar os nós emaranhados em seu cabelo, cada puxão repuxando seu couro cabeludo.

A terra escorria por suas pernas e ia em direção ao ralo. Uma parte dela queria ficar mais tempo, mas não podia correr o risco de alguém entrar.

Com as mãos cobrindo o peito, ela desligou a água e rapidamente vestiu suas roupas.

Mas Khalani parou de repente quando chegou ao banco.

As roupas dela sumiram.

"Procurando por isso?"

Khalani virou-se para a porta, com o coração pesado afundando no estômago. Em frente à saída estava o prisioneiro que passara por ela e Elise mais cedo, com um sorriso sinistro se espalhando pelo rosto enquanto seus olhos percorriam a pele exposta dela.

Ele balançou as roupas dela no ar.

"D-devolva-os", ela gaguejou, tentando cobrir o máximo possível do corpo.

Para sua surpresa, ele jogou as roupas dela para longe. Mas não foi embora. Cruzou os braços, observando-a correr para vista o macacão branco o mais rápido possível.

"De onde você disse que era?", ele perguntou, com um brilho sádico nos olhos.

"Eu não fiz isso." Seu coração disparou enquanto ela fechava o zíper do uniforme com as mãos trêmulas.

"Você tem um sotaque estranho." O homem inclinou a cabeça, focando seus olhos cinzentos e assustadores nela.

"Eu sou da favela", respondeu Khalani com uma voz rouca e em pânico, enfiando os braços nas mangas.

Sai daí.

Sai daí.

"As favelas, é?" A prisioneira deu mais um passo à frente, invadindo o espaço dela. Seus pensamentos. "Não me lembro de ter visto você. E conheço todo mundo na Hermes."

"Bem, você sabe o que dizem. Lugar grande. Fácil de se perder."

"Na verdade."

Conseguindo finalmente vestir o uniforme, ela se endireitou, procurando a saída. Ele estava parado bem no seu caminho.

"Saia do meu caminho."

"Por quê?" O prisioneiro inclinou a cabeça como se estivesse genuinamente confuso.

"Porque eu estou indo embora", ela declarou, olhando para a porta que ele ainda estava bloqueando.

"Eu vi o jeito que você estava me olhando mais cedo. Estou aqui há tanto tempo e sei que você quer isso tanto quanto eu."

"Você é louco", ela sibilou, avançando um pouco para a direita.

"Não se preocupe, querida." Ele sorriu gentilmente. "Meus homens estão guardando a saída. Ninguém vai nos incomodar. Posso tornar isso rápido e fácil para você."

Seu peito arfava rapidamente enquanto as bordas de sua visão se estreitavam, concentrando-se na porta.

Só mais alguns passos.

O prisioneiro se aproximou um pouco mais, seu estômago quase tocando o dela.

Foi quando Khalani disparou em volta dele.

Ela correu para a saída, puxando a maçaneta. Mas estava trancada.

Ela apoiou o pé direito na parede, segurando a maçaneta com as duas mãos enquanto puxava com toda a força. Mas a porta se recusava a se mover.

Uma risada distorcida e enjoativa ecoou nos ladrilhos atrás dela.

"Socorro!" Ela bateu o punho contra a porta, rezando para que alguém a ouvisse.

O terror a invadiu enquanto o homem se mantinha afastado, deixando-a gritar. Como se gostasse de observar suas presas, saboreando seus medos antes que percebessem que a fuga era impossível.

"TAKESHI!" Khalani gritou a plenos pulmões em um último esforço.

De repente, uma mão áspera cerrou-se em sua boca e a puxou para trás. Ela foi jogada no chão e ofegou quando seu pulso esquerdo dobrou-se desajeitadamente na queda.

Mas ela não teve tempo de se concentrar na dor. O prisioneiro empurrou seus ombros para baixo, prendendo-a sob si.

Khalani empurrou os quadris freneticamente. "Sai de cima de mim!", gritou ela ferozmente. Ela tentou empurrá-lo, mas ele apertou as pernas em volta dela,

recusando-se a se mexer.

A excitação brilhando em seus olhos era a essência dos pesadelos. Ele se inclinou para frente, colocando as mãos carnudas nos ombros dela, segurando-a enquanto ela lutava.

“Pare de lutar e não vai doer tanto”, ele sussurrou.

Ele se moveu contra ela, tentando tirar o uniforme. Mas quando levantou a mão, ela o atacou.

Khalani colocou todo o peso de sua fúria e ódio em seu punho e o socou na garganta, exatamente como Takeshi lhe ensinou.

O homem agarrou o pescoço, engasgando com a respiração seguinte.

Aproveitando a distração, ela se esquivou, mas a mão dele se fechou em seu tornozelo, puxando-a para trás. Com o outro pé, ela o chutou em cheio no rosto.

A cabeça dele se jogou para trás, e ela se levantou apressadamente, correndo em direção à porta, planejando bater nela com o corpo para arrombá-la.

Mas uma mão áspera agarrou seu bíceps, fazendo-a girar. Ela só conseguia se concentrar nos olhos cinzentos e furiosos dele antes que ele a socasse em cheio no rosto.

A força lançou Khalani contra a parede. Sua visão ficou turva, sangue escorrendo pelo lábio, mas ela não conseguia registrar a dor. Tudo em que conseguia se concentrar era no prisioneiro enfurecido que a atacava novamente, com os dentes cerrados em um rosnado.

Khalani cambaleou, erguendo os punhos.

Se esse fosse seu último momento, ela queria ser encontrada com os nós dos dedos ensanguentados e as unhas serradas, porque lutou até seu último suspiro amargo.

Ele estava a um passo de distância—

Bang !

A porta se abriu com força.

O prisioneiro parou, arregalando os olhos em choque, quando uma figura grande entrou, parecendo a própria morte.

O olhar apocalíptico de Takeshi imediatamente se concentrou nela.

A princípio, seus olhos se suavizaram de alívio, mas ele lentamente observou o resto dela. Do cabelo ainda molhado ao lábio inchado e sangrando, aos braços trêmulos e ao uniforme meio desfeito pela agressão.

A expressão de Takeshi se transformou em um rosto que você imaginaria que o diabo pudesse possuir — uma beleza fria e terrível. O ar ao redor dele ficou gélido. Perigoso.

Sua cabeça girou em direção ao prisioneiro, que cruzou os braços.

"Que porra você está fazendo aqui?", perguntou o homem.

Takeshi deu um passo medido para frente, bloqueando Khalani de sua visão.

Apesar de suas palavras, o prisioneiro recuou, sentindo o vazio ameaçador ao redor de Takeshi.

"Isso não tem nada a ver com você, cara. Só se vira e vai embora."

Qualquer que fosse a expressão de Takeshi, o homem ficou ainda mais pálido.

"Não tem nada a ver comigo?" A voz de Takeshi era tão grave que era irreconhecível. "No momento em que você tocou nela, você escolheu a morte."

O prisioneiro correu em direção à porta e Takeshi avançou. Ele agarrou um

punhado de cabelo do prisioneiro e cravou o joelho na barriga do homem.

O prisioneiro se dobrou, vomitando antes que Takeshi agarrasse seu pescoço e jogasse a cabeça do homem no chão com força suficiente para quebrar o ladrilho abaixo deles.

A cabeça do prisioneiro se ergueu, com o rosto completamente esmagado e quebrado. Takeshi o virou e montou nele, exatamente como o homem havia feito com Khalani.

Takeshi continuou a socá-lo no rosto. Repetidamente.

Ele esperou um pouco entre cada golpe, saboreando o sangue que respingava no ladrilho branco, estudando as áreas do rosto que mais doíam e atacando implacavelmente essas fraquezas.

Entre socos, o prisioneiro virou a cabeça e encontrou Khalani parada no canto, congelada e completamente hipnotizada pela cena à sua frente.

"Ajude-me...", ele sussurrou entre dentes faltando.

Suas palavras só serviram para atiçar ainda mais a fúria de Takeshi.

"Você não merece olhar para algo bonito antes de morrer", rosnou Takeshi.

Com um distanciamento arrepiante, ele se inclinou para a frente. O corpo inteiro do prisioneiro se debateu enquanto Takeshi arrancava seus olhos.

Khalani viu suas costas deslizando pelo ladrilho enquanto gritava ecoou ao seu redor. Sua visão ficou turva e a dor de cabeça se intensificou.

Três traficantes invadiram o prédio de repente, arregalando os olhos enquanto Takeshi voltava a socar violentamente o prisioneiro até deixá-lo sangrando.

“Parem!” gritou um deles, mas Takeshi ignorou os recém-chegados, continuando a infligir seu castigo mortal.

Os traficantes correram para pegar suas almofadas e Takeshi imediatamente começou a ter convulsões enquanto recebia os choques. Mas o lábio superior de Takeshi se curvou e ele continuou batendo no prisioneiro no chão, *ignorando* a dor .

"Mas que..." Os Dealers aumentaram a voltagem. Takeshi tremeu incontrolavelmente, mas seus punhos permaneceram cerrados enquanto ele caía no chão. O coração de Khalani disparou em puro pânico enquanto eles continuavam aplicando choques nele.

Ver Takeshi sofrer despertou algo profundo dentro dela. Ela se achava vulnerável à dor antes, mas isso a atingiu com a força de uma montanha.

"Não o machuquem!" ela gritou, mas os Dealers a ignoraram.

“Leve-os para as celas!”

Uma mão envolveu seu braço, ajudando Khalani a se levantar.

O negociante fez um gesto para que ela saísse, e ela cambaleou, estendendo as mãos para se firmar. O guarda grunhiu por causa do seu passo lento e a empurrou para a frente.

Takeshi rosnou algo atrás dela, mas ela não conseguiu entender as palavras enquanto era escoltada para fora do prédio.

Ela recuou ao ver dois prisioneiros caídos no chão, bem em frente à porta. Seus peitos se moveram, então não estavam mortos, mas deviam ser eles que guardavam a porta para o homem que tentou estuprá-la e matá-la.

A julgar pelo estado de inconsciência, eles encontraram o ameaçador Capitão da Prisão de Braderhelm.

“Uma grande confusão”, rosnou o negociante, apertando seu aperto em volta do braço dela enquanto ele a puxava em direção ao quartel.

A dor de cabeça se intensificou, e ela se apoiou no braço do policial para continuar andando. Um vislumbre de cabelo loiro surgiu em sua visão, e seu olhar pesado se ergueu para ver Elise com o queixo caído.

"Você está bem? Ouvi um grito vindo do prédio dos chuveiros e fiquei preocupada... Khalani?" As rugas que contorciam seu rosto se aprofundaram quando Khalani inclinou a cabeça.

Tudo o que ela queria fazer era deitar-se.

"Aqui", resmungou o Traficante, empurrando-a sem cerimônia na direção de Elise, que a pegou de surpresa com um bufo. "Vocês duas, vão para suas celas", ele retrucou, indiferente ao estado físico dela.

Elise imediatamente passou o braço em volta da cintura de Khalani, ajudando-a a se arrastar desajeitadamente em direção ao quartel. Khalani gemeu, pois suas pálpebras não queriam ficar abertas.

Ela ficou com a função motora reduzida, conseguindo se concentrar apenas em colocar um pé na frente do outro.

"O que aconteceu com você?", resmungou Elise.

“Tomei banho... invadi... dei um soco... Takeshi salvou...” Suas palavras saíram lentas e confusas.

Elise fez um barulho de raiva quando viu melhor o corte feio no lábio de Khalani e começou a juntar as peças da história.

O cérebro dela parecia a tigela de sopa que eles comiam todos os dias.

Num momento, eles estavam caminhando pelo corredor do quartel e, no seguinte, ela deslizou pelas paredes brancas de sua cela vazia. Elise ajudou a abaixar a cabeça, o rosto pálido como giz enquanto encarava Khalani.

“Para suas celas!” gritou um dos guardas, e Elise hesitou.

"Está tudo bem. Não quero que você... se meta em encrenca", sussurrou Khalani, abraçando o azulejo frio em suas bochechas.

Elise franziu a testa, mas os olhos de Khalani começaram a se fechar ao ouvir passos saindo da cela. Ela se esforçou para manter a cabeça erguida, mas todo o seu corpo parecia pressionado por alguém.

Não.

Ela precisava ficar acordada. Precisava esperar por Takeshi.

Para ver se ele estava bem.

Sem se preocupar com a própria segurança, Takeshi a defendeu, aplicando justiça da única maneira que conhecia. O mínimo que ela podia fazer era permanecer consciente quando o trouxeram de volta para dizer... obrigada.

Ela só precisava ficar…

Acordado…

Suas pálpebras tremeram.

Antes que a inconsciência a levasse embora, Khalani foi envolvida em braços fortes e abraçada.

Como se ela fosse o ser mais importante do universo.

26

Muitas vezes me pergunto se o mundo me mudou
ou se aquela decisão foi minha.

Khalani acordou sobressaltada quando o guincho estridente do alarme atravessou as paredes brancas de sua cela, interrompendo o único sono tranquilo que tivera em semanas. Mas seus olhos permaneceram teimosamente fechados, preferindo uma vida de sonolência à anarquia que a aguardava.

"Está tudo bem, Kanes. Estou com você."

Aquela voz profunda e ressonante penetrou seus sentidos, e seus olhos se abriram de repente. Ela estava esparramada sobre Takeshi, deitada em seu peito. Uma das mãos dele repousava na parte inferior das costas dela, enquanto a outra segurava sua nuca. Seus dedos longos entrelaçavam-se delicadamente em seus cabelos enquanto ele a segurava firme.

O alarme estridente desapareceu no fundo.

A dor latejante em sua cabeça diminuiu.

Takeshi a estudou atentamente, uma emoção desconhecida percorrendo seu olhar sombrio — preocupação, talvez, ou algo mais profundo, atraindo-a como um fogo ardente.

Algo tão cativante não deveria existir em um mundo colorido pela dor.

Takeshi examinou o rosto dela, os músculos tensos enquanto a luz lhe dava uma visão melhor do corte profundo no lábio e do que sem dúvida era um hematoma se formando na maçã do rosto. Seu cabelo estava despenteado. e desleixado, como se ele tivesse passado as mãos por ele a noite toda.

"Você está bem?", ela perguntou, as lembranças dos guardas o chocando brutalmente ainda ecoando em sua mente.

"Você foi brutalmente atacada e está perguntando se *eu estou* bem?" A voz de Takeshi ficou mais grave, olhando para ela em choque e espanto brutais.

"Meu rosto e minha cabeça doem", ela admitiu. "Mas vou ficar bem."

Ela sentiu as mãos gentis dele apertando-a imperceptivelmente, sua expressão se contorcendo como se ele quisesse dizer tudo, mas não soubesse como.

"Você precisa se levantar", chamou uma voz urgente à sua direita. "Ouvi dizer que os Traficantes estão em pé de guerra hoje."

Khalani se virou e viu Elise parada do lado de fora da cela. Seus olhos percorreram o rosto de Khalani, que respirou fundo diante da evidência da agressão. "Como você está se sentindo?"

"Estou bem." Khalani conteve um gemido enquanto se levantava, a vertigem quase a fazendo cair de volta no chão.

Um aperto forte imediatamente firmou sua cintura.

“Talvez você devesse se deitar novamente.”

Mas ela balançou a cabeça. "Eu consigo lidar com isso."

Takeshi fez uma pausa, um músculo em seu maxilar saltando como se ele estivesse a segundos de trancá-la na cela e deixá-la lá pelo resto do dia — exatamente como ele costumava fazer todas as noites em Braderhelm.

Mas ele testemunhou a determinação em seus olhos. A convicção de não demonstrar fraqueza nem ser um fardo.

Então, sem dizer uma palavra, ele a soltou, deixando Khalani ficar de pé sozinha.

A carranca de Elise se aprofundou quando Khalani passou marchando, claramente não sendo a única a pensar que a última coisa que deveria fazer era sair de sua cela e trabalhar nas minas.

Mas Khalani estava acostumada a ignorar a dor e o abuso, enfiando-os no fundo da mente e fingindo que o trauma não existia.

Não é saudável, com certeza. Mas é eficaz.

Prisioneiros formaram fila para inspeção. Alguns estremeceram ao ver seus hematomas, enquanto outros lhe lançavam olhares duros e acusatórios. Sem dúvida, acreditando que ela era responsável pela morte de outro prisioneiro.

Se ao menos soubessem a verdade.

Na fila, Khalani percebeu que o olhar de Takeshi estava estranhamente fixo em algo na multidão.

Sua respiração parou.

Seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo.

Ela tentou seguir o olhar dele…

“Fique em pé para ser inspecionado!”

A cabeça de Khalani se lançou para a frente enquanto os Traficantes atravessavam a fila de prisioneiros. Vários deles lançavam olhares furiosos na direção de Takeshi, agarrando suas almofadas com força.

Os guardas os fizeram ficar na fila por muito mais tempo do que o normal.

Khalani balançava o peso do corpo de um lado para o outro, as pernas ficando dormentes enquanto ela piscava para se manter acordada. Depois de uma hora, ela cambaleou, as pernas quase cedendo, e Takeshi xingou ao lado dela.

Mas um dos traficantes gritou: “Deitem-se no chão para o Dr. Strauss!”

Foi a única vez que ela se sentiu grata por cair de joelhos.

Quando o Dr. Strauss entrou na área, seus olhos estavam mais frios do que o normal. Ele examinou as filas de prisioneiros com uma carranca, batendo a caneta na prancheta, o único som que perfurava o silêncio.

“Vocês todos sabem por que estão aqui?”, perguntou o Dr. Strauss calmamente.

Ninguém respondeu. Até os guardas desviaram o olhar.

"Nenhum candidato?", a Dra. Strauss caminhou lentamente pela fila. Khalani olhava para o chão, esforçando-se para se manter de pé.

"Vocês estão aqui porque são impulsivos. Desobedientes. *Rebeldes* . Como crianças mimadas", ele cuspiu. "Vocês estão aqui para serem guiados para uma vida melhor. Uma com significado. Mas alguns de vocês simplesmente... *se recusam* a ser salvos." Ele jogou a prancheta no chão, e todos se encolheram, olhando para o chão como se suas vidas dependessem disso.

Como se estivesse se lembrando, o Dr. Strauss respirou fundo, pegou sua prancheta e ajeitou seu jaleco branco.

Ela levantou a cabeça e, de repente, o olhar frio dele encontrou o dela.

Khalani congelou, sentindo como se garras afiadas como navalhas a tivessem subitamente agarrado. Mas, por algum motivo, ela se recusou a desviar o olhar.

Ele colocou a mão no queixo e tamborilou os dedos lentamente enquanto estudava o único prisioneiro que ousava encará-lo.

O som audível de choro infiltrou-se no ambiente, interrompendo a concentração do Dr. Strauss. Ele se virou para uma garota mais jovem, de cabelos castanhos longos e acinzentados, cujos ombros tremiam enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto.

"O que é isso? Você está chorando por causa dos seus atos lamentáveis nesta terra, ou quer ser salva?" O Dr. Strauss se pôs à frente dela.

A menina não respondeu, apenas soluçou mais forte, com as costas arqueadas e os membros tremendo.

“Levem-na”, ordenou o Dr. Strauss, e os guardas rapidamente entraram em ação.

"Não! Nãão!! *Por favor* !"

Ninguém respondeu aos seus lamentos. Todos pareciam se curvar em direção ao chão, tentando desaparecer por ele.

"Vão trabalhar!" gritaram os traficantes enquanto a garota era arrastada para mais longe, seus gritos diminuindo lentamente, sem nunca deixar a caverna abandonada.

Khalani levantou-se trêmula, limpando o cascalho dos joelhos. As sobrancelhas de Takeshi estavam franzidas em uma carranca profunda enquanto ele caminhava até ela.

“Você está mais pálida do que o normal”, ele disse, quase como uma acusação.

"Obrigado. Eu não peguei muito sol quando criança."

“Kanes.”

"Takeshi." Ela encarou o olhar sombrio dele de frente.

“Você não deve trabalhar enquanto ainda estiver ferido.”

"Porque tenho certeza de que se eu pedir uma pausa, eles atenderão com prazer e me buscarão uma cadeira de balanço." Ela revirou os olhos e se virou para seguir os prisioneiros, tentando ao máximo andar em linha reta, mesmo que parecesse estar caminhando penosamente na lama grossa.

Takeshi lançou-lhe *aquele* olhar. Aquele que dizia que ela era insuportável e implorava por punição.

Mas ele marchou relutantemente ao lado dela, perto o suficiente para segurá-la se ela caísse.

"Não sei por que você está chateado", comentou ela, inalando profundamente para afastar a náusea. "O que você teria feito se eu tivesse pedido um descanso quando era sua prisioneira?"

"O que você acha?", ele respondeu, impassível. "Eu teria trazido uma cadeira de balanço para você."

Ela riu alto, um som raramente ouvido no campo de prisioneiros, e vários prisioneiros lhe lançaram olhares estranhos.

Mesmo em meio à dor e à desgraça iminente, o capitão quieto e distante que a detestou no primeiro momento em que a viu foi quem fez Khalani rir.

O mundo definitivamente enlouqueceu.

Ela respirou fundo enquanto agarrava a picareta grossa, os guardas observando cada movimento com olhos atentos.

Para sua surpresa, ela notou Elise e Jack por perto.

Até Ryder acenou para ela em solidariedade.

Isso a lembrou de uma lição importante. Uma que ela quase esquecera.

Havia muito mais gente boa no mundo do que má. Nem sempre pareceu assim, porque a maldade tendia a ser mais barulhenta.

Mas a esperança residia nos momentos de silêncio.

Eram os olhares sutis de união de estranhos. O toque gentil da mão de Takeshi em volta dos seus cabelos no meio da noite. Vivia no riso de Serene e na convicção de Winnie em tornar o mundo um lugar melhor.

Foi por isso que ela levantou a picareta e começou a martelar.

Se os outros não tivessem voz, ela gritaria por eles. Porque era isso que a vida lhe ensinara.

Dar tudo de si.

Horas depois, ela quase desmaiou de alívio quando o alarme soou. Quase vomitou no chão quando saíram dos túneis. Parecia que sua cabeça estava batendo contra uma parede de tijolos.

Quando Khalani se sentou com sua tigela de comida, ela colocou a cabeça entre os joelhos, tentando encontrar estabilidade no chão firme.

Mãos suaves puxaram os cabelos suados do pescoço dela, prendendo-os em um coque bagunçado. Ela levantou a cabeça e encontrou Elise sentada, acenando para ela.

"Melhorar?"

Khalani conseguiu dar um sorriso simplório. "É."

Naquele exato momento, Jack e Ryder apareceram. E, para surpresa de todos, sentaram-se com eles.

"O que vocês estão fazendo?", ela franziu a testa, com a impressão de que eles deveriam manter distância no acampamento.

"Precisamos conversar." Jack olhou fixamente para Elise e seu pai resmungão, que brincava com o anel de Prometeu em seu dedo. "Deixem-nos", ordenou.

"Não", retrucou Khalani, lutando contra a tontura. "Eles vão ficar."

“Eles não fazem parte do nosso grupo.”

"Eles fazem parte do *meu* grupo." Sua voz soou como o estalo de uma corrente.

Desde o momento em que entraram no acampamento, Elise foi a única a cuidar deles. Apesar de suas reservas, ela apareceu para Khalani quando não era necessário.

Khalani se recusou a deixar o acampamento sem garantir que Elise e seu pai também escapassem.

Os lábios de Jack formaram uma linha fina e pálida enquanto Elise inclinava a cabeça, confusa. Só quando Takeshi assentiu sutilmente em aprovação é que Jack voltou sua atenção para Elise.

"O que é dito aqui não sai deste grupo. Traia-nos e enterrarei os membros do seu pai em cada canto de Hermes", alertou ele com uma voz arrepiante que sugou o ar da caverna.

"Ao contrário de *algumas* pessoas, eu sei como me conter, Jack", sibilou Elise, inclinando-se para a frente. "Mas ameace meu pai de novo, e eu corto cada artéria que você possui com seu próprio baralho de cartas."

"Ótimo. Que bom que nos entendemos." Jack assentiu, aparentemente imperturbável com a ameaça, como se a promessa violenta o tivesse deixado *mais* confortável.

"Qual é o plano?" Takeshi interrompeu impacientemente.

Jack se virou para ele, respirando fundo. "Ryder e eu nos comunicamos com alguns dos nossos membros aqui no acampamento. Estão todos a postos e prontos para agir. Amanhã, quando os Ases chegarem, atacaremos os Negociantes e tiraremos essas algemas."

"Como eles vão invadir?" Khalani endireitou a coluna rígida, a dor e a náusea momentaneamente esquecidas enquanto a expectativa enchia suas veias.

Spade é esperto o suficiente para saber que uma grande distração é necessária para nos tirar daqui. Eu esperaria algo... explosivo.

Khalani e Takeshi ficaram tensos, sem saber se tinham ouvido direito, mas Jack continuou: "Não sei exatamente *quando* eles atacarão amanhã, mas precisamos estar prontos assim que acontecer. Assim que nos livrarmos dessas algemas, corremos para a saída do túnel. Não se preocupar com mais alguém. Entendeu? — Ele encarou os dois com um olhar sério enquanto Elise permanecia ali, boquiaberta.

"Você está me dizendo que seremos resgatados amanhã?" Seu tom estava cheio de descrença.

"Sim." Khalani agarrou a mão dela. "Vamos tirar você e seu pai daqui."

"Mas você tem que estar disposto a lutar e aceitar a possibilidade de que todos nós podemos morrer amanhã fazendo isso", acrescentou Ryder, estreitando o olhar.

Elise olhou para o pai, que estava perdido em pensamentos, resmungando continuamente algo sem sentido enquanto acariciava seu anel.

Lágrimas brilharam em seus olhos, mas um segundo se passou e sua expressão se solidificou antes de se virar para Jack. "Conte conosco. Não vamos passar mais um minuto neste lugar maldito."

Uma energia desenfreada percorreu os membros de Khalani enquanto finalizavam seus planos de fuga. Como se ela pudesse correr por quilômetros e enfrentar os Traficantes ali mesmo.

Mas eles tiveram que esperar.

Mais um. Dia.

Quando voltaram a trabalhar nos túneis, o tilintar do metal soou como um ato de encerramento. Um último grito de alegria para o que, esperava-se, seria a última vez que ela veria uma picareta novamente.

Takeshi permaneceu pensativamente quieto, assumindo a maior parte da carga dela. Mas ela sentiu uma tempestade frenética se formando dentro dele.

Quando finalmente tiveram a última pausa do dia, Takeshi murmurou para ela: "Fique aqui".

Antes que ela pudesse questioná-lo, ele marchou em direção à área de luta.

Khalani franziu a testa e o seguiu sem pensar duas vezes.

Quando Ryder se aproximou dela, ela cruzou os braços com força sobre o peito. "O que você quer?", disparou.

“Não posso verificar como você está?”

"Não."

"Você parece horrível", ele observou sem rodeios.

"Obrigada. Tenho certeza de que as mulheres de Hermes estão chorando pela perda do seu charme irresistível."

Ryder colocou a mão sobre o coração. "Estou magoado. Sério. Eu só queria ver... para onde você está indo?"

Ignorando-o, Khalani abriu caminho pela multidão de curiosos que se reunia para assistir à próxima luta. Ela esticou o pescoço para a esquerda e para a direita, procurando por Takeshi entre os prisioneiros.

Alguns segundos depois, ela o encontrou.

A multidão se abriu para ele quando ele entrou no centro, com os olhos brilhando enquanto ele examinava a plateia com foco predatório.

O que diabos ele estava fazendo?

“Com quem você está lutando?” perguntou um dos prisioneiros.

O olhar de Takeshi parou em alguém, seus músculos visivelmente tensos.

“Eles.” Ele apontou para dois prisioneiros na multidão.

Os homens que ele encarava olharam para trás, sem saber se ele se referia a outra pessoa. Mas, como seu olhar não vacilou, eles estufaram o peito.

“Ele não consegue lutar contra duas pessoas.”

"Isso é suicídio."

Sussurros percorreram a multidão enquanto os dois homens avançavam em direção ao centro do círculo de luta. Os olhos verdes de Khalani brilharam ao reconhecê-los. Eram os mesmos dois prisioneiros que guardavam as portas do chuveiro enquanto ela era atacada.

"Tem certeza de que quer lutar contra nós dois?", riu um dos homens. "Desta vez vocês não vão nos pegar desprevenidos e não vamos nos conter."

O canto dos lábios de Takeshi se ergueu, mas seus olhos negros ardiam com a promessa de uma retribuição violenta.

“É com isso que estou contando.”

Khalani se espremeu para a frente da multidão enquanto os dois homens o flanqueavam, movendo-se em direções opostas. Takeshi permaneceu sobrenaturalmente imóvel, braços soltos ao lado do corpo, esperando o ataque.

Com um grunhido, os dois homens avançaram, simultaneamente desferindo socos em ambos os lados do rosto de Takeshi.

Ele se abaixou tão rápido que ela mal percebeu o movimento. Ele apoiou uma das mãos no chão, girou a perna e derrubou um dos caras.

Ao mesmo tempo, Takeshi se virou e deu um soco no esterno do outro homem, fazendo-o cambalear de volta para a multidão, segurando o peito como se tivesse sido atingido por uma marreta.

O primeiro homem se levantou de repente, a diversão completamente apagada do rosto. Ele ergueu os punhos, saltando sobre os pés, e saltou para a frente. Takeshi se esquivou e desviou de cada soco desferido contra ele, antecipando

cada movimento.

Takeshi se movia como água, sem esforço e sem restrições. Sua expressão era uma tela em branco, estranhamente calma enquanto enfrentava seus oponentes, mas a profundidade da fúria em seus olhos revelava o tênue controle que se esvaía.

O outro sujeito ainda lutava para respirar enquanto o prisioneiro que lutava contra Takeshi começava a ter dificuldade em se movimentar. Os socos largos tornavam-se cada vez mais desesperados, pois nenhum dos golpes conseguia atingir o alvo.

Takeshi, por outro lado, não diminuiu o ritmo. Não levantou os punhos. Quase como se estivesse brincando com ele. Fazendo com que durasse um pouco mais.

O prisioneiro rosnou quando percebeu a mesma coisa e rosnou: "Eu queria ser aquele que fode sua putinha no chuveiro."

Khalani prendeu a respiração.

Seu olhar se voltou diretamente para Takeshi, cuja frieza se despedaçou. Ele abaixou a cabeça, curvando o lábio superior. Seus olhos não brilhavam de vingança.

Eles foram delineados em pura aniquilação.

Quando o prisioneiro tentou novamente, Takeshi o acertou a poucos centímetros do rosto. O homem mal teve tempo de registrar o choque antes de Takeshi atingi-lo diretamente no queixo.

A cabeça do prisioneiro voou para trás e, no instante seguinte, Takeshi passou o braço em volta do cotovelo do prisioneiro, dobrando os dedos para trás até que eles tocassem seu antebraço no formato de um arco-íris que ela havia visto uma vez em Gênesis.

Com um estalo alto, Takeshi quebrou o braço do homem.

O homem soltou um grito terrível ao cair no chão, segurando o cotovelo que estava virado na direção errada, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Vários prisioneiros ao redor dela cobriram a boca, seus rostos se contorcendo de horror diante da visão brutal.

Mas Khalani engoliu em seco, recusando-se a desviar o olhar.

Takeshi passou por cima do homem encolhido sob ele, suplicando por misericórdia. A julgar pela expressão sanguinária no rosto de Takeshi, não haveria nenhuma.

Mas o segundo prisioneiro corpulento se recuperou e envolveu Takeshi com os braços, levantando-o do chão.

Takeshi jogou seu peso para frente, virando o homem por cima da cabeça e fazendo-o cair no chão ao lado do amigo que chorava.

Os olhos do homem se arregalaram pouco antes de Takeshi bater o pé entre suas pernas. O rosto do prisioneiro ficou roxo antes de ele gritar.

Mas Takeshi não havia terminado. Ele se abaixou até o chão, apoiando a mão esquerda no ombro do prisioneiro e começou a desferir socos com o punho direito, cada golpe mais forte que o anterior.

Ninguém se moveu.

Todos pareciam paralisados de espanto. O peito de Khalani se ergueu em respirações rápidas enquanto respingos de sangue voavam para o rosto frio de

Takeshi.

“ *Em outra vida, acho que eu simplesmente teria gostado de pintar.”*

As palavras de Takeshi ecoaram na mente dela enquanto seus punhos ficavam vermelhos.

Ela o visualizou como uma criança.

Desenhando com a mãe. Sorrindo para ela com aqueles olhos negros inocentemente lindos. Observando a pessoa que mais amava desaparecer e sendo forçado a guardar uma prisão mortal.

Essa necessidade inerente de proteção havia se transformado em algo implacável e foi exposta para todos testemunharem e julgarem.

Enquanto manchas vermelhas cobriam seu rosto, ela percebeu uma verdade brutal.

Não foi culpa de Takeshi pela forma como ele se adaptou a uma vida brutal que ele nunca escolheu.

Apolo roubou suas paixões. Khalani se recusou a deixar que este mundo cruel lhe roubasse qualquer outra coisa.

"Takeshi." Ela entrou no círculo, atraindo olhares. O punho dele congelou no ar ao som da voz dela, e ele virou a cabeça.

Naquele momento, ela mal o reconheceu. Gotas do sangue de outra pessoa se espalharam por seu rosto como tinta de guerra. Seus dentes estavam cerrados como os de um animal selvagem sobre o qual ela lia quando era pequena.

Uma parte assustada dela queria deixar os demônios dele assumirem o controle e esquecer completamente o perigoso Capitão.

Mas não importava o quanto eles brigassem ou se ressentissem, Takeshi nunca deixou de protegê-la da maneira mais visceral possível.

Arruinando a si mesmo para que ela não precisasse fazer isso.

Khalani levantou a cabeça, firmando os pés no chão e se recusando a ir embora.

"Takeshi", ela disse mais alto. "Deixe-os ir."

"Eles te machucaram", ele murmurou. Seu aperto em volta do uniforme do homem aumentou, pronto para continuar o ataque. Era claro em sua mente que o mero envolvimento deles no sofrimento de Khalani justificava a morte.

"Sim. E eles aprenderam a lição. Por favor, parem."

Por favor, volte para mim…

Essas palavras pairavam na ponta da língua dela, mas ela as engoliu até o fundo do coração.

Takeshi hesitou, com os dentes cerrados, como se a *última* coisa que quisesse fosse parar. Mas não se desviou do olhar implacável dela.

Ela o encarou de volta, deixando-o testemunhar sua crença de que Takeshi era mais forte do que as mortes que o forjaram.

Assim como ela.

Takeshi respirou fundo, erguendo-se em toda a sua altura enquanto se afastava lentamente dos dois homens no chão. Ela suspirou de alívio quando ele se aproximou, mas ele parou, olhando para a multidão de prisioneiros, parecendo fazer contato visual com cada um.

"Aquelas duas estão vivas por um motivo, e esse motivo é ela." Sua voz forte se elevou através do círculo enquanto apontava para Khalani, e até ela se

imobilizou diante da força por trás disso. "Se alguém sequer *olhar* na direção dela na direção errada, você vai se ressentir da sua mãe por ter te dado à luz."

A tensão no ar aumentou, dificultando a respiração.

De repente, o alarme agudo perfurou o ar, e todos se encolheram. A princípio, ninguém se moveu, encarando Takeshi com olhos arregalados e rostos pálidos, mas aos poucos começaram a se dispersar.

Alguns prisioneiros ajudaram a arrastar o homem inconsciente para longe. O homem com o braço quebrado se levantou rapidamente, praticamente correndo, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto vermelho.

A visão não deveria ter lhe trazido satisfação, mas trouxe.

Takeshi ficou parada enquanto todos se moviam ao redor deles, e ninguém ousou olhar na direção dela.

Ela mordeu o lábio, mexendo os pés com o atrito renovado.

“Takeshi… eu—”

"Kanes", interrompeu ele, respirando fundo, deixando-a saber que sua tênue paciência estava a um segundo de se esgotar. "Vamos voltar para a nossa cela."

27

Não se trata de ser perfeito.
Trata-se de deixar os fracassos de lado.

Khalani bateu o pé no chão frio de ladrilhos da cela.

Ela apoiou o queixo no joelho, com as costas firmemente contra a parede, enquanto olhava para Takeshi.

Mesmo nas sombras, suas feições eram nítidas e afinadas. Ele estava sentado no lado oposto da cela, com uma perna esticada e os olhos firmemente fechados.

Mas ele não estava dormindo.

Seus músculos estavam tensos demais, o maxilar tenso demais para dormir. Como uma arma carregada se erguendo, preparando-se para causar estragos.

Ela não sabia o que dizer.

Talvez o silêncio e fingir ignorar a existência um do outro fosse a única defesa restante.

Talvez fosse isso que ela queria.

Não.

Sim.

Os limites entre suas necessidades e seus medos ficaram tão tênues que ela não conseguiu mais distinguir um do outro.

Tudo o que Khalani conseguia fazer era bater o pé direito no chão, e as batidas staccato eram o único som no silêncio rígido.

"Por quanto tempo você vai continuar fazendo isso?", perguntou Takeshi, com os olhos ainda fechados.

"Não tenho certeza." Ela parou no meio do caminho. "Você planejava ficar em silêncio a noite toda?"

"Provavelmente."

“Então acho que vou continuar fazendo isso.”

Takeshi inclinou a cabeça para trás e a encarou, suas íris escuras a atraindo como um ímã. Ela lambeu os lábios, tomando cuidado para evitar o corte, e a atenção dele se voltou para a boca dela. A temperatura na cela subiu enquanto eles se avaliavam silenciosamente.

“Como você está se sentindo?” ele finalmente perguntou.

"Melhor." A verdade. "Meu rosto dói, mas vou sobreviver."

Os músculos de Takeshi estavam tensos, sua energia infernal a envolvia como um manto.

"Sinto muito", ele sussurrou, tão baixo que ela quase não o ouviu.

"Para que?"

"Por concordar com esse plano para sempre. Por deixar que te trouxessem

aqui."

"Você não *deixou* eles fazerem nada." Ela balançou a cabeça. "A decisão foi minha."

“E eu deveria ter amarrado você e forçado eles a levarem outra pessoa.”

"Você acha que eu não consigo fazer o trabalho?"

“Não é isso, Kanes.”

"Então o que foi?! Eu disse que estou bem", insistiu Khalani, elevando a voz.

O maxilar de Takeshi se contraiu, mantendo a boca fechada teimosamente enquanto seu olhar se voltava para a porta.

Pronto para terminar a conversa.

"Não faça isso", ela retrucou, sem deixá-lo escapar. "Não me deixe de fora. Só me diga a verdade. Você acha que eu sou fraca demais, né? Não é isso que você está tentando dizer?"

O olhar de Takeshi mudou, seu olhar intenso e inebriante quase a nivelou. "Você não deveria ter que me perguntar isso. Sua força " *Nunca* é uma questão para mim. Eu sei que você consegue lidar com tudo que te derem."

"Então qual é o problema? Chegamos até aqui e vamos sair daqui logo."

Khalani agarrou-se a essa esperança com unhas e dentes, porque se os rastreadores presentes em sua corrente sanguínea falhassem, eles provavelmente morreriam naquela caverna.

"Eles machucaram você." Takeshi respirou fundo, olhando para ela como se ela fosse o ar que ele não queria respirar.

Khalani revirou os olhos. "Eu disse que estou f—"

" *Não* diga essa palavra de novo", ele interrompeu, o tenor profundo em sua voz ressoando. "Não quando eu posso ver as marcas em seu rosto."

"E daí?", ela zombou. "Eles vão se curar. E foi por isso que você me treinou para lutar, lembra?"

"Sim. Mas prefiro que você não precise usar essas habilidades."

"O que você vai fazer? Me trancar num quarto quando a gente sair daqui?" Ela riu, incrédula.

Ele ergueu uma sobrancelha, como se aquela fosse a sugestão mais inteligente que ele tinha ouvido a semana toda.

"Não. Não haverá trancas nem esconderijos." Ela não conseguia acreditar que tinha que dizer aquelas palavras. "Vou lutar mais e treinar mais, para que você não pense em mim como um fardo", resmungou, cruzando os braços e olhando para os rangidos no ladrilho branco.

Pela primeira vez, Khalani desejou não ter que provar seu valor para todos. Queria que as pessoas olhassem para ela e já acreditassem que ela era forte.

“Khalani, olhe para mim.”

O verdadeiro nome dela fluindo na língua dele foi a única coisa que a fez olhar para cima.

“Você nunca é um fardo”, afirmou ele. “Eu *sei que* você consegue lidar com tudo o que a vida te impõe e revidar com ainda mais força. Mas se algo acontecesse com você—” Takeshi interrompeu-se, seus músculos se contraindo antes de desviar o olhar.

Khalani se levantou, o coração batendo forte contra o peito como se fosse se libertar. O tremor em suas mãos traiu suas emoções ondulantes enquanto ela se

virava, espiando o corredor branco e vazio além da cela.

A lembrança de suas palavras anteriores ainda a assombrava, inflamando-a como uma ferida aberta.

Quando Takeshi lhe disse que as coisas tinham acabado entre eles, ela sentiu uma dor inexplicável. Quando ele brincou com os sentimentos dela na boate, fez com que ela parecesse a maior idiota sob a superfície.

Algumas feridas cicatrizam com o tempo. Mas a dela só piorou.

"Por que você sente a necessidade de me proteger, afinal?" Khalani respirou fundo, com a amargura impregnando sua língua. "Eu nem importo tanto assim para você."

“É isso que você pensa?”

“É o que eu sei.”

“Então você não estava prestando atenção.”

"Você não me deu muito mais em que me basear!" Ela se virou, encarando-o de volta. "Se bem me lembro, você ficou *muito* feliz em me dizer que tudo entre nós estava terminado. Você já se despediu mais vezes do que eu consigo contar. Mas quem estou enganando? Será que realmente existiu um 'nós' para começo de conversa?"

O caos dentro dela estava finalmente começando a se dissipar, e Takeshi a encarou, mil emoções passando por seu rosto.

Ele se levantou lentamente, invadindo o espaço dela.

Mas Khalani não se mexeu.

Ela levantou o queixo, recusando-se a recuar, apesar das espirais de eletricidade envolvendo sua espinha.

Takeshi deu mais um passo à frente, forçando-a a recuar lentamente até que seus ombros encostassem na parede. Mal os separava um centímetro, enquanto ele se elevava sobre ela.

“Eu sempre fui um bom mentiroso”, ele sussurrou.

Ela franziu as sobrancelhas. "Que diabos isso significa?"

"Significa que, não importa quantas vezes eu dissesse a mim mesmo que tínhamos terminado, eu sabia que nunca te esqueceria. Você é o tipo de pessoa especial que ninguém jamais esquece." Seus olhos negros como breu fitaram Khalani, exigindo que ela ouvisse.

"Eu tentei muito manter distância, mas meu controle se esvai a cada minuto. Quando você olha diretamente para mim, tudo o que eu quero é terminar o que começamos naquela noite na prisão e te fazer completamente minha. Então, deixe-me deixar uma coisa bem clara. Não importa o que aconteça entre nós. De agora até o dia em que eu sangrar até a morte, eu sempre vou te querer. Eu sempre vou te manter segura. Mesmo que você não fosse minha", ele cerrou os dentes, "eu ainda te protegeria. Só saiba que se alguém te cortasse com um simples pedaço de papel, eu acabaria com a existência dessa pessoa."

O peso da verdade dele a atingiu como um aríete, destruindo suas barreiras. Eviscerando todos os seus pensamentos e raciocínios.

A única coisa que restou foi uma faísca implacável percorrendo seus membros, fazendo-a sentir como se precisasse pular para fora de sua pele.

“Takeshi…”

"Não espero nada em troca, Khalani. Eu só... eu precisava que você soubesse

a verdade de uma vez." Ele não a encarou completamente, como se esperasse que ela finalmente fosse embora depois da sua proclamação.

Khalani nunca havia pisado num oceano.

Winnie contou a ela sobre eles algumas vezes na Prisão de Braderhelm.

Costumava haver grandes massas de água na superfície, estendendo-se até onde a vista alcançava.

Aparentemente, você poderia pular e abaixar a cabeça completamente, e as ondas tomariam conta.

Foi assim que me senti nesse momento.

Ondas poderosas quebrando contra ela, puxando-a cada vez mais fundo em direção ao desconhecido.

Ela prendeu a respiração e olhou fixamente nos olhos dele. *Olhou* - o de verdade.

E o que ela viu foi um homem imbuído de instintos violentos e cicatrizes enterradas. Que lutava por suas crenças. Que realmente ouvia — não apenas pensava no que queria dizer em seguida.

Ele incentivou os outros a perceberem seus pontos fortes, e por baixo da armadura de aço havia um coração pulsante que sangrava de paixão, fervor e amor.

Mas talvez essa última palavra não estivesse correta.

Talvez essa fosse a emoção gritando em *sua* pele, crescendo em intensidade desde que ela abriu o livro de poesia que Douglas lhe deu em Apollo.

Ela achava que o amor era o começo da sua história, mas histórias sempre têm um fim. Um ponto em que você vira a última página e ela te tira o fôlego.

Mas o amor não tem fim.

O amor perdura.

Ele caminha pela terra sem rosto, noção de tempo ou razão.

Simplesmente é. E simplesmente será.

Esse foi o pensamento que passou pela cabeça de Khalani quando ela fechou a distância e o beijou.

No começo, Takeshi não a beijou de volta.

Mas então, ele passou o braço em volta do pescoço de Khalani, prendendo-a a si e a beijou como se fosse sua última noite na Terra.

Os lábios dela se moviam contra os dele com igual abandono. Ela deslizou a língua em sua boca, e Takeshi gemeu, puxando-a para mais perto, deslizando a outra mão até a parte inferior das costas dela.

Ela colocou os braços em volta dos ombros largos dele e ficou na ponta dos pés, respirando seu cheiro inebriante, implorando para que o tempo parasse.

Com um movimento fluido, Takeshi a levantou do chão.

Ela instintivamente envolveu as pernas em volta dele, soltando um pequeno ruído quando ele deslizou a mão da nuca dela para a frente da garganta. Ele a apertou delicadamente, puxando a respiração dela para a sua enquanto lambia sua língua, segurando-a como se alguém tivesse que matar Takeshi para fazê-lo soltá-la.

Khalani estremeceu quando a ponta dos dentes dele roçou seu lábio, mas se recusou a deixar que nada nem ninguém estragasse aquele momento. Mas Takeshi recuou um centímetro, percebendo a pontada de dor que ela tentava

desesperadamente esconder.

"Eu te machuquei?", perguntou Takeshi, com a voz rouca e os lábios deliciosamente inchados. A emoção crua em seus olhos se misturava à fúria profunda que fervilhava logo abaixo da superfície.

"Estou bem. Só um arranhão", Khalani o tranquilizou.

Os olhos dele se suavizaram — *se suavizaram de verdade* — enquanto ele a fitava. Takeshi segurou o rosto dela com as mãos e beijou delicadamente suas bochechas, sua testa, seu nariz, o topo das pálpebras e seu maxilar.

Seus lábios eram um pedido de desculpas.

Não apenas pela dor que os outros causaram, mas pela dor que ele causou. Por todas as vezes que passaram brigando em vez de nos braços um do outro.

Mas ele hesitou e disse: “Khalani, antes de continuarmos, preciso te perguntar uma coisa.”

Os olhos dela se enrugaram quando ele a colocou no chão.

"O que?"

"Por que você me impediu de matar aqueles dois homens antes? É porque tem vergonha do meu passado? Das coisas que eu fiz?" Uma vulnerabilidade que ele normalmente não demonstrava se acumulou em seu olhar sombrio enquanto esperava pela resposta dela.

Ela considerou a pergunta dele, querendo desenterrar suas verdades com ele.

"Não tenho vergonha do seu passado, Takeshi", afirmou ela com firmeza. "Todos nós cometemos erros. Eu te impedi porque, por muito tempo, você deixou a feiura deste mundo te definir. Percebi que você passou tanto tempo cuidando dos outros que se esqueceu de como é ter alguém te protegendo. E pensei... talvez *eu* pudesse ser essa pessoa."

Os músculos de Khalani se contraíram, seu coração exposto em uma bandeja de prata.

Os olhos dela desviaram para o chão, mas Takeshi colocou o dedo sob o queixo dela e atraiu seu olhar para ele.

E cada lua e estrela no céu não poderia se comparar à beleza e ao poder que refletiam nela quando ele disse:

“Você já é.”

Ela se acalmou, a voz profunda dele reverberando em sua alma.

Eles não precisavam dizer essas três palavras.

Nenhuma frase jamais seria suficiente.

Seus lábios se encontraram ao mesmo tempo, e ela começou a abrir o zíper das costas do uniforme. Takeshi rosnou e agarrou seu pulso, interrompendo seu movimento.

"Khalani", ele expirou bruscamente, "se continuarmos, não vou conseguir me conter. Então, se você não quer que isso avance mais, me diga agora. Esta é sua única chance de dizer não."

Os olhos deles se encontraram no escuro, e a firmeza em seu tom profundo reverberou ao redor deles.

Se continuassem, tudo mudaria.

Ela odiava mudanças. Mudanças eram terrivelmente desconfortáveis, como uma coceira que não se alcançava.

Mas ela não queria passar a vida se perguntando sobre os "e se".

Ela levantou o queixo com determinação e terminou de abrir o zíper do uniforme.

Takeshi ficou tenso, imóvel, sem tirar o olhar do rosto dela nem uma vez.

O poder se concentrava nas pontas dos dedos dela.

Havia força na maneira como ela assumiu o controle do próprio corpo, na maneira como Takeshi a observava, como se nada pudesse desviar seu foco.

Ela deslizou o tecido pelas pernas e tirou as botas enquanto o uniforme caía no chão.

Khalani ficou completamente nua, com os braços pendurados ao lado do corpo, permitindo que Takeshi olhasse o quanto quisesse.

Ele olhou para ela como alguém olharia para uma pintura perdida há muito tempo.

Como Khalani quando contemplou a cidade de Gênesis pela primeira vez. Com total admiração e a certeza interior de que nunca mais seria a mesma depois daquela visão.

Ela sentiu o olhar dele percorrer seu corpo, lento e deliberado. Dos seios à cintura, passando pelas pontas dos pés, como se cada parte dela fosse digna de atenção e reverência.

Até mesmo as partes que outros ignorariam. Principalmente aquelas.

O silêncio se prolongou enquanto ele continuava a estudá-la, e ela engoliu em seco, com os nervos à flor da pele. Depois de um momento, Khalani colocou uma mão sobre a barriga e moveu a outra para cobrir o peito.

"Acho que não." O timbre profundo da voz dele causou arrepios nos braços dela.

Ele se aproximou, seu corpo ofuscando completamente o dela. Takeshi lançou-lhe um olhar penetrante, e ela recuperou a autoconfiança, deixando os braços caírem livremente novamente.

"Você é perfeita", ele sussurrou, mas Takeshi não estava olhando para o corpo dela. Ele a encarava diretamente nos olhos. Seu coração disparou, o calor no quarto era tão intenso que eles poderiam estar sob o sol escaldante e não notar a diferença.

Apesar de suas palavras anteriores, as mãos de Takeshi permaneceram tensas ao lado do corpo.

"Você não vai me tocar?" ela desafiou, com um tom brincalhão na voz.

“Estou apreciando a vista.”

“E o que você acha?”

“Acho que você é meu.”

Oh.

Meu.

Deus.

Seu coração disparou, e sua mente teve que se esforçar para formar uma frase coerente. "Muito presunçoso pensar que sou sua. E se eu estivesse de olho em outra pessoa aqui embaixo?"

O brilho nos olhos dele se iluminou. Brigar era a forma peculiar e distorcida de preliminares deles, e ele adorava isso tanto quanto ela.

"É mesmo?" A palma da mão dele roçou a cintura dela. "Qual é o nome deles?"

"Por que você quer saber?" Ela lutou para manter a calma enquanto o dedo dele roçava em seu seio, beliscando-o levemente, deixando-a em chamas.

"Para que eu possa matá-lo amanhã", disse ele, com naturalidade.

"Você é desequilibrado." Ela riu.

“Agora você está entendendo.”

O sorriso malicioso de Takeshi se alargou, e ela ficou mais uma vez impressionada com sua beleza crua. Sem dizer mais nada, ele agarrou um punhado de cabelo dela, curvou-a para trás e envolveu seu mamilo com a boca.

Um suspiro escapou de seus lábios quando ele a mordeu suavemente, as vibrações de seus gemidos enviando correntes elétricas por todo o corpo dela. Takeshi a puxou de volta, devorando sua boca novamente. Eles se beijaram como pessoas famintas. Como se não precisassem de ar, já que eram o oxigênio um do outro.

Com os lábios pressionados contra os dele, Khalani estendeu a mão em volta do pescoço dele e começou a abrir o zíper do uniforme, precisando senti-lo por inteiro. Takeshi rapidamente abriu o zíper, puxando-o para baixo e jogando-o bruscamente pela cela.

As mãos dela percorreram o peito nu dele, sentindo seu coração batendo como um tambor.

Vê-lo em ação era uma coisa. Sentir os músculos dele tensos sob a ponta dos dedos era completamente diferente.

Mordendo o lábio, ela deixou as mãos deslizarem mais para baixo. Quando seus dedos roçaram seu membro rígido, Takeshi respirou fundo.

Ela sorriu, a ideia de que ele iria se desfazer por causa dela a fez se sentir ainda mais poderosa.

Khalani queria muito mais do que tocá-lo. Queria fazê-lo perder o controle e gravar aquele momento em suas veias para a eternidade.

Assim como seria para ela.

Khalani se ajoelhou, mas ele a puxou de volta.

“Takeshi, o quê—”

Ela deu um gritinho quando Takeshi a girou, de modo que suas costas ficassem rentes ao peito dele. Um braço a envolveu, abanando a pele logo abaixo dos seios, e o outro mergulhou entre suas pernas.

"Se você acha que vou gozar antes de você, pense novamente."

Ela engoliu em seco, sua cabeça caindo para trás contra o ombro dele enquanto o polegar dele a movia, enquanto um dedo deslizava para dentro dela.

Seus movimentos se aceleraram, e Khalani sentiu como se estivesse atravessando um pico selvagem. Escalando o topo da montanha mais alta. Cada investida contra Takeshi acendia um fogo derretido dentro dela, o calor se intensificando a cada estocada.

Alfinetadas entraram em sua visão. Ela não sabia o que estava acontecendo. Nunca havia sentido aquela adrenalina com nenhum outro parceiro.

Quando ela estendeu a mão para trás, ele gemeu em seu ouvido enquanto ela o traçava de cima a baixo, acompanhando seu ritmo. O coração dele batia forte contra as costas dela, uma batida primitiva enquanto eles lentamente se separavam.

O polegar dele se moveu enquanto ele introduzia outro dedo nela, e ela teve

que reprimir o gemido que oscilava na borda de seus lábios. Cada movimento, cada movimento, provocava faíscas que percorriam seu corpo, queimando mais intensamente a cada momento.

"É isso aí, linda. Me solta", ele ordenou, tão sem fôlego quanto ela, e com outro roçar de polegar, os músculos do seu núcleo começaram a convulsionar.

Seu corpo parecia estar em chamas. Como se ela estivesse queimando de dentro para fora.

A euforia correu por suas veias enquanto sua mão continuava acariciando-o, todo o seu corpo ficando tenso antes que ele se separasse dela.

Takeshi xingou e agarrou a mão dela, movendo-se para cima e para baixo com ela.

Isso foi ainda mais quente.

Ela se inclinou contra ele, seu corpo tremendo como se seus membros fossem feitos de líquido derretido, ainda se recuperando da poderosa euforia.

"Meu Deus", ela murmurou, sem fôlego.

"Não. Só eu." Ele a puxou com força contra si e deslizou pela parede. Ela sentiu cada subida e descida do peito dele enquanto ele a deitava no chão e a abraçava. Sua cabeça repousava no antebraço dele, enquanto o outro braço dele a envolvia pela cintura.

Era um gesto possessivo. Protetor. Como um animal guardando seu tesouro.

Se alguém lhe tivesse dito na Prisão de Braderhelm que Takeshi a manteria presa daquele jeito, ela teria rido e descartado a ideia imediatamente. Nem se o inferno congelasse, ela teria acreditado.

Mas a vida tem um jeito de lhe presentear com as coisas mais inesperadas quando você não presta atenção.

Khalani arqueou as costas levemente e mexeu os quadris, sentindo-o endurecer contra ela mais uma vez.

“Pare com isso”, ele disse em seu ouvido.

"Parar o quê?" Ela se mexeu um pouco, e ele agarrou sua cintura, apertando os dedos em advertência.

"Khalani, preciso que você pare agora mesmo. Quando eu fizer amor com você pela primeira vez, não será nesta cela fria. Mas se você continuar mexendo os quadris assim, não vou mais me importar. Então, *se comporte , porra* ." Ele mordeu a orelha dela.

Parecia um plano razoável para ela.

"E se eu dissesse por favorzinho?", ela perguntou em voz baixa.

"Você vai ser a minha morte, Kanes. Vai dormir."

Ela sorriu, mas obedeceu, por enquanto. Depois do alívio alucinante que ele lhe dera, seu corpo estava completamente exausto. E eles precisavam de toda a sua força e energia para o que aconteceria pela manhã.

Amanhã, eles escapariam e seriam livres. Juntos.

Takeshi a aconchegou mais perto, afugentando seus pesadelos. E pela primeira vez em muito tempo, ela encontrou um futuro brilhante nas sombras de um mundo sombrio.

28

De longe, eles riem. Mas, se você se aproximar, perceberá que eles estavam sempre gritando.

O corpo de Khalani estava envolto em algo quente. Firme.

Suas pálpebras se recusaram a abrir, e ela se aninhou mais perto do calor escaldante que a envolvia como um escudo. Soltou um suspiro pesado e satisfeito e mergulhou em um sono profundo e tranquilo.

Linhas brilhantes dançavam ao seu redor em um sonho agradável. Ela caminhava sobre a superfície, o sol magnífico a cobria com seus raios.

Takeshi caminhou ao lado dela, cutucando seu braço. Ela se virou para ele com uma risadinha, e ele murmurou algo ininteligível.

"O quê?" ela perguntou, sorrindo.

“Acorde”, ele disse.

A testa dela se franziu e ele repetiu em voz alta: "Acorde".

Ela se sentou, ofegante, percebendo que não era o sol brilhando sobre ela, mas a luz forte e brilhante do quartel que estava acendendo.

Khalani instintivamente se moveu para cobrir o peito, apenas para perceber que já estava de uniforme. Ela recuou, confusa, mas então se lembrou de Takeshi gentilmente acordando-a no meio da noite para colocá-lo.

"Para que ninguém perca um olho amanhã", ele sussurrou conspiratoriamente.

Esfregando o rosto, ela bocejou enquanto Takeshi se sentava ao seu lado. Pela primeira vez, ele finalmente parecia ter dormido a noite toda. Mas sua expressão era fria e calculista enquanto se levantava, o Capitão volátil pronto para enfrentar o mundo.

"Você está bem?" ele perguntou.

"Cansada." Ela esticou os braços sobre a cabeça, resistindo à vontade de afundar novamente no chão.

"E você queria que eu te mantivesse acordada a noite toda." Um sorriso irônico surgiu nos lábios dele, e o coração dela disparou.

"Como se você tivesse durado tanto tempo", ela brincou, levantando-se.

"Ah, Kanes." Takeshi soltou uma risada sombria. "Mal posso esperar para te fazer engasgar com essas palavras."

Uma imagem selvagem surgiu em sua mente.

Takeshi inclinou a cabeça, com os olhos cheios de alegria, como se soubesse *exatamente* o que ela estava pensando.

A porta da cela se abriu, e os prisioneiros começaram a passar pelo espaço infernal em direção à inspeção.

Suas bochechas ficaram vermelhas quando Takeshi se afastou, estendendo a mão para ela passar com um sorriso travesso.

Ela alisou as rugas do uniforme, colocou os fios de cabelo rebeldes atrás das orelhas e estalou o pescoço de um lado para o outro, tentando ignorar as palavras

perigosamente tentadoras de Takeshi que sussurravam em seu ouvido, como um minivilão empoleirado em seu ombro.

Ela sentiu o calor emanando dele enquanto ele a seguia de perto. Se dependesse de Khalani, ela o agarraria pelo braço, voltaria direto para a cela e terminaria o que começaram na noite anterior, sem se importar com as consequências.

Mais um dia e ela conseguiria.

Eles se posicionaram na fila, e os segundos pareceram horas enquanto os guardas examinavam os prisioneiros. Ela batia na lateral da perna sem parar, os olhos percorrendo tudo ao redor.

Quando o alarme tocou, seu corpo enrijeceu.

O Dr. Strauss entrou rapidamente no local, e todos se ajoelharam, mantendo os olhos fixos no chão.

“Como vocês estão hoje?”, perguntou o Dr. Strauss, anormalmente alegre.

Ninguém ousou responder enquanto ele caminhava pelas longas filas de prisioneiros, verificando sua prancheta.

Quanto mais rápido isso acontecesse, mais rápido eles chegariam em casa.

Lar .

Onde estava a família dela. Winnie. Serene. Derek. Adan.

Ela olhou para Takeshi, seu coração se expandindo, perfurando o ambiente escuro ao seu redor.

As botas do Dr. Strauss se aproximaram, e ela voltou seu olhar errante para o chão, esperando que ele escolhesse o próximo prisioneiro infeliz a ser levado para o desconhecido.

"Interessante", murmurou ele logo atrás do ombro dela. Ela se encolheu, sentindo o calor do olhar dele queimar sua nuca.

Continue andando. Continue andando.

“Vamos com você hoje.”

Khalani não sabia a quem ele se dirigia. Levantou a cabeça e viu outros prisioneiros a espiando, com os olhos brilhando de medo, pena e um vislumbre de alívio.

De repente, dois guardas estavam ao seu lado, levantando-a agressivamente pelas axilas. Ela gritou, chutando e revidando com todas as suas forças, mas eles apenas a levantaram do chão como se fosse um brinquedo.

"NÃO!"

Um rugido estrondoso irrompeu atrás dela.

Parecia que socos estavam sendo trocados, e alguns guardas gritaram, o medo impregnando suas vozes antes do zumbido das algemas de choque serem ativadas.

A voz de Takeshi continuou ecoando em agonia e fúria. Ela tentou virar a cabeça, mas os Traficantes a arrastaram à força, com os passos do Dr. Strauss seguindo-a de perto.

O pânico a invadiu enquanto atravessavam a caverna em direção ao prédio escuro. Portas de vidro deslizantes que ela nunca havia notado antes se abriram, e ela foi puxada para dentro da estrutura escura.

Ela lutou implacavelmente contra seus captores enquanto eles a arrastavam para o que parecia ser uma... área de recepção.

Uma jovem de terninho branco estava sentada atrás de uma grande mesa de mármore. Seu cabelo loiro estava preso em um coque alto, e seu olhar estreito pousou em Khalani, com os lábios franzidos em desgosto.

Mas quando a Dra. Strauss entrou, ela se levantou imediatamente, com um largo sorriso estampado no rosto.

“Bom dia, Dr. Strauss.”

"Bom dia, Rebecca. Vai ser um bom dia hoje. Eu sinto isso." O Dr. Strauss passou por ela sem olhar.

Rebecca corou, observando-o sair e ajeitando a roupa. Assim que ele saiu, ela se sentou, sorrindo baixinho para si mesma. Khalani quase engasgou quando os guardas seguiram o Dr. Strauss, carregando-a pelas portas duplas.

Seus olhos se arregalaram quando eles entraram em um laboratório.

As luzes estavam baixas e várias macas vazias estavam alinhadas em fileiras organizadas. Mas o que realmente atraiu seu olhar foram as várias cápsulas de vidro ao longo da parede, cheias de um líquido azul borbulhante.

Quando ela olhou mais de perto para um dos tubos, ela gritou, tentando freneticamente voltar, mas os guardas a seguraram firmemente.

Flutuando em cada tubo estavam os prisioneiros escolhidos em inspeções anteriores.

Os olhos de Khalani se fixaram na prisioneira selecionada ontem. Seus braços flutuavam frouxos ao lado do corpo, os cabelos castanhos espalhados atrás dela. Os olhos da garota estavam completamente fechados, e um fino tubo de plástico fora inserido em seu nariz e boca.

Ela estava viva?

O olhar de Khalani se voltou para os outros tubos de vidro cheios de prisioneiros, nenhum dos quais parecia consciente.

"Q-que diabos é esse lugar?" ela gaguejou, o medo enchendo seus pulmões enquanto os guardas a forçavam para dentro do laboratório.

O Dr. Strauss a ignorou e caminhou em direção a outro homem na sala, que usava um jaleco branco semelhante. Ele era mais jovem, tinha cabelos loiros curtos e seus olhos penetrantes examinavam uma tela em frente à cápsula.

“Como estamos hoje, Seth?”

Seth ergueu a cabeça e olhou para o velho prisioneiro flutuando no líquido. "Um, um, cinco, zero, não sobreviveu à noite."

O Dr. Strauss estalou a língua e estudou a tela ele mesmo.

"Droga. Isso continua provando que a idade é um fator limitante. Algo que precisamos consertar." Ele bateu no queixo, imerso em pensamentos. "Esvazie-o e acidifique os restos mortais. E os outros indivíduos?"

"Os indivíduos permanecem estáveis", afirmou Seth, voltando o olhar para a jovem que foi levada ontem. "Um um quatro cinco continua apresentando atividade de ondas hiper beta após a sessão preliminar. A estabilização da frequência de banda é improvável neste momento. Podemos precisar descartar."

“Hmm.” O Dr. Strauss estudou outro gráfico, seu olhar calculista fixo na tela.

Os Dealers a seguravam firmemente pelos braços enquanto esperavam no centro da sala. Por quê, ela não sabia ao certo. Mas a cada troca de olhares entre os dois médicos, o suor em sua testa aumentava e seus joelhos fraquejavam.

"Vamos esperar mais um dia. Se não houver melhora no prontuário dela,

encerraremos o estudo com a paciente", disse o Dr. Strauss sem remorso.

"Sim, senhor." Seth assentiu, olhando para Khalani pela primeira vez. Ela recuou diante do vazio no olhar dele, mas tudo o que encontrou foram os braços fortes dos Traficantes que a seguravam.

Ela estava completamente e totalmente presa.

O Dr. Strauss finalmente se virou para ela, com uma expressão fria e desprovida de compaixão. "Coloque-a na maca ali."

Ela se debateu e lutou como um demônio libertado do inferno. Cravou as unhas nos braços deles, tentando de tudo para se libertar, mas Khalani não era páreo para a força bruta deles. Os traficantes finalmente a colocaram na maca e colocaram correias sobre seu corpo.

Quando ela conseguiu chutar um deles no rosto enquanto amarravam sua coxa, o Traficante rosnou, retaliando com um soco forte em seu estômago. Ela respirou fundo, engasgada, seu abdômen gritando de dor enquanto os guardas aproveitavam e terminavam de prender as correias em volta dela.

Khalani não conseguia se mexer. Mal conseguia se concentrar. Sua pressão arterial despencou quando ouviu a única saída batendo e se fechando, prendendo-a com dois cientistas malucos.

O Dr. Strauss inclinou-se sobre ela, encarando Khalani com uma expressão estranha. Um brilho de excitação brilhou em seus olhos, como se aquela fosse sua parte favorita do dia.

“Você é bonita”, ele comentou.

Khalani cuspiu em seu rosto, com os olhos ardendo de vitríolo.

O Dr. Strauss não reagiu com raiva como ela esperava. Ele apenas sorriu, limpando a saliva do queixo e espalhando-a no tecido que cobria as costelas dela.

“A atitude é ótima para os efeitos posteriores. Você também parece ter uma forte vontade de viver. Isso é bom. Deve ajudar na próxima fase.”

Suas sobrancelhas franziram quando o Dr. Strauss saiu do seu campo de visão. Ela tentou levantar a cabeça, mas a faixa preta em volta da testa a mantinha presa.

Ela sentia o olhar assustador de Seth sobre si, a expectativa pairava no ar. Movendo as mãos, tentou esticar os dedos em direção à trava da alça, mas o Dr. Strauss reapareceu, rolando uma bandeja de metal ao seu lado.

"Bem, não posso dizer que isso será agradável", começou ele, organizando vários instrumentos na bandeja. "Mas se você simplesmente aceitar, será muito mais fácil para você."

Os olhos de Khalani se arregalaram diante das facas afiadas brilhando ameaçadoramente na bandeja. Uma cãibra se formou em seu pescoço, e ela mal conseguia respirar.

Respire. *Apenas respire* , ela disse a si mesma.

O que ela precisava fazer era impedi-lo o máximo de tempo possível.

Se ela mantivesse o Dr. Strauss falando, talvez os Aces pudessem salvá-la a tempo.

"O que você vai fazer comigo? Qual o sentido da sua pesquisa?", ela perguntou freneticamente.

Os olhos do Dr. Strauss brilharam quando ele se virou para ela. "Que bom que

você está interessada. A maioria só grita, sem entender o presente que estou prestes a dar. Seth, pegue o chip."

"Você está contando o assunto?" Seth perguntou em choque.

"Talvez descobrir o propósito deles tenha um impacto positivo nos dados do estudo. Estudaremos os efeitos. Se não funcionar, o sujeito será eliminado. Agarre-o." Sua voz endureceu quando não foi obedecido imediatamente.

Seth se afastou sem dizer uma palavra e retornou logo em seguida, entregando algo à Dra. Strauss. A Dra. Strauss sorriu e segurou o objeto diante do rosto.

Era um pequeno chip verde, semelhante à miniplaca de circuito que ela vira quando criança. Na escola, os professores mostravam fotos de computadores antigos, querendo ensinar aos jovens como os humanos eram obcecados pela tecnologia e como somente por meio de nossa confiança no Governador de Apollo eles poderiam alcançar paz e ordem.

"Este é um dispositivo muito especial", explicou o Dr. Strauss, segurando o chip firmemente. "É um chip transmissor. O objetivo é assumir certas funções, como um sistema de sobreposição. É *isso* que vamos inserir no seu cérebro."

Sua boca se abriu e todo o sangue sumiu de seu rosto.

Inserindo… em seu cérebro.

A simples ideia era mais invasiva e aterrorizante do que qualquer coisa que seus piores pesadelos poderiam ter evocado.

Continue falando com ele!

Continue falando com ele!

"P...p-por quê?" Sua respiração era superficial, e essa foi a única palavra que ela conseguiu formular.

O Dr. Strauss suspirou, aparentemente descontente com a resposta pouco entusiasmada dela.

Em suma, os humanos têm um talento especial para se rebelar contra a autoridade. Se deixados por conta própria, provocaremos destruição em cada esquina. A história nunca mente. E também não falha em se repetir. Para pôr fim a isso, precisamos de uma mão firme que nos guie para um futuro melhor. E, assim que isso der certo, distribuiremos esses chips para as outras cidades subterrâneas, começando por Apollo.

O peito dela arfou quando as palavras dele foram assimiladas.

Eles estavam implantando chips nas cabeças das pessoas para transformá-las em marionetes irracionais.

Ela lambeu os lábios, a boca subitamente seca enquanto imagens do Governador passavam por sua cabeça. Alexander Huxley era uma máquina que controlava suas vidas sem que ninguém soubesse.

Isso poderia estar conectado?

"Você mencionou humanos." Ela engoliu em seco. "Isso inclui você?"

Pela primeira vez, o Dr. Strauss franziu a testa, quase como se não conseguisse entender o que ela disse. "Eu... sim. Claro que isso me incluiria. Por que n-não incluiria?" Ele olhou para baixo, pensativo, e seu pescoço se contraiu momentaneamente.

"O senhor está bem?" Seth deu um passo à frente.

O Dr. Strauss balançou a cabeça e se endireitou. "Sim. Claro, estou bem.

Agora, onde estávamos? Ah, sim! Onde você entra em cena." Ele devolveu a ficha para Seth e sua expressão voltou a ser de alegria, como se os últimos segundos nem tivessem acontecido.

O Dr. Strauss calçou luvas elásticas azuis. "Aprendemos que, para que seu cérebro aceite a mudança, certas áreas precisam ser afetadas — principalmente o lobo temporal e o sistema límbico. Infelizmente, um certo nível de dor é necessário para esse tipo de degradação. Receio que seja inevitável. Mas agora que você entende o grande propósito que servirá para melhorar nossa comunidade, tenho certeza de que aceitará isso de braços abertos."

Ele pegou um bisturi longo da bandeja e começou a cortar o uniforme branco dela, revelando sua coxa nua.

"Eu não aceito nada! Você é louco pra caralho!" Ela empurrou as amarras com toda a força, mas elas não se moveram.

O Dr. Strauss franziu a testa, mas abaixou a lâmina afiada em direção à pele dela.

"Não! Não! Por favor, não!"

O Dr. Strauss fez uma pausa e lhe lançou um sorriso caloroso. "Um dia você vai me agradecer por isso."

Então ele pressionou a lâmina fria na perna dela e começou a cortar.

Ela gritou e se debateu contra as amarras, com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto sua voz embargava e falhava em agonia, implorando para que ele parasse, implorando para que alguém a salvasse.

Mas ninguém respondeu, e seus gritos de terror permaneceram nos cantos escuros do quarto.

Ela gritou até que sua voz ficou rouca e a escuridão invadiu sua visão. Segundos depois, seus olhos se fecharam, concedendo-lhe uma fuga misericordiosa da dor.

Se havia uma oração que Khalani precisava ser atendida... era a de nunca acordar.

29

A ruína não espera por ninguém.

Takeshi

Eles a pegaram.

Khalani.

Kanes.

Sua razão .

Quando Khalani foi levado para longe dele, um manto de sombras cobriu a visão de Takeshi, sua fúria atingindo níveis que poucos viveram para testemunhar.

A dor elétrica que atravessava seu corpo era como fios derretidos apertando sua espinha. Mesmo assim, foi necessária a mais alta voltagem possível para deixá-lo inconsciente e impedir Takeshi de assassinar até o último Traficante sob a superfície.

Quando Takeshi finalmente acordou, suas duas mãos estavam acorrentadas em uma barra de metal na caverna aberta.

Um traficante o observava de perto, gritando ordens para que permanecesse sentado com as pernas esticadas. A mão do guarda agarrou sua arma com força, segurando-a com unhas e dentes.

Como se isso fosse salvá-lo.

No momento em que Takeshi estivesse livre dessas correntes, ele correria para o prédio preto e estriparia qualquer guarda em seu caminho.

Em outra parte de sua mente, ele refletia sobre várias técnicas de tortura.

Os Dealers simplesmente morreriam por seu envolvimento. Mas o Dr. Strauss receberia uma versão especial do inferno, tão dolorosa que banhar-se em fogo seria considerado um alívio.

Seu olhar se voltou novamente para o prédio para onde ela fora levada, e ele discretamente puxou as correntes, procurando um ponto fraco. Seus ombros estavam tensos, mas a dor era insignificante.

Tudo o que importava para ele foi tirado.

Antes de Khalani, Takeshi se resignara a uma vida sem amor. Seu tormento, arrependimento e fúria não aproveitados eram canalizados para trancar criminosos atrás das grades a cada noite escura.

Mas então, uma garota solitária, cuja cabeça mal alcançava o peito dele, entrou na prisão.

A princípio, ele a descartou como um incômodo insignificante, não diferente dos inúmeros outros prisioneiros em Braderhelm.

A figura frágil diante dele parecia pronta para se despedaçar sob o peso de uma única respiração, e ele duvidava que ela sobreviveria uma semana na Prisão de Braderhelm.

Mas quando Khalani não estava olhando, sua atenção inconscientemente se voltou para ela. Havia algo em sua expressão que o pegou desprevenido.

Talvez fosse a solidão em seu olhar. A tensão que nunca abandonava seus ombros. Ou seu coração ingênuo e bondoso que se destacava em meio a um mar de criminosos, fazendo-o resistir continuamente à vontade de sacudi-la.

O que ele não percebeu foi que uma tenacidade feroz residia naquele pequeno corpo. Apesar das constantes lutas, dificuldades e desafios que enfrentou, Khalani superou cada um deles com uma resiliência que rivalizava com a dos criminosos mais violentos.

Quando ela pediu que ele a treinasse, os músculos de Takeshi travaram, e ele lutou contra a vontade de jogar fora as chaves da cela dela por ter sugerido uma ideia tão terrível.

Para ela. Para ele.

Com a maneira como sua mente continuava se voltando para ela, ele não confiava em si mesmo para estar tão perto sem barras de aço os separando.

Mas uma parte perigosa dele ansiava por ver até onde ele conseguiria levá-la, ansiando por encontrar seu ponto de ruptura.

Então, ele concordou.

A cada sessão de treino, a atração por ela se tornava mais difícil de resistir. O short apertado que apertava suas pernas era um teste de concentração. A alegria em seus olhos ao concluir uma tarefa desafiava sua própria determinação. Ele pressionava Khalani como se pressionava, até os limites máximos.

De repente, Takeshi encontrou um novo propósito na prisão.

Khalani Kanes foi isso.

Ele nunca lhe disse isso, mas os treinamentos com ela eram o ponto alto do seu dia, do seu ano. Em um mundo tão envolto em escuridão, ela era um raio de luz que se tornava mais brilhante a cada dia.

Pela primeira vez, ele fechou os olhos à noite e ansiou pela hora de acordar.

Mas quando ele viu Khalani no chão durante o ataque do Guarda Barron, uma raiva sem igual percorreu seus membros trêmulos.

Alguém ousou machucá-la. A prisioneira que lhe trouxe paz. A garota destruída cujo mundo inteiro foi destruído, mas que continuou lutando para ser uma versão melhor de si mesma.

Takeshi perdeu completamente o controle e matou o Guarda Barron sem um pingo de arrependimento.

Quando ele ergueu Khalani em seus braços, ela se encaixou perfeitamente em seu peito. Takeshi a encarou, e tão certo quanto a noite que se aproximava, um voto não dito ressoou profundamente dentro dele.

Ninguém lhe faria mal e viveria.

Ele carregou Khalani para o quarto, sem se importar com as regras ou consequências. Tudo o que importava era estar deitado na cama. Sentindo dor.

Apesar disso, era ela quem tentava acalmá -*lo* , que ainda pensava nos outros em vez de si mesma. Seus pulmões doíam de vontade de gritar com ela, mas seus lábios imploravam para roçar sua pele macia, para extinguir qualquer

vestígio de dor.

O controle de Takeshi estava no auge quando ela estava deitada ao lado dele na cama e o dedo dele roçou o dela. A mão dele se contraiu, querendo se entrelaçar com a dela.

Não, ele queria fazer muito mais.

Mas ela adormeceu, exalando suavidade, enquanto ele inalava sua paz.

Quando Takeshi acordou, olhou para o rosto adorável e adormecido dela, e uma sensação estranha apertou seu peito. Atingiu direto seu coração, obrigando Takeshi a estender a mão.

Para lhe dizer a verdade...mas ele se afastou.

A realidade o atingiu como uma porta de aço batendo em seu rosto.

Nada mudaria suas posições. Ela ainda era uma prisioneira, e ele era o Capitão que trancava suas grades. Não existia nenhuma realidade onde pudessem ficar juntos. Tais fantasias eram ilusórias.

Então, ele a empurrou para longe.

E todos os dias arranhava sua pele de dentro para fora.

Sua mente gritava sem parar, incitando-o a estender a mão, a consertar tudo, a voltar a ser como antes. Por um fio de controle, Takeshi manteve distância, lembrando-se de que era para o bem dela.

Quando ela derrotou Dana no ringue, ele não se sentiu apenas orgulhoso — ele sempre se orgulhou dela — mas quando ela finalmente percebeu sua própria força, foi como se o sol rompesse o subterrâneo e brilhasse sobre ela.

Khalani sempre foi bonita, mesmo coberta de sujeira e fuligem, mas testemunhar sua determinação e espírito implacável fez seu coração se agitar, algo que não acontecia há anos.

Ela lançou um feitiço sobre ele, atraindo-o mais a cada dia que passava, e Takeshi não teve escolha a não ser pedir para treiná-la novamente.

Só mais uma última vez , disse a si mesmo.

Seria isso.

Mas então ela abriu sua alma para ele, e nenhuma força sob a superfície poderia impedi-lo de beijá-la.

Era uma vez um penhasco em Apollo de onde Takeshi costumava pular quando criança. Não era muito alto, mas todas as crianças locais colocavam colchões embaixo da área de salto e pulavam, uma após a outra.

Sua mãe só o viu fazer isso uma vez antes de correr, agarrar seu braço e puxá-lo de volta para dentro, gritando com ele por tê-la assustado até a morte. Mas naquele único momento de queda livre, ele estava sem peso, e nada importava no mundo além do ar fluindo sobre seu corpo.

Foi assim que beijar Khalani foi.

Ele queria mergulhar na pele dela e memorizar cada sarda, protuberância e imperfeição — tudo o que tornava Khalani única — porque cada centímetro quadrado era uma obra-prima.

No cassino, ele chegou muito perto de deixar Raziel inconsciente, arruinando a missão deles e levando-a embora para que ninguém mais pudesse vê-la naquele maldito vestido.

Raziel lembrou Takeshi de desempenhar seu papel corretamente.

Mas ele não estava fingindo.

Cada toque e momento com ela o deixava hiperconsciente de seu corpo.

Nada mais ocupava espaço em sua mente. Nada mais importava.

E esse era o problema.

Takeshi não era falante nem carinhoso. Preferia passar o tempo estudando os pontos fracos de todos.

Ele nunca mencionou a sensação sinistra que sentia dentro de si. A necessidade incômoda de destruição que o acompanhava desde que se formou no treinamento em Gênesis.

Takeshi escondeu bem esses pensamentos voláteis. Mas esse lado dele havia crescido em intensidade desde que ele arrancou a cabeça do Governador.

Mas quando Takeshi estava com ela, ele queria ser o oposto.

Ele ansiava por dar a ela, a linda garota que vivia na escuridão, a mesma paz que ela lhe dera desinteressadamente.

Khalani aceitou Takeshi como ele era, não como ela queria que ele fosse.

Então, ele terminou.

Chega de negá-la. Chega de lutar contra essa atração inexplicável entre eles.

Seus olhos se fecharam quando a palavra certa finalmente surgiu: Amor.

Ele a amava.

Amava-a com cada fibra do seu ser.

Amava-a como as estrelas amam o céu noturno.

E quando a liberdade fosse deles, ele passaria cada momento provando isso.

O negociante continuou a observá-lo com olhos tensos enquanto Takeshi puxava discretamente as correntes.

Quando os prisioneiros terminaram o turno da manhã, entraram na caverna para comer. O chefe dos traficantes se aproximou, com a mão pálida apoiada na coronha do rifle, as estrelas em seu uniforme preto brilhando sob a luz branca e forte.

“Você finalmente se acalmou, ou precisamos te dar outro choque?”

Takeshi cerrou os dentes, lutando contra a vontade de cuspir na direção do guarda. Mas manteve o controle, pensando apenas em uma pessoa.

"Você não terá problemas comigo." Mentiras. Eles enfrentariam muitos problemas com ele em breve, mas ele precisava esperar o momento certo e a oportunidade perfeita.

“Bom.” O Dealer deu um passo à frente e destrancou as correntes de Takeshi.

Ele se levantou, esticou os ombros tensos e captou o olhar atento de Jack do outro lado da caverna.

Jack inclinou a cabeça, um sinal.

Um arrepio percorreu o corpo de Takeshi enquanto ele caminhava, constantemente girando a cabeça em direção ao prédio preto.

A parte lógica dele repetia o mesmo lembrete. Por mais que quisesse, não podia simplesmente atravessar a caverna a toda velocidade e arrombar a porta. Os Traficantes simplesmente o eletrocutariam novamente.

Mas quem sabia que horrores eles estavam infligindo a ela naquele momento?

Como ela deve estar assustada.

"Ei", Ryder estalou os dedos enquanto se sentava com eles. "Eu sei o que você está pensando, mas você tem mais chance de salvá-la quando os Ases chegarem."

"E quando será isso exatamente?" ele fervia.

Jack respirou fundo e massageou a ponta do nariz. "Não sei."

A tigela de comida que lhe deram quase quebrou em suas mãos.

"Me diga o que devemos fazer de novo quando o seu grupo chegar?", perguntou Elise, com o corpo todo tenso. Ela também olhava para o prédio preto, a preocupação por Khalani evidente em seus olhos.

Ela poderia viver.

"Já informei alguns dos outros prisioneiros aqui em quem confio. Assim que os Ases chegarem, a maioria dos Negociadores irá para o túnel principal. Isso deve deixar apenas alguns guardas de olho nos prisioneiros, e eles não podem dar choques em todos de uma vez. É aí que atacamos. Nós os subjugamos, desativamos as algemas, pegamos suas armas e ajudamos os Ases a lutar", declarou Jack, com a voz mais firme a cada palavra.

"E aqueles que não conseguem lutar?" O olhar de Elise se fixou em seu estranho pai, que não parava de resmungar sobre seu anel.

"Eles deveriam ficar bem longe da gente." Ryder estalou os nós dos dedos enquanto olhava para os guardas.

Takeshi sentou-se calmamente, mas sua mente estava longe de ser isso. Ele examinou cada Negociador, estudando suas vulnerabilidades, procurando qualquer maneira de explorá-las da maneira mais dolorosa possível. Uma pressão insuportável percorreu sua espinha enquanto seu foco se concentrava no prédio do outro lado da caverna.

Takeshi acreditava que não beijar Khalani era o teste máximo de paciência. Risível. Ele passaria mil vidas sem tocá-la se isso significasse que ela estaria livre do tormento.

"O importante é que todos nós ataquemos os guardas ao mesmo tempo", continuou Jack. "Se não fizermos isso direito, todos nós..."

Um estrondo baixo ecoou por toda a caverna.

Todos viraram a cabeça em direção ao túnel do outro lado do campo. A única saída da prisão.

Um carrinho de mina vazio passou correndo pelos guardas nos trilhos de metal esburacados e parou no centro da caverna.

Os traficantes brandiram suas armas, suas expressões confusas se tornando letais. Alguns guardas corajosos se aproximaram lentamente da carroça, com as rugas em suas testas se aprofundando.

Takeshi estava junto com os outros prisioneiros. Todos arquearam o pescoço, tentando ver melhor. Jack acenou para ele, que silenciosamente se moveu em direção aos guardas restantes, enquanto a atenção deles estava concentrada na carroça.

"O que foi?", gritou o chefe dos traficantes quando um dos guardas maiores espiou lá dentro. Todos prenderam a respiração quando ele enfiou a mão lá dentro e pegou um ursinho de pelúcia gigante.

"É só um brinquedo de pelúcia", ele gritou de volta, segurando-o.

O Dealer imediatamente ficou rígido, levantando a mão em câmera lenta. "ESPERE—"

ESTRONDO.

O ursinho de pelúcia explodiu.

O homem que o segurava se desintegrou em uma névoa rosa.

A força da explosão jogou Takeshi contra a parede de pedra. Seus ouvidos emitiram um som agudo e poeira se espalhou pelo ar.

Takeshi sentiu gosto de sangue na boca e grunhiu enquanto se levantava lentamente. Esfregou os ouvidos zumbindo, desorientado enquanto gritos horríveis se amplificavam ao seu redor.

Quando a poeira começou a baixar, seus olhos percorreram os vários prisioneiros e os traficantes inconscientes no chão. Ryder ajudava Jack, que cambaleava, a se levantar.

O peito de Takeshi apertou ao ver Elise sacudindo o pai no chão. Sua perna e braço estavam dobrados em um ângulo estranho, claramente quebrados, enquanto ele murmurava no ouvido de Elise, tentando levantar a mão em sua direção. Lágrimas escorriam por seu rosto pálido enquanto ela tentava fazê-lo se mexer.

Takeshi se virou. Ele reconhecia uma ferida mortal quando via uma.

"São os rebeldes!" gritou o chefe dos traficantes, com sangue escorrendo da cabeça até a bochecha pálida.

Através da caverna empoeirada, mais de uma dúzia de homens apareceram, revólveres em punho. Takeshi reconheceu Spade à frente, liderando o ataque. Ele havia trocado seu terno impecável por calças de couro pretas e uma capa preta. Gritou ordens para seus homens enquanto eles avançavam.

O chefe dos negociantes ergueu a arma, trêmulo, e atirou neles. Os Aces se abaixaram para se proteger atrás de várias pedras, revidando.

Apesar da bomba, os Dealers ainda superavam os Aces em número e avançaram, continuando a atirar.

Takeshi virou a cabeça enquanto Jack mancava em sua direção.

"Agora." Jack cerrou os dentes e acenou para dois outros prisioneiros que se esgueiraram atrás de um guarda desavisado e o estrangularam por trás.

Takeshi não perdeu mais um segundo. Encontrou o traficante mais próximo se levantando. Sem hesitação ou remorso, avançou sobre ele. Takeshi deu dois socos no estômago do guarda, envolveu sua cabeça com os braços e rapidamente quebrou seu pescoço. O corpo do homem caiu no chão, como um amontoado esquecido e sem vida.

Tudo aconteceu em questão de segundos.

Um guarda próximo se virou ao ouvir o som e ficou de boca aberta.

Com as mãos trêmulas, ele ergueu a arma, mas Takeshi foi mais rápido. Puxou uma lâmina do cinto do morto e a arremessou para o outro lado. A adaga cravou-se no ombro do Negociante, atrapalhando sua mira.

Foi tempo suficiente para Takeshi investir contra o guarda, jogando-o no chão. Ele montou nele e deu um soco no rosto do Dealer, que estava de olhos arregalados.

Takeshi queria continuar o ataque, mas infelizmente não tinha tempo para isso.

Ele tirou a pistola do bolso do homem, forçando-o a abrir a boca. Takeshi enfiou o cano entre os lábios e puxou o gatilho.

Sangue respingou no rosto sanguinário de Takeshi. Ele queria se banhar nele, e a necessidade de violência dentro dele crescia cada vez mais.

Ele enfiou a mão no bolso de trás do guarda e tirou um touchpad. Ele tinha reconhecimento facial e, felizmente, apenas a parte de trás da cabeça do guarda estava irreconhecível.

Depois de alguma busca, Takeshi encontrou a opção de desativar sua algema de choque. Ele imediatamente puxou as pulseiras dos pulsos, jogando-as contra a parede, e o som metálico satisfatório ecoou até ele.

Takeshi virou a cabeça para Jack e Ryder, que estavam removendo as algemas.

Uma cacofonia de gritos e tiros os cercou enquanto os Aces continuavam a atirar nos Dealers, proporcionando a distração de que precisavam.

"Vão!", gritou Jack. "Nós cuidamos do resto. Vão salvá-la."

Não foi preciso que lhe dissessem duas vezes.

Takeshi pegou a arma e tirou a faca do ombro do homem morto.

Takeshi correu ao longo da parede dos fundos, para longe dos tiros. Ele apertou as armas com mais força enquanto se preparava para derramar sangue.

Ele correu mais rápido do que nunca, com o foco fixo no prédio preto.

E a morte cavalgava atrás dele como um par de asas.

30

Se você ficar em silêncio diante do que é errado,
não será capaz de defender o que é certo.

Se a miséria tivesse um nome.

A Terra se lembraria de Khalani Kanes.

As paredes em ruínas de sua casa foram construídas sobre a dor. Os pisos irregulares estavam repletos de sofrimento. E o teto irregular havia sido destruído pelo desastre.

Atrás das grades, ela lutou para redefinir seu destino. Queria que sua história fosse moldada não pelo sofrimento, mas por suas lições silenciosas de perdão, amor e uma vontade monstruosa de desafiar a morte.

Mas não importava em que direção ela corresse ou o quão forte ela fechasse os olhos, a ruína se recusava a deixá-la escapar de suas garras.

A cabeça de Khalani girou e suas pálpebras pesadas se mexeram.

Tudo doía.

A dor era tão constante quanto o oxigênio ao seu redor. Ela inalou o desespero áspero e soluçou baixinho.

Khalani perdeu a noção de quanto tempo havia sido torturada. Seus braços e pernas estavam dissecados como carne esfolada quando ela desmaiou em êxtase.

A surpresa mais cruel foi quando ela acordou e descobriu que seus membros não tinham cortes profundos ou sinais de mutilação. Sua pele estava lisa, quase perfeita. Como se a tortura fosse apenas fruto da sua imaginação.

A primeira vez que o Dr. Strauss esculpiu ilustrações em sua pele como uma criança com uma coleção de giz de cera demente, ele lhe disse que Hermes desenvolveu um soro capaz de curar feridas rapidamente.

Então, ele continuou cortando a pele dela, camada por camada, até que tudo o que restasse fossem seus ossos frágeis. E quando ela desmaiasse, ele simplesmente esperaria que ela acordasse, só para começar tudo de novo.

Segundos pareciam semanas. Horas se transformaram em décadas.

Ela parou de falar há muito tempo. Sempre que ela implorava para ele parar, o Dr. Strauss apenas *sorria* e enfiava o bisturi mais fundo em sua pele.

Seth, o outro médico, estava por perto, com os olhos fixos em uma tela que exibia linhas curvas estranhas, enquanto ajustava os nódulos presos às têmporas e à nuca dela. Ele permaneceu impassível, mesmo enquanto ela gritava tão alto que sua voz falhou, e tudo o que escapou de sua boca foi uma onda silenciosa de agonia.

Tinha que haver paz. Alívio.

Mas nem mesmo o sono a manteve em seu abraço protetor.

Seus olhos se moveram por trás das pálpebras quando o som de pés se aproximando.

“Parece que nossa linda cobaia acordou.”

Não.

Não!

Deixe-me morrer.

Khalani balançou a cabeça, lágrimas escorrendo pelo rosto quando o Dr. Strauss apareceu acima dela, segurando um de seus instrumentos afiados e ensanguentados. Ela tremeu quando ele baixou o bisturi até seu joelho, seu corpo se preparando para a agonia iminente.

ESTRONDO.

O prédio inteiro tremeu e vários instrumentos caíram da bandeja.

"O que foi isso?" Seth perguntou, olhando freneticamente ao redor.

O Dr. Strauss largou o instrumento, tirou as luvas azuis e saiu correndo da sala. Mas o corpo de Khalani ainda tremia.

No fundo, ela sentia como se estivesse esperando por algo... ou *alguém* . Mas tinha dificuldade em lembrar *quem* .

Perdendo a memória. Sua identidade...

Seu nome é Khalani. Seu nome é Khalani.

Ela repetiu a frase, lutando para lembrar quem ela um dia foi.

Quando o som aterrorizante dos passos do Dr. Strauss retornou, seus tremores se intensificaram e se transformaram em tremores intensos. Ela mordeu o lábio com tanta força que o sangue manchou seus dentes.

"Os rebeldes invadiram o acampamento", rosnou o Dr. Strauss, correndo para os computadores. "Ativem os indivíduos restantes."

Seth empalideceu. "Mas, senhor! Eles não estão prontos."

"Faça isso!"

Seth se assustou e correu até um teclado, digitando furiosamente.

Parecia água fervendo atrás dela.

Khalani conseguiu inclinar a cabeça levemente e percebeu que as cápsulas em que os prisioneiros flutuavam estavam sendo lentamente drenadas de qualquer líquido azul que estivesse dentro delas.

Seus músculos tremiam quando as janelas de vidro se abriram e os prisioneiros saíram, completamente nus.

Eles ficaram como estátuas, com os olhos vazios e gotas de água escorrendo pela pele, acumulando-se no chão.

"Quais são suas ordens?", perguntou Seth, engolindo em seco enquanto seus olhos disparavam para os corpos imóveis.

"Faça-os atacar os rebeldes." O foco do Dr. Strauss permaneceu fixo na tela do computador.

Seth se virou, engolindo em seco, nervoso. "Mas e quanto a..."

Ele se sobressaltou, com sangue escorrendo da boca. Os olhos dela se arregalaram quando Seth caiu no chão, com uma faca enorme espetada nas costas.

Uma figura mais larga entrou pela porta.

As luzes fracas acima piscaram, lançando breves flashes de luz sobre o rosto ensanguentado e o uniforme branco do intruso.

“Takeshi”, ela sussurrou, e o nome dele retornou à sua mente como uma prece atendida.

Seus olhos escuros se fixaram em Khalani amarrada à maca, e a energia foi sugada para fora da sala.

Num instante, Takeshi arrancou a faca das costas de Seth e correu para o lado dela, serrando suas amarras.

Só então ela notou o tremor nas mãos dele. Seus olhos frios percorreram seu corpo, em busca de ferimentos.

Fisicamente, ele não encontraria nada, graças aos medicamentos avançados que ela recebia continuamente. Mas sua mente...

"Sinto muito, Khalani. Vim o mais rápido que pude." Sua expressão estava irreparavelmente destruída enquanto ele a olhava de cima.

Mas tudo aquilo que se repetia em seu cérebro lento era uma coisa.

Ele veio por ela.

Ele não a abandonou como se ela quase tivesse desistido de si mesma.

Uma lágrima solitária escorreu por sua bochecha, e Takeshi ficou tenso, observando-a cair. Seu maxilar se apertou enquanto ele cortava ferozmente as últimas amarras quando uma figura o socou na cabeça, derrubando Takeshi.

Sua boca se abriu quando a arma escondida no bolso de Takeshi voou pelo chão.

"Takeshi!", ela gritou quando um dos prisioneiros inexpressivos da cápsula o atacou. Takeshi se levantou e rapidamente brandiu a faca, encontrando seu agressor de frente.

O prisioneiro era rápido — mais rápido do que o humanamente possível — desviando facilmente de cada golpe.

Khalani rangeu os dentes, tentando se libertar da última amarra que a prendia à maca. Mais socos e golpes pesados ecoaram pelo laboratório frio, e ela gritou ao romper a última amarra e se levantar com os pés trêmulos.

A sinfonia em seu peito atingiu um crescendo cataclísmico enquanto Takeshi grunhia, lutando com seu agressor no chão.

Ela correu para pegar a arma, agarrou-a e mirou no prisioneiro com quem Takeshi estava lutando.

Mas ela hesitou.

O prisioneiro pode ter uma família em Hermes que o amava. Ainda pode haver uma parte dele lá no fundo, batendo contra as gaiolas de sua mente, implorando para ser libertada.

Mas Khalani se recompôs e apertou o dedo no gatilho.

Para proteger aqueles que ela amava, ela faria *o que fosse preciso* .

O problema era que os corpos de Takeshi e do prisioneiro estavam rolando, a centímetros de distância um do outro. Ela não atirava tão bem quanto Brock e havia um alto risco de sua bala atingir Takeshi.

O prisioneiro bateu o punho no rosto de Takeshi novamente, como se uma pedra tivesse caído, e Takeshi tossiu sangue.

Pense, Khalani.

Pensar!

O Dr. Strauss estava do outro lado do laboratório, digitando freneticamente em seu computador. Os outros prisioneiros estavam imóveis, como marionetes

sem vida.

Mas com outra rápida varredura no teclado, suas expressões inexpressivas mudaram. Um por um, eles lentamente viraram a cabeça em direção a Takeshi.

E eles começaram a marchar para frente.

Takeshi já estava com dificuldades com uma das criações do Dr. Strauss. Como ele conseguiria lidar com cinco?

Ele não conseguiu.

Suas mãos tremiam ao redor da pistola enquanto os outros prisioneiros se aproximavam, com o foco exclusivamente em Takeshi.

Ela ergueu a arma e, sem hesitar, puxou o gatilho. Faíscas voaram no fundo da sala, e o Dr. Strauss deu um pulo para trás.

O coração dela afundou quando ela percebeu que a bala não o atingiu.

Em vez disso, atingiu seu computador.

Os prisioneiros continuaram avançando, mas algo estranho aconteceu. Eles gaguejaram em seus passos, cada um parando intermitentemente enquanto suas cabeças se contraíam.

Takeshi aproveitou a oportunidade e esfaqueou o prisioneiro em cima dele na garganta. Ele girou a faca, arrancando um pedaço da jugular do homem. O prisioneiro caiu no chão, ainda tentando alcançar Takeshi, como se precisasse cumprir suas ordens, mesmo naquele estado deplorável.

Takeshi se levantou, mais devagar do que o normal, com o peito arfando. Os prisioneiros restantes continuaram avançando, apesar de seus membros convulsionarem incontrolavelmente.

A visão assustadora lhe alimentaria pesadelos para sempre.

Ela ergueu a arma mais uma vez, atirando no prisioneiro na extrema direita. A bala o atingiu no ombro, e o prisioneiro cambaleou, mas não emitiu um som de dor nem sequer se encolheu. Continuou avançando, ignorando o sangue que escorria do ombro.

"Takeshi! Precisamos ir!"

O punho de Takeshi se fechou enquanto seu olhar turbulento se fixava no Dr. Strauss, mas os prisioneiros se aproximaram, bloqueando sua visão.

"Takeshi, por favor!" Sua voz falhou, e isso fez Takeshi correr de volta para ela. Ele pegou a arma e a envolveu com um braço protetor.

"Vamos."

Eles saíram correndo do laboratório e foram para a área de recepção.

A mulher de antes permanecia imóvel à mesa. Khalani lançou-lhe apenas um breve olhar, notando sua boca aberta e um enorme buraco de bala no centro da testa. Sem pensar duas vezes, Khalani desviou o olhar, recusando-se a desperdiçar um momento sequer de compaixão com a mulher cruel.

Ela ouviu Khalani gritando, mas não disse nada. Não protestou. Só entrou uma vez para perguntar ao Dr. Strauss se ele gostaria de um café.

Silêncio é apoio.

Eles saíram do prédio escuro, e Khalani respirou fundo, quase desabando devido à tortura que sofrera. Mas Takeshi a manteve em pé, os braços apertando-a pela cintura.

"Vou tirar a gente daqui", prometeu ele, com os olhos ardendo de convicção. Ela assentiu, absorvendo a força dele enquanto o caos se instalava ao redor

deles.

Tiros e gritos ecoaram enquanto as fileiras de Dealers avançavam, atirando nos Aces que recuavam em direção à entrada do túnel. Cerca de vinte permaneceram firmes, e o pulso de Khalani acelerou ao notar vários corpos caídos imóveis no chão.

Ela reconheceu Spade, Raziel e alguns homens do Coração Negro ajudando Jack e Ryder enquanto eles mancavam em direção à segurança.

O alívio a inundou quando ela avistou Elise e vários outros prisioneiros flanqueando a caverna, desviando de balas enquanto seguiam em direção ao túnel.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Elise, e os olhos de Khalani se arregalaram.

Onde estava o pai dela?

Mas então, outra pessoa apareceu.

“Brock!”

"Lá estão eles!", gritou Brock, virando-se para Takeshi e Khalani enquanto corriam em sua direção. Brock atirou em outro Dealer, acertando-o em cheio no peito. Mais tiros foram disparados e todos se abaixaram.

"Estamos em menor número. Preparem-se para selar os túneis!" Spade acenou com o braço, e todos começaram a recuar.

Takeshi empurrou Khalani para frente, cobrindo suas costas.

"Continue", ele ordenou. "Não pare, Kanes."

Brock correu ao lado dela, olhando para ela - e até mesmo para Takeshi — com alívio. Ele tinha olheiras profundas, como se tivesse se preocupado sem parar a semana inteira. Tiros foram disparados atrás deles, alguns passando perigosamente perto.

Cem metros à frente, dezenas de transportes vazios esperavam.

"Vai! Vai! Vai!", gritou Spade.

Metade dos sobreviventes correu para dentro dos veículos, com os motores rugindo enquanto eles disparavam para longe.

"Preparem-se para atirar!" Raziel gesticulou para um homem parado ali perto com um dispositivo de metal nas mãos.

Estavam quase chegando ao túnel quando outra rajada de tiros ecoou. Khalani abaixou a cabeça, ainda correndo furiosamente, quando um rugido ensurdecedor ecoou atrás dela, seguido por um estrondo pesado.

Khalani parou e se virou.

Seu corpo congelou quando Takeshi caiu no chão, com uma poça de sangue se acumulando em suas costas.

Parecia que o tempo havia parado. Cada bala suspensa no ar. Os gritos aterrorizantes se dissiparam no silêncio.

Não.

Não Takeshi.

Não, Takeshi, porra.

Takeshi levantou a cabeça e procurou por ela, seu olhar cheio de desejo.

Como se ela fosse a única coisa que ele queria ver no mundo.

"Vá", ele murmurou.

Como o inferno.

Khalani correu de volta para ele, mas Brock a agarrou pela cintura,

levantando-a do chão.

"Não! Sai de cima de mim! Precisamos pegá-lo!"

Ela chutou e gritou, lutando com todas as suas forças. Virando a cabeça, viu os outros Dealers correndo pelo túnel. Correndo *em direção a Takeshi*, que lutava para se levantar, mas seu grande corpo caiu de volta no chão.

"Brock, volte! Temos que salvá-lo!", ela gritou, mas Brock a apertou com mais força, seus braços fortes a carregando em direção a um dos transportes vazios.

"Sinto muito, Khalani. Não podemos salvá-lo." A voz dele era mais angustiada do que ela jamais ouvira. Mas não importava.

O que importava era o homem que a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo — o homem que a ajudou a encontrar forças, que a incentivou quando ela precisou e abraçou seu coração sombrio — estava além do seu alcance.

Khalani continuou a se debater e lutar contra Brock como um monstro selvagem.

Um mundo sem Takeshi era uma prisão viva na qual ela não queria sobreviver.

"Volte, porra! Por favor, volte!!"

Ela se recusou a aceitar. Khalani retornaria de bom grado ao prédio negro e suportaria mais um milhão de sessões torturantes se isso significasse que Takeshi estaria seguro.

Seus gritos furiosos continuaram ecoando ao redor deles, mas todos a ignoraram.

Brock carregou o corpo dela, que se debatia, pela entrada do túnel, e Raziel acenou para o homem com o dispositivo. Ele apertou um botão, e a entrada tremeu.

Houve uma explosão e pedras caíram, selando o túnel.

"NÃO!!"

Lágrimas de agonia escorriam por seu rosto enquanto ela era carregada no transporte. Seu último vislumbre foi dos Traficantes cercando Takeshi, armas em punho, enquanto ele jazia inconsciente no chão.

Pedras bloqueavam sua visão turva, e seu coração parecia ter parado de bater. Como se seu corpo não conseguisse lidar com a dor e desligasse tudo.

Porque a última coisa que ela ouviu antes do transporte partir no abismo escuro…foi o som fatal de um tiro final.

31

Se eu esquecer de você, esqueço do mundo.

Se meu coração pudesse falar
As batidas lamentariam e rugiriam
Acho que isso aterrorizaria minha carne
Remodele-me de dentro para fora
Tire todo o poder de mim
E não deixar que minhas dúvidas falem por mim.

Eu pensei que o tempo estava do meu lado
Que o fim era alguma linha mística
Um que eu enfrentaria quando meus joelhos enfraquecessem
E você era tão antigo quanto eu
Mas o tempo não tem aliados
Amanhã chega, com ou sem você
Tente impedir que o pêndulo oscile
E você sentirá falta do mundo passando por você

Se meu coração pudesse falar
Apresentaria suas cicatrizes como um sinal de alerta
Para não deixar que suas palavras passem despercebidas
Não depender do tempo para consertar relacionamentos
Porque se meu coração pudesse falar
Teria dito tudo o que você significava para mim
Então eu não precisaria encontrar um encerramento além de você.

Khalani deixou a caneta hidrográfica escorregar dos dedos. Seu diário caiu em seguida, batendo no chão duro como se também não pudesse mais suportar a vocação da miséria em suas páginas.

Ela olhou fixamente para os lençóis brancos e imaculados, cuidadosamente dobrados sobre a cama.

Ela costumava gostar de sentar no chão.

Se Khalani se concentrasse bastante, ela conseguiria se lembrar do brilho suave nos olhos de Douglas quando ele a viu pela primeira vez, uma figura solitária comendo restos nas ruas de paralelepípedos de Apollo, anos atrás.

Ele costumava ser a única pessoa com quem ela podia se abrir sem medo de julgamento ou mal-entendido.

Algumas pessoas querem amigos para conversar.

Khalani queria aqueles que não precisavam preencher o silêncio.

Mas quando Douglas morreu, ele levou uma parte dela com ele.

E Takeshi…

Uma lágrima traiçoeira escorregou do canto do olho dela.

Todas as perdas que ela sofrera pareciam insignificantes em comparação com o tormento que sentia agora. Sua pele formigava, esticava demais, como se fosse se rasgar.

Khalani não comia. Não dormia.

Ela havia perdido a noção dos dias desde a fuga do campo de concentração. A viagem de transporte até Hermes fora repleta de horas de solavancos e um silêncio sufocante.

Brock não parava de olhar para ela. O olhar de Khalani era vago, os olhos injetados de sangue, o corpo balançando ao vento como um recipiente vazio prestes a virar.

Uma parte dela *queria* cair. Bater a cabeça para fora e escapar daquele domínio infernal.

Esse tinha que ser o propósito de sua vida.

Para testar quanto sofrimento o corpo humano poderia suportar.

Caso contrário, não parecia possível que o dia seguinte em que Takeshi e Khalani finalmente deixaram de lado suas diferenças e admitiram seus sentimentos um pelo outro... fosse o dia em que eles perderiam tudo.

Bang !

Ela se encolheu, esfregando os olhos cansados, balançando para frente e para trás enquanto o tiro se repetia implacavelmente em sua mente.

Não podia ser verdade.

Takeshi não pode...ser...

Ela bateu a cabeça contra a parede dura.

Seu corpo estremeceu, mas ela ainda não sentia nada. Uma parte distorcida dela ansiava pela tortura agora.

Talvez não fosse tão ruim esquecer...

"Khalani." Winnie bateu na porta. "Winnie pode entrar?"

Khalani não respondeu. Seu olhar permaneceu fixo nos lençóis brancos.

E se ela voltasse?

A ideia crescia dentro dela como uma brasa bruxuleante desde a fuga deles.

Takeshi não poderia estar morto.

Ele era muito teimoso. Muito teimoso. Muito cheio de *vida* .

Ele lutara pela sobrevivência dela mais vezes do que ela conseguia contar, e ela começava a perceber que a dedicação obstinada também a percorria. Sentia-a correndo por suas veias e no próprio ar que exalava.

Ele a salvou. Era a hora dela resgatá-lo.

Um murmúrio indistinto soou atrás da porta antes que a maçaneta girasse lentamente. Winnie entrou, mas Khalani continuou olhando para a frente, repassando mentalmente qualquer plano viável.

Tudo o que ela precisava eram armas e um transporte.

Khalani não tinha muita certeza de como voltar ao acampamento, mas ela encontraria um jeito, mesmo que isso significasse vasculhar todos os túneis subterrâneos.

Ela sentiu o peso do olhar preocupado de Winnie.

Quando retornaram ao Coração Negro, Spade os avisou para ficarem lá dentro e se manterem discretos porque os Dealers estavam procurando pelos prisioneiros que haviam escapado.

Brock explicou calmamente aos outros o que aconteceu com Takeshi, enquanto Winnie e Serene a seguravam em seus braços a noite toda enquanto ela soluçava.

Eles nunca saíram do seu lado.

De manhã, quando ela finalmente se levantou para usar o banheiro, encontrou Adan sentado do lado de fora da porta, como se tivesse ficado ali a noite toda.

Brock estava por perto, com linhas profundas na testa e barba por fazer de dias sombreando seu rosto.

Seus olhos demonstravam um comprometimento inabalável.

Uma promessa de que não deixariam Khalani se perder. E se isso acontecesse, ela não enfrentaria isso sozinha.

Ela chorou ainda mais quando a abraçaram, porque nunca se sentiu tão sortuda ou tão quebrada.

Khalani se reencontrou com sua família, mas não foi uma reunião completa.

Nem de perto.

Pelos olhos baixos e expressões tensas, ela não era a única que lamentava a morte de Takeshi.

Ele pode ter sido taciturno, frio e ter feito você querer dormir com um olho aberto, mas de alguma forma ele *se encaixava* no grupo disfuncional deles.

Ela notou a maneira como os lábios de Takeshi se curvavam diante das brincadeiras de Serene e Adan, o calor em seus olhos por Winnie, a maneira como seus músculos ficavam tensos quando eles eram forçados a deixar Derek para trás, e até mesmo o respeito relutante que ele tinha por Brock.

Eles também eram sua família.

Seus punhos cerraram-se, o queixo tremeu. Winnie não disse nada.

Em vez disso, ela se sentou ao lado dela, descansando a cabeça no ombro de Khalani, e entrelaçou delicadamente seus dedos.

Juntos, eles ficaram sentados em silêncio.

Talvez tenha sido apenas por alguns segundos. Podem ter se passado horas até Khalani levantar a cabeça.

"Há quanto tempo estou aqui embaixo, Winnie?" Ela pigarreou, com a voz rouca e rouca.

"Três dias. A Winnie vem te ver todos os dias. Ela tem tanta coisa para te contar, mas sabe que você está com dor."

Os lábios de Khalani tremeram. "Dói tanto, Winnie."

"Ela sabe, querida." Winnie apertou o abraço com mais força. "Tudo bem sentir tudo. Ou nada. Às vezes, o vazio ocupa a maior parte do espaço."

Seu peito se movia superficialmente. Suas emoções estavam em um turbilhão tão intenso que ela não sabia o que fazer com elas. A raiva, a tristeza e a determinação eram como feras despertas que a arranhavam.

Como um corpo pode lidar com tamanha calamidade?

“Winnie, quando Sarah morreu, você ficou brava?” ela perguntou, quebrando o silêncio.

Sarah era a única filha de Winnie que sucumbiu à gripe em Apollo porque

Winnie não tinha dinheiro suficiente para comprar remédios adequados.

Essa história permaneceu dentro dela, com uma vida inteira.

Winnie se mexeu. Por um breve instante, Khalani se preocupou por ter exagerado, mas Winnie entrelaçou os braços, segurando-a mais perto.

"Winnie estava muito brava. Por muito tempo, a fúria era tudo o que ela tinha."

"Como você superou isso? Como você enxerga além disso?"

“Nós nunca enxergamos além disso”, afirmou Winnie. “Algumas cicatrizes não foram feitas para serem escondidas. Nossas imperfeições e feridas são o que nos torna belos, não essa fachada perfeita que tentamos mostrar ao mundo. Superamos obstáculos aceitando a fragilidade da vida e o quão preciosa ela é. E por aqueles que perdemos, carregamos suas memórias e vivemos a vida que eles teriam desejado para nós.”

O queixo de Khalani tremeu e suas lágrimas caíram como uma tempestade. "Não é justo, Winnie. Nada disso deveria ter acontecido. Eu não sei o que fazer ou c-como lidar com isso."

"Olha para mim, querida." Winnie segurou o rosto com as mãos, os olhos marejados de lágrimas. "Você disse uma vez à Winnie que ela era sua professora favorita, mas a verdade é que você a ensinou mais sobre força e autoconfiança do que qualquer outra pessoa no mundo. *É* por isso que Winnie sabe que você vai superar isso. Você é a maior inspiração dela."

Winnie enxugou ternamente as lágrimas de Khalani com os polegares e olhou profundamente em seus olhos. A onda infinita de amor naquelas esferas era tão vasta que um universo inteiro não conseguiria contê-la.

"Senti tanta saudade, Winnie", soluçou Khalani. "Sempre que estou longe de você, tudo desmorona."

"Winnie também, criança." Winnie a envolveu num abraço caloroso. "Como uma baleia sente falta de cantar no mar."

"O que é uma baleia?" Ela fungou.

"Igual à Winnie. Grande. Linda. E péssima cantando."

Os lábios de Khalani se curvaram em um leve sorriso.

"Winnie também sente falta de Takeshi. Ele tinha um coração tão grande que poucos entendiam. Mas Winnie percebeu." A voz de Winnie ficou mais baixa, seus ombros curvados.

Khalani respirou mais rápido.

Ele tinha um coração grande. Tem *mesmo* um coração grande.

A dor lancinante em seu peito aumentou, ameaçando engoli-la por inteiro. E quanto mais o tempo passava, pior ficava.

Ela precisava voltar.

Khalani endireitou-se, sentindo a urgência tomar conta dela. "Você disse que tinha mais uma coisa para me contar, Winnie?"

"A Winnie estava esperando você recuperar as forças antes de te contar a novidade." Ela fez uma pausa para dar um efeito dramático e respirou fundo. "A Winnie encontrou!"

"Encontrou o quê?" Khalani franziu a testa.

"Prometeu!"

"O que você quer dizer?"

"Nos últimos dias, Winnie tem conversado com aquela garota que fugiu com você. Triste, mas lindo. Um pouco fria também, mas um pouco de aquecimento da Winnie foi o suficiente para derreter suas defesas."

"Você está falando da Elise?" Seus olhos se arregalaram, esquecendo que Elise havia retornado com os outros sobreviventes.

"É essa mesmo!" Winnie estalou os dedos. "Elise. Uma coisa terrível aconteceu com o pai dela. Mas depois de falar com ela nos últimos dias, ela mostrou a Winnie a herança que o pai deixou. O anel dele."

“Prometheus Inc.”, sussurrou Khalani, outro fragmento de sua memória ressurgindo.

"Sim!" Winnie ergueu as mãos. "Winnie soube imediatamente que isso devia ser uma pista que nos levaria ao Projeto Hélice. Enquanto você estava no acampamento, Adan ajudou os Ases a consertar um de seus computadores antigos do Grande Colapso. Em Hermes, eles não guardam todo o seu conhecimento trancado como Apolo fazia. Mas depois de vasculhar os arquivos do Colapso, ele descobriu uma pista sobre Prometeu."

Khalani se inclinou. "O que ele encontrou?"

Quando os moradores se estabeleceram aqui pela primeira vez, durante o Grande Colapso, fizeram um censo e registraram a ocupação anterior de cada um. Alguns indivíduos tinham as palavras Prometheus Inc. listadas.

"Eles trabalhavam lá?" Isso não fazia muito sentido.

"Exatamente!" exclamou Winnie, com os olhos brilhando de feroz determinação. "Adan localizou a sede deles. Fica nos restos do antigo estado da Califórnia. Depois que trouxermos Derek de volta, é para lá que devemos ir."

"Califórnia", repetiu Khalani. Ela aprendera sobre os estados antigos na escola, mas sabia muito pouco sobre aquele.

"Sim." Winnie apertou as mãos. "Você não pode desistir agora, Khalani. Takeshi jamais deixaria você desistir. E o caminho para o Projeto Hélice começa em Prometheus, como Timothy Talbot disse! Assim que você terminar de descansar, podemos reunir suprimentos e partir. Estamos juntos nessa, certo?"

Khalani mal conseguia respirar pelo buraco no peito.

Eles não estavam todos juntos. Faltava uma peça crucial, e isso significava que ela não podia ir embora.

Ainda não.

Mas se ela revelasse seu plano de resgatar Takeshi, Winnie a convenceria a desistir ou, pior, insistiria em acompanhá-la.

Ela se recusou a arriscar qualquer outra pessoa.

"Claro que estamos juntos nessa, Winnie. Talvez devêssemos tirar alguns dias para recuperar as forças e depois podemos planejar a viagem", ela sugeriu.

Pode levar muito mais do que alguns dias para salvar Takeshi, mas Khalani guardou essa parte para si.

"Você tem razão, querida." Winnie assentiu. "Na verdade, a gente devia começar a reunir as forças agora. Suba e coma alguma coisa. Tenho certeza de que todos adorariam te ver."

Khalani lambeu os lábios rachados, percebendo apenas agora a secura severa de sua boca e a dor dolorosa em seu estômago, que ficava mais intensa a cada segundo.

Mas Khalani brincava com as pontas dos dedos, cravando as unhas na pele.

Ela não sabia como subir as escadas. Como esconder suas intenções. Bastava um olhar para o seu rosto e eles certamente descobririam seus planos.

"Você não precisa falar com ninguém que não queira", insistiu Winnie, apertando a mão dela com mais força. "Winnie e Serene estarão lá com você."

Depois de um momento, Khalani respirou fundo e assentiu.

Winnie manteve o braço entrelaçado com o de Khalani enquanto subiam as escadas e entravam no Coração Negro.

Keno acenou para eles lá em cima, sua expressão mais ansiosa e cautelosa do que ela se lembrava.

Quando eles entraram na área do bar, Serene correu e envolveu Khalani em um abraço apertado.

"Você está bem? Eu estava tão preocupada! Olha o seu cabelo! Está uma bagunça! Eu vou consertar. Vou consertar tudo. Sinto muito por não ter estado lá por você. Até por ele." Lágrimas brilharam nos olhos de Serene enquanto ela segurava Khalani com mais força.

"Está tudo bem", Khalani disse, sufocada, tentando conter suas emoções com a pouca força que lhe restava.

Ela queria desaparecer lá embaixo, para que as pessoas que ela amava não tivessem que testemunhar seu desmoronamento.

Era muito mais fácil desmoronar sozinho.

"Não está tudo bem", afirmou Serene, enfaticamente. "Mas vamos melhorar. Nunca mais vou deixar você sair da minha frente. Mesmo quando precisar... sabe."

Khalani forçou um meio sorriso, mais uma barreira adicionada ao seu plano.

Adan a puxou para um abraço. "Você está bem, Khalani?"

"Tão boa quanto eu posso ser", ela respondeu, sua voz quase um sussurro.

Brock trouxe-lhe uma tigela de ensopado quando Khalani se sentou, e ela levantou uma sobrancelha.

"Eu sei que comida não vai compensar", suspirou Brock. "Um milhão de tigelas talvez nem compensem o que aconteceu. Me desculpe por te afastar, mas você sabe que era isso que ele queria que eu fizesse."

Khalani achou difícil engolir, tentando não interromper a conversa no meio da sala lotada de pessoas que a encaravam.

"Não estou brava com você, Brock. Você fez o que tinha que fazer. Obrigada por vir nos buscar." Ela falava sério.

Ele assentiu, seu olhar caindo no chão, mas sentou-se perto de Serene, que não se afastou dele como costumava fazer.

Talvez eles finalmente tivessem encontrado algo em comum enquanto Khalani e Takeshi estavam fora. O pensamento a fez apertar a colher com mais força enquanto forçava a comida na boca.

Tudo a lembrava de Takeshi. O frio no ar, a luz nos olhos de Winnie, o calor dos abraços de seus amigos.

Ela precisava escapar esta noite.

Khalani notou Jack e Ryder por perto, falando com Spade, cujos lábios se contraíram em uma careta tensa.

Elise estava sentada sozinha à mesa, brincando com o anel em seu dedo

enquanto olhava para o chão de pedra, com as costas curvadas como se um bloco de concreto pesasse sobre seus ombros.

Mas antes que Khalani pudesse se levantar e falar com ela, Spade se aproximou. Os poucos membros dos Aces que restavam na sala olharam para cima enquanto ele falava.

Recebemos a notícia de que os Dealers estão enviando patrulhas pelas ruas. Estão tentando descobrir quem invadiu o acampamento. Sabem que pessoas escaparam e estão escondidas em Hermes. Precisamos continuar nos mantendo discretos pelos próximos dias, talvez até semanas.

"Eles sabem que fomos nós?", perguntou um membro, com a ansiedade transparecendo em sua voz.

"Achamos que não", respondeu Spade, passando a mão pelos cabelos. "Mas não podemos ter tanta certeza. É por isso que precisamos estar Cuidado redobrado. Alguns dos nossos agentes disfarçados continuarão trazendo suprimentos para cá. Quando as coisas se acalmarem...

A porta do Coração Negro se abriu de repente, e vários traficantes invadiram, com armas em punho.

"Não se mexam! Estamos revistando o local em busca de terroristas."

"Sob ordens de quem?" Spade desafiou, dando um passo à frente.

"Não preciso responder a isso." O policial enfiou o cano da arma no peito de Spade, forçando-o a levantar as mãos lentamente.

“Verifique-os.”

Um dos Dealers apontou um dispositivo para a cabeça de Spade. Ele apitou e ficou vermelho.

A tensão tomou conta da sala enquanto todos prendiam a respiração. O Dealer continuou a examinar as cabeças de vários membros, e o dispositivo piscava em vermelho a cada vez.

Quando ele se aproximou de Jack, o dispositivo piscou repentinamente em verde.

"Senhor! Esta é uma das pris—"

Sua cabeça foi arrancada num instante quando Ryder discretamente sacou uma arma e explodiu seu cérebro na porta.

O pandemônio explodiu.

Membros dos Aces investiram contra os Dealers, lutando com eles enquanto os tiros ecoavam. Tiros foram disparados em direção ao fundo da sala, e todos se abaixaram para se proteger.

"Por aqui!", gritou Brock, protegendo Serene enquanto todos corriam em direção à entrada lateral. Tiros ecoavam ao redor deles, e o coração de Khalani disparou enquanto ela puxava Winnie consigo.

"Para onde vamos?", gritou Serene quando eles irromperam pela porta e emergiram em um beco escuro.

"Acho que precisamos..." Brock se virou e parou de repente. Seus olhos se arregalaram, o rosto empalidecendo como se tivesse acabado de ver um fantasma.

"O quê?" Khalani se virou e ficou boquiaberta. Emergindo das sombras, surgiu uma figura vestida de preto.

Seu corpo tremia e ela balançava a cabeça em descrença, sua mente pregando

peças nela.

A figura passou por baixo de um poste de luz pulsante, revelando seu cabelo preto, olhos de obsidiana e expressão gélida.

Era Takeshi.

Em carne e osso.

Takeshi estava *vivo* .

Ela não sabia como isso era possível, mas lá estava ele, impossivelmente real.

Khalani correu em sua direção sem pensar duas vezes.

"Takeshi!" ela gritou, seu coração saltando no peito, sentindo-se leve, a pressão fervente dentro dela se dissipando.

“Takeshi!” Khalani gritou novamente, saltando para frente.

Mas ele não a pegou.

Num momento, ela estava voando em seus braços.

No momento seguinte, ela caiu no chão, e Takeshi se agachou sobre ela, pressionando uma faca afiada em sua garganta, derramando sangue.

“ *Como você sabe meu nome* ?” ele rosnou, seus olhos um vazio irreconhecível e escuro como breu.

O coração de Khalani parou de bater e, antes do fim, eles se viam apenas como estranhos.

A AVENTURA CONTINUA…

POUCOS DESAFIADORES DOS EUA

EM BREVE

AGRADECIMENTOS

Mãe — muito obrigada por estar ao meu lado em cada passo deste processo. Nos altos e baixos, você esteve presente. Eu não estaria nem perto de onde estou agora sem você. Eu realmente acredito que tenho a melhor mãe do mundo. Obrigada por todas as edições, pelo tempo que você dedicou lendo meus primeiros rascunhos e por me encorajar sempre. Eu te amo muito. Para sempre.

Pai — Obrigada por me elevar mais alto do que eu jamais imaginei que pudesse alcançar. Significa muito para mim que você se importe profundamente com a minha jornada como autora, seja acompanhando minhas páginas lidas, as pré-encomendas e como estou me saindo a cada mês. Sei que sempre posso compartilhar minha empolgação com você e sou muito grata por tê-lo sempre ao meu lado. Obrigada pelas suas edições também. Você sempre me dá confiança para continuar. Eu te amo muito.

Christina — Obrigada por ser a melhor irmã que eu poderia desejar. Estou tão feliz por estarmos nessa jornada juntas e mal posso esperar para que nossos livros estejam lado a lado nas estantes. Você sempre me incentiva a ser uma escritora, uma profissional de marketing e uma pessoa melhor, e me sinto verdadeiramente abençoada por poder chamá-la não apenas de minha irmã, mas também de minha melhor amiga.

Rodney — Obrigado por sempre me apoiar. Suas críticas construtivas ao primeiro livro realmente me ajudaram a focar na construção do mundo de Us Deadly Few e levaram este livro a um novo patamar. Muito obrigado por se juntar a mim na viagem de pesquisa a Las Vegas. Sem você, meu mundo não estaria completo, e você é o melhor irmão que eu poderia desejar.

Kyle — Não há palavras suficientes para descrever a influência que você teve nesta série. Do nome, da personalidade do Takeshi, de fazer com que tudo tivesse um fator "uau". A lista continua. Obrigada por ler meus capítulos e me dar as melhores críticas para tornar a história ainda melhor. Para sempre. Mal posso esperar para chamá-lo de meu marido.

Kristofer Mehaffey — Muito obrigado pela capa incrível! Você é incrivelmente talentoso e sou muito grato por todo o seu trabalho duro e esforço.

Laura Helseth — Obrigada por editar meu livro e levá-lo ao próximo nível, e por ser tão flexível comigo em relação aos prazos. Sou muito grata a você.

Annie — Obrigada por me ajudar a entrar em forma mental e fisicamente para lidar com tudo o que me foi imposto este ano. Você sempre me anima e me faz sentir que posso fazer qualquer coisa. Você é mais do que uma tia. Você é minha segunda mãe, e eu te amo infinitamente.

Justine — Obrigada pelo seu incentivo e por sempre me dar feedback. Seu apoio significa muito para mim e eu te amo para sempre!

José Matta – Abuelo, te quiero mucho. Obrigado por me apoiar sempre ao longo da minha vida e por criar sempre em mim. Este é o melhor avô que poderia pedir e significa o mundo para mim.

Mary — Um agradecimento especial à minha melhor amiga por sempre me incentivar e me aturar quando as coisas ficaram difíceis este ano. Você está em

todo lugar no meu coração.

Tom — Obrigado por sempre ser positivo e me apoiar! 😊

E obrigado!

Existem inúmeros autores talentosos e histórias incríveis por aí, e o fato de você ter permanecido comigo e dedicado seu tempo à leitura dos meus livros me faz sentir no topo do mundo. Este ano foi incrivelmente desafiador para mim, com momentos em que eu nem tinha certeza se conseguiria terminar este livro. Mas, apesar de tudo, continuei pensando em você. O apoio que recebi para esta série me deu força e coragem para continuar e perseguir meu sonho de compartilhar meus livros com leitores em todo o planeta. Então, eu te agradeço e quero que você se lembre de que existe uma luz dentro de você que merece brilhar em todos os lugares. Você pode ser a centelha que faz a diferença. Nunca desista ou pare de acreditar em si mesmo, porque você é capaz de grandes coisas.

Se você gostou desta história, deixe uma avaliação na Amazon ou no Goodreads — isso realmente me ajuda a me apoiar. Muito obrigada por fazer parte desta jornada.

Com amor,
Alexis Patton